

**TRAMAS FEMININAS
NA IMPRENSA DO SÉCULO XIX:
TESSITURAS DE IGNEZ SABINO E DÉLIA**

MARIA DA CONCEIÇÃO PINHEIRO ARAÚJO

**PROF^a. DR^a. MARIA LUIZA RITZEL REMÉDIOS
ORIENTADORA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA DA CONCEIÇÃO PINHEIRO ARAÚJO

**Tramas femininas na imprensa do século XIX:
tessituras de Ignez Sabino e Délia**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras, área de concentração: Teoria da Literatura.

Prof^ª. Dr^ª. Maria Luiza Ritzel Remédios
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Ribeiro
Co-Orientadora
Universidade de Coimbra

Dezembro de 2008

MARIA DA CONCEIÇÃO PINHEIRO ARAÚJO

TRAMAS FEMININAS NA IMPRENSA DO SÉCULO XIX:
TESSITURAS DE IGNEZ SABINO E DÉLIA

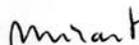
Tese apresentada como requisito
para obtenção do grau de Doutor,
pelo Programa de Pós-Graduação
em Letras da Faculdade de Letras
da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 08 de dezembro de 2008

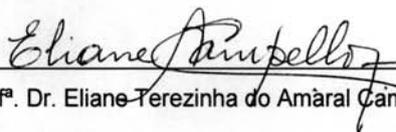
BANCA EXAMINADORA:



Profª. Dr. Maria Luíza Ritzel Remédios - PUCRS



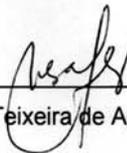
Profª. Dr. Zahidé Lupinacci Muzart – UFSC



Profª. Dr. Eliane Terezinha do Amâral Campello – FURG



Profª. Dr. Ana Maria Lisboa de Mello - PUCRS



Profª. Dr. Vera Teixeira de Aguiar – PUCRS

À minha avó Leovegilda, pela ternura e docilidade com que tratava os netos.

À minha avó Maria, que foi obrigada a casar com um homem que aprendeu a amar.

À minha mãe Elizete, a quem segui os passos na luta.

Aos homens que amo:

Urbano, meu pai, que nunca entendeu minha rebeldia, mas sempre financiou meus livros;

Adeíto e Ramon, “pariceiros” na minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

À rede de solidariedade feminina formada na trajetória:

Adriana, que percorreu comigo as bibliotecas de Rio Grande e Pelotas à cata de material. E, posteriormente, quase enlouqueceu junto comigo na leitura e revisão da presente tese.

D. Alzira, que me acudia sempre na lida doméstica.

Clarissa, funcionária da pós-graduação da PUCRS, que providenciou com bastante agilidade, apesar do prazo estar quase esgotado, o envio da documentação à CAPES para que o meu projeto de doutorado pudesse concorrer à bolsa-sandwich.

Eneida, amiga de lutas na PUCRS.

Hilda Flores, um encontro inesperado e surpreendente que gerou muitos frutos e uma amizade que deixa de saldo uma marca inesquecível, (indelével?): a fratura de uma perna, quando andava comigo para tirar cópias dos exemplares da sua coleção particular do jornal *Escrínio*.

Isabel e **Mara**, não posso separá-las, funcionárias da Faculdade de Letras que prontamente atendiam as minhas solicitações presenciais e por telefone.

D. Itália, pelos deliciosos almoços preparados na sua aconchegante residência.

Ívia Alves, professora da UFBA e coordenadora do NEIM, incansável na sua luta pelo resgate de escritoras baianas esquecidas pela História da Literatura. Em momentos pontuais, alumiu as pistas que indicavam o percurso que eu deveria seguir.

Luzi, bandidamente alcunhada pela sua doce presença e sagaz humor.

Maria de Lourdes, pequena, conciliadora, forte.

D. Marlina, matriarca do Alegrete.

Maria Luiza Ritzel Remédios, que aceitou ser minha orientadora com imensa boa vontade e coragem — porque já tinha muitos orientandos e difíceis problemas de saúde —, em razão da demissão da minha orientadora inicial.

Maria Aparecida Ribeiro, diretora e professora do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra, sem a sua disposição e eficiência em providenciar e enviar para o

Brasil os documentos que a CAPES exigia a cada etapa do processo, não teria sido possível a minha ida a Portugal.

Maria do Rosário da Cunha, professora da Universidade Aberta, uma confidente na triste e solitária Coimbra.

Paula, bibliotecária da Universidade Aberta, pelas manhãs e tardes que passou “navegando” nos catálogos das bibliotecas portuguesas e suas providenciais descobertas bibliográficas nos acervos daquelas instituições.

Regina Zilberman:

Por ter aceitado meu projeto sem ao menos conhecer-me, atitude rara em um meio tão cheio de “apadrinhamentos”, como o nosso.

Pela acolhida calorosa na PUCRS, no nosso primeiro encontro.

Por saber entender e contornar as situações muitas vezes “embaraçosas” criadas pelo meu posicionamento político, muitas vezes exacerbado, via de regra apaixonado e meio inconseqüente, em sala de aula.

Por ter sido a primeira a fazer-me acreditar que seria possível conseguir uma bolsa de pesquisa no exterior e por ter providenciado os trâmites legais, além de todas as providências burocráticas que tomou para que isso efetivamente acontecesse.

Pela confiança que depositou em mim ao liberar-me, após a conclusão dos créditos, para retornar à minha terra, Salvador, e continuar lá, junto ao meu companheiro e meu filho, as minhas leituras e investigações que culminariam na tese. Sem estar perto daqueles que tanto amo, tudo teria sido muito mais difícil.

Meu profundo respeito e admiração: pela sua produção intelectual, pela competência com que ministra as disciplinas em sala de aula e pela sua forma, muito particular, de orientar. Sem o seu trabalho intenso e dedicação incondicional, a pós-graduação de Letras da PUCRS não teria alcançado o respeito que tem hoje. É, no mínimo, imperdoável a sua saída dessa instituição. Em um futuro bem próximo, a PUCRS deverá lastimar muito pela decisão tomada.

Rita Terezinha Schmidt, pelo caloroso encontro na UFRGS.

Rozane, que me foi, providencialmente, apresentada pela professora Rita Terezinha Schmidt e, no mesmo dia, levou-me à sua casa e cedeu-me, sem nenhum receio, seu exemplar da Revista *Mensageira* para que eu pudesse copiar.

Virgínia, um exemplo de socialista.

Aos amigos da Bahia e familiares. Seria “inadequadamente acadêmico” citar tantos nomes. Eles sabem que sem suas existências, a viagem não teria sentido.

Aos amigos gaúchos tão calorosos que encontrei naquela terra — com aquele frio de “ranguer cusco” — que, depois da jornada, passaram a fazer parte da minha história intelectual, particularmente do itinerário percorrido, neste doutorado: André, Marcelinho, Roberto Carlos, Wagner.

Aos colegas da Coordenação de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia, particularmente os professores de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira por terem dado o aval necessário para a minha saída, assumindo, cada um deles, uma carga horária maior em sala de aula, cobrindo assim a minha falta em tempos de difícil negociação com o governo federal, no que se refere à contratação de professores substitutos.

A Antonio Manoel, funcionário do Instituto de Estudos Brasileiros, pois me orientou a caminhar pelos labirintos da Universidade de Coimbra.

Aos esforços empreendidos pelo professor Sinval Araújo, diretor do Departamento de Ciências Humanas e Linguagens na época, por ter assumido a defesa da minha causa, utilizando argumentos junto à direção geral para que autorizasse meu afastamento. O professor teve a sensibilidade necessária para enxergar a importância do aperfeiçoamento do corpo docente da instituição.

Ao CEFET-BA, pela liberação, com remuneração, para poder cursar, em Porto Alegre, o doutorado na PUCRS.

À PUCRS, pela bolsa de doutorado.

À CAPES, pela bolsa de doutorado-sandwich.

À **Zahidé Muzart**, pelos muitos livros enviados, pelas conversas ao telefone e pelas dúvidas esclarecidas nos encontros, seminários e simpósios. Incansável na luta pelo resgate da memória cultural e história literária femininas, a quem aclamo “Mestra”.

Eu quero ressuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras, devendo elas encher-nos de desvanecimento, por ver que bem raramente na humanidade, se encontrará tanta aptidão cívica presa aos fatos da história.

Ignez Sabino, *Mulheres Ilustres do Brasil*.

É um romance à parte, porque, sendo a protagonista uma mulher de letras, a vida desta abrange maior âmbito e mais peripécias do que a existência do comum das mulheres.

Maria Benedita Bormann (Délia), *Lésbia*.

RESUMO

A presente tese objetiva analisar as relações estabelecidas entre os escritos de Ignez Sabino Pinho Maia, (Bahia - 1853–1911), e Maria Benedita Câmara Bormann (Délia), (RS - 1853-1896), a partir do conceito de rede/teia, como estratégia de agregação no século XIX, articulado ao diálogo proposto por teóricos da contemporaneidade. A fim de evidenciar o entrecruzamento de informações e, concomitantemente, resgatar autoras excluídas da historiografia literária brasileira, a pesquisa rastreia a produção jornalística de Ignez Sabino e Délia, editada nos seguintes periódicos brasileiros: *Gazeta de Notícias* (1874 – 1977), *Echo das Damas* (1879 - 1888), *Gazeta da Tarde* (1880 – 1901), *Corymbo* (1883 – 1943), *O Paiz* (1884 – 1934), *A Família* (1888 – 1897), *A Mensageira* (1897 – 1900), *Esgrínio* (1898 – 1910); e portugueses: *Almanach de Lembranças* (1851 – 1932) e *Almanach das Senhoras* (1871 – 1928).

Palavras-chave: Ignez Sabino. Délia. Rede/Teia. Periódicos. Escrita Feminina.

RÉSUMÉ

Cette thèse prétend analyser les relations entre les écrits d'Ignez Sabino Pinto Maia, (Bahia – 1853-1911), et Maria Benedita Câmara Bormann (Délia), (RS - 1853-1896), à partir du concept de réseau/tissu, comment une stratégie d'agrégation pendant le XIXe siècle. Pour ce travail, nous avons en vue le dialogue proposé par théoriques contemporaines. Afin de montrer l'entrelacement des informations et, en concomitance, récupérer écrivains exclus de l'historiographie littéraire brésilienne, la recherche explore la production journalistique de Délia et Ignez Sabino, éditée dans les périodiques brésiliens suivantes : *Gazeta de Notícias* (1874 – 1977), *Echo das Damas* (1879 - 1888), *Gazeta da Tarde* (1880 – 1901), *Corymbo* (1883 – 1943), *O Paiz* (1884 – 1934), *A Família* (1888 – 1897), *A Mensageira* (1897 – 1900), *Escrínio* (1898 – 1910); e portugaises: *Almanach de Lembranças* (1851 – 1932) e *Almanach das Senhoras* (1871 – 1928).

Mots-clés: Ignez Sabino. Délia. Réseau/Tissu. Périodiques journalistiques. Écrit Féminin.

SUMÁRIO

1	O FIO DA MEADA.....	14
2	POR ONDE VAI A TEORIA.....	21
2.1	Tecendo os fios, criando redes.....	21
2.2	Cânone e resgate.....	33
3	SER LEITORA E ESCRITORA NO SÉCULO XIX.....	45
3.1	Do encontro com a leitura.....	45
3.2	O caminho da escrita.....	53
3.3	Prazer em conhecer.....	55
4	MARIA IGNEZ SABINO PINHO MAIA.....	61
4.1	A imprensa feminina brasileira.....	72
4.1.1	<i>Echo das Damas.....</i>	80
4.1.2	<i>Corymbo.....</i>	86
4.1.3	<i>A Família.....</i>	101
4.1.4	<i>A Mensageira.....</i>	109
4.1.5	<i>Escrínio.....</i>	112
4.2	Em busca do além-mar.....	117
4.2.1	<i>Almanach de Lembranças.....</i>	117
4.2.2	A imprensa feminina portuguesa.....	132
4.2.3	<i>Almanach das Senhoras.....</i>	137
5	MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN (DÉLIA).....	150
5.1	A imprensa fluminense.....	162
5.2	Conversando sobre folhetim.....	164
5.3	Uma folhetinista gaúcha nas páginas cariocas.....	172
5.3.1	<i>Gazeta da Tarde.....</i>	182
5.3.2	<i>Gazeta de Notícias.....</i>	194
5.3.3	<i>O Paiz.....</i>	200
6	DESFIANDO OS NÓS, RECOMPONDO OS FIOS.....	223
	REFERÊNCIAS.....	236

ANEXOS	257
Anexo A: Catalogação dos textos publicados em periódicos brasileiros e portugueses.....	258
Anexo B: Material pesquisado, digitalizado em CD ROOM.....	275
Anexo C: Currículo Lattes.....	277

1. FIO DA MEADA

Os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala.¹

Durante a escrita da minha dissertação de mestrado,² constatei que Edith Mendes da Gama e Abreu, escritora baiana atuante na década de 30 do século XX, havia sido leitora das obras das escritoras brasileiras e estrangeiras do século XIX e, posteriormente, seguidora de muitos dos ideais femininos/feministas que perpassavam em suas obras. Porém, naquela altura, era impossível ampliar a pesquisa. Quando comecei a pensar no doutorado, perseguia-me a idéia de entrar no túnel do tempo e fazer um movimento de retorno aos Oitocentos. Aprofundando a pesquisa, vi-me imersa numa bibliografia que me arremessava para aquele momento histórico.

Em 2000, a pesquisadora Zahidé Muzart publicou um dicionário sobre as escritoras do século XIX.³ Ao ler, em 2002, aquele volumoso e fundamental repositório de informações dei-me conta de que as mulheres ali recuperadas haviam mesmo derrubado grandes barreiras. Logo depois caiu em minhas mãos o texto de Ívia Alves intitulado *O diálogo entre as*

¹ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 07.

² A dissertação compreendeu o resgate da produção escrita e inédita de Edith Mendes da Gama e Abreu que se encontrava dispersa. O principal objetivo foi retirar da invisibilidade a escritora que produziu durante 50 anos na Bahia. A fundamentação se deu em pesquisa de fontes primárias e teve como alicerce teórico os estudos da crítica feminista e sua confluência com as relações de gênero. O estudo desvelou o universo literário de Edith Gama enquanto ficcionista, ensaísta, colaboradora e redatora de jornal, para poder traçar um perfil mais abrangente do pensamento da feminista. A escritora trabalhou intensamente em prol da emancipação da mulher e foi das que mais atuou na luta pelo sufrágio feminino naquele estado. Exerceu atividade como presidente vitalícia do órgão que dirigiu a luta sufragista das mulheres na Bahia: Federação Baiana pelo Progresso Feminino, fundada em 9 de abril de 1931. (ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Uma imortal baiana: a produção de Edith Mendes da Gama e Abreu e relações de gênero*. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

³ MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

escritoras baianas e de outras regiões,⁴ no qual a professora baiana e pesquisadora do NEIM⁵ tece uma rede de relações entre escritoras presentes no final da década de setenta e oitenta do século XIX e aproxima os romances *Lésbia* (1884), de Maria Benedita Bormann, e *Lutas do Coração* (1889), de Ignez Sabino.⁶ Minha pesquisa seguiu cruzando informações. Os resultados obtidos me surpreenderam, pois não somente descobri que elas nasceram no mesmo ano, como também escreveram para os mesmos jornais e até se conheceram pessoalmente. Os fios da teia começavam a se unir e o desenho da rede ganhava visibilidade, como numa tela de computador, navegando na internet, um link abre outro, completa algumas informações e deixa outros em aberto.

Aprovada no doutorado, iniciei a odisséia pelas bibliotecas do país à cata dos jornais para os quais Maria Benedita Câmara Bormann e Ignez Sabino Pinho Maia haviam colaborado. Logo percebi que essa busca não teria a colaboração do “acaso” como havia se dado até aquele momento. Pelo contrário, agora se transformava em um calvário, materializado pelas visitas às instituições onde passei pelas seguintes experiências: bibliotecas que tinham apenas um ou outro exemplar do jornal; bibliotecas cujos exemplares não podiam ser consultados por causa do mau estado da publicação; bibliotecas para as quais o material procurado era obra rara e, portanto, deveria ficar “na clausura”, como raridade a ser vista apenas através das tampas de vidro, em exposições; bibliotecários mal-humorados e pouco capacitados que desconheciam o acervo da instituição; bibliotecas mantidas em precárias condições, não conhecendo a totalidade de seu acervo e dificultando consultas, uma vez que o material ainda está catalogado em fichas e o pesquisador depende de um funcionário antigo para encontrar suas solicitações. Ressalvo, no entanto, uma curiosidade: esses últimos são os lugares onde mais encontrei funcionários bem dispostos a me auxiliar. Por fim, para não me prolongar tanto em reclamações, cito a mais desrespeitosa: pesquisadores que se aproveitam do conhecimento pessoal e de sua estreita relação com funcionários de muitas instituições, apropriam-se do acervo, levando-no para casa, como se fosse sua propriedade.

Ao longo do caminho, portas se fechavam, mas, timidamente, muitas janelas se

⁴ ALVES, Ívia. O diálogo entre as escritoras baianas e de outras regiões. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 169-173.

⁵ O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - criado em maio de 1983, vinculado ao Mestrado de Ciências Sociais da UFBA, com sede em Salvador, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, é uma entidade acadêmica que discute, através de projetos e eventos, as relações de gênero e a especificidade da condição feminina. Atualmente sob a direção da Profa. Dra. Cecília Sardenberg, possui um Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), o primeiro nessa temática no país e na América Latina. Informações disponíveis em: <<http://www.neim.ufba.br>>. Acesso em: 05 ago. 2007.

⁶ Ao longo desta tese, mencionarei o nome de Ignez Sabino, conforme a grafia da época quando ela nasceu.

abriam. Aqui e ali, recolhi peças incompletas, fragmentos. Logo, de início, elas se mostravam incompatíveis entre si, no aceno para um quebra-cabeça que não poderia ser completado, dando forma a um mosaico desarticulado. Dessa maneira, a pesquisa andou e se fez CORPO. Um corpo cheio de brechas e rasuras, bem ao modo contemporâneo ou pós-moderno de ser.

Em um primeiro momento, a pesquisa norteou-se pelo objetivo de resgatar a produção jornalística de Ignez Sabino Pinho Maia (Bahia – 1853-1911) e de Maria Benedita Câmara Bormann (RS–1853-1896) na imprensa brasileira. A pesquisa realizada no Brasil aconteceu em acervos de bibliotecas em diversos estados do país.⁷ Assim, um vasto material foi pesquisado e, quando possível, digitalizado. O *corpus* referente à pesquisa realizada constituiu-se dos textos das escritoras encontrados nos periódicos cariocas: *Echo das Damas* (1879-1888), *A Família* (1888 -1897), *Gazeta de Notícias* (1874-1977), *Gazeta da Tarde* (1880-1901), *A Mensageira* (1897-1900), *O Paiz* (1884-1934). Acrescento, ainda, dois periódicos publicados no Rio Grande do Sul: *Corymbo* (1883-1943) e *Escrínio* (1898-1910).

O percurso da investigação levou-me a pensar sobre as estreitas ligações entre as escritoras brasileiras, assunto de meu estudo, e as escritoras portuguesas — Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1911) e Guiomar Torrezão (1844-1898) – que publicaram nos mesmos periódicos e formaram pontos de ligação da rede em Portugal.

Maria Amália, Ignez Sabino e Délia⁸ são contemporâneas de redação no jornal rio-grandense *Corymbo*. No *Echo das Damas*, publicam Ignez Sabino, Maria Amália e Guiomar. N’*A Família*, publicam Ignez Sabino, Guiomar e Délia. Guiomar Torrezão é colaboradora, como Sabino e Maria Amália, da revista *A Mensageira*. Em um estudo sobre Délia, Norma Telles⁹ afirma que a autora gaúcha e Maria Amália Vaz de Carvalho se alternaram, a fim de escrever em uma coluna à esquerda da primeira página do jornal carioca *O Paiz*. Para a mesma página do referido jornal, colaborou Guiomar Torrezão, em 1891, na escrita da coluna “Lisboa ao Rio de Janeiro”.¹⁰ A pesquisadora Ana Belline comenta sobre a recepção da obra de Maria Amália no Brasil:

A frequência com que aparece textos de Maria Amália nos periódicos brasileiros do último quartel do século XIX – sempre mencionada em suas biografias – além da facilidade com que ainda se encontram seus livros em

⁷ Biblioteca Rio-Grandense (RS), Biblioteca Nacional (RJ) e Acervo do CEDAP, da UNESP de Assis (SP).

⁸ É com esse pseudônimo que a escritora gaúcha Maria Benedita Câmara Bormann assinava suas obras. Na tese utilizarei ora o nome, ora o pseudônimo.

⁹ TELLES, Norma. Introdução. In: BORMANN, Maria Benedita. *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 5-6.

¹⁰ TORREZÃO, Guiomar. Lisboa ao Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 jul.; 11 ago.; 08 set.; 05 out. 1891, p.01. (Acervo da Biblioteca Nacional).

bibliotecas ou mesmo sebos e as numerosas edições, revelam a extensão de sua popularidade no Brasil.¹¹

Constância Lima Duarte informa sobre a importante participação da escritora portuguesa nas letras nacionais. Conforme a estudiosa de literatura de autoria feminina, os temas tratados em muitos dos textos de Maria Amália, além de levantarem a bandeira do direito das mulheres à escolarização, contestam a ideologia sexista que transformou a mulher em um ser de segunda categoria:

Seus livros repercutiram vivamente entre as brasileiras, influenciando suas idéias e escritos. [...] o tom militante que perpassa em seus textos justifica-se pelo sentimento que dominava a maioria das escritoras de se considerarem portadoras de uma “verdade” e com o dever de contribuir para o esclarecimento dos contemporâneos e a melhoria da condição de vida das mulheres.¹²

As aproximações entre Guiomar Torrezão e as brasileiras também podem ser feitas a partir do cruzamento de títulos de suas obras. No livro de contos *Rosas Pálidas*,¹³ da autora portuguesa, mesmo título do livro de poemas de Ignez Sabino,¹⁴ aparece uma narrativa designada *Celeste*,¹⁵ também título do romance de Délia,¹⁶ publicado em 1893, no Rio de Janeiro. No livro *As Batalhas da vida*,¹⁷ de autoria de Guiomar Torrezão, há um conto intitulado *My Lady*, que é, também, título de uma narrativa curta escrita por Délia, publicada no jornal *A Notícia*, no Rio de Janeiro. Afonso Costa estabelece analogia entre vida e obra de Ignez e Guiomar:

Nos traços biográficos de ambas há parecenças de irmãs, na educação, na formação do espírito, na disposição intelectual, na inspiração mesma e, por coincidência que se não revelou ainda, ambas foram autoras de livros com títulos iguais — *Rosas Pálidas*.¹⁸

¹¹ BELLINE, Ana Helena C. Literatura didática e ficção feminina no fim do século XIX. In: REIS, Livia de Freitas; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (orgs.). *Mulher e Literatura: trabalhos apresentados no VII Seminário Nacional*. Niterói: EDUFF, 1999, p. 343.

¹² DUARTE, Constância Lima. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX. In: DUARTE, Constância Lima (co-org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - Faculdade de Letras da UFMG, 2002. (Coleção Mulher e Literatura, v. 1), p. 274.

¹³ TORREZÃO, Guiomar. *Rosas Pálidas: narrativas originais*. 2. ed. Porto: Imprensa Comercial de Santos Corrêa & Mathias, 1877.

¹⁴ SABINO, Inês. *Rosas Pálidas: poesias*. Pernambuco: [s.ed.], 1886.

¹⁵ TORREZÃO, Guiomar. Celeste. In: _____. *Rosas Pálidas: narrativas originais*. 2. ed. Porto: Imprensa Comercial de Santos Corrêa & Mathias, 1877, p. 23-163.

¹⁶ A 1ª edição não foi encontrada, cf. DÉLIA. *Celeste*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

¹⁷ TORREZÃO, Guiomar. *As Batalhas da vida*. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1892.

¹⁸ COSTA, Afonso. Raro sentiu as injunções do amor. In: _____. *Poetas de outro sexo*. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1930, p. 110.

Com a finalidade de ampliar o resgate das produções jornalísticas das escritoras brasileiras e conhecer a obra jornalística das escritoras portuguesas, enviei um projeto à CAPES que me concedeu uma bolsa de doutorado-sandwich. O fato possibilitou a transferência das minhas pesquisas para Portugal. O objetivo inicial do estudo nas instituições daquele país pretendeu mapear o *corpus* constituído pelos textos das autoras Ignez Sabino e Maria Benedita Câmara Bormann, enviados do Brasil para o *Almanach de Lembranças*,¹⁹ e consultar outras publicações, como revistas e jornais femininos portugueses e/ou luso-brasileiros, para os quais as escritoras brasileiras pudessem ter colaborado. Essa seria a forma de recuperar a contribuição das mulheres para os periódicos, observando o intercâmbio literário estabelecido com Maria Amália Vaz de Carvalho e Guiomar Torrezão, autoras também colaboradoras em periódicos na imprensa brasileira, conforme explicitado anteriormente.

O plano de trabalho foi se alterando devido a alguns percalços: não encontrei nenhum texto da escritora Maria Benedita Câmara Bormann publicado no *Almanaque*, apenas uma resumida biobibliografia póstuma, sem autoria, acompanhada da imagem fotografada de Bormann. Com relação à Ignez Sabino, recolhi 35 textos entre poemas, crônicas, artigos e biografias, publicados entre os anos de 1891 e 1913; das escritoras portuguesas são 15 textos de Guiomar Torrezão e 32 de Maria Amália.

Durante a pesquisa ao *Almanach*, vi, na seção “Publicações Recebidas”, a propaganda do *Almanach das Senhoras*, dirigido justamente por Guiomar Torrezão. Considerei que ali poderia ser um espaço compartilhado com as escritoras brasileiras, já que, como anunciava o informe, era uma publicação destinada às mulheres brasileiras e portuguesas. Na Casa Municipal de Cultura em Coimbra, onde prosseguia minhas pesquisas, somente encontrei o primeiro exemplar, datado do ano de 1871. O começo mostrava-se promissor, pois, ao lê-lo, tive a noção do que era o anuário. Iniciei, então, a odisséia pelas bibliotecas de Portugal. Nenhuma possuía a coleção completa e muitos exemplares estavam em “mau estado” e não podiam ser consultados.

Após enfrentar inúmeros contratemplos e locomover-me de um lado para outro, consegui completar a pesquisa na coleção, faltando apenas o ano de 1895. Apesar de não ter respondido ao propósito inicial da investigação, qual seja, encontrar um bom número de

¹⁹ Pesquisa na Coleção da Casa de Cultura de Coimbra. A coleção está incompleta: faltam os almanaques para o ano de 1877 e 1931, os quais foram encontrados na Coleção do CLEPUL (Centro de Literatura de Estudos Portugueses da Universidade de Lisboa).

textos das autoras brasileiras que eu pesquisava,²⁰ a descoberta desse anuário me encantou pelo fato de ver registrado nomes de muitas outras escritoras brasileiras entre elas: Amélia Bevilacqua, Auta de Souza, Júlia Lopes de Almeida e Narcisa Amália, além do potencial informativo referente ao mundo da mulher na imprensa feminina portuguesa, do século XIX. Outro aspecto que me fez incluir o anuário no *corpus* da minha tese é a figura singular da sua proprietária, Guiomar Torrezão. Resolvi, então, catalogar todos os textos das escritoras portuguesas: 44 de Guiomar Torrezão e 34 de Maria Amália Vaz de Carvalho.

Diante do exposto, a tese constitui-se de seis capítulos, iniciando com a história do percurso da escritura do presente texto. No segundo capítulo, apresento incursões sobre o conceito de rede e teia, articulado ao uso da estratégia de agregação no século XIX, a partir do diálogo com teóricos da contemporaneidade. Os pressupostos teóricos, referentes às discussões contemporâneas sobre cânone e resgate, são ventilados tendo em vista obras produzidas por pesquisadoras do século XX, numa perspectiva dos estudos de gênero.

Seguindo a trilha, no terceiro capítulo, analiso o modo como as práticas de leituras, na maioria das vezes, individuais e privadas, puderam transforma-se em práticas públicas quando as leitoras-escritoras começaram a publicar seus escritos em periódicos, principalmente, femininos e formaram canais de comunicação que possibilitaram o descortinamento de um novo mundo para as mulheres. Assim, após a vivência do mundo da leitura, puderam, efetivamente, ampliar a sua capacidade de compreensão, verbalizando suas perspectivas e seus ideais nos escritos e, conseqüentemente, interferir e modificar a sociedade em que viveram. Portanto, a intenção é identificar as principais preocupações relativas ao universo feminino, abordadas nos textos, concernentes à participação da mulher no mundo das letras, à educação, à cultura, ao lazer, ao casamento, à maternidade, à sexualidade, ao sufrágio, entre outros.

No quarto capítulo, traço o perfil biográfico e intelectual de Ignez Sabino e sua trajetória como colaboradora em periódicos femininos do Brasil, respectivamente, *Echo das Damas*, *Corymbo*, *A Família*, *A Mensageira* e *Escrínio*, bem como a sua contribuição em

²⁰Não encontrei nenhum texto de Bormann e apenas um de Sabino intitulado *Payzagem Brasileira*, no Almanach para o ano de 1898, p. 149-150. Havia indicações de pesquisadoras anteriores que informavam sobre outros textos de Ignez Sabino publicados nesse Almanaque. A exemplo do texto *No Ipiranga: Impressões de uma excursionista*, citado por Kátia Bezerra; cf. BEZERRA, Kátia da Costa (org.). Ignez Sabino Pinho Maia. In: *Tirando do Baú: antologia de poetisas brasileiras do século XIX*. Pedro Leopoldo (MG): Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003, p.156-157. Não pude ler o texto porque, como dito, o exemplar de 1895 do *Almanach das Senhoras* não foi encontrado em nenhuma instituição portuguesa. Curioso é que há um outro texto com título parecido: *Da Serra do Cubatão: impressões de uma excursionista*, publicado no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1895*, Lisboa, 1894, p. 267-270.

Portugal no *Almanach Luso-brasileiro de Lembranças* e no *Almanach das Senhoras*. Apresento algumas análises dos textos em prosa (crônicas, contos e artigos) de Ignez Sabino.

A biobibliografia de Maria Benedita Câmara Bormann é revelada no quinto capítulo, no qual apresento um breve histórico do romance-folhetim, a partir do seu surgimento na França do século XIX. Recupero parte da produção folhetinesca da autora gaúcha, sob o pseudônimo Délia, procedendo a análise crítica de três narrativas, rastreadas nos jornais cariocas *Gazeta de Notícias*, *Gazeta da Tarde* e *O Paiz*.

O sexto capítulo retoma algumas questões apontadas na tese, muito mais para abrir outros links do que emitir posicionamentos conclusivos.

Para demonstrar a amplitude da pesquisa e, ao mesmo tempo, facilitar o acesso para outras pesquisadoras(es), a tese possui dois anexos. O primeiro constitui-se pela catalogação de todos os textos encontrados nos jornais brasileiros e portugueses, tanto das autoras brasileiras quanto das portuguesas. O segundo contém um CD com antologia digitalizada dos textos referidos na tese; fotos das autoras; notas biográficas, anúncios de venda dos livros e resenhas sobre os mesmos, publicados em jornais brasileiros e portugueses; capas de seus livros publicados; capas de alguns jornais para os quais elas publicaram.

Como já explicitiei, a tese foi sendo composta por fragmentos e rasuras, unidos pelos fios representados por vozes, ansiosas para quebrarem o silêncio imposto. Assim, a partir do resgate de nomes e de textos das escritoras brasileiras e portuguesas, e da leitura de suas obras, pude visualizar parte da literatura feita por vozes excluídas do cânone. Conseqüentemente, enquanto trecho de uma história cultural e literária há muito silenciada, mas que hoje reivindica seu espaço e sua voz, a recuperação da presença e da memória femininas auxilia na recomposição de parte da história da produção feminina brasileira. Além disso, contribui para compreendermos de um modo mais claro como se deu o processo educativo, cultural e literário de uma parcela feminina da sociedade brasileira. Também, trata do resgate de nós mesmas, como sujeitos co-participantes de um processo histórico-social e cultural que desconhecemos. Como bem lembra Norma Telles, “os silêncios cercavam e cercam o patrimônio cultural das mulheres. Cada nova geração precisa refazer os passos e retomar os caminhos”.²¹

²¹TELLES, Norma. Autor+a. In: JOBIM, José Luís (org.) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 50.

2. POR ONDE VAI A TEORIA

2.1 Tecendo os fios, criando a *rede*

*O paradigma das redes tem sido evocado como explicação estrutural para os fenômenos comunicacionais, políticos, organizacionais e sociais de nosso tempo. [...] grande parte das estruturas cognitivas, infra-estruturais e sociais, em um futuro bem próximo, funcionará sob a forma de redes, ou estarão sob sua influência direta.*²² [...]

*Castells também observa que, em toda a sociedade, ‘construir redes’ emergiu como uma nova forma de organização das atividades humanas, e ele cunhou o termo ‘sociedade em rede’ para descrever e analisar essa nova estrutura social.*²³

O termo “rede” se reportava, a princípio, à armadilha para capturar animais silvestres. Ampliado seu conceito, o termo passou a ser entendido, genericamente, como um sistema de articulações que congrega diferentes tipologias e configurações. A partir do uso corrente da palavra e da apropriação de suas atribuições, assume significados tão diversificados que o dicionário *Houaiss* apresenta mais de vinte acepções.²⁴ Cooptada por diversas áreas do conhecimento, a expressão abarca uma multiplicidade de referenciais e métodos teóricos.

As redes vêm sendo sistematicamente estudadas há décadas por diversas ciências que se propuseram a analisá-las a partir de suas próprias óticas, conferindo-lhes assim um caráter indisciplinar. De acordo com Nohria (1992), desde 1950 o conceito de redes tem ocupado lugar proeminente em diversos campos de estudo como na antropologia, psicologia, sociologia e biologia molecular. Fatalmente, estes estudos favorecem de forma substancial o desenvolvimento dos conceitos sobre redes.²⁵

Grande descoberta tecnológica do século XX, o computador absorveu, imediatamente,

²² DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (orgs.). *O tempo das redes*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 13-14.

²³ CAPRA, 2008, p. 18.

²⁴ HOUAISS, Antonio e Villar, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2406.

²⁵ TURETA, César; REIS, Alexandre; ÁVILA, Silvio. *Da teoria sistêmica ao conceito de redes interorganizacionais: um estudo exploratório da teoria das organizações*. Disponível: <http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/IIseminario/organizacoes/organizacoes_04.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2007, p. 09.

o termo que, nos moldes atuais, é facilmente exemplificado pela diversidade de teias de socializações virtuais, formadas através do compartilhamento de informações e trocas de mensagens em computadores ligados entre si. Esse poderoso dispositivo de comunicação possibilita a conexão com o mundo em segundos por meio da Internet. Por conseguinte, estaremos ligados, irremediavelmente, à “rede”. A possibilidade do envio de mensagens imediatas, dos diálogos e da visão simultânea entre interlocutores, facilitada pela câmera e microfone conectados à máquina, provoca a redução de distâncias que nos permite explorar graus intensos de ubiquidade, deslocamento e simultaneidade. Inclusive, hoje, o termo “rede” designa o fato de os usuários estarem ligados à Internet.

Trata-se de reorganizar a maneira de ver o mundo, de reconhecer-se nele, de reinserir-se como interativo. É uma tomada de consciência através de gestos de existência e resistência.

Dito de outra maneira, trata-se de mover a sensibilidade, de ensiná-la a se locomover nessa zona onde o imaginário e o real se roçam, se tocam, se permeiam, sem que haja uma linha de separação/continuidade bem definida.²⁶

Embora assumo, na contemporaneidade, uma configuração virtual de agrupamento, o fenômeno social das “redes” não é algo recente, visto que a humanidade sempre criou formas de manter inter-relações em vários âmbitos: local, estadual, nacional, internacional. Particularmente, as relações de contiguidade engendraram organizações de base política e cultural, manifestas, por exemplo, nos movimentos pela paz, pelos direitos humanos e políticos, ambientalista e feminista.

Dentro do campo das ciências sociais, designa um conjunto de pessoas ou organizações interligadas direta ou indiretamente (Marcon & Moinet, 2000). Para Castells (1999), a intensidade e frequência da interação entre atores sociais são maiores se esses atores forem ‘nós’ de uma rede do que se não pertencessem a mesma rede. Observa-se, então, que as redes intensificam a interação, promovendo uma redução do tempo e o espaço nas inter-relações entre os seus atores [...].²⁷

Como não encontrei nenhum estudo sob a perspectiva de rede no campo da Literatura ou da Teoria da Literatura, utilizarei o termo, no presente estudo, para compreender as redes de relacionamentos intelectuais, culturais e sociais formadas por escritoras por meio de suas colaborações em periódicos do século XIX e início do século XX.

²⁶ PRADO, Gilberto. p. 189.

²⁷ BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lília Maria. Evidências teóricas para a compreensão das redes organizacionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2, 2002, Recife. *Anais...* Recife: Observatório da Realidade Organizacional: PROPAD/UFPE: ANPAD, 2002. 1 CD.

No século XIX, o termo rede adquiriu um sentido mais abstrato, denominando todo o conjunto de pontos com mútua comunicação. Castells (1999) e Forbrun (1982) definem rede como um conjunto de nós interconectados; esse conceito amplo permite que o termo ‘rede’ seja utilizado em diversas áreas do conhecimento.²⁸

Assim, na temporalidade Oitocentista, a idéia de “rede” é compreendida e experienciada em um sentido, hoje, rechaçado por algumas teorias da globalização, porque exige o comprometimento cultural e social, além do afetivo, da presença e do contato físico.

Redes sociais são, antes de tudo, redes de comunicação que envolvem linguagem simbólica, restrições culturais, relações de poder, etc. Para entender as estruturas de tais redes, precisamos de subsídios da teoria social, filosofia, ciência cognitiva, antropologia e outras disciplinas. [...] Por meio dessa cultura, os indivíduos adquirem identidade como membros da rede social e, nesse sentido, a rede gera seu próprio limite. Não é um limite físico, mas um limite de expectativas, de confiança e lealdade, o qual é permanentemente mantido e renegociado pela rede de comunicações.²⁹

Estrategicamente formada e consolidada, particularmente, nos jornais femininos, a complexa rede buscava legitimidade no espaço social e literário e envolvia mulheres com interesses compartilhados. Unidas por idéias, valores, crenças e outras formas de conhecimentos comprometidas com a reciprocidade, muitas vezes, as mulheres se encontravam geograficamente dispersas, mas determinadas a alcançar objetivos que, provavelmente, estando isoladas, não conseguiriam. Quatro características sociológicas estariam ligadas à formação das redes: ação coletiva, impossibilidade de neutralidade por parte dos membros, diversidade e aprendizagem coletiva constante. Nesse sentido, a estrutura em rede funcionou como um importante canal de comunicação entre as mulheres, solidificado pelas trocas de informações (transmitir/receber/repassar).

Dentro de toda organização há um cluster de comunidades de práticas interconectadas. Quanto mais pessoas estiverem engajadas nessas redes informais, mais desenvolvidas e sofisticadas as redes serão, e mais bem preparada estará a organização para aprender e responder criativamente a novas circunstâncias, transformar-se e se desenvolver. Em outras palavras, a vivacidade das organizações está nas comunidades de práticas.³⁰

Na virada do século XIX para o XX, começa a se esboçar um pensamento que designa

²⁸ BALESTRIN, 2002.

²⁹ CAPRA, 2008, p. 22-23.

³⁰ Id. Ibid., p. 25.

a história da literatura como uma narrativa de caráter parcial e fragmentário.³¹ A ruptura com a linguagem anterior, marcada e designada por um sentido de totalidade, se faz urgente. Capturar um sentido novo, pelo conjunto dessa profícua “rede de significações”, interligadas por um léxico comum, é tarefa da metáfora. É preciso, pois, manchar, macular, tornar impuro; ser, portanto, andrógino, heterogêneo, estrangeiro, mestiço.

A escolha das palavras trama e tessitura para designar o título do estudo que apresento é, evidentemente, proposital. A primeira é identificada pela ambiguidade de sentido, já que nela cabe, pelo menos, um sentido positivo, “criação”, e um negativo, “intriga”. Explícito em uma das definições do dicionário Houaiss, o vocábulo *trama* é traduzido por “estrutura de elementos que se cruzam e interligam como se formassem uma rede”.³² Ou seja, em relação à narrativa, a concretização do propósito percorre muitas e complexas urdiduras, no entrelaçar de um emaranhado de informações. Ao final, o que parece denotar falta de clareza compõe, de forma heterogênea, um conjunto coerente e coeso. A segunda, *tessitura*, está relacionada ao campo das artes, especificamente, música, moda e literatura. Na etimologia, intenta um sentido mais geral: “entrançar”, “entrelaçar”.³³ Os dois termos definem, então, o trabalho produzido pelas escritoras do século XIX: uma rede feminina de entrelaçamento social e cultural.

A rede social pode ser caracterizada como um conjunto de pessoas e organizações unidas por um conjunto de relacionamentos sociais.

[...]

A rede, portanto, vem sendo idealizada com um ‘formato organizacional democrático e participativo’, no qual as relações interinstitucionais se caracterizam pela não-centralidade organizacional e não-hierarquização do poder, tendentes à horizontalidade, complementarmente e abertas ao pluralismo de idéias e à diversidade cultural.³⁴

Conectado a esse pensamento, em uma perspectiva multidisciplinar, a Fundação Oriente e o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, através do projeto *Uma Filosofia no Feminino*, promoveu, em 2002, o colóquio: *As teias que as mulheres tecem*. Provenientes de diversas áreas do conhecimento – Arte, Economia, Filosofia, História, Literaturas, entre outras, articulados sob as metáforas do *filar* e *tecer* – os textos apresentados resultaram em um livro com título homônimo.

³¹ PERKINS, David. História da literatura e narração. Traduzido por Maria Angela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v.3, n.1, mar. 1999.

³² HOUAISS, Antonio e Villar, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2747.

³³ Id. *Ibid.*, p. 2708.

³⁴ TURETA, César; REIS, Alexandre; ÁVILA, Silvio, 2007, p. 9.

É nesta encruzilhada, onde os fios de várias disciplinas são tramados/destramados por Hécate, senhora das Trívias, que as criações culturais adquirem sua significação e que o imaginário não corre o risco de ser trancado numa análise reducionista que asfixiaria a pregnância lógica linear do social. A busca de ressonâncias implica um trabalho de desvelamento daquilo que foi deixado de lado pelos cânones oficiais, pelas leituras cristalizadas. Nas encruzilhadas, onde Hécate segura os fios e com sua tocha ilumina/obscurece, surgem múltiplas possibilidades de vínculos ou de recusa, do cotidiano e do mítico, de leituras de nuances do ser, do ser que se torna palavra, insinuação e fusão de imagens. Imagens portadoras de complexidade polissêmica, relação de significados múltiplos e autolimitantes incluindo eventos históricos, humores, detalhes qualitativos e formas expressivas.³⁵

Na contracapa, a organizadora esclarece o objetivo da publicação:

Considerando a metáfora da rede ou da teia como um modelo possível para compreender a mundividência feminina, pretende-se neste volume, confrontar uma séria de actividades, produções, empreendimentos e comportamentos, nos quais a mulher tem (ou teve) um papel de relevo, todos eles suscetíveis de serem lidos a partir dessa chave.³⁶

No excerto, a idéia de rede como chave ou modelo para discutir, teoricamente, sobre a experiência feminina nas diversas áreas do conhecimento é evidente. A compreensão de rede — como metáfora de um conjunto de ações teóricas e práticas que articularam e, ainda hoje, articulam, mulheres contra a dominação masculina — pode ser entendida, principalmente no século XIX, como estratégia de sobrevivência feminina no espaço social, ampliado para o espaço acadêmico.

O *patchwork* (textos) gira em torno da problematização de questões diversas que interligam teias femininas urdidas, ao longo da história, como processos de autoformação das mulheres para a construção de sujeitos femininos conscientes. Cada trama visualiza um tipo de engenho feminino iniciado pela discussão do estratagema de Penélope, em *Odisséia*, e ampliado para outras teias: as poéticas, nas quais, ao escrever, as mulheres se utilizam de imagens e metáforas — como corredores, labirintos e florestas — denunciadoras do aprisionamento a que são submetidas; as familiares, como instâncias da história e memórias femininas maculadas pelo apoderamento masculino; as de transmissão de fé, como emaranhados femininos estratégicos até as teias de globalização solidárias, como perspectivas de equilíbrio ecológico que resultaria numa melhor convivência humana através da paz universal.

³⁵ TELLES, Norma. *Caelum* ou *tinctura* azul. In: FUNCK, Susana Bornéo (org). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994, p. 255-256.

³⁶ FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.). *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa: Colibri, 2003.

A utilização da metáfora e de outras palavras ou expressões correlatas cria um entre-lugar em um jogo lúdico, de “mostra-esconde”, instaurando o processo de ocultamento/desvelamento — o *ser* e o *não-ser*, de Parmênides — que possibilita o ato crítico-reflexivo: concomitantemente, pensador (alguém que exercita um pensamento) e pensante (qualidade que o outro só acessa, refletindo). A história da literatura se faz, nesse viés, metalinguagem. E a metáfora se faz linguagem em sentido (extra)ordinário — criativo, multifacetado, questionador — na história.

O caráter instável da nova terminologia utilizada não representa inconsistência, incoerência, ilogicidade ou falta de solidez nas proposições das teorias. Pelo contrário, a inconstância denota uma atitude coerente com os pressupostos defendidos, visto que conceitos se erigem sob signos da fragilidade, incerteza, infixidez, instabilidade. Assim, por estar em constante processo de construção, ou como quer Michel de Certeau,³⁷ em um “canteiro de obras”, a ausência de fixidez solicita prementes (re)avaliações e (re)elaborações.

Se prestarmos bastante atenção, notaremos como os diversos campos dos saberes se utilizam de uma linguagem nova, metafórica, para explicar as teorias contemporâneas, de forma a integrar um *corpus* lingüístico novo. Gilles Deleuze e Félix Guattari afirmam que a língua pode conferir uma “reterritorialização” quando se torna instrumento do sentido, em um aspecto figurado, a partir da criação de imagens e metáforas que se relacionam ao que se quer designar.³⁸

Paul Ricoeur também insere metáforas no texto,³⁹ tais como “depósito autorizado” para adjetivar os arquivos; o trabalho do historiador é a “caça”, “zona de informação”. Por conseguinte, o documento revela-se “testemunho involuntário”; a rejeição à noção de memória é o “suicídio da história”.

Michel de Certeau⁴⁰ se mostra consciente da necessidade de uma ação instauradora da linguagem, pelo uso de técnicas transformadoras. É um trabalho com a linguagem por meio da reciclagem: reutilizar/transformar os recursos conhecidos deslocando seu lugar, sua posição, seu papel, na reinvenção de práticas discursivas. Seu texto é enriquecido por metáforas e associações paradoxais como “subsolo da história, lugar em branco, espaços

³⁷ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 78.

³⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

³⁹ RICOEUR, Paul. Arquivos, documento, rastro. In: _____. *Tempo e narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papirus, 1997. 3 t. t.3, p. 196-216.

⁴⁰ CERTEAU, 2002, p. 78.

mortos” e palavras de conteúdo ambíguo como “sujeito plural e rede”.

O universo lingüístico metafórico, usado pelos referidos teóricos, testemunha uma re colocação da linguagem em teorias e discursos transdisciplinares, alicerçados pelo léxico de caráter fronteiro que desafia o pensamento secular totalizante de domínio da língua. Esses pesquisadores usam criativamente os processos lingüísticos e as potencialidades da língua para construir um vocabulário complexo — não no sentido de difícil, mas no sentido de profundo — enriquecido de uma conotação ideologicamente nova que se expande rapidamente, de forma intersticial. Ou seja, localiza-se em um espaço entre/inter, temporalmente marcado pela fugacidade, no instante presente, ou “instante da atualidade”.

O uso criador e criativo da metáfora funciona como um novo texto flexível, mediante o qual margens ambíguas e espaços móveis descentralizam e desestabilizam os centros de poder. A emergência da metáfora, portanto, estabelece o caos para onde convergem as culturas híbridas e os poderes múltiplos e oblíquos, segundo Néstor Garcia Canclini.⁴¹ O teórico resiste e questiona a hierarquia e o uso imperativo da linguagem como ordenamento organizado do mundo, como exercício de poder e imposição da ordem, contrariando a assertiva barthesiana de que “o neutro e o complexo me são proibidos”.⁴² Se é certo, como diz Roland Barthes, que a língua é fascista e obriga a falar, é também evidente que pode ser reinventada, a fim de servir ao resgate de outros agenciamentos, como quer Homi K. Bhabha.⁴³

A construção de um novo *corpus* lingüístico objetiva preencher a falta de uma terminologia específica ou termo único que diga precisamente o que quer legitimar. É, também, uma tentativa de se contrapor à suposta solidez proposta por teorias consagradas. Octávio Paz⁴⁴ refere à escassez de palavras como consequência de uma “penúria intelectual” e Wittgenstein⁴⁵ assegura que os limites da linguagem denotam os limites do mundo. Esse sentido de escassez e limite propõe-nos duplo desafio: repensar o próprio vernáculo que não dá conta de novas epistemologias e assumir a tarefa audaciosa de entender os mecanismos

⁴¹ CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: _____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997, p.283-350.

⁴² BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997, p.13

⁴³ BHABHA, Homi K. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. In: _____. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 239-273.

⁴⁴ PAZ, Octavio. O mundo heróico. In: _____. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 255.

⁴⁵ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado lógico-filosófico: investigações filosóficas*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

lingüísticos como possibilidades de (re)criação de palavras e expressões. Nisso, a escrita de João Guimarães Rosa é exemplar, a propósito de criar um “código de arte”, potencializado pela carga semântica e musical dos seus neologismos.

Nos passos de uma linha de pensamento “mestiço”, culturalista (neo-marxista e pós-moderno), semiológico, semântico, psicanalítico (lacaniano e freudiano), teóricos das tendências culturais e/ou da nova historiografia literária seguem abordagens em constante renovação: “Isto já implica numa maneira histórica de reempregar os modelos tirados de outras ciências e de situar, com relação a elas, uma função da história”.⁴⁶

A historiografia literária procura estabelecer conexões entre o discurso filosófico, político e ideológico, a partir de uma realidade lingüística — a escolha de um léxico específico —, que pode ser vista/observada de forma menos unívoca e totalizante e mais múltipla, nas possibilidades de se apresentar como identidades. Walter D. Mignolo,⁴⁷ discutindo sobre a “colonialidade do poder”, caracteriza a língua como arma poderosa, fundamental para a construção de comunidades imaginadas homogêneas, sustentáculo de modelos teóricos que contribuíram para a expansão colonial. A cumplicidade entre língua, literatura, cultura e nação formou uma ideologia de Estado.

Visibilizadas no interior do discurso acadêmico, presentes na escolha de palavras e expressões inovadoras (em uma leitura para além dos pressupostos puramente lingüísticos), a incerteza e a redefinição demonstram a necessidade de afastamento dos resquícios deixados por um discurso de poder que prega estabilidade, certeza, verdade. Esses pressupostos fundamentam a ideologia que rechaça a diferença e elege a homogeneidade.

É estabelecida, portanto, uma condição de convivência de pólos contrários como possibilidade consciente de experiências geradoras de significados mais reais. Então, há a valorização da subjetividade proposta por uma linguagem que contraria radicalmente o pensamento acadêmico corrente, pautado numa postura racionalista que só aceita como acadêmica a pesquisa obediente ao rigor dos critérios de racionalidade e objetividade. Ou seja, imparcialidade do método e neutralidade da teoria tornam inócua a subjetividade como elemento propulsor do conhecimento teórico e prático. É preciso colocar sob suspeita a suposta imparcialidade e neutralidade, pois esses critérios acadêmicos têm servido para corroborar um ponto de vista unilateral.

⁴⁶ PAZ, 1982, p.89.

⁴⁷ MIGNOLO, Walter D. “Uma outra língua” mapas da lingüística, geografias literárias, paisagens culturais. In: _____. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 297-339.

Pressupostos definidores de certeza e verdade devem ser sempre pensados no plural, como querem Deleuze e Guattari:

Empregamos palavras que, por sua vez, funcionavam para nós como platôs. [...] Estas palavras são conceitos, mas os conceitos são linhas, quer dizer, sistemas de números ligados a esta ou àquela dimensão das multiplicidades [...].⁴⁸

É a história de um olhar manifesto, entre tantos outros confrontados e questionados sem disposição de Verdade Absoluta; conseqüentemente, uma história aberta e dialética. Portanto, de forma explícita — e não escamoteada como antes —, os motivos, os interesses e as solicitações da escrita interagem. A história narrativa se constrói em semelhança e oposição à ficção: “pois se a história da literatura paga seu tributo à narrativa, necessita também manter seu compromisso com a história”.⁴⁹ Enquanto a ficção acaba produzindo uma verdade na sua aparente mentira, a história narrativa da literatura se constrói, enquanto rompe a partir da quebra/desconstrução dos pressupostos de verdade dos grandes relatos, porque propõe verdades possíveis. As histórias não estariam mais sob suspeitas, mas como objeto de investigação. Assim, objetos de uma ciência “heterogênea” em oposição a uma totalidade impossível de se concretizar no sentido da homogeneidade.

Um novo saber também se erige na medida em que consegue renomear o signo que se quer disseminar para além de um discurso já estabelecido como modelo. A territorialidade da linguagem se reveste de um sentido político e ideológico. A conexão do possível com o impossível, através do dizer metafórico articulado com o fazer político. Pensar a história literária como um texto em processo que se escreve pelo acolhimento de uns e rejeição de outros, a partir de motivos ideológicos e/ou políticos, ou, como diria Heidrun Olinto, movidos por “interesses e paixões”,⁵⁰ é admitir a necessidade de explicitar os critérios adotados para estabelecer os parâmetros da história que queremos ver escrita. Heidrun apresenta argumentos consistentes que comprovam a contradição de imposições teóricas pautadas numa objetividade impossível de ser alcançada. A objetividade é desmascarada pelo seu caráter dicotômico. É preciso justificar a seleção/eleição, sempre parcial, fragmentada, recortada; porém, nunca excludente. O diferencial se manifesta no posicionamento ideológico,

⁴⁸ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995, p. 34.

⁴⁹ MOREIRA, Maria Eunice. Uma história (romanceada) da literatura brasileira. *ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*, n.16, p. 229, jan-jun. 2004. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br>>. Acesso em 08 de dezembro de 2006.

⁵⁰ OLINTO, Heidrun. Interesses e paixões: histórias da literatura. In: _____. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

politicamente comprometido com algumas possibilidades de verdade.

Assim, o uso das metáforas *Rede* e *Teia* se apresenta como alternativa lingüística potente e competente para verbalizar e desocultar a idéia de compartilhamento criado pela escritoras no século XIX. Desse modo, concordo com Manuela Silva quando afirma:

Gosto de metáforas. Elas respondem bem à complexidade do real e à opacidade das linguagens disponíveis para apreenderem devidamente a problemática do mundo contemporâneo.⁵¹

Manuela Silva apresenta um modelo solidário de globalização e mostra que várias redes vêm sendo tecidas, ao longo das últimas décadas do século XX e início do XXI, com intuito de contestar a forma agressiva do capitalismo neo-liberal, principalmente as manifestações de protestos e denúncia dos efeitos perversos da globalização. Em sua avaliação, “o deus do capital” é despótico e cruel, notadamente, com os mais fragilizados: mulheres e crianças. Manuela sugere que as redes de solidariedade possam reconduzir a sociedade por uma ética que ressignifique o sentido da vida. Ela acredita que essa seja a mais importante tarefa da história contemporânea. A arte de tecer uma ética da globalização solidária depende, segundo a pesquisadora, dos esforços conjuntos de cidadãos e cidadãs para se ocuparem da “trama”, concretizando urdiduras, intelectuais e sócio-políticas, capazes de “influenciar o próprio tear do tempo futuro”.⁵²

Em outro ensaio do mesmo livro, Maria Luísa R. Ferreira garante que os grandes filósofos construíram sistemas com a finalidade de revelar um real oculto, que eles aspiravam conhecer: “descobrir a teia do mundo” e exemplifica com o modelo da rede do filósofo Espinosa, na obra *Ética*.⁵³ A autora acrescenta ser grande o contraste entre a “filosofia espinosiana dos afectos”, concernente a uma espécie de autonomia racional que dispensa “o outro”, e a perspectiva defendida pela maioria das correntes filosóficas feministas, que consolida redes afetivas a partir de interações, excludentes da solidão e do abandono.

Contrastantemente, as teias que as mulheres tecem são de um modo geral parcelares, contextuais, localizadas. O modelo dominante é o do “patchwork”, no qual pedaços de tecidos, aparentemente, desajustados, se juntam, formando padrões. As ligações que as mulheres estabelecem não dispensam o protagonismo dos seres humanos concretos, a inter-acção pessoal, a dominante afectiva.⁵⁴

⁵¹ SILVA, Manuela. As teias da globalização: efeitos de urdidura e trama no trabalho das mulheres. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa: 2003, p. 103.

⁵² Id. Ibid., p. 115.

⁵³ FERREIRA, 2003, p. 163.

⁵⁴ Id. Ibid., p. 167.

Mas, de um modo geral, as feministas demonstram simpatia pela obra de Espinosa, principalmente por tratar de alguns temas valorizados pelos *women studies*, sejam eles: a preocupação ecológica, a valorização do corpo e do desejo; a multiplicidade de teias exprimindo a ordem do todo.

No último texto do citado livro, Isabel Marnoto declara que desde muito cedo começamos a tecer teias. O primeiro elo é o cordão umbilical, depois a família, a casa, os amigos, etc. Utilizando-se da metáfora das teias de aranha, a sensível autora vai demonstrando como são fortes os fios tecidos por aquelas tecelãs: “construtores norte-americanos já pensam substituir o cabo de aço que prende os aviões ao porta-aviões por teia de aranha tratada, porque tem havido muitos desastres [...]”.⁵⁵ É, pois, da qualidade desse tecido que são feitas as redes femininas, configuradas por elos semelhantes e significativos:

Há pontos estratégicos onde os fios da teia se prendem e, embora fale por mim, julgo que estes pontos são comuns à maior parte das mulheres. A casa, o jardim (que pode ser, só mesmo, um vaso numa varanda), os filhos e um saber. O amor, fundamental, encontra-se, tal como o considero, nos quatro pontos anteriores. E excede-os e voa.⁵⁶

As metáforas funcionam como um feixe de significações, uma força virtual que provoca a transgressão dos limites impostos por uma terminologia anterior, construída a partir de um sentido totalizante que tentava engendrar uma noção de universalidade. A transgressão da linguagem, como signo, sinaliza, por meio de um tipo de dizer específico, um saber científico diferenciado, estabelecido no discurso historiográfico atual. Abre-se espaço para a “outridade”. A inclusão da diferença permite outro horizonte de interpretação: aquele que deseja ampliar em vez de reduzir. Insinua-se, então, um espaço indeterminado, lugar outro, marcado por onde reivindica poder falar de forma menos universal e mais plural.

Nem mesmo a tecnologia com toda a velocidade, marca que lhe é inerente, consegue acompanhar a rapidez desse novo léxico. Ítalo Calvino já nos chamava atenção quando constatou que a velocidade, valor caro a este milênio, no qual as máquinas são dotadas de uma velocidade espantosa, reduz a comunicação a uma crosta “uniforme e homogênea”. Contraposto à “motorização”, o crítico italiano defende que a “velocidade mental” vale por si mesma e que “um raciocínio rápido comunica algo de especial que está precisamente nessa

⁵⁵ MARNOTO, 2003, p.176.

⁵⁶ Id. Ibid., 178-9.

ligeireza”.⁵⁷ A suposta velocidade das linguagens artificiais não acompanha a voracidade sob a qual proliferam novas teorias do pensamento humano. No momento em que digito este texto, vejo-me, a todo instante, sendo confrontada com marcas vermelhas que sublinham palavras na tela, com o intuito de chamar a atenção para palavras desconhecidas. Certeau, já citado, e François Furet⁵⁸ falam da intervenção do computador na história dos arquivos; Ricoeur,⁵⁹ em relação ao uso científico dos dados armazenados. A linguagem artificial e universal do computador não dá conta, entretanto, do particular, do local, do criativo.

O mundo, hoje, excede todos os limites geográficos. Se, ainda, não conseguimos concretizar o projeto de construção de cidades intergalácticas, já podemos navegar em viagens virtuais aceleradas, através de um meio de transporte ultra-moderno — o computador — por todo o mundo sem tirar o pé do nosso antigo gabinete de estudos, rodeados de estantes recheadas de velhos, mas não tão empoeirados, livros de capa dura e borda dourada, como diria um amigo. Folheando-os, em um passar mais acurado de olhos por suas páginas, descobrimos que podemos voltar ao tempo e corrigir no presente, um erro do passado.

Se o computador permite que tenhamos a impressão de ter o vasto e complexo mundo dentro da nossa própria casa, as “janelas” abertas denotam rastros deixados pelos textos dessas escritoras, também facultam a construção do mosaico de possibilidades infinitas em espaço e tempo indefinido, ao estabelecer um jogo dialógico, quando o presente é apenas uma ponte intermediária que liga passado e futuro. É, talvez, nesse sentido de possibilidade de viajar para o futuro que Albert Einstein anunciava e que seu proclamado sucessor Stephen W. Hawking continua persistindo, pois, afinal:

Somos sempre sujeitos da cultura, históricos, agindo e reagindo conforme a trama de significados dos fios que nos constituem e que, nós, com nossa ação no mundo, também contribuimos para constituir. Teia de significados. Rede, numa terminologia mais afinada com o desenvolvimento tecnológico atual. Afinal, nunca somos seres sozinhos, por mais solitários que possamos nos sentir, em alguns momentos de nossa vida. Sempre fazemos parte, sempre somos parte de algo.⁶⁰

⁵⁷ CALVINO, Ítalo. Rapidez. In: _____. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 58

⁵⁸ FURET, François. Da história narrativa à história-problema. In: _____. *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, [s.d.], 81-98.

⁵⁹ RICOEUR, 1997, 196-216.

⁶⁰ LUNARDELLI, Fatimarlei. Uma casa onde se tecem letras. In: FLORES, Hilda Agnes H. (org.). *Presença Literária*. Porto Alegre: EDIPLAT, 2004, p. 41.

2.2 Cânone e Resgate

*Sinto, como historiadora e como mulher, que esta história perdida precisa ser recobrada. As mulheres devem ter sua história. As corajosas pioneiras feministas do Brasil do século XIX e suas sucessoras precisam ser conhecidas por esta geração.*⁶¹

*[...] resgatar parte da obra dessas esquecidas e, principalmente, mostrar que, apesar da ausência desses nomes nas histórias literárias do século XX, elas existiram e foram atuantes, a seu modo, em sua época.*⁶²

É inegável, na atualidade, a importância social, cultural e política dos estudos na área de resgate e visualização de textos produzidos por grupos ditos minoritários, no caso específico, o da mulher. Esses estudos iniciaram uma reflexão sobre a escrita feminina, reavaliando a própria história literária através da recuperação dos textos produzidos. Na medida em que essas vozes foram caladas ou consideradas menores, constatou-se o empobrecimento da literatura e da própria história da humanidade.

Há no Brasil, principalmente a partir da década de 70 do século XX, um grande projeto cujo objetivo é resgatar textos de autoria feminina. As publicações contribuíram significativamente para construir a nossa História. Todavia, por fatores os mais diversos, as escritas femininas estiveram sempre na invisibilidade. O presente estudo, portanto, acrescenta mais um tijolo no projeto de feição multidisciplinar que se concentra na construção de uma tradição literária feminina brasileira. Nessa perspectiva, são bastante lúcidas as palavras de Clarisse Fukelman:

Para dar conta da literatura produzida pela mulher no século passado devemos alargar o instrumental teórico, valorizando a interdisciplinaridade, e introduzir novas categorias que nos permitam lidar adequadamente com tal tipo de texto.⁶³

A especificidade da produção literária feminina brasileira, que será examinada, direciona o projeto citado para uma tendência teórica filiada aos estudos arqueológicos de recuperação da história silenciada da produção feminina e, ainda, à análise dos paradigmas patriarcais e logocêntricos da literatura canônica. Nessa linha teórica estão os trabalhos de pesquisadoras brasileiras, tais como, Constância Lima Duarte, Heloísa Buarque de Hollanda,

⁶¹ HAHNER, June E. Prefácio. In: _____. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 10.

⁶² MUZART, 2000, p. 19

⁶³ FUKELMAN. Clarisse. Palavra de mulher. In: FUNCK, Susana Bornéo (org). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994, p.246.

Ívia Alves, Luzilá Gonçalves, Norma Telles, Rita Terezinha Schmidt e Zahidé Muzart, entre tantos outros que poderiam ser aqui citados.⁶⁴

Em 1970, os estudos literários sobre a mulher começam a ser realizados no Brasil, ainda que de forma esporádica e individual. Dentro do fenômeno cultural, estabelecido no ano citado, o princípio de alteridade e a divergência de vozes dentro da sociedade irão refletir intensamente nos estudos que buscam reconstituir a história das sociedades por outras vozes, dando visibilidade a questões recalcadas dentro das áreas dos estudos acadêmicos.

O GT *Mulher na Literatura*, originado no ano de 1986, e os *Encontros Nacionais*, ocorridos entre 1987 e 1989, tornam-se mais sistemáticos nos anos de 1990 e início do século XXI. Eles representam um marco no que se refere às respostas práticas, em termos de produção científica, das reuniões realizadas nos congressos da *ANPOLL*, e nos seminários nacionais *Mulher e Literatura*. Dos encontros, congressos e seminários resultou, além dos anais, uma produção intelectual que registra as discussões mais recentes em torno da questão da escrita feminina do passado à contemporaneidade.

As autoras e/ou organizadoras são professoras, pesquisadoras e feministas do século XX, que, como Sherazade, quebraram uma norma ao desmontarem um estereótipo construído para excluir, das histórias da literatura, as obras de autoria feminina. Não há motivos justificáveis para essa exclusão, apesar dos “normatizadores de plantão” insistirem num valor estético que, afirmam eles, os textos femininos não teriam, e, portanto, o crivo masculino não aprova(va). As pesquisadoras audaciosas enveredaram por um projeto de revisão da história literária e como resposta ao processo estabelecido produziram livros que salvaram as obras do passado, do sequestro ou do limbo em que se encontravam. São antologias, coletâneas biográficas e dicionários cujo objetivo se pauta em resgatar a ousadia das escritoras de outros tempos que fizeram história, ao se inserirem no espaço público, em um momento quando a atividade literária só era permitida aos homens. Ressalto, porém, que os textos e obras escolhidas, a fim de respaldar este estudo, não são os primeiros trabalhos. Muito antes, desde o século XIX, já existia a preocupação com o resgate de textos de autoria feminina.⁶⁵

⁶⁴ Além dessa bibliografia específica, a fundamentação teórica também se apoiará em áreas afins como Sociologia e História que contribuirão para elucidar a problemática Literatura/Cultura/Resgate.

⁶⁵ A exemplo temos: AZEVEDO, Josefina Álvares de. *Galeria ilustre: mulheres célebres*, (1897); SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brasil*, (1899); OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher rio-grandense e escritoras mortas*, (1907); BRITO, Cândida de. *Antologia feminina: escritoras e poetisas contemporâneas*, (1929); BITTENCOURT, Adalgisa. *Mulheres e livros*, (1948); TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*, (1956-1958); GUIMARÃES, Rute. *Mulheres célebres*, (1963); GALEANO, Henriqueta. *Mulheres admiráveis*, (1965); BITTENCOURT, Adalgisa. *Dicionário biobibliográfico de mulheres illustres, notáveis e intelectuais do Brasil*, (1969), (III volumes); GALENO, Henriqueta. *Mulheres do Brasil*, (1971) - (IV volumes).

Tais publicações contestam um projeto androcêntrico que foi construído para olvidar as obras escritas por mulheres. Ao resgatar as produções de nossas primeiras escritoras, revisam a história literária tendo como alicerce teórico os estudos da crítica feminista e sua confluência com as relações de gênero.

Na década de 70, ocorre a formação de pequenos grupos informais de estudo sobre o assunto *Mulher e Literatura*. O ano de 1975 inaugura uma nova fase do movimento feminista no Brasil, com a Conferência Mundial promovida pelas Nações Unidas, naquele ano. A reorganização do movimento feminista nacional contribui para o crescimento das reivindicações por parte dos grupos ditos minoritários. Luíza Lobo,⁶⁶ avaliando o decênio da literatura feminina no Brasil, constata que, entre os anos 1975-85, as mulheres buscam se libertar dos papéis tradicionais, tanto no plano social quanto no literário. Segundo a ensaísta, nesse período, a participação feminina na literatura brasileira aumentou de forma impressionante. É a efetiva possibilidade de se recontar a nossa história a partir de micronarrativas, por meio das quais o papel dos grupos “ex-cêntricos” é repensado numa perspectiva menos absoluta e mais plural; entendendo os segmentos não como meros espectadores, mas como sujeitos que contribuem e interferem efetivamente na construção da nossa realidade social e cultural.

A organização institucional dos estudos sobre a mulher data do ano de 1985, quando é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher & das Delegacias de Mulheres. Nesse mesmo ano, na Universidade Federal de Santa Catarina, ocorre o seminário regional sobre a *Mulher na Literatura*, pontapé inicial para os encontros nacionais dos anos posteriores.

O difícil acesso ao material referente às escritoras do passado e a dificuldade de localização dos textos produzidos por elas são questões tratadas pelas pesquisadoras. Em um ensaio⁶⁷ publicado no ano de 1994, Ria Lemaire defende que a escrita e o ensino de história literária no ocidente tem se mostrado “um fenômeno estranho e anacrônico”. A história literária tradicional repete a sucessão de escritores brilhantes, como a genealogia das sociedades patriarcais do passado pautava-se na seqüência cronológica de guerreiros heróicos. Nos dois casos, “as mulheres foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres normais”. A ensaísta contesta a assertiva, dizendo que esse tipo de historiografia, definida em termos patrilineares,

⁶⁶ LOBO, Luíza. Dez anos de literatura feminina brasileira. In: _____. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

⁶⁷ LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 58-71.

com ênfase excessiva na paternidade cultural, precisa ser desconstruída em dois vieses: a desestabilização do sujeito masculino e, conseqüentemente, do “herói” das obras literárias e do mito de uma única literatura.

Rita Terezinha Schmidt⁶⁸ afirma que o resgate das obras de autoria de mulheres, relegadas pela crítica, implica em definir os termos de uma outra lógica, outra plausibilidade, outra narrativa cultural. Esse trabalho faz-se necessário na medida em que traz à tona uma discussão atual e polêmica acerca da “literatura feita por mulheres”, obscurecida à sombra da escrita masculina por uma questão de discriminação em relação ao texto feminino.

Em outro artigo, sob o ponto de vista da Crítica Cultural, Rita Schmidt discorre sobre os mecanismos de coerção da construção identitária. Ela, assim, destaca a capacidade que os sujeitos “relegados e silenciados” têm de, num determinado momento histórico que lhes favorece, acionar uma “memória emancipada” tornando consciente aquilo que foi por determinação, também histórica, suprimido da lembrança. A ensaísta questiona a tradição de uma genealogia masculina e suas práticas sociais e culturais que definiram a narrativa feminina como elemento periférico da cultura, através do exame do romance *Moses, man of the mountain*, de Zora Neale Hurston, publicado em 1939. Conforme Rita, a escritora afro-americana reescreve o mito bíblico de Moisés, denunciando as práticas coersivas dirigidas à mulher. Depois de uma análise aprofundada dos mecanismos opressivos que calaram a mulher, descritos por Hurston em sua narrativa, Schmidt conclui que os textos escritos por mulheres inscrevem “atos de resistência”. Assim se manifesta Schmidt:

Nesse sentido, a emergência do outro da cultura, ou seja, as mulheres narradoras silenciadas pelas práticas narrativas dominantes da cultura patriarcal, sinaliza um novo episteme narrativo em que novos saberes, para além de limites sagrados e seculares impostos pela tradição, atualizam um novo sujeito engajado na reconceptualização de si e do mundo.⁶⁹

Célia Ferreira, em artigo que se encontra em um livro de nome politicamente sugestivo, *Refazendo nós*, discute resgate e valor estético. Segundo a autora, a linha de pesquisa “Resgate de escritoras” coloca em questão os discursos transmitidos pelas histórias da literatura, persistentes em manter os nomes de autoras no esquecimento. A pesquisadora

⁶⁸ SCHMIDT, Rita Terezinha. Para que crítica feminista? (Anotações para uma resposta possível). In: VI SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 11 a 13 de set. de 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: NIELM, p. 138-149.

⁶⁹ SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? In: CAMPOS, Maria do Carmo; INDURSKY, Freda. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 105.

ênfatiza que essa discussão sempre vem à tona quando aparece uma publicação norteadada pela intenção de retirar tais escritoras “da poeira de bibliotecas pouco visitadas pelo público leitor”.⁷⁰ Conforme a ensaísta, para as pesquisadoras tal fato é motivo de grandes comemorações, entretanto, para os seguidores do crítico e professor norte-americano Harold Bloom, estaria apenas confirmando a tese do ressentimento.

A redescoberta dessas escritoras, diferente do perpassado em forma de omissão pelas histórias literárias, comprova que seus textos levam em conta pressupostos teóricos. Eles são concernentes aos discutidos como novidade em termos de literatura na época quando foram escritos. Até mesmo, as escritas femininas do período apresentam temas e questões muito mais revolucionários do que aqueles tratados pelos homens.

O tema *Mulher e Literatura* continua marginalizado, tanto que Zahidé Muzart espanta-se ao ser convidada para participar do livro *Histórias da literatura*, organizado por Maria Eunice Moreira. O título, bem como os artigos que compõem o livro, é uma proposta coerente de ampliação no horizonte dos estudos na área. Apesar da surpresa inicial, as palavras da ensaísta se traduzem em felicitações à iniciativa. Zahidé Muzart considera alguns aspectos referentes à editora Mulheres e ao seu projeto de publicar antologias sobre escritoras do século XIX.⁷¹

A necessidade de rever o cânone é a empreitada de muitas intelectuais que estão à frente dos projetos voltados ao tema *Mulher e Literatura*. Profissionais, ligadas à docência e à pesquisa universitária, afirmam, na introdução de muitos livros produzidos nessa área de estudos, que as pesquisas iniciadas por elas somente se concretizaram por meio do apoio de suas instituições de origem e de órgãos governamentais de fomento à pesquisa. Muitas apontam o CNPq como principal responsável pelo financiamento de seus projetos e aludem à importância do esforço coletivo, organizado individualmente por cada uma das especialistas provenientes de regiões de todo o país. Além disso, as pesquisadoras destacam a importância de arquivos e coleções particulares, bibliotecas e hemerotecas. Elas asseguram que seus projetos foram motivados pela constatação de que a mulher escritora está ausente nas histórias da literatura brasileira. Salientam a relevância que as literaturas produzidas por mulheres vêm assumindo desde as reuniões do GT *A Mulher na Literatura*, da ANPOLL, e os seminários

⁷⁰ FERREIRA, Célia. Resgate de escritoras e revisão da história da literatura. In: BRANDÃO, Isabel; MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 73.

⁷¹ MUZART, Zahidé L. Feminismo e Literatura ou quando a mulher começou a falar. MOREIRA, Maria Eunice. (org.) In: *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 262.

nacionais *A Mulher na Literatura*. Os eventos estimularam os estudos sobre gênero e incentivaram as publicações das obras.

No dicionário *Ensaístas brasileiras*, publicado em 1993, há mais de 600 verbetes, apresentados em ordem alfabética, com bibliografia das autoras e um significativo número de textos sobre a recepção crítica. No prefácio intitulado *O que querem os dicionários?*, Heloísa Buarque de Hollanda reflete sobre a preocupação das dicionaristas em romper com a lógica do silenciamento, denunciando a estigmatização da presença feminina na literatura. A estudiosa ressalta que a prática de publicar dicionários, antologias e coletâneas é atividade antiga entre as mulheres. Desde muito cedo, as pesquisadoras do passado descobriram a necessidade de registrar os nomes das mulheres para salvá-las do esquecimento. De acordo com Heloísa Buarque de Hollanda: “Hoje, a tendência arqueológica, uma das linhas de força da crítica literária feminista contemporânea, formaliza esta preocupação e lhe dá sustento científico”.⁷²

Mary Del Priore, na apresentação de *A história das mulheres no Brasil*, caracteriza o livro como obra pioneira e de referência e convida o leitor a fazer uma “viagem através do tempo” para conhecer as “irmãs do passado”. Para essa empreitada, escolheu pesquisadores de diversas áreas, proporcionando ao leitor a compreensão do universo feminino, a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Segundo a organizadora, a idéia do livro partiu do editor da Contexto, editora responsável por possibilitar as melhores condições para o desenvolvimento do projeto. Nos vinte textos que compõem o livro, as ensaístas⁷³ recuperam a história das mulheres desde o século XVI até o XX. Os ensaios abordam questões do cotidiano feminino relatado pelos viajantes do século XVI, sexualidade e homoerotismo femininos, família, maternidade, pobreza, violência, trabalho feminino, escrita feminina, entre outros temas recorrentes no século XX.

Na leitura, sobressai a rejeição ao determinismo biológico, ressaltando os elementos culturais, sociais, políticos e econômicos que influenciaram as relações entre homens e mulheres, a ênfase na complexidade e diversidade das experiências femininas e, ainda, as relações das mulheres através das tensões e contradições que se estabeleceram em diferentes épocas. Para tanto, valem-se de vários tipos de documentos tais como processos inquisitoriais, leis, crônicas de viagem, atas de batismo e casamento, diários, fotos, cartas, testamentos,

⁷² HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 16.

⁷³ Uso o adjetivo no feminino, por uma questão de posicionamento político e, também, respeitando o princípio de serem em maioria mulheres. Ressalto, entretanto, que cinco ensaios são escritos por homens.

jornais, etc. Enfim, uma quantidade surpreendente de materiais que possibilitaram o contorno de uma imagem bem mais nítida do universo feminino.

A história das mulheres é relacional, inclui tudo que envolve o ser humano, [...]. Nessa perspectiva, a história das mulheres é fundamental para se compreender a história geral: a do Brasil, ou mesmo aquela do ocidente cristão.⁷⁴

Em 1999, Zahidé Muzart publica, pela editora Mulheres,⁷⁵ uma obra com quase 1000 páginas. É o primeiro volume de *Escritoras brasileiras do século XIX*.⁷⁶ Nele encontram-se 51 escritoras brasileiras resgatadas do mais profundo silêncio. A pesquisadora promove a reescrita das histórias da literatura brasileira do século XIX e da historiografia produzida no século XX. O projeto ousado de Zahidé Muzart nos permite vislumbrar uma nova história da literatura no Brasil e constitui daqui pra frente uma referência no campo da crítica feminista brasileira.

No texto introdutório, Zahidé Muzart define seu trabalho, e de sua equipe de pesquisadoras, como uma faina de “revolver escombros e garimpar entulhos, que só pode ser levada a cabo com paciência e boa dose de paixão”. O trabalho de resgate das autoras desaparecidas de nossa história literária corre contra a ação corrosiva do tempo e busca, por entre as ruínas, o legado daquilo que desapareceu. O que está morto na história pode ressuscitar. Assim sendo, a realização dessa viagem ao século XIX, praticamente desconhecido do leitor brasileiro no século XXI, resulta, para mim, em um novo modo de olhar para a tradição literária brasileira.

As estudiosas que ressuscitam as escritoras do passado, em *Escritoras brasileiras do século XIX*, questionam a representação produzida pela voz dos escritores e historiadores homens. Portanto, os textos reunidos pelas pesquisadoras desconstróem uma representação homogênea do lugar da mulher, seja na história, seja na literatura do século XIX. Eles

⁷⁴ DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 1997. p. 8.

⁷⁵ A editora Mulheres é um empreendimento pessoal de Zahidé L. Muzart. Ela cria em 1996, em Santa Catarina a editora que objetiva recuperar a produção da mulher brasileira no século XIX. Sua iniciativa facilitou o acesso a textos, ensaios e romances esgotados e impulsionou a pesquisa sobre o século XIX, visto que depois das publicações, o número de dissertações de mestrado e de teses de doutorado sobre a literatura de autoria feminina aumentou em todas as instituições do país. Hoje, já são oferecidos 43 títulos distribuídos nas séries ensaios, romances, cartas, poesias e viagens. Muitos já estão esgotados. No ano de 2005, o livro *Ensaístas Brasileiras* concorreu ao prêmio Jabuti, oferecido pela Academia de Letras do Brasil. Há inclusive um artigo da própria Zahidé, no qual ela traça uma retrospectiva da criação da editora. Cf. MUZART, Zahidé. Histórias da editora Mulheres. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, set.-dez. 2004. Também é possível verificar no site: <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 16 ago. 2007.

⁷⁶ MUZART, Zahidé L. (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. revisada. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. v.I.

também acabam por solapar qualquer idéia que equivocadamente pudéssemos ter de uma identidade comum a unir todas essas escritoras.

É evidente a contribuição de Zahidé Muzart para a rearticulação de uma sociedade na qual as diferenças possam ser respeitadas, enquanto identidades diversas e múltiplas, e onde elas possam emergir enquanto elemento contestador do discurso totalizante. A relevância dessa obra reside no fato de propiciar um espaço dentro da literatura para a produção literária feminina do século XIX. A visibilidade das novas vozes registra a vida cultural por um outro viés, diferente do estabelecido pelo olhar exclusivamente masculino. Os estudos arqueológicos de recuperação da história silenciada da produção feminina e a leitura aprofundada das obras das escritoras revelam a contribuição delas ao ambiente social, cultural e político no tempo em que viveram.

Na esteira de suas companheiras de pesquisa, Lizir Arcanjo Alves publica, em Salvador, *Mulheres escritoras na Bahia*. Na “Apresentação”, informa ao leitor, o objetivo do trabalho de “resgatar a produção literária feminina de toda uma época em que pouco ou quase nenhum valor se lhe dava, exatamente por ser de mulher”.⁷⁷ Na coletânea, a autora recupera poemas de 34 poetisas baianas do século XIX, encontrados em livros, revistas literárias e jornais pertencentes aos acervos de bibliotecas de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Lizir comenta sobre seu vínculo como docente da Universidade Católica de Salvador, o que facilitou o andamento do projeto de recolha dos textos das autoras, através da participação de seus alunos na pesquisa para a antologia.

O Dicionário *Mulheres do Brasil* segue na mesma linha do livro acima referido, publicado em 2000, ano das comemorações dos 500 anos de “invasão”. A obra faz parte do projeto *Mulher 500 anos atrás dos panos* que objetiva contribuir para a construção da memória das mulheres brasileiras. No prefácio, Schuma Schumacher, como Priore, também fala em viagem, dessa vez, referindo-se ao percurso realizado pelos pesquisadores que participaram do projeto. Ela afirma que a idéia do dicionário partiu da leitura da *Carta de Caminha*, quando constatou que a ótica pela qual o escrivão português via as índias precisava ser ampliada. O objetivo era, então, evidenciar “as mulheres que pulsavam ocultas” respondendo questões como: “Que palavras não foram escritas? Que vozes não foram ouvidas? Quem são as mulheres cuja vida pode nos mostrar o que existe atrás dos panos?”⁷⁸

⁷⁷ ALVES, Lizir Arcanjo. *Mulheres escritoras na Bahia: as poetisas – 1822 – 1918*. 2. ed. Salvador: Étera Projetos Editoriais, 1999, p.15.

⁷⁸ SCHUMACHER, Schuma (org.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 9.

A equipe recebeu apoio da Fundação Ford e contou com a colaboração dos arquivos públicos e bibliotecas de várias capitais do país e das colaborações de arquivos privados, que disponibilizaram documentos inéditos na historiografia, segundo afirmação de Schuma. Tais informações possibilitaram desvelar a vida e o cotidiano das mulheres que se encontravam na obscuridade, esquecidas propositadamente. A revelação de mais de 1600 nomes espantou os pesquisadores, e eles precisaram estabelecer critérios de escolha, pois era impossível dar conta de todo o universo descortinado. A seleção chegou a 900 verbetes biográficos e temáticos. Schuma Schumacher considera a obra “aberta e viva”, visto que é incompleta porque nem todas as mulheres foram incluídas. A coordenadora insiste na idéia de que a história das mulheres foi obscurecida ou, simplesmente, mal contada e, portanto, é preciso fazer justiça às suas memórias, revelando as muitas mulheres que ainda permanecem anônimas e ignoradas pela história oficial.

Em 2001, uma outra intelectual baiana, Helena Parente Cunha organiza o livro *Desafiando o cânone (II)*, sobre escritoras do século XIX, como resultado de cursos de pós-graduação, ministrados pela romancista na UFRJ. São dez textos produzidos por seus alunos.⁷⁹ No livro, como o título sugere, a autora questiona o cânone, pois esse invariavelmente funciona como instrumento de recalque dos textos escritos por segmentos ditos minoritários e marginalizados. Ele está a serviço de uma elite considerada culturalmente superior que, apropriada de um discurso monolítico, está ligada ao poder e, conseqüentemente, aos mecanismos a ele subjacentes. Não é redundante dizer ainda que o cânone institucionaliza-se sob a égide do saber ocidental reconhecidamente patriarcal e androcêntrico. Helena Parente questiona os critérios de exclusão/inclusão do processo de canonização:

Na arena das discussões e das polêmicas, tantas vezes nervosas e irritadas, avulta a questão da sobrevivência ou da derrubada do cânone literário, que antes servira de baliza e medidor para autorizar a admissão da obra no céu dos eleitos ou seu banimento daquele mundo dos deuses.⁸⁰

Segundo a pesquisadora, José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Júnior — a “trindade crítica” do século XIX — eram os normatizadores que execravam as obras escritas por mulheres e interditavam seus nomes nas histórias literárias. Essa exclusão deve-se,

⁷⁹ Em 1999, a romancista organizou o volume I, no qual apresenta artigos sobre escritoras que publicaram nos anos 70 e 80 do século XX. Infelizmente não tive acesso ao livro, pois está esgotado e não consegui encontrar em sebo.

⁸⁰ CUNHA, Helena Parente. Introduzindo novos, mas antigos desafios. In: _____ (org.). *Desafiando o Cânone II – ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001, p. 22.

principalmente, às idéias avançadas, proferidas por muitas escritoras do século XIX, tanto nos artigos da imprensa quanto nas páginas de seus romances. A transgressão desestabilizava o discurso patriarcalista que justificava o confinamento da mulher no espaço privado. Ao se tornar sujeito e não mais objeto da escrita masculina, a mulher escritora rompe a clausura do mundo doméstico, não aceita passivamente os argumentos masculinos e questiona a obediência servil.

No *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, Nelly Novaes Coelho assevera que estamos vivendo um momento de apocalipse e gênese e que a literatura se revela, atualmente, como instrumento de investigação e registro da desordem. Segundo a autora, nesse nosso mundo “pós-tudo”, “mágico ciberespaço”, a literatura feminina é privilegiada para “auscultar o caos”. A causa da prerrogativa estaria em uma evidência incontestável: “se nesse naufrágio de valores as coisas mudaram de maneira irreversível para o homem, em relação à mulher, tais mudanças evoluíram em proporção geométrica [...]”.⁸¹

A recuperação da literatura do passado, escrita por mulheres, implica uma necessidade de reconstituir a memória de um tempo e de uma história que foram velados para redescobrir o ontem e compreender a vivência do hoje. A literatura funciona, nesse sentido, como feixe de relações complexas que interagem entre artista, tempo vivido e *húmus* cultural herdado. Assim, a pesquisadora organiza seu dicionário, compreendendo verbetes que contam a história de mulheres do século XVII até o século XXI.

Em 2004, a coordenadora da editora Mulheres nos surpreende mais uma vez ao colocar em nossas mãos o segundo volume de *Escritoras brasileiras do século XIX*.⁸² Desta vez são 53 escritoras incluídas em quase 1200 páginas. Na introdução, a pesquisadora recupera a história do seu trabalho detetivesco cujo início se remete aos anos 80. Zahidé Muzart fala da surpresa que teve ao reunir uma imensa quantidade de material escrito por mulheres no século XIX. Informa-nos sobre a grande quantidade de pesquisas que “começaram a pipocar” em todo país, como resultado da leitura do volume I. E, ainda, faz referência à recepção crítica da antologia publicada em 1999. Muitos teceram elogios ao ineditismo da publicação, entretanto, refere-se a um comentário negativo do crítico Wilson Martins, a quem considera desatualizado em termos de leituras contemporâneas.

O segundo volume “realimenta nossos leitores e leitoras com mais subsídios, a fim de

⁸¹ COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil: panorama histórico-literário. In: _____. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (1711-2001). São Paulo: Escrituras, 2002, p. 17

⁸² MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. v. II.

que prossigam com suas discussões, seus estudos e até mesmo suas controvérsias”.⁸³ Zahidé Muzart classifica, lucidamente, seu trabalho de “investigação arqueológica” de cunho feminista e político, ligado aos Estudos da Mulher. Quanto à questão do cânone, a pesquisadora afirma que “implica avaliações políticas e não apenas estéticas”. Questiona a omissão dos nomes de Júlia Costa, Adélia Fonseca e Ildefonsa Laura César.

Sua pesquisa incide, portanto, em provar a existência e desvendar os mistérios que envolvem a mulher escritora. Para a pesquisadora, não basta apenas recuperar a memória feminina do esquecimento, mas, principalmente, colocar seus textos em circulação, a fim de que possam ser lidos pelo viés de teorias contemporâneas que contestam o discurso hegemônico do cânone. Zahidé Muzart toma para si a tarefa de trafegar na contramão da história oficial, responsável pelo aniquilamento do discurso feminino. Os textos resgatados, colocados à mercê do leitor, precisam ser objetos de reflexão: “Sendo assim, é preciso lê-los com um outro olhar: um olhar ‘intertextual’ e compreensivo”.

Hoje, a publicação e a recepção de obras desse caráter mostram que muitas mulheres conseguiram extrapolar as barreiras impostas à sua condição sexual e insubordinaram-se no sentido mais audacioso da palavra, ao burlar os mecanismos de opressão impostos a elas. E, ainda, fortalece as atuais pesquisas no campo do resgate de textos de autoria feminina, na medida em que acrescenta mais um tijolo no recente, mas promissor projeto de formulação de uma historiografia feminista e da construção de uma tradição literária feminina brasileira. Aqui cabem as palavras de Hahner, pesquisadora norte-americana, que há mais de 25 anos constata:

A história das mulheres pode levar-nos a alguma coisa de maior extensão na história humana. Pode ajudar-nos a ver como a sociedade funciona, como o poder e os papéis são distribuídos, como operam os mecanismos de controle social, quais são as pré-condições para as mudanças sociais e quais são as experiências individuais comuns e quais as diferentes, baseadas em sexo, raça e classe. Em potencial, a história das mulheres na verdade representa o oposto do interesse estreito e sectário que lhe foi atribuído por alguns críticos. Concentrar-se na “outra metade” da humanidade fornece uma oportunidade inestimável para escapar do quadro limitado da história tradicional, e ajuda-nos a alcançar uma visão mais abrangente do passado.⁸⁴

Condenado à sina mais trágica, viver para morrer, o ser humano, magicamente, se salva da própria e inevitável finitude, ouvindo, lendo, contando e/ou escrevendo histórias. A

⁸³ MUZART, 2004, p. 23.

⁸⁴ HAHNER, June E. Introdução. In: _____. *A mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 23.

humanidade persiste, então, na possibilidade infinita de criar mundos (im)possíveis. Apesar de todas as previsões contrárias, vivificamos o inacreditável através da capacidade imaginativa. Depois de escrita uma história, ela pode até se tornar objeto inviolável em um baú, mas a necessidade ancestral da humanidade de resgatar a nossa história passada, para entender o presente, fará com que revistemos essa caixa de Pandora e retiremos dela, em vez de males que destruirão a humanidade, os pedaços que remontarão o mosaico, antes, incompleto.

3. SER LEITORA E ESCRITORA NO SÉCULO XIX

3.1 Do encontro com a leitura

Macabea reabre o círculo e resgata, na hipótese de uma leitura literária iluminadora de sua identidade social, a ruptura dos horizontes de precariedade, preconceito e segregação que, por tanto tempo, rege(ra)m as relações de mulheres & leituras, na esteira de marílias, inocências e macabeas, horizontes que se refazem dialeticamente, num patamar mais alto, no percurso de **conceições**, madalenas e carolinas.⁸⁵ (grifo nosso)

O escritor brasileiro não conta, até o final do século XIX, com um mercado editorial que possa sustentá-lo. Portanto é necessário criar um sistema particular, uma rede de contatos que lhe garanta a participação no mundo cultural. O editor torna-se figura indispensável para a publicação de um livro. A chegada da impressão no Brasil em 1808 não possibilita a constituição do mercado literário devido à falta de dinheiro. As instituições são frágeis, o público leitor é reduzido, comprometendo a sobrevivência dos escritores. A questão do livro, enquanto objeto que entra no mercado, envolve o binômio trabalho/capital. Assim, essa atividade passa a depender de vários profissionais, instituições e tecnologia.

A proteção institucional do autor é tema de debates acirrados. Livreiros, editores e autores discutem a lei de propriedade intelectual regulamentada em 1881. Em 1883, funda-se a instituição dos homens de letras. 1896 é o ano de fundação da Academia Brasileira de Letras. Em 1898 é promulgada a lei dos direitos autorais. O prestígio dessas instituições e a valorização do trabalho criativo mudam o cenário do mercado livreiro no Brasil. Algumas iniciativas fortalecem o público leitor a partir de ações voltadas para o incremento da leitura. Assim, em 1862, Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar funda o jornal *O Belo Sexo*, atestando “uma primeira segmentação masculino/feminino do público disponível”.⁸⁶

⁸⁵ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitora no banco dos réus. In: _____. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003, p. 304-305.

⁸⁶ LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 103.

A leitura nunca foi uma prática encorajada, pelo menos de forma generalizada, entre as classes e, muito menos, entre os gêneros. Ela era destinada à camada privilegiada da população, detentora do poder monárquico e religioso que historicamente providenciou o processo de elitização e segregação da leitura.

Os efeitos perniciosos provocados pela leitura foram, pelo menos até o século XIX, os grandes responsáveis pela falta de popularização dessa prática. Referente à leitura feminina, desconfiança, proibição e controle, que tentavam separar o joio do trigo, estavam na ordem do dia. Então, eram liberadas as leituras consideradas boas, úteis, saudáveis; proibidas as más, frívolas e suscetíveis de desviar do bom caminho e da salvação espiritual. O papel de leitora era tradicionalmente o de guardiã dos bons costumes, da tradição e do ritual familiar.

Roger Chartier retoma a discussão sobre a importância assumida pela leitura de romances no século XVIII. Com foco nesse período, o historiador cultural analisa o ato de ler em alguns países, tais como Alemanha, Inglaterra, França e Suíça, e chega à conclusão de que se trata de uma prática similar à leitura dos textos religiosos, mas exercida pelo público feminino.

Leitores (que eram freqüentemente mulheres) eram incapazes de controlar suas emoções e suas lágrimas e, com freqüência, tomavam, de suas penas para expressar seus próprios sentimentos ou para escrever ao autor como diretor de consciência e guia de suas vidas.⁸⁷

A partir do século XIX, as mulheres representavam, na Europa, uma parcela substancial e crescente do público leitor de romances. As oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, a alfabetização feminina promoveram novo quadro de leitura para as mulheres. Em comparação às antecessoras, as novas leitoras apresentavam gostos mais mundanos. Se por um lado, os editores consideravam a leitora como consumidora voraz de romances, por outro a feminização da leitura de narrativas confirmava os preconceitos sobre o papel e a inteligência da mulher. Síntese da literatura prática e instrutiva, o romance era tipo ideal de leitura para o público feminino, tratado como frívolo, emotivo e extremamente imaginativo. Assim, irracionalidade e vulnerabilidade emocional, características tidas como essencialmente femininas, estavam em conexão direta com a leitura de romances.

A prevalência da imaginação sobre a razão era o problema e o grande perigo para a família burguesa do século XIX. Pais, maridos e irmãos se apavoravam com a possibilidade

⁸⁷ CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 25.

latente de verem filhas, mulheres e irmãs excitadas por conta de leitura de livros que provocavam paixões romanescas. Pensamentos eróticos ameaçavam a castidade e a ordem. O medo generalizado da ficção é tematizado pela própria ficção: a sogra da protagonista de *Madame Bovary*, de Flaubert, convence o filho a cancelar a assinatura que a nora mantinha junto a uma biblioteca circulante, com o argumento de que os romances envenenavam a alma de Ema.

Se a consolidação da leitura feminina na Europa caminhou lentamente, no Brasil, sociedade de perfil patriarcal, que considerava as mulheres como cidadãs de segunda categoria, arrastou-se. A representação literária dessa parcela da população foi se cristalizando em estereótipos que incapacitavam a mulher leitora. A desqualificação, imposta às leitoras do século XIX, fazia parte de uma estratégia política excludente, pois eliminava qualquer possibilidade de a mulher participar do universo letrado, restrito ao domínio masculino. Portanto, a educação das meninas permanecia atrasada em relação à dos meninos.

A representação da mulher leitora no século XIX se baseia em uma pedagogia de leitura para o público feminino que submete a mulher ao crivo da moral religiosa. Não é concedida à personagem, na maioria das vezes, autonomia e liberdade de escolha para suas leituras. A mulher leitora deveria ser constantemente tutelada pelo elemento masculino, enquanto voz autorizada, por ser a única capaz de discernir entre a boa e a má leitura. Entre os afazeres de costureira, bordadeira e doceira, ocorriam aulas de música e dança. A literatura era permitida, como forma de lazer, sob o olhar vigilante do homem.

Machado de Assis em *A mão e a luva*⁸⁸ constrói um estereótipo de leitora que permanecerá por longo tempo no imaginário dos escritores. A leitura para as mulheres é um perigo. O narrador, na cena final do romance, com foco na personagem Guiomar, estabelece um veredicto para o público leitor feminino: a leitora de romances sucumbe diante da frivolidade do mundo das aparências exposto nas narrativas. Como escritor, Machado investe num projeto arriscado de construção de uma nação que exclui leitores. Guiomar descobre cedo que a leitura não lhe poderia propiciar a vida que desejava ostentar: para que ler se leitura não dá dinheiro nem notabilidade? Como confirma Alencar, em um texto escrito dois anos antes da publicação do romance de Machado: “O cabedal de inteligência e trabalho que nele (o livro) se emprega daria em qualquer outra aplicação lucro cêntuplo.”⁸⁹ Regina

⁸⁸ ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. São Paulo: Ática. 1970.

⁸⁹ ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista*: autobiografia literária em forma de carta. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 75.

Zilberman reitera a denúncia de Alencar proferida há 100 anos.

Mesmo em nossos dias, publicar livros não parece propiciar grandes lucros nem para os industriais, a não ser que detenham boa carteira de livros didáticos, nem para livreiros, e principalmente, nem para a maioria dos escritores.⁹⁰

Quando a mulher conseguia burlar e escapar ao código do veto, ou ainda quando recebia educação “inadequada”, inevitavelmente sofria consequências maléficas à sua saúde, provocando desajustes sociais. Para a ordem ser restabelecida, à personagem da mulher leitora, restava a punição.

Fazia-se necessário limitar o universo de leitura da mulher para que ela pudesse corresponder às expectativas reclamadas pelo projeto nacional. As possibilidades de leituras apresentadas para as personagens eram aquelas que estavam inscritas na ordem moral e social estabelecida. Os “escritores-pedagogos” sustentavam seus argumentos na fragilidade das personagens e na preservação de sua inocência. Na verdade, temiam o crescimento intelectual feminino, pois a leitura iria conduzi-la a tão desejada libertação cultural e política.

A demarcação entre aprovado/condenado, permitido/proibido — que sofreu a leitura feminina — não parou no século XIX. A editora Vozes lançou, em 1915, *Através dos romances: guia para as consciências*. Nesse compêndio, constavam notas e comentários sobre milhares de livros, em especial, romances e autores. Na verdade, um *índice brasileiro* mostrando condenação e interdição de livros contrários à fé e à moral cristã; um guia de censura católica à leitura. Seu alvo principal era a mulher — esteio moral do lar e guardiã da doutrina católica — que precisava, segundo seu autor, ser preservada de influências desagregadoras que a desviassem de sua rota. Era preciso vigiar a literatura consumida pelas leitoras católicas. Sinzig, autor do compêndio, creditava a responsabilidade da crise da sociedade moderna à deturpação de valores morais e espirituais, da mesma forma que os escritores do século XIX. Portanto, no início do século XX, ainda ecoava a mesma ideologia cerceadora da leitura feminina.

Conhecer livro(s) “envenenado(s)” é o primeiro passo em direção ao caminho da corrupção e da condenação da alma. Tais “frutos infernais, um veneno capaz de corromper as consciências, rechaçado exatamente pelo mau exemplo que pode dar às leitoras”,⁹¹

⁹⁰ ZILBERMAN, Regina. O leitor moderno no Brasil. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (org). *A historiografia literária e as técnicas de escrita*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004, p. 552.

⁹¹ PAIVA, Aparecida. Entre o veneno e o antídoto: a leitora censurada. In: AUAD, Sylvia. *Mulher – cinco séculos de desenvolvimento na América*. Belo Horizonte: CREZ-MG/ IA-MG, 1999, p. 461.

possibilitaram que a mulher forjasse situações e ensaiasse ficticiamente esquemas oriundos da experiência do mundo real. Ela valida-os, confronta-os, modifica-os ou rejeita-os. Com certeza, a tese, segundo a qual a leitura provocaria efeitos nefastos nas mentes femininas, não surtiu resultado desejado. Pelo contrário, foi contestada insidiosamente e minada pelas estratégias femininas.

O percurso da leitura feminina em terras brasileiras pode ser rastreado a partir do século XIX, quando o Brasil se viu independente de Portugal e, então, assumiu um projeto educacional que incluía a instrução da mulher. Apesar de a alfabetização ser condição *sine qua non* para a prática da leitura, conforme Lajolo e Zilberman, os depoimentos de viajantes estrangeiros, entre eles, John Luccock, Debret, Henri Koster, Elizabeth e Louis Agassiz, são indicativos das péssimas condições ou completa inexistência de instrução das mulheres:

O panorama decorrente dos depoimentos até aqui reproduzidos sugere que o universo de leitura da mulher brasileira é dos mais restritos, no que, aliás, se afina bastante à sociedade em que vive. Ilustrada na maioria dos casos, a mulher brasileira faz parte de um mundo para o qual o livro, a leitura e a alta cultura não parecem ter maior significado.⁹²

A leitora ficcional dava mostras de progressivo interesse por autores e obras, no final do século XIX, refinando critérios de escolha para a composição de sua biblioteca particular. A grande quantidade de cenas de leituras, evidenciadas nos romances dessa época, permite inferir que esse horizonte de leituras começava a se formar e se disseminava no dia-a-dia da capital carioca e de algumas cidades do país. Exemplo disso é o romance de Adolfo caminha *A normalista*,⁹³ no qual o autor discute amplamente o problema educacional e questões ligadas à leitura. Os personagens lêem jornais, folhetins, poesias, romances brasileiros e traduções de obras francesas. Na narrativa, existem referências implícitas às obras e autores do romantismo e do naturalismo como *Madame Bovary e Romeu e Julieta*, e explícitas como *O primo Basílio* e *Casa de pensão*. Maria do Carmo — protagonista da história — é leitora, assim como uma quantidade considerável de personagens. Entre as leituras da normalista estão *A consciência*, de Heitor Mallot, publicado em folhetins no jornal *A Província*; *Almanaque das Senhoras*; contos de fadas, como o da *Gata Borracheira*; e as fábulas de La Fontaine.

A referência ao livro *Imitação*, de autor anônimo, na primeira aparição de uma personagem em cena de leitura, ligada diretamente ao aspecto religioso, corrobora a idéia de

⁹² LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 245-246.

⁹³ CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1985.

que os primeiros atos de ler das mulheres deveriam satisfazer os anseios espirituais. D. Amélia conhecia apenas os *Santos Evangelhos*, a leitura da *Bíblia* funciona como fonte de aprendizado de leitura para as mulheres.

A normalista, também, se entretém com leituras de romances proibidos, que pedia emprestado à amiga Lídia. Esse fato revela a dificuldade de acesso ao livro. O empréstimo mostra que, apesar de, naquela época, poucas pessoas possuírem livros, na casa da viúva, mãe de Lídia, havia alguns. Já estamos numa outra etapa de formação de leitores. O livro não é mais bem cultural exclusivo do mundo burguês. Não fica explícito, porém, como e por quem era adquirido o acervo de Lídia. Não há referência de que o pai dela tivesse deixado uma biblioteca e tampouco há cenas de leitura da viúva D. Amanda.

O romance *O primo Basílio* é apresentado como fonte de prazer sexual. Maria do Carmo é introduzida ao mundo da sexualidade pela leitura do romance português, enquanto os romances de José de Alencar são lidos por uma espécie de bairrismo mal-entendido. Quanto às outras leitoras representadas no romance, o narrador deixa transparecer que elas apreciam a leitura de folhetins obscenos.

A personagem Pereira condena as mulheres que lêem esse tipo de literatura. O autor, implicitamente, sugere que Pereira não está preocupado com a castidade feminina, mas como elas — a exemplo da personagem masculina — usariam o aprendizado obtido na leitura, conscientizando-se de suas estratégias de sedução. Logo, as mulheres saberiam identificar mais facilmente as verdadeiras intenções de Pereira, não se portando de maneira ingênua às investidas dos homens.

O hábito da leitura compartilhada entre as mulheres é enaltecido como forma de solidariedade entre as mulheres. As duas amigas lêem juntas, na época da gravidez, a *Fisiologia do matrimônio*, de Debay. O narrador sugere que Lídia conhecia *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, pois daria um desses nomes ao filho/a que nasceria brevemente.

Adolfo Caminha assume uma postura inovadora, visto que entende o processo da leitura como conhecimento do mundo, na perspectiva de Marisa Lajolo.⁹⁴ O ato de ler prepara o leitor para a vida e é também fonte de prazer.⁹⁵ Também, a tematização da leitura no romance reforça a idéia de uma visão de mundo intermediada pela leitura. Adolfo Caminha difunde a idéia da leitura como prática que deve ser estendida a todas as camadas sociais. O

⁹⁴ LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

⁹⁵ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

autor conta com uma leitora ideal, aquela que possa fazer as conexões, desfazer e refazer o caminho percorrido por ele e, acima de tudo, possa preencher com criatividade as lacunas deixadas. Como Wolfgang Iser, Caminha acredita que a leitura possa produzir seres humanos mais competentes para interferir e realizar o mundo.

A leitura feminina, entretanto, não estava isenta de censura e demorou para ser aceita sem resistência masculina. Nas palavras de Bárbara Keller:

Tanto para familiares, quanto para a sociedade em geral, ser leitora poderia significar desde leviandade e irresponsabilidade para com os cuidados do lar, até ganância intelectual, uma vez que, até os anos 20 do presente século [século XX], apenas aos homens eram permitidas atividades que envolvessem leitura, fossem elas profissionais, fossem elas de entretenimento.⁹⁶

Essa prática, aos poucos, passou a ser incorporada pela sociedade brasileira, na medida em que a mulher também se profissionalizava e começava a participar da vida política do país. É preciso dizer, entretanto, que tal situação se refere, prioritariamente, às mulheres de elite, com livre acesso à cultura letrada. As escritoras Ignez Sabino e Maria Benedita são nomes reais de mulheres que a partir do acesso e da familiarização com a leitura puderam mudar seus horizontes de expectativa. Assim, pretende-se mapear suas leituras, tentando vislumbrar qual o universo livresco explorado pelas escritoras. As fontes ideais para realizar esse tipo de pesquisa seriam seus acervos e suas bibliotecas, pois, como diz Cláudia Antunes:

A biblioteca de um autor tem muito a dizer. Por meio dela pode-se conhecer suas preferências literárias, as influências de outros autores, as obras que lhe serviram de consulta, o conhecimento por outras línguas, quais os assuntos prediletos, a atualidade dos temas armazenados, o interesse por textos científicos, a valorização de obras canônicas, os espaços para novos autores e a variedade material do seu arquivo (documentos, jornais e revistas), entre tantos pontos de investigação.⁹⁷

Infelizmente não foi possível saber qual o destino dado às bibliotecas de Ignez Sabino e Maria Benedita, ou mesmo localizar seus acervos, se é que existem. Como sabemos, é prática comum, após o falecimento de um familiar escritor, os parentes desfazerem-se das bibliotecas. Restou-me, então, rastrear, a partir de citações e referências encontradas no exame de suas produções, as leituras que fizeram parte dos seus repertórios, tentando

⁹⁶ KELLER, Bárbara. Recepção da leitura feminina no Brasil - análise das revistas *Feminina* (1915-1926); *Álbum das meninas* (1898-1900) e *A cigarra* (1914-1930). In: VIII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 2000, *Anais...* CD-ROM.

⁹⁷ ANTUNES, Cláudia Rejane Dornelles. *Geografia do mundo simoniano*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

organizar uma “biblioteca imaginária”⁹⁸ das referidas escritoras.

Ao tentar reconstituir essa biblioteca, constatei que as ficcionistas — diferente da maioria das mulheres de sua época — não eram censuradas em suas leituras pelos pais ou maridos. A comprovação decorreu da diversidade considerável de autores e obras localizados em seus textos. Embora as alusões indiretas muitas vezes não permitam identificar, com precisão as obras e autores referidos (sem a indicação direta, o leitor apenas infere), a pesquisa apontou para a existência de inúmeros personagens ficcionais que povoaram — e ainda habitam — parte do imaginário literário ocidental. Dessa forma, pela quantidade de autores e obras citados em seus livros, avento a possibilidade de que o acervo das bibliotecas de Ignez Sabino e Maria Benedita indica a erudição das escritoras.

Refazendo o caminho percorrido pelos autores dos textos aqui abordados, observo que as mulheres não estiveram ausentes nos avanços e recuos sofridos pelo livro e pela leitura. As pesquisas feitas, especificamente na França e no Brasil, demonstram que elas foram sujeitos que participaram ativamente no processo de construção de uma história do livro e da leitura no mundo ocidental. Como leitoras, mostraram-se audazes, burlaram as regras estabelecidas para elas e avançaram, inevitavelmente, para consolidar o crescimento intelectual feminino, de que hoje — nós, mulheres do século XXI — somos testemunhas. Romperam as amarras que as prendiam no mundo restritivo do lar, tornaram-se intelectuais reconhecidas, até mesmo no universo restrito da academia e desfizeram os preconceitos forjados para impedir a mulher de participar, como escritora, do mundo das letras. Assumiram, de forma competente, os espaços que eram, antes, destinados apenas aos homens. Primeiro na ausência dos maridos, depois como forma de se libertar do jugo masculino e de reivindicar sua emancipação.

As histórias das mulheres leitoras e das representações de gênero, construídas nas relações de poder de uma determinada cultura, encontram-se com a história das práticas sociais da leitura. No encontro vislumbramos outras facetas do objeto-livro, que não só molda as consciências, acalma o corpo e ilustra o espírito, mas incentiva a crítica do social e propõe rupturas na realidade. Fornece instrumentos para que as mulheres possam contar outras histórias.⁹⁹

⁹⁸ Metáfora utilizada por João Alexandre Barbosa como título do livro no qual ele apresenta a sua biblioteca pessoal. BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê, 1996.

⁹⁹ LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras femininas na Bahia (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, 2005, p. 116.

3.2 O caminho da escrita

Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisavam escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava. Mesmo assim, as mulheres no século passado escreveram e escreveram bastante.¹⁰⁰

O medo dos pais de que as filhas aprendessem coisas indecentes, e impróprias às moças casadoiras, não era o único argumento para a condenação da leitura. Havia ainda a preocupação que com a decorrência dessa prática, elas começassem a escrever. Assim, apesar de toda censura e recriminações, a mulher entrou progressivamente no universo da leitura e, numa transformação lenta, mas gradual, penetrou no mundo da escrita. Da leitura para a escrita, o caminho foi curto. Sobre a questão, Tania Bessoni afirma:

As leitoras cariocas se tornaram cada vez mais parte do universo do livro, incorporando às suas leituras, os folhetins, o almanaque, o jornal. As livrarias também se mantiveram como pólos de atração e nelas as mulheres buscavam as novidades e as leituras corriqueiras. [...] à medida que diminuiu o analfabetismo, a cidade ampliou o número de escolas e as mulheres puderam se profissionalizar, conquistando um lugar no universo de interesse criado pela cultura do livro. Outros fatos geraram melhores ofertas aos leitores, sobretudo com o aumento de bibliotecas públicas e particulares. As autoras já teriam aí muitas leituras para lhes servir de referência e reforçar os novos contingentes de escritoras.¹⁰¹

O conhecimento das mulheres, com respeito ao letramento, não deveria ultrapassar os limites da leitura dos livros de orações. No entanto, para os homens, ainda mais proibido era o aprendizado da escrita, saber com o qual, como pensavam eles, elas só poderiam fazer mau uso, qual seja, a troca de correspondências com os pretendentes indesejados pelos pais e com os amantes, temidos pelos maridos. Roger Chartier, em *A aventura do livro*,¹⁰² traz à tona a questão da censura e do controle da escrita quando cita o best-seller *L'École des femmes*, no qual o protagonista se aborrece com o fato de Agnes saber ler e escrever, pois isso permitiria que ela enviasse bilhetes ao amante.

No Brasil do século XIX, a estrutura patriarcal não permitia que a situação fosse

¹⁰⁰ TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p.408-9.

¹⁰¹ BESSONI, Tania. As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura. *Gênero - Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (NUTEG)*, Niterói, v. 5, n. 2, p. 91-97, dez. 2005.

¹⁰² CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999, p.121.

diferente. A autonomia indispensável à criação é vetada à mulher, sobrando para ela apenas o *status* de “personagem de ficção”. Muitos romances expõem em suas tramas os malefícios da escrita. Guiomar, personagem central de *A mão e a luva* (1875),¹⁰³ arrisca sua reputação ao ir, durante a madrugada, à casa de seu namorado entregar-lhe um bilhete, exigindo o pedido de casamento à sua madrinha. Ora, para os padrões da época, escrever para um homem não é uma atitude considerada honesta para uma moça recatada e de boa índole. Quase vinte anos depois, a idéia persiste e Maria do Carmo, protagonista de *A normalista* (1893),¹⁰⁴ receia responder a carta de Zuza, com medo de que ele a considere uma menina “fácil”. A apreensão da *normalista* se concretiza, a atitude ousada da protagonista é criticada por seu pretendente.

Mas o quadro apresentado não foi pintado com tintas uniformes. Pelo contrário, muitas subverteram sua condição de musa e se arvoraram no terreno da escrita como forma de libertação dos papéis veiculados pelos romancistas. Segundo Norma Telles:

Mesmo assim, foi a partir dessa época que um grande número de mulheres começou a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas. Tiveram primeiro de aceder à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional.¹⁰⁵

Apesar da expressiva participação da mulher escritora na segunda metade do século XIX, o século XX não vê abolido, completamente, a prática de condenação da escrita feminina. É Norma Telles quem relembra a prática feminina da escrita nos diários — trancados a chaves para que nossas mães não descobrissem nossos segredos — e nos cadernos de receitas, entremeados de anotações íntimas. Famosos são os “cadernos-goiabada”, expressão cunhada por Lígia Fagundes Telles. Explícita ironia ao provérbio português que recomenda a instrução para as mulheres apenas para leitura de orações e escrita de receitas de goiabada.

Entretanto, censuras e recriminações não foram suficientes para impedir a mulher de entrar, progressivamente, no universo da leitura; por mais que se tenha investido no boicote à escrita feminina, ela aconteceu. Na invasão dos espaços intelectualizados, ditos de competência exclusivamente masculina, como a imprensa periódica — no desempenho de

¹⁰³ ASSIS, 1970.

¹⁰⁴ CAMINHA, 1985.

¹⁰⁵ TELLES, 1997, p.403.

atribuições de proprietárias, diretoras ou redatoras de jornais — ou na publicação de livros, as mulheres foram, lenta e progressivamente, demonstrando níveis de competência antes impossíveis de serem aceitos pelos homens. Considerado perdição, o mundo aberto para as mulheres, através da leitura de livros, foi o encontro da salvação.

3.3. Prazer em conhecer

*A idéia de coletar os escritos das mulheres do século XIX, no início da pesquisa, encontrou sorrisos condescendentes. Para quê, perguntam-se os partidários da repetição das mesmas idéias recebidas e perpetuadas, 'Escreviam tão mal que seria melhor deixá-las enterradas' e outras apreciações de 'incentivo'. Não desanimamos. Por que estudar sempre os mesmos? Por que trilhar os mesmos caminhos? Como saber se elas não eram boas se ninguém as leu? E como saber se existiram se ninguém as citar nas histórias da literatura?*¹⁰⁶

Infelizmente, para muitos estudiosos da literatura, as duas escritoras que escolhi, para me debruçar sobre suas vidas e obras, são praticamente desconhecidas na atualidade, apesar de terem escrito considerável quantidade de romances, contos, folhetins, poesias, artigos, biografias, etc. Associadas às produções intelectuais, estão suas participações, bastante fecundas, na imprensa do Brasil e de Portugal. Embora tenham colaborado efetivamente para a construção do que chamamos de Literatura Nacional, elas precisam ser apresentadas. Por quê?

As histórias literárias produzidas por homens e, também, por mulheres excluem-nas. Esse foi, inclusive, o motivo da minha própria escolha para o tema da tese. Ao procurar informações sobre as autoras do século XIX, com as quais iria desenvolver meu projeto de tese, descobri que elas não constavam nos ensaios historiográficos mais tradicionais, utilizados nos cursos de Letras. O olvidamento dos nomes de escritoras e suas obras, principalmente do século XIX, foi um projeto pensado. Assim, negligenciado e, propositadamente, excluído, o universo literário feminino foi anulado das histórias da literatura do século XIX e parte do XX.

Rita Schmidt, em *Cultura e dominação*, reflete sobre a marginalização institucionalizada da produção feminina no século XIX, a partir da leitura crítica da obra de

¹⁰⁶ MUZART, 2000, p. 19

Araripe Júnior. A autora afirma que a ausência de obras de autoria feminina no cânone do século XIX se deve aos critérios valorativos da tradição, que (ainda) entende a literatura como “repositário de valores morais e espirituais”. Portanto, ela possuía uma missão pedagógica e era relevante “instrumento de legitimação e orgulho nacional”. Nessa perspectiva, as obras canonizadas seriam aquelas produzidas dentro de uma “moldura cultural”, constituída de valores instituídos como legítimos. O espaço dos compêndios historiográficos e das histórias literárias estava restrito aos homens letrados, brancos, heterossexuais, economicamente privilegiados. No contexto, as obras de autoria feminina:

[...] não tinham a mínima chance de serem consideradas ‘sérias’, justamente porque não se enquadravam, do ponto de vista dos críticos, na linha de continuidade instaurada pelas obras modelares, de autoria masculina — o que se poderia chamar de tradição ocidental — nem pelo critério de verdade nem pelo critério de valor. Esses não são critérios sexistas *per se* mas como suporte de uma máquina judicativa nas condições de uma cultura que sempre interpretou o ponto de vista masculino como sinônimo de universal e, portanto, verdadeiro, e o ponto de vista feminino como sendo particular e de valor menor, periférico. As grandes questões do ser humano autorizam uma prática que acaba sendo [...].¹⁰⁷

Logo, faz-se necessário questionar a perspectiva canônica que assumem as histórias tradicionais da literatura que as colocaram numa espécie de limbo literário, relegadas ao esquecimento, considerando que tiveram uma grande representatividade no século XIX, interferiram no meio sócio-cultural e na mudança de comportamento de outras mulheres na sociedade em que viveram.

O cânone, invariavelmente, funciona como instrumento de recalque dos textos escritos por segmentos ditos minoritários e marginalizados. Ele está a serviço de uma elite considerada culturalmente superior que, apropriada de um discurso monolítico, está ligada ao poder e, conseqüentemente, aos mecanismos a ele subjacentes. Não é redundante dizer ainda que o cânone se institucionaliza sob a égide do saber ocidental, reconhecidamente patriarcal e falocêntrico. Não objetivo, com essa afirmação, por em xeque os textos canônicos, porém questionar os critérios de exclusão/inclusão do processo de canonização, ou até ser mais audaciosa ainda e dizer como Roberto Reis: “O que é problemático, em síntese, é a própria existência de um cânone, de uma canonização que reduplica as relações injustas que compartimentam a sociedade”.¹⁰⁸

¹⁰⁷ SCHMIDT, Rita Teresinha. Cultura e dominação: o discurso crítico do século XIX. *Letras de Hoje* – Revista do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras – PUCRS, Porto Alegre, n.109, p. 83-90, set. de 1997.

¹⁰⁸ REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org.) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 76.

A pesquisadora Zahidé Muzart alerta-nos sobre o perigo da utilização da classificação estética, exigida para as escritoras pelos críticos homens. Norteado por parâmetros masculinos de originalidade e valor estético universal, notadamente elitista, seletivo e excludente, que desconsidera as diversidades culturais, sociais, sexuais e raciais —, esse critério desclassificaria a literatura feita por mulheres como “piegas” e “sentimental”, portanto “indigna de ter representatividade junto ao cânone”.¹⁰⁹

Alguns historiadores apenas elencam alguns nomes. Ferdinand Denis, em 1826, no seu texto fundador da história literária brasileira, lista um número expressivo de escritores. A pernambucana Rita Joana de Souza é a única mulher a aparecer em nota de rodapé.¹¹⁰ Conforme Zilberman, em *O parnaso brasileiro*, publicado em 1829 e 1830 (I Tomo) e 1831 (II Tomo), Januário da Cunha Barbosa arrola número considerável de poetas e cita apenas duas poetisas: Beatriz Francisca de Assis Brandão e Delphina Benigna da Cunha. Mais de dez anos depois, Joaquim Norberto de Sousa Silva, em *Bosquejo da história da poesia brasileira* (1841), acrescenta a poetisa Maria Josefa Pinto Barreto. Em *Ensaio sobre as letras no Brasil* (1850), de Francisco Adolfo de Varnhagen, aparecem os nomes de Rita Joana de Souza e Ângela do Amaral Rangel. Nas palavras da pesquisadora:

Poder-se-ia afirmar, com base nesses poucos exemplos, que a poesia oriunda de escritoras brasileiras não estava sendo ignorada pelos historiadores da literatura, abrindo-se curioso precedente ideológico. Mas esses momentos são raros, e parece explicá-los tão-somente a necessidade, experimentada naquele momento, de se incorporarem às hostes literárias, carentes de representatividade em decorrência das dificuldades vividas pelos letrados nascidos no Brasil durante o período colonial.¹¹¹

Naquela época, Maria Benedita Câmara Bormann e Ignez Sabino Pinho Maia ainda não eram nascidas, mas o escasso número de nomes de escritoras referidos nas mencionadas histórias comprova que a maioria das escritoras brasileiras se encontrava no anonimato. As duas escritoras nascem no ano de 1853 quando o campo das letras, apesar ainda de toda discriminação e restrição à mulher, já tinha sido aberto por pioneiras como Joana Paula Manso de Noronha, fundadora do *Jornal das Senhoras*.

¹⁰⁹ MUZART, Zahidé Lupinacci. O romance feminino no Brasil – século XIX. In: DUARTE, Constância Lima (coord.). BOLETIM DO GT A MULHER NA LITERATURA, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), n.6. Natal: CCHLA/UFRN, 1996, p.287-303.

¹¹⁰ DENIS, Ferdinand. Resumo da história literária do Brasil. In: CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do romantismo: a contribuição européia: crítica e história*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978, p. 45.

¹¹¹ ZILBERMAN, Regina. As escritoras e a história da literatura. In: COORDENAÇÃO da Associação Santa-Mariense de Letras. *Antologia em prosa e verso – VII*. Santa Maria: Pallotti, 2001.

Silvio Romero, em *História da literatura brasileira*,¹¹² que tem sua primeira edição em 1888, acrescenta os nomes de Nísia Floresta Brasileira Augusta, Maria Firmina dos Reis e Narcisa Amália. A *História da literatura brasileira*,¹¹³ de José Veríssimo, publicada em 1916, surpreende pela ausência completa de escritoras. Em todo o rol de “versejadores” e “prosadores”, não há menção a nenhum nome. Ronald de Carvalho, em *Pequena história da literatura brasileira*,¹¹⁴ de 1919, não cita nenhuma romancista ou poetisa brasileira; apenas três autoras estrangeiras: Safo, Mme. de Staël e George Sand. Em *Noções de história da literatura brasileira*,¹¹⁵ de 1931, Afrânio Peixoto refere duas estrangeiras, Harriet B. Stowe e Mme. de Staël e elenca os nomes de oito brasileiras na “Nomenclatura”, uma espécie de “Índice de Autores”, no final da história. São elas, respectivamente, Rita Joana de Souza (1696), Ângela do Amaral Rangel (1725), Beatriz Francisca (1779), Barbara Heliodora (1795), Francisca Júlia da Silva (1874), Ignez Sabino (1881), Nísia Floresta (1885), Auta de Souza (1901). Curioso é que esses nomes não são sequer mencionados em todo o texto da referida história, mas estão inclusos na seção “Índice de autores estudados”.

Érico Veríssimo aponta 16 nomes de escritoras, em *Breve história da literatura brasileira*,¹¹⁶ de 1945. As autoras citadas são as seguintes: Júlia Lopes de Almeida, Maria Jacinta, Dinah Silveira Queiroz, Auta de Souza, Adalgisa Nery, Raquel de Queiroz, Maria José Dupré, Clarice Lispector, Lígia Fagundes Telles, Lúcia Miguel-Pereira, Albertina Bertha, Edyla Mangabeira, Lila Ripoll, Carolina Nabuco, Rivadávia Severo, Lídia Besonchet, apenas as escritoras Rosalina Coelho Lisboa, Gilka Machado e Cecília Meireles recebem comentários do historiador. No compêndio de Érico Veríssimo, não estão inclusos os nomes de Ignez Sabino e Maria Benedita Bormann. Assim como *Formação da literatura brasileira*,¹¹⁷ de 1957, de Antonio Candido; a *História concisa*,¹¹⁸ de Alfredo Bosi; e *A literatura no Brasil*,¹¹⁹ de Afrânio Coutinho, ignoram os nomes das autoras.

Lúcia Miguel-Pereira, em *História da literatura brasileira: prosa de ficção — 1870-1920*,¹²⁰ publicada em 1978, apesar de marcar temporalmente sua história num período em

¹¹² ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

¹¹³ VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

¹¹⁴ CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Brigueit & CIA, 1968.

¹¹⁵ PEIXOTO, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

¹¹⁶ VERÍSSIMO, Érico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

¹¹⁷ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

¹¹⁸ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1992.

¹¹⁹ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986.

¹²⁰ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira: prosa de ficção — de 1870 a 1920*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1978.

que muitas mulheres escreveram, cita, no século XIX, apenas Júlia Lopes de Almeida. Em *História da literatura brasileira*,¹²¹ de 1997, de Luciana Stegagno Picchio, as escritoras Teresa Margarida da Silva e Orta, Bárbara Heliadora, Narcisa Amália e Júlia Lopes de Almeida aparecem numa “gaveta” à parte. São os capítulos intitulados “A escrita das mulheres” e “Poetas mulheres”. Como antes, os historiadores homens segregavam em espaço marginal os poetas e escritores considerados “menores”. Mesmo a proposta bastante inovadora de Marisa Lajolo, em *Como e por que ler o romance brasileiro*,¹²² de 2004, a maioria dos autores apresentados são homens. A respeito da reedição contínua da tradição de uma genealogia literária masculina, Zilberman afirma:

No horizonte do novo milênio, uma outra redação da história se apresenta como imprescindível; a da história da literatura não ficará indiferente a essa demanda, revisando não apenas o que foi colocado na margem ou excluído, mas pensando por que o arranjo assumiu, no passado, tal desenho.¹²³

Apesar desse olvidamento proposital e estratégico, a mulher sempre articulou formas de subverter o discurso hegemônico, haja vista os muitos exemplos de mulheres ilustres neste século e até antes que exerceram pressões importantes na vida intelectual, cultural e social dos grupos a que pertenceram, seja na esfera privada ou pública. Os estudos de gênero têm mostrado que a marginalização insitucionalizada não resultou de forças naturais e sim de um complexo de fenômenos culturais e históricos. Ser homem e ser mulher são categorias sociais construídas.

Assim, depois deste longo e, talvez, cansativo rol de (não) referências às escritoras passo a apresentá-las. E a partir dos capítulos seguintes, veremos que elas, na sua insubmissão incontrolável, a partir do momento que descobriram a alfabetização, construíram seu próprio conhecimento e produziram obras que serviram e, ainda hoje, servem como modelos de superação de barreiras que representaram expressões de autonomia e liberdade, e ajudaram a romper círculos viciosos de tentativas de apoderamento masculino sobre as mulheres

A obra produzida por essas mulheres reflete, como veremos, uma consciência crítica que contestava os valores sexistas vigentes, na medida, é claro, em que a temporalidade histórica permitia. A transgressão das mulheres se materializou na palavra escrita e mostrou uma “consciência de gênero” que precisa ser lembrada em nossa época, sempre roubada pela velocidade com que se veiculam e que rapidamente se substituem as informações. As

¹²¹ PICCHIO, Luciana Stegagno, *História da literatura brasileira*. São Paulo: Lacerda, 1997.

¹²² LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

¹²³ ZILBERMAN, 2001, p. 181.

suas lutas pelos direitos femininos provocaram mudanças de comportamento e atitudes, principalmente, pela denúncia dos valores misóginos regentes do comportamento social.

4. IGNEZ SABINO PINHO MAIA (BAHIA, 1853 – 1911)

Sabino se empenha na defesa de direitos individuais para aqueles que via como membros oprimidos pela sociedade: indígenas, escravos e todas as mulheres. Insiste na imprescindibilidade da instrução pública como veículo de opções esclarecidas para melhoria de vida de tais setores da população. Sabino apóia as metas da filosofia positivista e prescreve estudos para as jovens, assegurando assim a educação doméstica quanto a valores morais e religiosos que reputava necessários para a manutenção de uma estrutura familiar sadia. Mas também examina o desejo de algumas mulheres e a necessidade de outras trabalharem fora do lar, assim como a responsabilidade social pela educação feminina como preparação para a vida.¹²⁴

Maria Ignez Sabino Pinho Maia, filha de Olegário Sabino Ludgero Pinho e Gertrudes Pereira Alves Maciel, nasceu em 31 de dezembro de 1853. Entre as pesquisadoras dos estudos de gênero, ela é conhecida pelo seu livro *Mulheres ilustres do Brasil*, no qual faz um trabalho pioneiro sobre a memória literária feminina. Segundo a pesquisadora Zahidé Muzart, o sobrenome da escritora aparece de forma equivocada, Pinto ao invés de Pinho, em várias publicações.¹²⁵

Em relação à naturalidade de Ignez Sabino também há polêmica. Afonso Costa informa sobre a controvérsia em torno da sua naturalidade, baiana ou pernambucana, e confirma o nascimento da autora na Bahia, explicando que a dúvida se estabeleceu a partir do seguinte equívoco:

*Ali [em Pernambuco] teve Ignez Sabino a primeira infância, os balbucios da inspiração e os relampejos iniciais da inteligência, donde a compreenderam filha do importante Estado e lhe incluíram o nome no cadastro dos ilustres rebentos de Pernambuco, tal como o fizera A. Austregésilo, no sóbrio *Perfil de Mulher Brasileira*.¹²⁶*

¹²⁴ QUINLAN, p. 11.

¹²⁵ MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 567.

¹²⁶ COSTA, Afonso. Raro sentiu as injunções do amor: Ignez Sabino Pinho Maia. In: _____. *Poetas de outro sexo*. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1930, p. 112.

Sobre a precocidade da iniciante poetisa, Alberto Pimentel comenta:

Aos 12 anos, já a Sra. D. Inês Sabino compunha versos, que mais tarde foram incluídos no livro *Rosas Pálidas*; pertence pois a distinta escritora brasileira a essa plêiade de poetas madrugadores, que como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Castro Alves imitaram na precocidade Victor Hugo, a criança sublime, na frase de Chateaubriand.¹²⁷

A família de Iñez Sabino mudou-se para a Cidade de Nassau, em Pernambuco, e a autora frequentou aulas no curso propedêutico. Notando a vocação intelectual da filha e seus pendores artísticos para a pintura e a música, o pai a enviou para estudar na Inglaterra, mas sua estadia foi encurtada com a morte do seu genitor e, conseqüentemente, com a dificuldade financeira da família. Na crônica dedicada aos sobrinhos, intitulada “O dia de natal”,¹²⁸ a escritora relembra uma festa natalina no tempo em que viveu na Europa.

Teve aulas particulares com intelectuais que considerava seus mestres: Tobias Barreto e Autran da Matta Albuquerque, professores renomados da Faculdade de Direito de Recife.

Tornada ao Brasil não entorpeceram nem se anularam os seus desejos pela cultura do espírito, e assim, a cada passo e nas menores feições se aproximava dos livros, freqüentava as bibliotecas, assistia aos jornais e contratava professores que lhe completassem as roupagens da inteligência, para se entregar à vida nas justas proporções de descortinos que antevia nos seus sonhos e nos seus deslumbramentos.¹²⁹

Zahidé Muzart, comentando sobre o perfil de Iñez Sabino enquanto leitora, afirma: “Leitora infatigável, passa da História Universal para a Filosofia e desta para a Literatura, surpreendendo-nos a qualidade das leituras que informavam seu espírito”.¹³⁰ Em sua obra, é grande o número de referências às suas leituras, seja por meio da menção a nomes de autoras(es) e/ou a obras. Destaco, por exemplo, a alusão a autoras brasileiras representativas no século XIX, como Júlia Lopes de Almeida, Josefina Álvares de Azevedo e Elvira de Carvalho, bem como aos livros escritos por mulheres: *Trois ans em Italie*, *Parsis* e *Memórias*, de Nísia Floresta; *D. Narcisa de Villar*;¹³¹ *Lésbia*, *Aurélia* e *Magdalena*, e *Celeste*, de Maria Benedita Câmara Bormann. E ainda o livro *Noites Brasileiras*, da própria autora. O elenco

¹²⁷ PIMENTEL, Alberto. Prefácio. In: SABINO, Iñez. *Lutas do Coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 45.

¹²⁸ SABINO, Iñez. O dia de Natal. *Corymbo*, Rio Grande, 19 jan. 1890, p. 1. Essa crônica foi posteriormente publicada em *Contos e Lapidações*, 1891, p. 162-167.

¹²⁹ COSTA, 1930, p. 116.

¹³⁰ MUZART, 2000, p. 596.

¹³¹ Romance que Iñez Sabino atribui autoria a Anna Lossio Seiblitiz, mas que é de autoria de Ana Luísa de Azevedo Castro. Cf. MUZART, Zahidé L. (org.) Uma precursora: Ana Luísa de Azevedo e Castro. In: CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. Florianópolis: Mulheres, 1997, p. 5-15.

feminino estrangeiro é representado por George Sand, Mme. de Staël e a portuguesa Guiomar Torrezão.

Os autores brasileiros mais citados pela escritora são: Machado de Assis, Raul Pompéia, Tobias Barreto, Visconde de Taunay e Norberto de Souza e Rocha Pita. Entre os títulos de autores brasileiros citados estão *Caramuru*, de Santa Rita Durão; *Sermões*, de Padre Antonio Vieira; *A Guerra dos Mascates*, de José de Alencar; *Marília de Dirceu*, de Tomás Antonio Gonzaga; *Dicionário das flores*, de autor não referido; *João Mornas*, de Julio Claretie; *Compêndio de Moral*, de D. Manoel do Monte Rodrigues de Araújo. Há, ainda, muitas referências a livros religiosos: *Obras de Símeles*, *Picciola*, *A Morte Moral*, *Imitação de Cristo e a Bíblia*.

As referências a autores estrangeiros são muitas: Jorge Cardoso, Manuel da Nóbrega, José Anchieta, Antonio José, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Victor Hugo, Auguste Comte, Émile Littré, Alexandre Dumas, Émile Zola, Sócrates, Tomás de Aquino, Platão, Santo Agostinho, Herbert Spencer, Stuart Mill, Arthur Schopenhauer, Gottfried W. Leibnitz, Georg Hegel, Johann Fichte, Immanuel Kant, Friedrich Schelling, François-Marie Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Théophilo Braga, Alphonse de Lamartine, entre outros.

Ignez Sabino reporta-se, ainda, às obras: *Casa de Bonecas*, de Ibsen; *A Divina Comédia*, de Dante; *Direito Eclesiástico*, de Von Espen; *Theodosiano e La Mére de Famile*, de autores não citados. Além disso, outras referências de leitura são os periódicos *Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias*, *Novo Mundo*, *Jornal Ilustrado* e o *Almanach de Castilho*.¹³²

Do amplo repertório construído a partir, notadamente, de suas leituras, a autora, de forma contínua, resgata personagens bíblicas, históricas e literárias, quais sejam, Salomão, Cristo, Lázaro; Justiniano, Luís VI, Carlos Magno, Napoleão I, Bispo de Nancy, Bento XIV, Anna D'Áustria, Cardeal Belarmino, Semiramis, Zumbi; Beatriz, de Dante, Catharina, de Camões, Laura, de Petrarca, Ofélia, de Shakespeare.

A primeira obra publicada de Ignez Sabino foi o livro de poesia *Ave Libertas* [s.d.]. Sobre essa obra encontrei apenas a seguinte informação de Afonso Costa:

Ave Libertas, estréia promissora, é um poemeto vitorioso pela causa do abolicionismo, com exorcismos intensos à escravaria de então e que merecera ser recitado em 1887, no Teatro S. Isabel, no Recife, por essa outra bahiana que foi dominadora eloqüente do palco nacional, a atriz Ismênia dos

¹³² Refere-se ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, periódico em que a escritora também publicou.

Santos.¹³³

A autora casa-se com o comerciante português Francisco de Oliveira Maia, residente em Recife, com quem teve uma filha. Ignez Sabino e sua família se mudam para São Paulo e, posteriormente, fixam residência no Rio de Janeiro até 1911, ano de sua morte. Segundo Quinlan:

Seu conhecimento de capitais brasileiras e cidades portuguesas possibilitou-lhe a eclosão de fina sensibilidade política e certamente deu forma a seu estudo exploratório da história da brasileira, *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899) e sua investigação psicológica em *Lutas do Coração*.¹³⁴

Como poetisa, Ignez Sabino publica ainda *Rosas Pálidas* (1886) e *Impressões* (1887). A sua estréia no campo da narrativa acontece com *Contos e Lapidações*.¹³⁵ O livro, contendo 340 páginas, composto de 19 contos, 30 poesias e dois artigos, foi muito bem recepcionado pela crítica por alguns anos. Um ano após sua edição, o jornal *Corymbo*, de Rio Grande (RS), publica a seguinte nota:

Com o título supra, acaba a nossa distinta colaboradora, excelentíssima Sra. D. Ignez Sabino Pinho Maia, de publicar na Capital Federal um volume contendo mimosos contos e poesias de sua lavra.

A conhecida escritora tem já, por muitas vezes, embelezado *Corymbo* com suas apreciáveis produções, portanto os nossos leitores podem, desde já, fazer idéia do valor desse novo trabalho de D. Ignez Sabino.¹³⁶

O *Corymbo* publica a resenha de *Contos e Lapidações*, assinada por J.M.M., crítico supostamente português. É ele quem dá a dica ao leitor quando se refere ao “extenso mar” que separa ele da escritora brasileira. A sua avaliação sobre o livro é a seguinte:

Muitos contos de D. Ignez são, a nosso ver, ligeiras narrativas, simples episódios. [...] porém narrativas bem traçadas, desenhos perfeitos, descrições cheias de interesse. [...] Em muitos deles encontramos pensamentos apreciáveis, considerações judiciosas, e estilo atraente, o que recomenda assaz o volume recentemente publicado.¹³⁷

Em 1894, o jornal carioca *A Notícia* publica na coluna “Livros” nota na qual informa o

¹³³ COSTA, 1930, p. 112.

¹³⁴ QUINLAN, Susan Canty. Apresentação. In: SABINO, Ignez. *Lutas do Coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 10.

¹³⁵ SABINO, Ignez. *Contos e Lapidações*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1891. Agradeço a generosidade da pesquisadora Zahidé Muzart que me cedeu o seu exemplar para cópia, na ocasião em que participou de uma banca de doutorado na PUCRS, em setembro de 2005.

¹³⁶ *Corymbo*, Rio Grande, anno VIII, n. 85, p. 02, 19 jun. 1892,.

¹³⁷ M., J.M. *Corymbo*, Rio Grande, n. 94, 21 ago. 1892, p. 01.

preço do livro escrito por Ignez Sabino, 3\$000 (três mil réis), e comenta:

A imprensa tem se manifestado com favorável opinião acerca deste primeiro livro da elegante escritora D. Ignez Sabino, contém 19 contos interessantes, cheios de vida e observações e várias poesias inspiradas.¹³⁸

Ainda como contista, Ignez Sabino publica *Noites Brasileiras*,¹³⁹ uma coletânea de 19 contos e um bosquejo histórico. Impresso em Paris e ornado de gravuras, o livro é dedicado às crianças e aos adolescentes. No prefácio, a autora declara:

Escrevi-o pensando em vós, dedicando-vos estes trechos literários, com flores do jardim da minha alma.
Creio que é o primeiro livro escrito a propósito, em razão de verificar que os que nas escolas dá-se como prêmio, são traduções de escritores franceses ou alemães, sem que aparecesse no Brasil, alguma coisa nesse sentido.¹⁴⁰

No mesmo ano de publicação do livro, Maria Clara Cunha Santos, na coluna “Carta ao Rio”, agradece à autora por lhe ter dedicado o conto “Entre rosas”.¹⁴¹ No ano seguinte, informa que o referido livro rendeu à romancista baiana: “a entrada de sócia correspondente do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, sendo a primeira senhora brasileira que tem tal distinção”.¹⁴² Em 1899, a mesma colunista, além de informar que a nova edição do livro é prefaciada pelo crítico Alberto Pimentel, comemorou a venda de quatro milheiros, fato incomum para uma obra de autoria feminina.

Esse fato, que muito abona a talentosa escritora, é por si um grande elogio e dispensa os meus comentários.
Um livro de que se vendem em pouco tempo, três mil e tantos exemplares, é um livro de merecimento.
Consola e agrada em extremo, principalmente, ao autor que terá os proveitos de seu talento e as algibeiras recheadas... que é o melhor da festa.¹⁴³

Em extrato do catálogo da Livraria H. Garnier,¹⁴⁴ do início do século XX, consta a obra *Noites brasileiras* — no item intitulado Biblioteca Infantil — vendido pelo valor de

¹³⁸ *A Notícia*, Rio de Janeiro, 11 out. 1894. ‘Livros’, p. 02. Comentário sem autoria. Cópia digitalizada do CEDAP. UNESP, Assis/SP.

¹³⁹ SABINO, Ignez. *Noites Brasileiras*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1897. Existe um exemplar dessa 1ª edição na Biblioteca Nacional (RJ), no setor de obras raras. Fiz a leitura entre os dias 12 e 13 de agosto de 2005. A Biblioteca Nacional, através do seu serviço de reprodução de imagens, providenciou-me a digitalização da capa e do prólogo.

¹⁴⁰ SABINO, 1897, p. VIII.

¹⁴¹ SANTOS, Maria Clara Cunha. Carta ao Rio. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, n. 15, p. 69-70, anno I, 15 dez. 1897.

¹⁴² SANTOS, Maria Clara Cunha. Carta ao Rio. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, n. 10, p. 146, anno I, 28 fev. 1898.

¹⁴³ SANTOS, Maria Clara Cunha. Carta ao Rio. *A Mensageira*, [s.l.], v. II, [s.n.], p. 105, anno II, 15 jun. 1899.

¹⁴⁴ HALLEWELL, Laurence. Hippolyte Garnier. In: _____. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 258.

1\$500 (hum mil e quinhentos réis).

Com *Lutas do Coração*,¹⁴⁵ Ignez Sabino inaugura sua carreira de romancista. Na apresentação à edição de 1999, segundo assertiva de Susan Quinlan, a escritora:

faz uma análise psicológica da mulher brasileira, que atravessa as classes sociais. Enfoca os efeitos freqüentemente severos decorrentes da ausência de direitos políticos, econômicos e sociais da mulher numa sociedade classista.¹⁴⁶

A professora da University of Geórgia (EUA) afirma, ainda, que o único estudo crítico existente sobre o romance é o prefácio de Alberto Pimentel, que consta na primeira edição do romance e está reproduzido na edição da editora Mulheres. Nesse estudo, o crítico português observa sobre o romance:

Lutas do coração é um livro de mulher inteligente e justa, que tem palavras generosas de perdão e indulgência, ainda quando o turbilhão das paixões humanas vem, como uma onda brava, salgar os bicos de sua pena. [...] Em toda essa novela, a alma brasileira está fielmente fotografada no êxtase, na vaga eterização que a embriaga de amor e de visões vaporosas. É pois bem um livro que tem a cor do seu país, escrito por uma senhora, que personifica os altos dotes psíquicos, o delicado talento literário, e a originalidade subjetiva de seus conterrâneos. Opulenta destes predicados, a escritora triunfará, e o livro será lido de vontade por todos os brasileiros que amem a sua pátria com fervor igual ao da distinta autora das *Lutas do coração*.¹⁴⁷

Na época de publicação do romance, Ignez Sabino já é uma escritora conhecida em Portugal e a recepção ao livro *Lutas do Coração* é constatada na seção “Publicações recebidas”, do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Conforme comentarista incógnito, o romance:

é um bonito volume de 275 páginas, prefaciado por uma pena ilustre e festejada na literatura portuguesa e adornado com o retrato da autora. Escrito em bela linguagem, adornada por vezes com as galas de um estilo opulento e brilhante, o romance, cujo enredo é de uma grande simplicidade, sobreleva especialmente pela dedicada observação da alma humana e pelo

¹⁴⁵ SABINO, Ignez. *Luctas do Coração*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro Santos, 1898. Um exemplar dessa 1ª edição encontra-se na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, na seção de obras raras do 1º andar. Não houve permissão para fotografar, nem há serviço de digitalização na Biblioteca. A editora Mulheres publicou (em 1999) uma edição fac-similar com atualização do texto, notas e apresentação de Susan Canty Quinlan. Cf. SABINO, Ignez. *Lutas do Coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. As citações desse estudo foram retiradas dessa edição.

¹⁴⁶ QUINLAN, Susan Canty. Apresentação. In: SABINO, Ignez. *Lutas do Coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 7.

¹⁴⁷ PIMENTEL, Alberto. Prefácio. In: SABINO, Ignez. *Lutas do Coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 55.

excelente relevo das figuras.

Sobretudo o tipo de Ofélia, a figura proeminente do romance, essa gentil pecadora, que um amor ardente e sincero redimiu das faltas de um passado infeliz, esse tipo simpático de uma dedicação sem limites, e que vai até ao sacrifício do seu próprio amor, foi esmeradamente estudado pela talentosa romancista.

Mas não é só a parte psicológica do livro que o torna um trabalho interessante e de agradável leitura. Há nele magníficas descrições que põem em relevo aos olhos do leitor muitas belezas e pompas, que a natureza espalhou com profusão naquele país grandioso e exuberante - o Brasil.

É assim que a autora nos descreve a linda Baía de Guanabara, coalhada de centenas de embarcações, e ostentando ao longe as suas formosas ilhas povoadas de casinhas brancas, que parecem rir à luz intensa do sol americano.

É assim também, que cá de bem longe, podemos gozar os encantos da pitoresca Serra da Tijuca, e dali avistamos extasiados essa paisagem encantadora, que tem como pontos dominantes o gigantesco Corcovado com o seu diadema de nuvens, e ao fundo o lençol alvamento das cachoeiras. Estas e outras descrições, que o livro contém, são páginas que só sabe escrever quem, ao talento que possui, reúne a arte de bem manejar a pena.¹⁴⁸

Em 1899, aparece *Mulheres Ilustres do Brasil*,¹⁴⁹ publicado no Rio de Janeiro, pela editora Garnier. No prefácio do livro, a autora indaga: “Por que razão a mulher não poderá ser conhecida pela pena de outra mulher, estudando em si, a psicologia alheia?”¹⁵⁰

Em 1996, a editora Mulheres inicia uma série de publicações com a reedição fac-similar deste livro, considerado um marco na historiografia. Nele, Ignez Sabino resgata nomes esquecidos, já demonstrando preocupação com o apagamento dos nomes de mulheres, que contribuíram para a história do nosso país nas mais diversas áreas. Para Heloísa Buarque de Hollanda,

já em 1899, durante o *rush* republicano de construção de uma História do Brasil, época na qual proliferam as coletâneas de biografias exemplares e os perfis de vultos notáveis, Inês Sabino Maia publica *Mulheres Ilustres do Brasil*. Esta publicação revela um primeiro esforço, como afirma a autora, para tirar as mulheres da ‘barbárie do esquecimento’, projeto que será recorrente e mesmo sintomático da historiografia e da crítica literária femininas em geral. O trabalho de Inês Sabino comprova como bem cedo as autoras mulheres perceberam na legitimidade deste gênero parapedagógico de historiografia um terreno promissor para a escrita de suas histórias e experiências particulares.¹⁵¹

¹⁴⁸ *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1899*, Lisboa, p. LXIV, 1898.

¹⁴⁹ Existe um exemplar dessa 1ª edição na Biblioteca Nacional e outro na Biblioteca Central em Salvador.

¹⁵⁰ SABINO, D. Ignez. Prefácio. In: _____. *Mulheres Ilustres do Brasil*. Florianópolis: Mulheres, 1996, p. VIII.

¹⁵¹ HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *O que querem os dicionários?*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 13.

Hilda Flores tece comentários valiosos sobre o livro:

A maioria das biografadas são mulheres “cívicas”, corajosas patriotas que lutaram por alguma nobre causa ou por ela sacrificaram os filhos. Algumas sucumbiram pela causa que abraçaram [...] Outras cumpriram sua missão cívica, por ocasião de alguma guerra ou catástrofe, e retornaram para o lar, para os cuidados do marido e educação dos filhos.¹⁵²

Apesar de a pesquisadora gaúcha afirmar que Ignez biografa um número menor de intelectuais, são recuperados, ao longo dos textos, muitos nomes de poetisas, romancistas, articulistas e teatrólogas. Entre elas: Hydatina Maupos, Rita Joana de Souza, Lourença Tavares de Hollanda, Ângela do Amaral, Beatriz Brandão, Mary Graham, Julieta e Revocata de Mello,¹⁵³ Mlle. Martineau, Anna Lossio Seibnitz, Baronesa de Mamanguape¹⁵⁴ ou Carmem Freire, Maria Ribeiro, Mme. de Girardin, George Sand, Ignez Ségalas, Mme. Caza Mayor, Worwitha, Guiomar Torrezão, Beatriz Brandão, Bárbara Heliadora, Delphina Benigna da Cunha, Violante Bivar, D. Senhorinha Diniz,¹⁵⁵ Albertina Diniz, Narcisa Amália, Laura Carolina, Maria Helena da Câmara Andrade Pinto, Nísia Floresta Brasileira Augusta e Maria Benedita Câmara Bormann.

Sobre o livro *Mulheres Ilustres do Brasil*, Zahidé Muzart conclui: “Embora algumas afirmações possam ser contestadas, sem esse importante trabalho de memória literária, hoje não teríamos muitas informações sobre algumas importantes escritoras brasileiras”.¹⁵⁶ A maioria dessas escritoras são retomadas nos dois volumes de antologias publicados pela fundadora da editora Mulheres.

Zahidé Muzart cita, como parte da obra de Ignez Sabino, o livro *Esboços Femininos*. Na verdade, trata-se de uma coluna no jornal carioca *A Estação*, para o qual a autora escreve artigos publicados, primeiro quinzenalmente e depois mensalmente, de 15 de abril de 1890 a 15 de março de 1891.¹⁵⁷ Nos artigos, ela traça o perfil biográfico de diversas mulheres do Brasil e do mundo.

¹⁵² FLORES, Hilda Agnes Hubner. Ignez Sabino. In: _____ (org.). *Presença Literária*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997.

¹⁵³ Redatoras do jornal *Corymbo*, Rio Grande.

¹⁵⁴ A escritora possuía um dos últimos salões literários no Rio de Janeiro, do Segundo Reinado. Muito conhecido e prestigiado, acabou por conta da ruína financeira da família e a morte da baronesa em 1891. Cf. BROCA, Brito. *A Vida literária no Brasil - 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005, p. 60.

¹⁵⁵ Foi proprietária do jornal *Sexo Feminino*, primeiro publicado em Minas Gerais, e a partir de 1857 no Rio de Janeiro. O título completo do jornal é *Sexo Feminino: Semanário Literário, Recreativo e Noticioso*. Cf. MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 302-313.

¹⁵⁶ MUZART, 2000, p. 594.

¹⁵⁷ Catalogação feita por mim na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em agosto de 2006 e janeiro de 2008.

Além da bibliografia aqui mencionada, Zahidé Muzart acrescenta *Através dos meus dias* [s.d.] e Kátia Bezerra menciona *O crime de amor* [s.d.], *Memórias do meu país* [s.d.] e *Psicologia de vários homens de letras* [s.d.].¹⁵⁸ O jornal *Corymbo* também divulga uma nota sobre Ignez Sabino, na qual informa às(aos) leitoras(es) sobre uma nova obra que estaria no prelo. Todavia, durante a pesquisa, não localizei o livro ou qualquer outra referência sobre ele:

Esta nossa ilustre colaboradora acaba de escrever-nos da Capital Federal, enviando alguns dos seus belos trabalhos literários, para as colunas do *Corimbo*. A distinta autora dos *Contos e Lapidações*, colabora semanalmente para o bem elaborado órgão da imprensa diária daquela capital – *O Tempo*. Breve contará a literatura nacional mais um valioso trabalho devido à pena da gentil escritora, e no qual emprega ela atualmente todas as suas horas de lazer. A obra em questão tem por título *Um louco do século*, e pertence à escola naturalista.

Que venha o quanto antes é o que sinceramente almejamos.¹⁵⁹

Ignez Sabino foi uma das escritoras brasileiras que mais publicou na imprensa do século XIX no Brasil: Alagoas (*A União Acadêmica*); Bahia (*Diário da Bahia*); Pernambuco (*Revista da Sociedade Ave Libertas do Recife*); Rio Grande do Sul (*Corymbo e Escrínio*); Rio de Janeiro (*Almanaque Brasileiro Garnier, Echo das Damas, A Estação, Jornal do Brasil, A Semana, O Tempo*); São Paulo (*A Mensageira*). Fundou, juntamente com Josefina Álvares de Azevedo, o jornal *A Família* (RJ):

Os assuntos sociais mereceram o seu carinho maior, primeiro advogando o abolicionismo, com o *Ave Libertas*, apoiando a República, proclamando a necessidade de alfabetização nacional, cuidando desveladamente o futuro da mulher brasileira, e depois refundindo essas idéias e conceitos em novelas e romances, que por aí adentro se difundem com prestimosa divulgação.¹⁶⁰

A própria escritora fala da sua atividade intelectual em várias áreas do conhecimento, no jornal *Corymbo*:

Desde que me lancei há vários anos neste labirinto intrincado que se chama literatura, os estudos históricos também têm chamado a minha atenção, porque, dedicando-me também a estudos psicológicos, eu creio que existe a grande necessidade de se cuidar da psicologia da história...¹⁶¹

Em Portugal, Ignez publica textos no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* e no *Almanach das Senhoras*. O primeiro almanaque citado presta uma “afetuosa homenagem” à

¹⁵⁸ Nenhuma dessas cinco obras citadas foi encontrada.

¹⁵⁹ *Corymbo*, Rio Grande, anno VIII. n. 96, p. 02 e 03, 5 set. 1892.

¹⁶⁰ COSTA, 1930, p. 112.

¹⁶¹ SABINO, Ignez. Impressões de leitura. *Corymbo*, Rio Grande, 01 jan. 1903, p. 01.

escritora, publicando uma biografia com foto. Entre informações biobibliográficas e comentários sobre sua obra, o autor, não referido, declara:

Alma cheia de entusiasmo e de nobres sentimentos e trabalhadora infatigável, a sua pena está sempre pronta para exaltar a mulher, para advogar a causa do progresso, e para se ocupar resolutamente de todos os assuntos generosos. Escritora fluente e dispendo de estilo vigoroso, ilustradíssima, versada nos estudos históricos, muito seus prediletos, o seu nome figura, ao lado do seu ilustre pai no Dicionário Bibliográfico Brasileiro do Dr. Blake.¹⁶²

Cabe aqui transcrever o texto “Ignez Sabino”, de Damasceno Vieira, publicado no segundo almanaque referido, porque ele traz algumas informações sobre a bibliografia da escritora baiana, desconhecida pelas pesquisas feitas no Brasil até o presente momento:

É uma das escriptoras brasileiras que mais offerendas levam ao sagrado templo da Arte. Durante o grande movimento abolicionista que se operou no Brazil, a nossa distincta collega tomou parte proeminente na humanitaria causa e produziu um bello poemeto, *Ave, Libertas!*, que foi recitado, com calorosos applausos, em Pernambuco, pela notavel actriz brasileira Ismênia dos Santos. A sympathica e infatigavel litterata pernambucana tem publicado dois livros de versos: *Rosas Pallidas* e *Impressões*, e uma collecção de escolhidos contos e poesias, sob o titulo *Contos e Lapidações*. Tem promptos, a entrar no prélo, dois romances, que indubitavelmente farão successo: *Luctas do Coração* e *Alma de Artista*,¹⁶³ e um novo livro de contos + *Quadros e Molduras*. Consagra-se com equal fervor a estudos de historia e sobre este assumpto escreveu: *Esboços Femininos*,¹⁶⁴ pequenas biographias de mulheres célebres de todos os paizes, desde a antiguidade até ao presente; *Mulheres Illustres do Brazil*; *Litteratura Brasileira Escolar*; *Photographias Masculinas*, apreciações sobre litteratos contemporaneos, e *Atravez dos meus dias*, autobiographia da auctora. Ignez Sabino mereceu já a distincção de occupar o logar de presidente de duas companhias litterarias. É collaboradora assidua das revistas *Progresso Educador* e *Estação*, que se publicam no Rio de Janeiro, e escreve para o *Jornal do Brazil*, *Paiz*, *Diario Popular* de S. Paulo, *Diario de Santos* e outros.¹⁶⁵

Em 1906, a escritora está sofrendo com a expectativa de uma eminente cegueira. No artigo “Nuvem branca”,¹⁶⁶ Ignez retoma a metáfora da nuvem, antes utilizada como mote para as suas poesias, para mostrar como ela se transformara em uma “lama traiçoeira” que encobria

¹⁶² IGNEZ Sabino. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1897*, Lisboa, p. 309, 1896.

¹⁶³ Esse romance é citado em muitas biografias da autora, mas nunca foi encontrado em bibliotecas, sebos ou acervos particulares. Curiosamente Ignez Sabino publica um capítulo no *Almanach de Lembranças para o ano de 1901*. Essa é, até o momento, a única existência real (pista) do que teria sido o texto original.

¹⁶⁴ Artigos publicados de 15 de abril a 31 de dezembro de 1890 no jornal *A Semana*, do Rio de Janeiro. Conforme catalogação feita por mim na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em agosto de 2006.

¹⁶⁵ VIEIRA, Damasceno. Ignez Sabino. *Almanach das Senhoras para 1897*. Lisboa, p. 109-110, 1896.

¹⁶⁶ SABINO, Ignez. Nuvem Branca. *Corymbo*, Rio Grande, 21 out. 1906, p. 02-03. Artigo publicado em duas partes, porém só encontrei a 1ª parte.

a “retina de uns olhos tranqüilos”. A autora expõe toda a sua apreensão pela *nuvem* que lhe encobria a vista, privando-lhe do trabalho intelectual e literário, atividade que movia a sua existência. A doença impossibilitou-a de ler e escrever por vários meses e deixou-a na incerteza da cura e na cruel dúvida sobre se algum dia tornaria ler e finalizar, para publicação, os originais que aguardavam pacientes na gaveta:

Sem ler uma linha, contudo, comovida pegava nos manuscritos limados, outros em borrão, alguns deixados em meio, contava-lhes as folhas, fazia-lhes a autópsia, para em seguida beijá-los guardando-os com carinho materno.¹⁶⁷

A autora finaliza essa primeira parte do texto afirmando que a cegueira imprime a marca da tristeza, pois impossibilita ao cego ver a “estética das coisas”, apesar dos exemplos de grandes obras deixadas por consagrados poetas cegos, como Castilho Milton e Homero.

Em 1909, o *Almanaque Garnier*¹⁶⁸ publica uma longa nota biográfica sobre a escritora:

A ilustre escritora brasileira, Ignez Sabino, que tão extensa reputação granjeou nas letras brasileiras, é filha do célebre médico brasileiro Dr. Sabino Olegário Ludgero Pinho, autor de vários tratados de medicina homeopática.

Ignez Sabino foi educada na Europa onde aprimorou as qualidades artísticas e literárias que logo cedo se manifestaram no seu espírito; a morte do seu progenitor impediu que alcançasse o diploma de Bacharel em Letras, a que aspirava.

Escreveu e ainda escreve para vários jornais do Norte. No meio de tanta passividade, ela é formosamente ativa; e, já no tempo do *Ensilhamento* foi presidente de duas companhias; ela é da Academia Pernambucana, da Academia Cearense de Letras, do Instituto Bahiano, do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco e de inúmeros grêmios artísticos, literários e científicos.

Fez parte do Congresso Científico Latino Americano onde com a fascinação feminina, fez figura proeminente.

As suas obras principais são: *Noites Brasileiras*, *Mulheres Ilustres do Brasil* (editora Garnier), *Contos e Lapidações* (editora Laemmert), *Lutas do Coração* (editora J. Santos) Não é para estranhar que a vejamos um dia ocupando um *fauteuil* da nossa Academia Brasileira, o que parece ser talvez a sua aspiração. Para nós a quem ela revelou as jóias do seu escrínio, não é segredo que a escritora ilustre possui manuscritos preciosos que rouba ciosamente à luz pública, mas que provavelmente serão publicados. Nas mais célebres revistas e ilustrações de Portugal e do Brasil e em vários Almanques tem saído o seu retrato com a competente biografia, não porque haja solicitado, mas por que os seus admiradores lhe violentam o comedido e discreto valor da sua modéstia, que é grande como soe ser a dos verdadeiros talentos.

¹⁶⁷ SABINO, 21 out. 1906, p. 03.

¹⁶⁸ *Almanaque Brasileiro Garnier* para o ano de 1909, p.432-433, anno VII, 1908.

Enviando estas linhas ao “Almanaque Garnier”, acreditamos que correspondemos à opinião esclarecida que proclama os dotes e merecimentos da ilustre escritora brasileira.

Em 1914, o jornal *Corymbo* publica o necrológico da escritora, faz o percurso biográfico e finaliza com as seguintes observações:

Deixou o mundo no fatal ano de 1911, quando estava suspensa a publicação desse quinzenário que por esse motivo não lhe prestou a devida homenagem. Presta-a nessa data, depondo um ramo de rosas e violetas sobre o seu túmulo, e trasladando para estas colunas que ela tanto distinguiu, um dos seus belos trabalhos literários.¹⁶⁹

A pesquisadora Zahidé Muzart reclama a falta de trabalhos mais aprofundados sobre essa escritora baiana que foi poetisa, contista, romancista, biógrafa, memorialista, articulista, musicista e que deixou uma vastíssima obra que precisa ser resgatada, estudada e incluída nas histórias da literatura brasileira da contemporaneidade.

4.1 A imprensa feminina brasileira

*Durante a segunda metade do século XIX, um pequeno grupo pioneiro de feministas brasileiras proclamou sua insatisfação com os papéis tradicionais atribuídos pelos homens às mulheres. Principalmente por meio de jornais editados por mulheres, agora esquecidos, surgidos nessa época nas cidades centro-sul do Brasil, elas procuraram despertar outras mulheres para seu potencial de autoprogresso e para elevar seu nível de aspirações. Tentaram incitar mudanças no status econômico, social e legal das mulheres no Brasil.*¹⁷⁰

A literatura feminina no Brasil vai merecer destaque somente a partir dos anos 20, do século XX. Entretanto, essa literatura foi amplamente divulgada em jornais do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto naqueles criados pelas próprias mulheres. Elas sentiram a necessidade de lutar por seus direitos: à educação, para melhor educarem seus filhos, à profissão, ao voto, ao divórcio. Muitos foram os periódicos fundados por mulheres no Brasil, do século XIX, principalmente no Rio de Janeiro por ser a capital federal, além de ser o centro intelectual e a maior cidade do país. Esses jornais circulavam semanalmente ou quinzenalmente, possuindo de quatro a oito páginas, e sobreviviam quase que exclusivamente

¹⁶⁹ *Corymbo*, Rio Grande, p. 02, 31 dez. 1914.

¹⁷⁰ HAHNER, June E. As mulheres e os direitos da mulher no Brasil de meados do século XIX. In: _____. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. Tradução de Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 25.

de assinaturas.

Entre figurinos, receitas culinárias, moldes de trabalhos manuais, conselhos de beleza, contos e folhetins, os artigos publicados nos jornais femininos defendiam a educação da mulher como condição de sua racional emancipação.¹⁷¹

Todavia, como diz a autora da epígrafe, estão completamente esquecidos e o acesso a eles é muito difícil, porque muito deles se encontram em estado de completa deterioração. Ou ainda não é possível encontrá-los em bibliotecas públicas. Há também outro problema: a historiografia tradicional considerou que não eram importantes e não se ocupou de estudá-los. Como exemplo, temos o precioso estudo de Nelson Werneck Sodré sobre a história da imprensa no Brasil,¹⁷² no qual faz apenas uma referência ao periódico carioca *Jornal das Senhoras*, na p.186, e ao rio-grandense *Corymbo*, na p. 230.

Foram as próprias mulheres que começaram estudar e resgatar o disperso e instigante material. Duas pesquisadoras, a brasileira Dulcília Schroeder Buitoni e a norte-americana June E. Hahner, são pioneiras em tratar da imprensa feminina brasileira. Seus livros,¹⁷³ publicados no mesmo ano, 1981, são indispensáveis para quem estuda os jornais femininos brasileiros, juntamente com o livro de Maria Thereza C.C. Bernardes, publicado em 1988,¹⁷⁴ e o importante trabalho de Maria Fernanda Batista Bicalho.¹⁷⁵

Na atualidade, apesar de sabermos que não é simples nem fácil determinar a origem, é interessante pontuar o início da circulação, no Brasil, dos periódicos direcionados, especificamente, ao público feminino e outros dirigidos e editados por mulheres. O primeiro periódico feminino brasileiro foi *O Espelho Diamantino*, lançado em 1827, no Rio de Janeiro, quase 20 anos depois da chegada da imprensa no Brasil. O jornal trazia o atributo “Dedicado às senhoras brasileiras”.¹⁷⁶ Segundo Buitoni, a imprensa feminina surgiu sob a égide da literatura, seguida da moda, atinente ao vestuário. Assim afirma a pesquisadora:

Os primeiros jornais para mulheres, [...] preferiam literatura, correspondência de editores e leitoras, pequenas crônicas sociais e

¹⁷¹ BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988, p. 11.

¹⁷² Sodré, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro; Mauad, 1990.

¹⁷³ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981. HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. Tradução de Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981.

¹⁷⁴ BERNARDES, Maria Thereza C.C. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – século XIX*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

¹⁷⁵ BICALHO, 1988.

¹⁷⁶ Essa foi a única informação que consegui sobre o jornal. (Cf. BUITONI, 1981, p. 37.)

comentários sobre espetáculos. O correio era o suporte principal da imprensa nessa época, de modo que cartas e respostas ocupavam bastante espaço em suas páginas. O critério de utilidade para a vida cotidiana das leitoras ainda não imperava – a imprensa feminina objetivava um certo esnobismo e verniz cultural.

Moda significava gravuras de trajes geralmente mais festivos, nas suas primeiras incursões nos jornais femininos. Detalhes de bordados, punhos e golas foram sendo acrescentados, até que surgiram os moldes, na metade do século XIX. Os moldes trouxeram a democratização da moda e continuam até nossos dias com títulos especializados como *Burda* (Alemanha) e *Manequim* (Brasil).¹⁷⁷

Em outro livro, Dulcília Buitoni completa que nos jornais femininos todo tipo de informação era bem vinda:

Poesias, receitas de bolo, reportagens, figurinos, consultório sentimental, artigos de psicologia, entrevistas, testes, horóscopos, contos, fofocas, maquilagem, plantas de arquitetura, moldes, saúde, educação infantil, tudo parece caber dentro da imprensa feminina. Sua área de abrangência parece infinita: embora freqüentemente ligados ao âmbito doméstico, seus assuntos podem ir da dor de dente no filho de sete anos à discussão da política de controle de natalidade, passando pelos quase inevitáveis modelos de roupa e pelas receitas que prometem delícias.¹⁷⁸

[...]

Quando o meio impresso era a única forma de divulgar e debater idéias, a imprensa feminina teve um importante papel na luta pelos direitos da mulher, chegando a conseguir a feitura de leis e outras significativas vitórias. Nos séculos XVIII e XIX, tivemos vários periódicos femininos como reais instrumentos de mobilização.¹⁷⁹

A partir de 1850, surgiram as primeiras organizações de mulheres que lutavam pelo direito à instrução e ao voto e que, conseqüentemente, alcançaram algumas vitórias: as mulheres solteiras podiam administrar sua propriedade, e o código comercial (de 1850) permitia que as donas de negócios depois de casadas continuassem a dirigir seus estabelecimentos comerciais. De acordo com pesquisas, o primeiro jornal fundado por uma mulher teria sido o *Jornal das Senhoras* (RJ, 1852-1855), por Joana Paula Manso de Noronha.¹⁸⁰ Porém, Zahidé Muzart¹⁸¹ corrige o equívoco, informando que teria sido o *Belona*

¹⁷⁷ BUITONI, 1981, p. 62-63.

¹⁷⁸ BUITONI, Dulcília S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990, p. 8.

¹⁷⁹ Id. *Ibid.*, p.71.

¹⁸⁰ Em suas pesquisas, Dulcília Buitoni observa a controvérsia em relação a quem seria a redatora do jornal. Segundo ela, Gondin da Fonseca diz ser D. Cândida do Carmo Souza Menezes, talvez a primeira mulher jornalista do Brasil, quem redige o jornal. Nelson Werneck Sodré afirma que foi a baiana Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e os *Anais da Biblioteca Nacional* cita o nome de Joana Paula Manso de Noronha. Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes diz que o jornal foi fundado por Joana Paula, seis meses depois passou a ser dirigido por Violante de Bivar e, após um ano, passou para Gervásia Nunésia Pires dos Santos Neves. O nome de Cândida Menezes não aparece. Cf. BERNARDES, 1988, p.103. Marlyse Meyer também confirma a informação. Cf. MEYER, 1996, p. 299.

¹⁸¹ MUZART, Zahidé Lupinacci. Considerações sobre o primeiro periódico dirigido por uma mulher. In: FLORES, Hilda Agnes Hubner (org.). *Presença Literária 2005*. Porto Alegre: EDIPLAT, 2005, p. 205-212.

Irada contra os Sectários de Momo, por Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, no Rio Grande do Sul, em novembro de 1833 e cessado em 21 de Janeiro de 1834. Como não foi possível encontrar o jornal referido por Muzart, teço alguns comentários sobre a publicação de Joana Paula.

O *Jornal das Senhoras*, com o subtítulo “Modas, literatura, belas artes, teatro e crítica”, é o primeiro a contar com mulheres na redação. Lançado no Rio de Janeiro, em 1º de janeiro de 1852, o periódico era editado somente aos domingos. Hahner, que pesquisou o jornal, afirma:

No editorial introdutório, afirmou sua intenção de trabalhar para ‘o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher’. Reconhecia a novidade que era para uma mulher editar um jornal no Brasil. As pessoas perguntariam: ‘que bicho de sete cabeças será?’. Ela sabia que falar nos direitos, na missão da mulher em sua educação provocaria afirmações de que ‘isto não é lectura que se deva permitir nas casas de família’.¹⁸²

[...]

No primeiro exemplar, Joana Manso solicitava colaboradoras, recomendando com insistência para que ‘não temais dar expansão a vosso pensamento’ pois prometia ser ‘o confidente discreto das vossas produções literárias’, publicando suas contribuições anonimamente, e reassegurava com firmeza que ‘não temais confiar-mo-las’.¹⁸³

Muitas leitoras responderam ao seu chamado. Há elogios e agradecimentos à coragem de Joana Manso. Conforme depoimento de uma leitora, ela desenvolveu “a inteligência das mulheres e em lutar pelos seus direitos. Para mostrar-lhe gratidão, tornar-se-ia uma colaboradora, se fosse tão capaz quanto à editora”.¹⁸⁴ Outra escreve agradecendo ao jornal pelo fato de abrir um espaço para que as mulheres saíssem do “estado de vegetação” em que se encontravam e pudessem exercitar seus talentos. Todavia, as leitoras, de um modo geral, mostraram hesitação e temor em atender aos apelos de Joana Manso.

Em *Jornal das Senhoras*, as mulheres e suas relações sociais norteavam os assuntos tratados. Assim, os temas variavam, por exemplo, o modo como os homens encaravam as mulheres: bonecas ou crianças mimadas e para serem consideradas modestas e decentes era preciso andar sempre cabisbaixa e falando pouquíssimo. Contra esse pensamento, Joana sugeria: “cumpria melhorar a educação das mulheres e os homens deviam deixar de

¹⁸² HAHNER, June E. O início da imprensa feminina. In: _____. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. Tradução de Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 34.

¹⁸³ Id. *Ibid.*, p. 39.

¹⁸⁴ Id. *Ibid.*, p. 39.

considerá-las ‘como sua propriedade’ ”.¹⁸⁵ Outro assunto muito comum, segundo Hahner, era a diferença de perspectiva do homem e da mulher em relação ao casamento. Para a mulher, o matrimônio era o fim da existência, pois sempre encontrava decepção, abandono e tirania, já que o marido, geralmente, a tratava como escrava ou como propriedade, juntamente com os cavalos e as botas que usava. Para o homem, era apenas uma questão de satisfação dos desejos, ou, ainda, uma maneira de assegurar sua fortuna.

O problema então, segundo Joana Paula Manso de Noronha era convencer o homem, não a mulher, da ‘injustiça com que é tratada’, uma vez que as mulheres reconheciam ‘perfeitamente a tirania do homem’.¹⁸⁶

Seis meses após a estréia do periódico, problemas financeiros obrigaram Joana Manso a passar o jornal para Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco. A princípio, ela declara a intenção de seguir o caminho iniciado por sua antecessora. Todavia, seu entusiasmo e prioridades eram diferentes daqueles defendidos por Joana Manso:

D. Violante empregou a figura da Virgem Maria mais do que Joana em seus esforços para ajudar a mulher brasileira a subir ao pedestal e tornar-se um venerado símbolo de amor. Apesar da aptidão da mulher brasileira para a educação e de seu direito à liberdade, o *Jornal das Senhoras* projetou uma imagem dela como uma figura passiva e gentil, por ela ser ‘essa santa companheira, essa irmã de Maria, simples e humilde’.¹⁸⁷

Segundo Hahner, apesar das colaboradoras demonstrarem ainda muita timidez, “deram um pequeno passo na estrada em direção a superar seus medos e a se tornarem mais conscientes dos problemas que enfrentavam”.¹⁸⁸

Quase uma década depois do fechamento do *Jornal das Senhoras*, ocorre a publicação de *O Bello Sexo*¹⁸⁹ (1862 - ?), periódico religioso, de instrução e recreio, noticioso e crítico moderado. Editado também aos domingos, teve curta duração. A redação do periódico era realizada por várias senhoras, sob a coordenação da redatora-chefe e editora Júlia de Albuquerque Sandy, que logo no primeiro número esclarece às suas leitoras sobre as metas do periódico:

vinha a público para provocar a manifestação feminina na imprensa a favor do progresso social, dar oportunidade ao desenvolvimento de grandes

¹⁸⁵ HAHNER, 1981, p. 35.

¹⁸⁶ Id. Ibid., p. 36.

¹⁸⁷ HAHNER, 1981, p. 41.

¹⁸⁸ Id. Ibid., p. 42.

¹⁸⁹ A pesquisadora Maria Bicalho informa-nos que só conseguiu ter acesso aos seis primeiros números do jornal que se encontram na Biblioteca Nacional.

capacidades existente entre as mulheres, olhadas com indiferença pelos homens de letras.¹⁹⁰

Júlia Aguiar, dando um passo à frente, insiste em dizer que não publicaria artigos sem assinatura e que não queria suas colaboradoras desconhecidas umas das outras. Outro aspecto interessante é o fato das redatoras reunirem-se todos os domingos para discutirem os assuntos que seriam publicados.

De fato, um grupo de mulheres encontrava-se uma vez por semana a fim de discutir temas para publicar em ‘O Bello Sexo’. O número delas aumentava prontamente, de dez na primeira sessão para trinta e sete na quinta. Através de suas discussões, novos pontos de vista e idéias foram trazidos à tona e elas puderam expressar-se livremente.¹⁹¹

Segundo Maria Thereza C. C. Bernardes, a prática de agrupamento com fins deliberativos, tendo como finalidade a pauta jornalística, ampliou-se para outros periódicos. Dessa forma, a reunião de mulheres, visando à realização de trabalhos diversificados, contava com a participação de colaboradoras de jornais variados da Corte e mantinha articulação com periódicos de todo país. Por conseguinte, as mulheres assumiam a posição de liderança, “conquistando auto-afirmação e reconhecimento público do directo de manifestação das próprias idéias numa época de tantas restrições ao papel feminino, voltado quase exclusivamente ao lar”.¹⁹² O relacionamento mais íntimo e o mútuo estímulo entre elas faziam emergir grupos de mulheres com interesses afins. Assim, as idéias e as atividades desenvolvidas eram reconhecidas e repercutidas dentro e fora do país, como veremos nos estudos adiante, nos quais me volto para análise de dois periódicos portugueses.

Os lucros obtidos com a venda do jornal eram doados à *Imperial Sociedade Amante da Instrução*, um colégio de órfãs do Rio de Janeiro. Imprensa feminina e filantropia, conforme explicitarei na sequência, “sempre andaram de mãos dadas. Tanto uma quanto outra, foram formas talvez pioneiras de atuação das mulheres no espaço público”.¹⁹³

Francisca Senhorinha da Motta Diniz criou em 1873, em Campanha (MG), o jornal feminista *O Sexo Feminino* (1873-1876), semanário dedicado aos interesses da mulher. A fundadora tinha como colaboradoras, as próprias filhas. Em 1875, instalou-se no Rio de

¹⁹⁰ AGUIAR, Júlia de Albuquerque Sandy. *Bello Sexo*. Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1862, p. 1 (apud BERNARDES, 1988, p. 103).

¹⁹¹ HAHNER, 1981, p. 42.

¹⁹² BERNARDES, 1988, p. 112.

¹⁹³ BICALHO, 1988, p. 104.

Janeiro. Diferenciando os jornais feministas dos demais jornais dirigidos por mulheres, Hahner comenta que eles dedicavam menos espaços à moda “deixando os caros clichês de modas e motivos de bordado aos seus competidores não-feministas”.¹⁹⁴ No primeiro exemplar, manifestando a importância da educação para as mulheres, Francisca Diniz aconselha:

Em vez de pais de famílias mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa, etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional perfectamente, e depois, economia e medicina domésticas, a puericultura.¹⁹⁵

Em 1875, Senhorinha transfere o jornal para o Rio de Janeiro – pois considerava o carioca sempre solícito às idéias de progresso – onde reimprimiu os dez primeiros números e conseguiu manter o jornal por um ano, alcançando uma tiragem de 800 exemplares com assinaturas de diversas partes do império. Entre os assinantes do jornal estavam D. Pedro II e sua filha, a princesa Isabel. Para conquistar a simpatia de um público maior e garantir a livre entrada nas casas das famílias brasileiras, o periódico acentuava “o cuidado especial” com que era redigido e informava a publicação de artigos sobre moralidade e religião.¹⁹⁶

Depois da Proclamação da República, Francisca Diniz reativa seu jornal, agora com o nome de *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. A jornalista atacou em seus artigos, a falta de conhecimento e de consciência das mulheres e alertava suas companheiras de sexo de que só com a educação poderiam criar os filhos de maneira adequada, compreender as finanças da casa e negócios da família e aprender tudo mais o que quisesse para se profissionalizar.

D. Francisca não apenas declarou que as mulheres eram melhores professoras primárias como também que este campo deveria ser entregue exclusivamente a elas, abrindo assim a chance de mais empregos para as mulheres. [...] Insistia que todas as outras carreiras fossem abertas às mulheres, uma vez que elas não eram inferiores aos homens. [...] defendia a idéia essencial de que a dependência econômica determinava a subjugação feminina e de que uma educação melhor poderia ajudar a elevar o status da mulher.¹⁹⁷

June Hahner, comentando sobre a atuação persistente da professora mineira, conclui:

¹⁹⁴ HAHNER, 1981, p. 58.

¹⁹⁵ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 52.

¹⁹⁶ HAHNER, 1981, p. 58.

¹⁹⁷ Id. Ibid., p. 55.

D. Francisca acreditava no progresso e mantinha-se confiante e otimista, convencida da importância e do sucesso final de sua causa, o que ela descrevia na prosa florida do período. Em seus últimos jornais ela já fala mais diretamente de igualdade de direitos para as mulheres, inclusive o voto, muito antes de que um movimento sufragista organizado surgisse no Brasil.¹⁹⁸

A imprensa feminina formou uma rede de comunicação que construiu uma identidade feminina baseada em troca de informações que ligavam escritoras de norte a sul do país, impossibilitando, dessa forma, que elas ficassem isoladas. Conforme Hanner, “em 1890 o número de mulheres que editavam esses jornais ou neles escreviam era suficientemente grande para proporcionar apoio mútuo e intercâmbio intelectual”.¹⁹⁹ Esse diálogo se mantinha à base de citações mútuas, críticas e troca de sugestões.

Comentando sobre a imprensa feminina no século XIX, Telles afirma:

Esses periódicos, como outros da época, fizeram campanhas pela educação da mulher. Muitas vezes essas campanhas apareciam ligadas ao reforço do papel de mãe, de boa esposa, de dona de casa. No contexto, no entanto, a contribuição é valiosa e era importante enaltecer a mulher tanto dentro quanto fora de casa. Havia evidentemente diferenças de opiniões entre as articulistas, umas mais radicais, outras menos. A questão do voto feminino ainda não era tratada diretamente, mas os jornais contornavam noticiando amplamente lutas e conquistas em outros países. Em todos os números, havia uma grande quantidade de textos literários escritos por mulheres. A profissionalização começava então a se abrir para as mulheres, e as articulistas estavam atentas para todas as possibilidades, bem como para todos os obstáculos e entraves. Júlia Lopes de Almeida fazia até mesmo uma campanha por creches e jardins de infância.²⁰⁰

Entre muitos outros nomes que ainda poderiam ser citados aqui, destaque, para estudo neste capítulo, os periódicos em que Ignez Sabino colaborou no Rio de Janeiro, respectivamente: *Echo das Damas* (1879-1888), *A Família* (1888 -1897), *A Mensageira* (1897-1900); e dois publicados no Rio Grande do Sul: *Corymbo* (1883-1943) e *Escrínio* (1898-1910).

¹⁹⁸ HAHNER, June E. Os primórdios da imprensa feminista no Brasil. In: _____. A mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.79-80.

¹⁹⁹ HANNER, 1981, p. 64.

²⁰⁰ TELLES, Norma. Escritoras, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p.427.

4.1.1 *Echo das Damas* (RJ, 1879-1888)

*Defender os interesses da mulher é a idéia com que se apresenta a redacção do Jornal “Echo das Damas” na grande imprensa. A nossa folha advoga uma causa santa que deve de merecer a consideração de todos aquelles que se interessão pelo progresso moral deste paiz.*²⁰¹

O periódico surge em 18 de abril de 1879, no Rio de Janeiro. Em seu primeiro número, a “folha” traz o seguinte subtítulo: “Órgão dedicado aos interesses da mulher: crítico, recreativo, científico, litterário e noticioso”, de propriedade de Amélia Carolina da Silva Couto & Comp. Logo no primeiro número aparece, na página inicial, informações relevantes: endereço do escritório, que ficava à Rua da Ajuda, nº 75; preço da assinatura anual, que correspondia ao valor de 6\$000 e semestral a 4\$000; e, em destaque, o aviso segundo o qual “os anúncios das senhoras assinantes seriam incluídos gratuitamente”.

Carolina Couto, no “Editorial”, explica que o objetivo da publicação é defender os interesses da mulher. Para concretizar sua intenção, espera:

o auxílio e empenho efetivo de todas as mulheres porque aquela iniciativa abre-lhes as portas de um futuro mais brilhante, destruindo os preconceitos que afastavam o sexo fraco dos labores da ciência e de outra missão mais útil perante a humanidade.²⁰²

Com o intuito de provar que a mulher instruída poderia prestar importante serviço ao “mundo ilustrado”, a articulista cita o exemplo das americanas que já eram recebidas nas academias. Reivindica para as mulheres o desempenho das funções de professora e médica, alegando que elas estariam capacitadas, na prática, para exercerem tais profissões, visto que cuidam com muito mais dedicação, dos doentes sob suas responsabilidades e ensinam as primeiras letras aos filhos com extremado carinho, mesmo que com pouca instrução.

A autora do editorial denuncia que as mulheres vivem num “círculo de ferro”, quando muito, elas recebem pequenas noções de língua materna, tornando-se, assim, um autômato que se move à vontade do homem. Por sua vez, as mulheres reproduzem a mesma carência na educação das filhas, que crescem entre a vaidade da formosura e o perigo da ignorância. Conforme Carolina Couto, a mulher estudiosa — laureada por uma universidade — está mais no caso de receber a confiança e atenção da sociedade e, principalmente, das senhoras do que

²⁰¹ COUTO, Carolina. Editorial. *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, anno I, 18 abr. 1879, p. 01. Os números citados aqui foram digitalizados pelo CEDAP/UNESP ASSIS (SP) e pela Biblioteca de Rio Grande (RS).

²⁰² Id. Ibid., p. 01.

qualquer homem nas mesmas condições.

Ao final do editorial, Carolina Couto acalma os possíveis leitores, preocupados com as iniciativas femininas, ao justificar que não pretende encher a mente das mulheres com "loucas fantasias", nem deseja "povoar-lhes o espírito de perniciosas aspirações aos triunfos da política". A editora explicita o tipo de mulher educada, para quem ela advoga em causa: "ilustrada sob o ponto de vista humanitário e nunca debaixo da pressão e dos erros dos partidos militantes".

Em seu primeiro número, o jornal inicia a publicação do texto: "A mulher na família e a mulher na sociedade",²⁰³ de Maria Amália Vaz de Carvalho. Por meio desse texto,²⁰⁴ a autora questiona os motivos sociais, que resultaram na imposição às mulheres (referindo-se, especialmente, às portuguesas) da obrigação de se apresentarem com figurino e penteado irretocáveis. Ou seja, segundo Amália de Carvalho, as mulheres utilizavam todos "os recursos da imaginação" para agradarem aos maridos e à sociedade, ao ponto de serem "submissas escravas" para representarem à altura seu papel "no palco".

O *Echo das Damas* publicava notícias sobre mulheres famosas, as que galgaram espaços de excelência no mundo público e as que protagonizaram fatos históricos, ocorridos em outros países. O repertório, assim conduzido, funcionava como tática de convencimento das habilidades e aptidões intelectuais e profissionais das mulheres. Em agosto de 1880, mesmo ano em que foi suspensa a circulação do jornal, Maria Amália publica o texto "As mulheres do século XVIII na França".²⁰⁵ A autora portuguesa enfatiza a participação das mulheres no país de Voltaire e Rousseau, constatando:

os que têm folheado as crônicas e as memórias do século XVIII, conhecem a influência profunda que durante ele as mulheres exerceram sobre as letras, e as salas exerceram sobre as academias.

Maria Amália cita Mme. Geoffrin, madame du Chatelêt, Mlle. de Lespinasse, Mme. du Tencin, Mme. du Deffaud, Mme. d'Épinay, Mme. de Grafigny, Mme. de la Tour Franqueville, Mme. de Staël Delaunay, como representantes importantes de uma geração de mulheres francesas, pois, conforme a autora, "a nova geração" fazia questão de apagar seus

²⁰³ CARVALHO, Maria Amália Vaz. A mulher na família e a mulher na sociedade. *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1879, p. 01. Texto também publicado no *Almanach das Senhoras* para 1880 em forma de artigo.

²⁰⁴ Não foi possível acompanhar a trajetória do folhetim, pois só tive acesso a alguns números do jornal.

²⁰⁵ CARVALHO, Maria Amália Vaz. As mulheres do século XVIII na França. *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, 03 ago. 1880, p. 01 e 02. Aqui utilizo a versão do texto publicada no *Almanach das Senhoras* para 1872, já que o exemplar existente na BN está em péssimo estado para leitura. Cf. *Almanach das Senhoras* para o ano de 1872, Lisboa, p. 148-152, 1871.

nomes. Assim, declara:

Simpatizo com essas mulheres que a literatura nos apresenta muitas vezes sob um aspecto revoltante, sem se lembrar do entusiasmo apaixonado com que elas a levantaram à altura de uma instituição sagrada. [...] São elas que sonham na liberdade como num mito esplêndido, e que morrem depois na guilhotina animosas e altivas...

O jornal reapareceu em 1885, com mais força do que antes, defendendo a igualdade da mulher e seu direito à educação. Em 1886, apesar de aceitar com mais simpatia o voto feminino, sua editora, conforme Hahner, declarava que era muito cedo para as mulheres votarem em “eleições de caráter político” e aconselhava que estudassem “assuntos públicos”.²⁰⁶

No ano de 1887, o nome de Carolina Couto aparece em destaque como redatora. A assinatura anual estava custando 10\$000 (dez mil réis) para a Corte e 12\$000 (doze mil réis) para as Províncias. O jornal apresenta uma lista de colaboradoras: Emiliana de Moraes, Anália Franco, Maria Zalina Rolim, Ignez Sabino, Marie Vincent, Atília Bastos, Adélia Barros, Mathilde Macedo e Emília Cortez.

Discussões filosóficas também faziam parte dos temas debatidos nas páginas do jornal. Nesse ano, Ignez Sabino publica o texto “Sobre Shopenhauer” na coluna “Ligeiros Estudos”. A baiana faz a trajetória biográfica do filósofo, de família tradicional cujo pai era um rico negociante e a mãe uma romancista renomada. Leitor assíduo de Kant e Platão, Shopenhauer torna-se um apaixonado pelas ciências, letras e filosofia, o que o leva a frequentar as universidades de Goettingue e de Berlim. Sabino afirma que o filósofo era um homem sombrio desde a juventude e inimigo dos prazeres:

Celibatário por convicção, a sua vida era monótona e tão automática e pautada, que já velho, pela manhã preparava por si mesmo seu café, em seguida, escrevia algum pensamento que as brisas matutinas lhe trouxessem, tocava um pouco de flauta, completava o vestuário e saía. [...] À tarde, jantava no hotel, dormia a sesta, passeava, lia o *Times*, depois alguns velhos autores, seus prediletos, ia ao teatro, ceia, e dormia o sono bom daqueles que têm pura a consciência, e que são isentos de cuidados.²⁰⁷

Sobre o seu livro mais festejado, afirma:

²⁰⁶ HAHNER, 1981, p. 81.

²⁰⁷ SABINO, Ignez. Sobre Schopenhauer. *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, 22 set. 1887, p. 01. O texto continua, conforme aviso inscrito ao final, mas só consegui o exemplar onde consta essa primeira. Exemplar digitalizado da Biblioteca de Rio Grande (RS).

Aos vinte anos, lançou ao público a sua primeira obra ‘O mundo como representação’. Esse esplêndido livro repleto de ascetismo, onde o filósofo expandiu as suas doutrinas, e, que, sendo até então um autor desconhecido, esse livro onde tinha gasto tantas noites de insônia, deu-lhe um nome brilhante, elevando a fama do seu autor por toda a Europa, que saudou com frenesi o talento do alemão.²⁰⁸

Comenta também sobre o encontro do filósofo alemão com Lord Byron, em Veneza, e afirma que ambos tinham uma “afinidade de caracteres”. Depois das aventuras vividas pelos dois na cidade italiana, Schopenhauer, segundo Sabino, escreve “Pensamentos e Fragmentos”, “Ensaio sobre a mulher” e “Metafísica do amor”.

Comenta sobre a morte de Schopenhauer, em 1860, e sobre sua solidariedade ao deixar em testamento toda sua fortuna para a caixa de socorros de Berlim, em favor dos soldados feridos na revolução de 1848, de suas viúvas e seus órfãos. Mas, ao final do texto, revela, de forma perspicaz e crítica, as suas impressões de leitura sobre a obra do filósofo:

Confesso à leitora que a primeira vez que li um livro do hoje meu autor favorito, sacudi raivosa o volume no chão, jurando a mim mesma não continuar a lê-lo, e, sabe por quê?

Porque à mulher ele lançava mil injúrias, atribuindo-lhe a leveza do pensamento, a mentira, a fraude, o orgulho, o pedantismo, o rancor, e sei mais?... tantos defeitos que eu ferida no meu amor próprio, votei-lhe momentaneamente um ódio profundo.²⁰⁹

Em 1888,²¹⁰ na primeira página, a redação do jornal informa na seção “Expediente” que passará também a ser editado em Nova York, sob os cuidados dos Srs. Drumont & C., bem como publica na seção “Álbum de Ouro”, 48 nomes de homens e duas mulheres, respectivamente, d. Eurydice B. de Oliveira e Mme. Lagarto, pessoas que contribuem para a publicação do periódico. Na edição de 28 de março desse mesmo ano, informa que a escritora e colaboradora do jornal Anália Franco presenteou a redação com 50 exemplares de “O chefe dos Ananés”, drama de sua autoria, para que o dinheiro da venda pudesse ser revertido em benefício do jornal.

A publicação de folhetins fazia parte da política dos jornais. Ignez Sabino colabora com a crônica “Dia de Anno Bom”.²¹¹ A narração é iniciada tendo como ambiente a cidade de Recife, na noite de ano-novo. A autora descreve o luar da cidade pernambucana em meio ao

²⁰⁸ SABINO, 1987, 22 set. 1887, p. 01.

²⁰⁹ Id. Ibid., p. 01.

²¹⁰ *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, anno III, p. 01, 31 jan. 1888.

²¹¹ É um folhetim publicado em 1888. Tenho apenas cópia digitalizada dos dias 31 de janeiro, 04 e 28 de março, e 27 de maio.

toque dos sinos, do show pirotécnico que acontece no céu, e do encontro dos grupos nos cafés e nas ruas, para comemorar o instante em que o relógio marca meia-noite. Contrastando com o momento de confraternização, quando se exercem, ainda que de forma efêmera, os sentimentos de amizade, alegria e felicitações entusiasmadas, a cronista desloca o ambiente e transporta o leitor para o bairro pobre de São José, colocando-no na cena das comemorações:

O povo, ávido de distrações tradicionais, percorre pelas estradas, em bandos, ao som do violão com que acompanha modinhas graciosas, indo-se refrescar nas águas do Biberibe, não sentindo o estirado caminho, que é arenoso, mas cuja estrada é formosa, e orlada de mato.²¹²

Ignez Sabino estende a narrativa, contando em detalhes a quietude das ruas, devido à corrida das pessoas para o campo no feriado do dia seguinte. A autora relata a ausência de transeuntes nas principais ruas da “Veneza brasileira”, principalmente de trabalhadores no corre-corre diário; uma ou outra moça no parapeito da janela a espreitar a rua; os apitos dos trens de ferro e dos bondes. Nesse momento, pára a história e faz um convite à sua leitora:

Eu, com o direito que me dá a pena, e com o poderio da imaginação, convido a minha leitora a ir comigo a uma meia légua de distância da cidade e pararmos em frente a uma residência campestre. Transportemos o portão verde, que orna um muro pintado de roxo terra, e, ou penetremos num jardim bem plantado, onde o jardineiro vestido com roupa vistosa, colhe flores em abundância.²¹³

A partir desse estímulo, passa a descrever toda a propriedade a fim de que a leitora se sinta familiarizada e possa desfrutar, numa catarse, o ambiente natural. Depois, passa ao interior da casa e, mais uma vez, convoca suas acompanhantes para segui-la nessa aventura:

Curiosas, como devemos sê-lo, não desmentindo o sexo, ágeis, espreitemos por uma greta da porta, lançando um demorado olhar sobre uma salinha contígua ao salão de visitas, e, como pessoas de bom gosto, apreciemos as cadeiras de charão, a conversadeira que está no centro, os quadros de fantasias, uma estátua de mármore, cinzelada com gosto de mestre, o cavalete com uma tela, flores, ainda plantas, tapetes, cortinados, e numa estante dourada, livros encadernados belamente, mas ainda se revestindo do gosto que mencionamos. Lê-se nas costas de alguns: Shakespeare, Milton, Moore, May, Robinson Cruzoe e outros.²¹⁴

A narradora anuncia a classe social a que pertencem os moradores: “Por toda parte

²¹² SABINO, Ignez. O dia de ano bom. *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, anno III, 31 jan.; 04 mar.; 28 mar. ; 27 maio 1888, p. 01.

²¹³ Id. Ibid., 31 jan.; 04 mar.; 28 mar. ; 27 maio 1888, p. 01.

²¹⁴ Id. Ibid., 31 jan.; 04 mar.; 28 mar. ; 27 maio 1888, p. 01.

admira-se o bom gosto, o luxo, a arte, notando-se nos pesados reposteiros da sala grande as iniciais: W.R.”.²¹⁵ Mais adiante, a leitora inteira-se de que ali mora um casal inglês com três filhos.

É impossível acompanhar o desenrolar da história porque não tive acesso ao próximo número do jornal, somente consegui consultar o exemplar do dia 04 de março. Aqui a narrativa é retomada e aparece uma cena diferente em todos os aspectos daquela antes exposta. Nela, negros e mulatos comemoravam as festividades de ano novo com batuques, cantos, desafios e samba de roda. A inglesa estava observando, de longe a cena, mas nesse instante se afasta. Sobre essa atitude da personagem, a narradora comenta:

Se tivesse prestado mais atenção e com interesse continuasse a presenciar uma cena popularmente nossa, ouviria mais este verso com que terminamos a primeira parte da dança tresloucada e quase imoral com que se diverte a gente miúda da nossa sociedade.²¹⁶ Após esse comentário, a narradora pede licença às leitoras para fazer uma digressão.²¹⁷

Em 1888, Carolina Couto manifesta que a harmonia familiar pode ser traduzida pela boa ordem na casa. Assim, reforça a importância dos deveres domésticos, a dedicação ao marido e aos filhos. A autora enfatiza a idéia da função da dona de casa, de acordo com a qual a mulher é a responsável pelo bom ou mau andamento das tarefas do mundo privado:

A dona de casa – o seu principal cuidado é se esforçar em tornar o lar doméstico pacífico e agradável a todas as pessoas que compõem a sua família. [...] O esquecimento desses deveres pode trazer inúmeras conseqüências desagradáveis e funestas para a moralidade e para o bem-estar das famílias.²¹⁸

O ponto culminante da felicidade conjugal será a valorização da maternidade, ligada ao ideal de renúncia e de sacrifício. Esse tema é explorado e reafirmado no cotidiano pelo periódico, como podemos perceber na seguinte afirmação:

A arte de ser esposa e de ser mãe funda-se num segredo muito simples. Não se trata de sermos felizes às custas dos que são nossos, trata-se de fazermos felizes os nossos à nossa própria custa. Começamos pelo sacrifício, acabamos pela apoteose!²¹⁹

Apesar de notarmos, na citação acima, uma ideologia bastante normatizadora no que

²¹⁵ SABINO, 31 jan.; 04 mar.; 28 mar. 27; maio 1888, p. 01.

²¹⁶ SABINO, 04 mar. 1888, p. 01.

²¹⁷ A partir daqui é impossível continuar.

²¹⁸ *Echo das Damas*, 4 jan. 1888, (apud BICALHO, 1988, p. 155).

²¹⁹ *Echo das Damas*, 14 jan. 1888, (apud BICALHO, 1988, p. 178-9).

diz respeito ao papel que deve ser desempenhado pela mulher, percebemos, em outros momentos, que a autora faz questão de noticiar conquistas femininas para que sirvam de exemplo para outras mulheres, que queiram trilhar o caminho da profissionalização. Desse modo ela procedeu na edição do dia 04 de janeiro de 1888, ao anunciar que Rita Lobato Velho Lopes havia se tornado, no ano anterior, a primeira mulher a receber o grau de médica no Brasil. O jornal proclamou-a um “exemplo para as jovens brasileiras, que só pela instrução poderão aspirar à independência e dignidade pessoal”.

Nas palavras de Maria Thereza Bernardes, também as jornalistas, como parte de uma elite feminina culturalmente diversificada, “mantinham relações de solidariedade com mulheres de outras áreas intelectuais e artísticas, reconhecendo que os sucessos nelas obtidos redundavam numa vitória comum do sexo feminino”.²²⁰

4.1.2 *Corymbo*²²¹ (Rio Grande, 1883 – 1943)

*[O Corymbo] possibilitou a identificação de grupos letrados femininos em diversas regiões do país e a organização de escritoras brasileiras em uma espécie de rede de mútuo apoio, fundamentada na própria desigualdade, no âmbito da literatura, em relação aos escritores e às produções masculinas.*²²²

Fundado pelas irmãs Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro, na cidade de Rio Grande (RS), o *Corymbo* estréia com seu primeiro número em 21 de outubro de 1883.²²³ Conforme Hilda Flores, o periódico procurava manter a “neutralidade” ante os acontecimentos históricos porque sua meta era “cultivar as letras, as ciências e a luz”:

A abolição, ato humanitário, foi recebida com poesias laudatórias, mas a Proclamação da República ficou ignorada; a sangrenta Revolução de 1893 propiciou manifestações de simpatia aos revolucionários; a I Guerra Mundial

²²⁰ BERNARDES, 1988, p. 118.

²²¹ O único trabalho consistente sob a perspectiva dos estudos de gênero, a respeito desse periódico, ao qual obtive acesso, é uma dissertação de mestrado. Cf. VIEIRA, Miriam Steffen. *Atuação literária de escritoras do Rio Grande do Sul: um estudo do periódico CORIMBO, 1885-1925*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. A pesquisadora Hilda Flores também estuda, há muito tempo, esse jornal e escreveu vários artigos sobre o periódico. Um dos primeiros foi publicado um ano depois da referida dissertação. Cf. FLORES, Hilda A.H. *Corimbo X Educação*. In: NEUBERGER, Lotário (org.). *Círculo de Pesquisas Literárias*. RS: Educação e sua História. Porto Alegre: EDIPLAT, 1998, p. 43-52. Há, ainda, uma tese na qual o autor, entre outros periódicos gaúchos, contempla o *Corimbo*. Cf.: PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Tese de doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

²²² VIEIRA, 1997, p.5.

²²³ Não foi encontrado esse primeiro número. A biblioteca de Rio Grande (RS) guarda os exemplares a partir de 1885.

ensejou referência ao fato das mulheres da Europa terem de ocupar o lugar dos maridos tombados, sem estimular a mulher brasileira a que amplie também seu raio profissional, pois que até então apenas professora podia ser. O voto feminino recebeu matérias entre 1918-28, quando tramitavam projetos no Congresso; aprovado em 1932, foi retirado por efeito do Estado Novo, em 1937, sem que houvesse contestação por parte do *Corimbo*. A II Guerra Mundial encontrou Revocata idosa, enfermiça e omissa, sucubindo seu jornal, enquanto em Porto Alegre surgia a Academia Literária Feminina, instituição de afirmação de gênero, pioneira no país e atuante até os dias atuais.²²⁴

O periódico que circulou durante 60 anos, com algumas interrupções — muito tempo se levarmos em consideração que publicações desse tipo no século XIX, tinham vida efêmera — sofreu muitas modificações em sua longa existência: periodicidade, número de páginas, formato e tipografia.

O próprio periódico, nos diversos editoriais comemorativos na data de seu aniversário,²²⁵ ressalta as dificuldades enfrentadas para a sua publicação. Em outros momentos, orgulha-se de ser “o mais antigo órgão de letras no Estado”²²⁶ e de ter “tão longo período de vida”.²²⁷ Em 1903, é publicada uma carta de Iñez Sabino,²²⁸ dirigida às redatoras, felicitando-as por mais um aniversário do periódico.

Mauro Póvoas afirma que o enfoque do periódico não era a notícia, e a repercussão do cotidiano se dava, segundo ele, via publicação do gênero poesia. Assim, a literatura era o “sustentáculo” do periódico:

dividia-se em seções, mais ou menos fixas, com textos e assuntos variados: expediente, noticiário, moda, charadas, textos sobre pintura, imprensa ou educação, sobre a condição da mulher na sociedade, artigos de exaltação a personalidades recentemente falecidas ou que estivessem comemorando aniversário, editoriais que expunham o pensamento norteador das diretoras, notas sobre livros lançados, reprodução de palestras, noticiário com a resenha dos fatos do período, textos históricos e biográficos.²²⁹

O pesquisador gaúcho completa:

O *Corimbo* desempenhou importante papel na consolidação e na estabilização do sistema literário no Rio Grande do Sul, no momento em que

²²⁴ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Imprensa Feminina: *Corimbo*, 1883-1943. In: DUARTE, Constância Lima (co-org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - Faculdade de Letras da UFMG, 2002, p. 193.

²²⁵ A exemplo: *Corymbo*, Rio Grande, v. 13, n. 34, out. 1896.

²²⁶ *Corymbo*, Rio Grande, v.14, n. 80, out. 1897.

²²⁷ *Corymbo*, Rio Grande, out. 1917.

²²⁸ SABINO, Iñez. Minhas caras amigas. *Corymbo*, Rio Grande, n. 225, 15 dez. 1903, p. 2.

²²⁹ PÓVOAS, 2005, p. 129.

abria portas para que autores dos mais diversos naipes fossem publicados na revista.²³⁰

Segundo Míriam Vieira, o *Corymbo* foi um “empreendimento literário feminino” e, portanto, importante veículo de atuação literária de escritoras de toda parte do país, estabelecendo relações, principalmente, a partir das publicações periódicas por elas editadas.

Apesar de ser uma publicação feita por mulheres, a participação dos homens não era vetada, pelo contrário, muitos escritores colaboravam assiduamente no periódico. Vieira observa, inclusive, que as redatoras e colaboradoras do *Corymbo* tinham consciência de que a maioria das mulheres ainda estava presa a preconceitos sociais, submetendo-se, sem resistência, à tutela masculina. Por isso mesmo, segundo a pesquisadora Julieta de Mello Monteiro, em carta ao Dr. Milton da Cruz, publicada no periódico,

incentiva a adesão dos “homens de letras” ao “alevramento moral e intelectual da mulher brasileira”, tendo em vista que as próprias mulheres, “salvo honrosas exceções”, ainda não se colocavam esta responsabilidade.²³¹

Entre as colaboradoras que enviavam suas produções de diversas regiões do país, estavam Anália Franco, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Andradina de Oliveira, Cândida Abreu, Carlota d’Aquitância, Cecília Meireles, Cora Coralina, Delminda Silveira, Ignez Sabino Pinho Maia, Júlia Lopes de Almeida, Luísa Cavalcanti Filha, Maria Benedita Câmara Bormann, Maria Lacerda de Moura, Mariana Coelho, Tercília Nunes Lobo e as portuguesas Ana de Castro Osório e Maria Amália Vaz de Carvalho.

Ignez Sabino foi colaboradora do jornal de 1888 até 1911, ano de sua morte. Entretanto, somente em 1914, foram publicados dois de seus contos como homenagem póstuma. No total, o *Corymbo* divulga 43 textos dessa autora. São eles: 13 poemas, cinco biografias, nove prosas literárias e 17 artigos, sobre temas como educação feminina, religião, luta da mulher pela profissionalização, etc. Como não foi localizada a coleção na íntegra do jornal, muitos dos textos mencionados estão incompletos. Alguns possuem apenas o início e outros apenas o final. Destacarei os textos que tratam, especificamente, de questões relativas ao feminino, como educação, religião, profissionalização e direito ao voto.

O “discurso feminino”, presente nas páginas do periódico, reproduz a fala das escritoras citadas. O grupo de mulheres prioriza a luta por serem reconhecida sua capacidade

²³⁰ PÓVOAS, 2005, p. 124.

²³¹ VIEIRA, 1997, p. 136.

intelectual, visto que enfrentava muitas dificuldades para ser “igualmente” tratada no meio literário. A legitimação literária passa pelo reconhecimento social dessas mulheres. Segundo Míriam Vieira: “as redatoras estabeleceram relações com grupos letrados de forma a favorecer o reconhecimento deste periódico como literário e das redatoras como escritoras.”²³²

O artigo de Ignez Sabino, intitulado sugestivamente “Na arena”,²³³ apresenta à leitora o espaço de lutas no qual as escritoras, além de sofrerem as dificuldades impostas pelo âmbito social, ainda enfrentam o conflito pelo reconhecimento literário da mulher. Segundo ela,

é preciso estudar e dispor-se a criar desafetos, ao sentir vocação para as letras. Já que lhes são abertas as portas da sociedade, assim também lhe devem ser abertas as portas da imprensa.²³⁴

A articulista destaca as dificuldades enfrentadas pela mulher escritora, relativas aos inúmeros preconceitos, mediante os quais é depreciada. Além disso, ela expõe as difamações a que são submetidas as escritoras, como também as mulheres que buscam a profissionalização. Conforme Ignez Sabino, de forma geral, os homens tornam-se desafetos porque têm medo da concorrência, já que as escritoras demonstram capacidade intelectual.

Ao longo do texto, a autora demonstra plena consciência de que as mulheres escritoras não são tratadas como iguais no meio literário. Ademais quanto maior a habilidade, evidenciada por meio da escrita, mais elas são desqualificadas pelos pares masculinos que, muitas vezes, mostram aptidão inferior.

A questão do mérito literário é também discutida pela autora. Ignez traz à baila a discussão sobre a atuação literária das mulheres, defendendo a idéia de que não é apenas uma forma de distração ou lazer, como afirmavam os homens, mas uma capacidade intelectual para as letras. Ignez Sabino analisa os novos tempos que, naquele início da República, se abriam para a mulher brasileira.

Ela endossa a teoria aceita na época, segundo a qual, o conhecimento aperfeiçoa a pessoa. Assim, a mulher deve ter oportunidade para explorar seu talento, como o início de um longo e difícil caminho na conquista dos direitos de igualdade reclamados pelo feminismo.

Em outro artigo, “Pátria”,²³⁵ em que faz uma análise crítica negativa a respeito dos versos do livro homônimo de Gonçalves Dias, a articulista retoma a questão do artigo anterior

²³² VIEIRA, 1997, p. 13.

²³³ Publicado em duas partes em *Corymbo*, Rio Grande, p. 01, 24 e 31 maio 1896.

²³⁴ SABINO, Ignez. Na arena. *Corymbo*, Rio Grande, 24 e 31 maio 1896, p. 01.

²³⁵ SABINO, Ignez. Pátria, *Corymbo*, Rio Grande, 10 maio 1896, p. 01.

e reforça a idéia de que são poucas as mulheres que têm talento e se arvoram no “palco de lutas”. Isso ocorre, de acordo com Sabino, porque elas não têm coragem para sair do refúgio do lar e afrontar a opinião pública, escrevendo textos que defendam a igualdade de competência literária entre homens e mulheres. “Nós temos o direito da perseverança, portanto junto a vós nos colocaremos ombro a ombro. [...] o talento, não é unicamente partilha vossa... Eu sou vossa igual”.²³⁶

Em seu artigo, Sabino utiliza como referências, biografias de mulheres que se distinguiram através do talento ou da dedicação aos estudos — particularmente escritoras do século XVIII e as que começavam a surgir na literatura, do início do século XIX. Assim, a autora utiliza como exemplos as conquistas femininas, a fim de provar que as mulheres não eram o “sexo frágil” e poderiam ocupar os cargos, até então, somente destinados aos homens.

Ignez Sabino publica, no *Corymbo*, a biografia de duas gaúchas: Maria Benedita Câmara Bormann²³⁷ e Delphina Benigna da Cunha.²³⁸ Ao traçar a trajetória biográfica da poetisa cognominada “a cega”, nascida a 07 de junho de 1791, Sabino esclarece a motivação da cegueira definitiva: O fato da poetisa, na infância, ter contraído a varíola, doença que assolava o estado naquele período. Mas, o talento para a poesia, segundo Ignez, não lhe foi roubado. “Assaz inteligente, modificaria a sua doença sentindo a unidade do seu ser revelar-se soberana”.²³⁹

Mais duas tragédias marcariam a sua existência: a morte do pai em 1826 e da mãe em 1833, época da Guerra Civil, que arruinou os proprietários rurais da província em que vivia, fato que impurrou-a para a pobreza, obrigando-a a buscar refúgio no Rio de Janeiro onde foi recebida por D. Pedro I, que lhe assegurou uma pensão anual e pode reimprimir seus primeiros versos da obra ‘Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses’.²⁴⁰

Entre as narrativas de Ignez Sabino, publicadas no periódico, cinco cabem destaque por tratar de temas que dizem respeito diretamente a questões femininas. Dessa forma, a mulher que perdoa a traição é tema do conto “Quadro Vivo”.²⁴¹ Nele, sucede a história de Guiomar, mulher admirada por muitos homens que disputavam seu sorriso. Ela dava

²³⁶ SABINO, Ignez. Pátria, *Corymbo*, Rio Grande, 10 maio 1896, p. 01.

²³⁷ Id. Délia. *Corymbo*. Rio Grande, 15 fev. 1900, p. 01. Texto publicado em duas partes. O exemplar do jornal que traz a primeira parte, não foi encontrado. A segunda é publicada no dia 15 de fevereiro de 1900. Essa biografia será usada na discussão do capítulo sobre a folhetinista gaúcha.

²³⁸ O Texto é publicado, no periódico, em três partes. As duas primeiras publicadas nos dias 01 de março de 1899, p. 01-02 e 05 de abril de 1899, p. 01 e 02. A terceira parte não foi encontrada.

²³⁹ SABINO, Ignez. D. Delphina da Cunha. *Corymbo*, 01 mar. 1899, p. 01-02.

²⁴⁰ Id. *Ibid.*, p. 01-02.

²⁴¹ SABINO, Ignez. Delphina Benigna da Cunha. *Corymbo*, 29 dez. 1889. p. 01-02.

esperanças ora a uns, ora a outros sem se decidir por nenhum. Cultivava a inteligência em detrimento do cuidado com o corpo. Guiomar apaixonou-se e, em seguida, se casa. A felicidade conjugal, porém, dura pouco. Dois dias após o casamento, o marido demonstra aversão à mulher. O marido, então, volta para os braços de uma antiga “coquete”. A narradora desconfia que o motivo seja o exagero do decoro da esposa. Guiomar, mesmo ciente da traição, enche o marido de carinhos e atenções, crendo que o terá de volta. Nesse ínterim, engravida duas vezes e aborta. Por sua vez, o marido a abandona quase por completo, sem sequer cumprir com suas obrigações de provedor. Assim, ela vê-se obrigada a trabalhar. “A família quis dar-lhe uma mesada que rejeitou, salvando o ingrato, por mais de uma vez, de dívidas e apuros com o produto do seu rosto”.

A amante do marido morre deixando órfã uma filha, fruto de infidelidade, que Guiomar adota legalmente. A atitude é recebida com divergências no meio onde vivem. Guiomar justifica sua ação: “Os que são felizes não compreendem o bem que sente uma alma aflita em praticar uma ação natural como esta, onde ocupa o lugar de honra a celeste caridade, e nada mais!”. A enteada torna-se mulher virtuosa e educada, e o marido muda de conduta, passando a respeitá-la e amá-la. Na velhice, Guiomar também cuida da neta. Assim, a narradora termina o conto:

A criança, prestes a adormecer, murmurou-lhe o nome, e ela, enlevada, feliz no centro dessa família criada por si, deixa transparecer nas lágrimas a felicidade que a rodeia, prêmio concedido a todo aquele que guia seus passos pela bitola do dever e do raciocínio.

Outro mote comum, abordado por Ignez Sabino, é o da mulher que se sacrifica para saldar uma dívida contraída pelo marido, como no conto “Última Jóia”.²⁴² Nessa narrativa de cunho moralista, a personagem principal é uma mulher da classe alta que oferece seu anel “solitário” para o marido saldar uma dívida, desistindo de suicidar-se. O gesto da mulher salva a honra da família, que ficaria para sempre “manchada” perante a sociedade.

No início da história, evidencia-se a situação emocional da protagonista Malvina Rodrigues. Insatisfeita com a atual situação financeira, ela manifesta arrependimento por ter abdicado do modo como vivia quando solteira. Nesse tempo, Malvina freqüentava a alta sociedade carioca. Ali a mulher conheceu o futuro cônjuge que lhe dedicava intensa admiração:

²⁴² SABINO, Ignez. Última Jóia. *Corymbo*, Rio Grande, 15 mar. 1896, p. 01; 05 abr. 1896, p. 02. Texto publicado em três partes. A segunda parte não foi encontrada.

Muito moça, então, alma ardente e romântica, a despeito dos conselhos paternos, numa teimosia apaixonada, sugestiva, aceitou a corte do Dr. Raphael Rodrigues, que, na insinuante forma de captar afetos, conquistara a alma da filha do Barão de G., falecido dois anos antes de principiar esta narrativa.²⁴³

O motivo da falência da família é uma incógnita. Todavia, como era comum, deduzo que o marido deveria ter dilapidado a fortuna no jogo e com mulheres. É a própria narradora quem nos induz a essa assertiva em dois momentos da história:

bem pouco apreciava agora os seus encontros, e a virtude da fidelidade guardada por ela, sem que uma leve sombra contornasse-lhe a pureza.²⁴⁴
 – Em nome de meus filhos, juro que eles não mais terão vergonha do comportamento paterno.²⁴⁵

Como a segunda parte do conto não foi encontrada, sigo a leitura da narrativa na terceira parte. Agora, Malvina está organizando tudo para uma viagem às pressas, a fim de fugir de possíveis cobradores ou, ainda, de situação pior, “quando viu brilhar alguma coisa que lhe despertou a atenção. Era o solitário, achado providencialmente. [...] Aquela última jóia seria a redenção da sua honra”.²⁴⁶

O conto resgata o marido pela ação redentora da esposa e, concomitantemente, afirma o papel maternal que deve exercer a mulher em nome da saúde familiar. Da mesma forma, a figura feminina aparece como esteio de um modelo patriarcal decadente, no qual o homem é o único provedor, e, também, o principal dilapidador de um patrimônio, trazido, pela mulher, como “dote” de casamento. A heroína sabe das dificuldades financeiras ocasionadas, possivelmente, pelo marido perdulário. Ele destruiu a riqueza da família com mulheres, bebidas e jogatinas. A mulher se doa em sacrifício, e, como Fênix, renasce das próprias cinzas.

A sedução de uma órfã é o tema presente nos contos “A seduzida” e “Pérolas cor-de-rosa”. Em “A seduzida”,²⁴⁷ Mathilde é orfã criada por D. Angélica, sua tia materna, e assediada pelo primo Gabriel, estudante de medicina, que, proibido de frequentar a casa, rapta a moça. Passado algum tempo, Gabriel já não está mais encantado por Mathilde. Mesmo sabendo da gravidez da jovem, ele a deixa relegada à pobreza e passa seus dias cortejando sua

²⁴³ SABINO, Ignez. Última Jóia. *Corymbo*, Rio Grande, 15 mar. 1896, p. 01; 05 abr. 1896, p. 02.

²⁴⁴ Id. *Ibid.*, p. 01.

²⁴⁵ SABINO, *Corymbo*, p. 02, 05 abr. 1896.

²⁴⁶ Id. *Ibid.*, p. 02

²⁴⁷ SABINO, Ignez. A seduzida. *Corymbo*, Rio Grande, 03 e 17 dez. 1893, p. 01-02. Publicado anteriormente no livro *Contos e Lapidações*, 1891, p. 61-70.

próxima vítima: uma moça de família rica a quem pretende desposar legalmente.

Mathilde, esposa ilegítima, dá à luz e amamenta sua filha, Pepita, a custo de uma saúde fragilizada. Pela insistência de Mathilde, Gabriel registra a menina e depois abandona as duas, mãe e filha. Como única solução para acabar com a miséria em que se encontra, Mathilde entrega-se à vida mundana. Gabriel, agora doutor e chefe de família, decide tomar a filha das mãos de Mathilde: “A lei favorecia o pai, e a ela restava somente como consolo a idéia de ver a menina feliz um dia”. A madrasta recebe a contragosto a filha do médico e sua atitude em relação a ela é de desprezo. Pepita é retirada do colégio aos quinze anos, pois a madrasta quer que ela se dedique exclusivamente à costura. Nas reuniões, um moço rico se interessa por Pepita. Instaura-se o conflito, pois a filha mais velha da madrasta está apaixonada pelo mesmo rapaz. No entanto, ele escolhe Pepita, pedindo a menina em casamento, após a mãe ter morrido de uma queda da carruagem.

A protagonista do conto “Pérolas cor-de-rosa”²⁴⁸ é Ester, apresentada ao leitor numa cena na qual observa, através de um binóculo, a Baía de Guanabara: “Esther adorava o mar; mais de uma vez experimentara-lhe a eficácia. [...] mesmo o médico, de novo a recomendara.” Nesse momento, a narradora desloca a atenção do leitor da imagem do mar para as riquezas nele existentes, as quais a protagonista tanto admira: “O oceano encerra no seu seio tanta riqueza em corais e pérolas! Sim, as pérolas, sobretudo as cor-de-rosa que tinha visto em um joalheiro de nomeada, como a seduziam, como desejava possuí-las!” Seus desejos não paravam aí, sonhava em viajar para Paris, Londres, Itália, Espanha, Suíça, Grécia, Portugal, Alemanha.

Augusto, homem “por quem, numa vertigem de louca abandonou sua família”, havia lhe prometido dias melhores, inclusive viagens. “Era rico, podia sem sacrifício correr mundo.” Todavia, as promessas de Augusto não se confirmam e, pior, ele só lhe dispensa indiferença. O rapaz resolve viajar sozinho e promete, quando retornar, trazer o sonhado colar de pérolas cor-de-rosa. A narradora informa às leitoras sobre o caráter de Augusto: “O rapaz era desses estróinas que fazem do amor um baralho de jogo, era desses homens gastos, cuja afeição mentirosa, não vale por certo um meio dia da dedicação da mais comum das mulheres.” Na viagem, Augusto conhece uma “francesa ambiciosa, loquaz, toda pintada a pó de arroz e carmim, riso de demônio, que lhe rouba o dinheiro, a vergonha e a dignidade.” Esther, de outra índole, sofria, preocupando-se com o futuro, lançado na lama pelo rapaz.

²⁴⁸ SABINO, Ignez. Pérolas cor-de-rosa. *Corymbo*, Rio Grande, 01 out. 1903, p. 02. É um texto publicado em duas partes. Entretanto, só consegui encontrar a primeira.

Agora, somente “havia um salvo conduto: o asilo Bom Pastor, caso não casasse.”

O tema do casamento como solução de todos os problemas femininos e, principalmente, como idéia de “lar, doce lar” é desfeita em “Choupana de Flores”.²⁴⁹ Situada no Ceará, a história começa com a preparação das núpcias entre Alfredina e Ary. A narradora, em terceira pessoa, descreve o dia do casamento. Os nubentes saem para passear numa “formosa manhã, mesmo própria para uma lua de mel”. E a partir daí, a narradora transfere a leitora para o quarto do casal:

Então, num ideal superior de rapaz educado, aos poucos, tirava as flores e com elas adornou o colo da sua noiva de ontem e esposa de hoje, e em seguida, o corpete e os cabelos, formando uma grinalda perfumosa, enebriando o ambiente e o local.

Ela gozava desses sonhos que embalam o espírito, que dulcificam o coração, que alargam a esperança, que perpetuam a fé, neste doce mistério incompreensível dos dias sagrados pela unção do amor e pela unção da crença católica.

Assim finaliza o conto: “Para uns, a lua de mel é eterna; para outros, não tem mais que a duração de um dia. Estes, são os coitados da sorte, morreram, quando deviam gozar.”

A temática indígena é apresentada no conto “A mulher bárbara”.²⁵⁰ A narrativa principia evocando as palavras de Américo Vespúcio, ao afirmar que as matas brasileiras eram o “éden paradisíaco”. A partir disso, a narradora coloca suas leitoras no espaço da selva, dando ênfase à vegetação: palmeira, cedro, jacarandá, mangueira, jambeiro; e aos animais: borboletas, papagaio, arara, macaco, tatu, preguiça. O ambiente, segundo a narradora,

faz lembrar as maravilhas de um mundo imaginário, mas que assim apresentava à vista dos recém vindos, onde animais ferozes viviam, grandes répteis se escondiam nas tocas e nos barrancos, onde nos riachos os veados matavam a sede; a onça malhada dava saltos mortais aproximando-se da presa e o jaguar espreitava mais uma vítima, nesse infinito onde se espelhavam as nesgas do céu, e o orvalho se condensava numa umidade produtora.

Nesse espaço, vive a “mulher bárbara”, ou seja, a índia. A narradora elenca muitos dos problemas por que passa a mulher na cultura indígena. Como por exemplo, a virgem que sucumbe à sedução de um estranho e engravida, e o destino do filho gerado:

A mãe criava-o com carinho e sacrifício que lhe é dado, mas esse chegando a certa idade, era morto e comido por ela, a quem cabia o primeiro bocado. Algumas vezes em vez de matá-lo, apiedada, abandonava-o à roda do

²⁴⁹ SABINO, Ignez. Choupana de flores. *Corymbo*, Rio Grande, 01 fev. 1904, p. 01.

²⁵⁰ Id.. A mulher bárbara. *Corymbo*, Rio Grande, 15 jan. 1904, p.01.

destino²⁵¹.

Ignez comenta o fato de toda a tribo festejar a crueldade cometida contra a criança indefesa e destaca o papel dessas mulheres na formação da mestiçagem brasileira:

Muitas mulheres desta raça distinguiram-se perfeitas heroínas e delas, pela sucessão dos troncos familiares, descendem grandes homens que figuram na literatura, na música, no Parlamento e no púlpito, os quais não se envergonham da sua estirpe verdadeiramente brasileira.²⁵²

As personagens femininas de Ignez Sabino são como as protagonistas de Ana Ribeiro, outra escritora baiana, nascida dez anos antes de Sabino:

mulheres fortes, capazes de organizar a família quando os pecúlios se tornam diminutos, de sobreviverem a pais notadamente fracos e à ausência da mãe, desde cedo, em suas vidas, mulheres destemidas, fortes, que sobrevivem a todas as vicissitudes da vida com fé e sempre trabalhando, fazendo uso do aprendizado adquirido em prol de si ou daqueles aos quais devem cuidar e prover. Assim são, em linhas gerais, as mulheres em Ana Ribeiro, mesmo repetindo valores tradicionais da família e não deixando de admitir o casamento como momento da ascensão das heroínas, *o amor redentor*, presente no romantismo que irá levar a mulher de volta ao seu círculo, decaída que foi em virtude das tramas e fraudes organizadas contra ela.²⁵³

Artigos, tratando de diversos assuntos, também fazem parte dos textos publicados no *Corymbo*. Entre eles, destaco o longo artigo “A mulher e as fases da vida”,²⁵⁴ publicado em quatro partes, no qual a autora discorre sobre as várias etapas da vida da mulher. Nele, a articulista convida as leitoras a relembrem, primeiramente, o momento quando viveram a infância: a casa onde residiram, as travessuras praticadas, diuturnamente, com os irmãos e o momento da ida para a cama nos braços acolhedores das mães ou das bás, ao som de uma modinha ou de qualquer história da moura torta.²⁵⁵ Continua sua explanação, rememorando aspectos da vida aos 12 anos:

apesar de já estarmos atarefadas com os estudos e o piano, posto que ainda tenhamos carta branca para as vadiações e de uma menina de colégio, tudo ser permitido e desculpado, como sucede aos rapazes nessa mesma idade.²⁵⁶

²⁵¹ SABINO, 15 jan. 1904, p.01.

²⁵² Id. Ibid., p. 01.

²⁵³ FONTES, Nancy Rita Vieira. *A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1998, p. 118.

²⁵⁴ Publicado em quatro partes: em 1890, no dia 23 fev., p. 2-3, (parte I); em 02 mar., p. 01 (continuação); 16 mar., p. 01 (continuação); em 23 mar., p. 01-02 (conclusão).

²⁵⁵ SABINO, Ignez. A mulher e as fases da vida. *Corymbo*, Rio Grande, 23 fev. 1890, p. 02.

²⁵⁶ Id. Ibid., p. 02.

Aos treze ou quatorze anos, as meninas estudam em internatos. Segundo Ignez Sabino, nos finais de semana, ocasião em que visitam os pais, elas são solicitadas para tocar piano e falar em francês ou inglês. Os pais se mostram orgulhosos diante do desempenho intelectual de suas moças. Como reconhecimento do bom comportamento, para as meninas, há a promessa de prêmios ao final do ano, se forem aprovadas na escola, evidentemente.

Se a menina não apresenta talentos individuais, nem força de vontade para suprir a falta de inteligência, a culpa é dirigida à diretora: “Sobre a mísera são lançados milhares de epítetos agressivos como se a pobre senhora pudesse à *forciori* dar talentos a quem não tem, ou estimular a quem tem má vontade.”²⁵⁷

Quando terminam os estudos e voltam definitivamente à casa paterna, as moças substituem os livros pelas agulhas de crochê: “Quando estamos de bom humor, abre-se o piano às instâncias da mamãe e nisto cifra-se a elegância do sexo feminino aqui na terra.”²⁵⁸ Segundo a autora, nessa época, acirra-se a preocupação com a rica e perfeita “*toilette* feminina” para o aparecimento nos bailes.

Para Ignez Sabino, a viuvez sem recursos constitui uma fase cruel para a mulher. Se ela possui muitos filhos, a situação se agrava, visto que trabalha demasiado e não consegue suprir as necessidades de sobrevivência. Muitas vezes vê-se obrigada a pedir esmolas e receber desprezo. “Nessas conjecturas, quase sempre, a infeliz ou sucumbe ao peso das precisões ou deixa-se cair de seu trono de virtude.”²⁵⁹

A autora comenta também sobre a vida das meninas pobres que cedem à tentação do luxo, entregando-se à prostituição, e tornam-se “as perversas da sociedade funesta”. Segundo Sabino, o fim delas é morrer infectada de doenças em um hospital público. Ignez antecipa discussões que estão, ainda hoje, na ordem do dia por que infelizmente não foram pensadas ações efetivas de combate à prostituição infantil.

Na última parte do texto, Ignez Sabino, retomando Pascoal, garante: “a morte moral é o suicídio lento da vida”. Na conclusão do texto, constata que sua escrita é reflexo da longa e profunda experiência em observar a “olhos nus” a vida feminina. Assim, a autora finaliza aconselhando às leitoras:

Com a prática que tenho tido de raros dias felizes, e dias por demais tempestuosos, tudo me impele a crer que a mulher, em qualquer fase da vida,

²⁵⁷ SABINO, Ignez. A mulher e as fases da vida. *Corymbo*, Rio Grande, 23 fev. 1890, p. 02.

²⁵⁸ Id. *Ibid.*, p. 01.

²⁵⁹ Id. *Ibid.*, p. 02.

só se deve governar pela razão.

O coração é o atenuante para os desvarios de um dia, porém o amadurecimento do pensar virá cumprir com seu dever, apontando-lhe a espinhosa estrada da virtude.²⁶⁰

Uma das reivindicações mais presente nos textos publicados no periódico foi o direito à educação feminina. Em “A mulher brasileira”,²⁶¹ Ignez Sabino, dirige-se, explicitamente, às jovens — tanto louras (ricas) como mestiças (pobres) — as quais ela qualifica de “mulheres modernas do futuro”. Para elas, dirige a seguinte pergunta: “Sabeis por acaso, meninas, o que vem a ser entre nós a mulher moderna e qual o papel que lhe caberá mais tarde?” A resposta à indagação será o caminho percorrido pela autora, ao longo do texto. A primeira advertência de Sabino é a de que nenhuma mulher deve ser analfabeta. Todas, independentemente da posição social ocupada, devem investir na educação, visto que, segundo ela, o governo brasileiro estava, naquele momento, disseminando a instrução popular.

Ignez mostra-se preocupada, principalmente, com as meninas que têm poucos recursos financeiros e vivem em condições familiares precárias. Segundo ela, a jovem instruída poderá se tornar uma mulher forte sob os princípios do bem, da honra e da caridade, dando assistência às crianças, aos despossuídos e aos doentes; sobreviver às vicissitudes, na falta de recursos, não se entregar à prostituição, mantendo-se íntegra. Ignez alerta às jovens sobre esse perigo que ronda as mais pobres e defende que a instrução pode livrá-las de se jogarem nesse “vício”, destino comumente reservado, ainda hoje, para as meninas pobres e utilizada como último recurso para fugir da fome. Sabino defende a tese de que a educação torna a mulher forte para entre outras coisas:

afrontar o desespero, a falta de recursos pelo trabalho, sem fazer alto na paragem da virtude, embora o vício diga-lhe ‘retrocede’. Ela, ao pisar sobre espinhos, no fim do trajeto, veja mais brilhante a sua coroa da inocência imaculada.²⁶²

O assunto religião está presente no artigo “A mulher e a religião”.²⁶³ Ignez Sabino entabula o texto, esclarecendo as suas leitoras que não se vive mais subjulgado pelo poder ascético da igreja católica medieval. Assim, não se deve aceitar passivamente os dogmas do catolicismo, submetendo-se a jejuns e penitências que adoecem o corpo para salvar o espírito:

²⁶⁰ SABINO, 23 fev. 1890, p. 02.

²⁶¹ SABINO, Ignez. A mulher brasileira. *Corymbo*, Rio Grande, n. 74, 29 ago. 1897, p. 01 e 02. Também publicado no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1901*, Lisboa, p. 10-12, 1900.

²⁶² SABINO, 29 ago. 1897, p. 01.

²⁶³ SABINO, Ignez. A mulher e a religião. *Corymbo*, Rio Grande, 24 nov. 1889, p. 01-02.

Os pesadelos horríveis, os ataques histéricos produzidos pela alucinação de um afeto mal entendido, criados por chamas desconhecidas ante a efígie de um Cristo ensanguentado sedento de amor e de sacrifícios, desapareceram com a abolição dos claustros.

Para a autora, o cristianismo deve ser praticado de forma consciente e ativa, por meio de obras caritativas que ajudem aos inválidos, órfãos e viúvas. Dessa forma, ela assevera que

se nessa religião ditada pela razão se encontrar um bálsamo para essas chagas que sangram mas que não se vêem, então faça-se do dever um altar iluminado pela compaixão, e junto ao leito do moribundo, ante a efígie dolorosa do pedinte, nossa salinha íntima onde sob o teto honrado se condensam as dores e as alegrias, onde se respeitam as rugas do velho progenitor ou a fronte amada do esposo, erga-se a esmola como a estrela brilhante que da abóboda celeste ilumine o grande peristálio do aperfeiçoamento moral da sociedade.

As reivindicações por direitos sociais e políticos das mulheres aparecem, por exemplo, no artigo “Patrícias”.²⁶⁴ O texto é bastante interessante, pois apresenta questões bem avançadas para a época: o casamento desfeito; a comparação das leis da República com as do Império; o direito ao voto e, conseqüentemente, à alteração de costumes e também os desgostos provenientes, já que nem todas as mulheres estavam preparadas para o voto, segundo a autora. A questão do voto é exposta como a luta da mulher esclarecida.

Ao mesmo tempo em que parece reduzir o progresso da mulher à administração correta do lar, Ignez Sabino defende as distintas “senhoras” que têm “vocaçãõ científica”. Ela destaca o papel das poucas mulheres médicas, que estudaram o corpo humano por vocaçãõ, sem que, por tal ato, ferissem o pudor, como eram acusadas.

Em “Impressões de leitura”,²⁶⁵ Ignez Sabino expõe um resumo crítico dos dois volumes do *Compêndio da História do Brasil*, de Victor Fournier. Sobre o método utilizado para a escrita do livro, a autora afirma:

O seu método é admirável, sem a monotonia pesada dos seus antecessores no gênero, usa uma linguagem amena e correta. [...] Depois, ele viajou para escrever; verificou datas, correu montanhas e vales; foi aos institutos e bibliotecas para não errar, para dizer alguma coisa desconhecida, abstendo-se de grandes notas.

²⁶⁴ SABINO, Ignez. Patrícias. *Corymbo*, Rio Grande, 01 jun. 1901, p. 01. O artigo é a conclusão da primeira parte, não encontrada na pesquisa.

²⁶⁵ SABINO, Ignez. Impressões de leitura. *Corymbo*, Rio Grande, 01 jan. 1903, p. 01-02; e 15 jan. 1903, p. 01-02.

Antes de começar propriamente sua incursão ao texto, a articulista reivindica um lugar para as historiadoras, já que apenas os homens são mencionados na historiografia. Sobre os historiadores, numa crítica coerente, se avaliarmos as histórias produzidas até a década de 60 do século passado, pelo menos, Ignez Sabino afirma:

Quanto aos homens que se tem ocupado da história pátria, o molde de um era o de outro. Na fundição do pensamento, todos escreviam os mesmos capítulos, as mesmas notas, somente divergindo em contraditórias opiniões sobre fatos e notas.²⁶⁶

Comentando sobre José de Anchieta, a autora faz questão de mencionar que apesar de Fournier desculpar os jesuítas pela escravização dos indígenas, ela critica-os, particularizando Anchieta pelo fato de “aceitar a escravidão dos mesmos, assim como a dos negros em razão de ser isso caso de lei”. Ressalva ainda a contribuição de Fournier sobre a cultura e as línguas indígenas.

Ao lado de questões femininas, Ignez Sabino discute temas como a guerra e o trabalho caritativo. No conto “Federalista”,²⁶⁷ as atrocidades cometidas, durante a Revolução de 1893, ocorrida no Rio Grande do Sul, são evocadas através da figura do protagonista Miguel de Frias:

[...] federalista por convicção, generoso, leal, dera gratuitamente parte de seus animais, assim como fornecia gado para matar a fome daquele punhado de bravos heróis, arrostavam sacrifícios, afrontavam a miséria, desfaziam-se dos seus haveres em proveito de uma causa nobre e santa.²⁶⁸

O fazendeiro federalista, apesar de suas boas ações foi morto por um tropel composto por vários homens, que foram buscá-lo, em sua instância, para “uma justificação”. Ignez destaca a forma violenta do assassinato:

[...] quando ao entrarem num atalho, traiçoeiramente um dos que o acompanhava cravou-lhe o punhal, três vezes, dizendo-lhe: Morre federalista, e que te venham agora ressuscitar os teus infames confrades.²⁶⁹

Outra narrativa, na qual a autora aborda o mesmo tema, é “O veterano”.²⁷⁰ A história gira em torno da família do bacharel Barros Barreto — ele, a mulher D. Emília e duas filhas

²⁶⁶ SABINO, Ignez. Impressões de leitura. *Corymbo*, Rio Grande, 01 jan. 1903, p. 01-02; e 15 jan. 1903, p. 01-02.

²⁶⁷ SABINO, Ignez. A federalista. *Corymbo*, Rio Grande, 10 jan. 1897, p. 02.

²⁶⁸ Id. *Ibid.*, p. 02.

²⁶⁹ SABINO, Ignez. A federalista. *Corymbo*, Rio Grande, 10 jan. 1897, p. 02.

²⁷⁰ SABINO, Ignez. O veterano. *Corymbo*, Rio Grande, 15 ago. 1903, p. 01-02 e 01 set. 1903, p. 01 e 02.

— moradores em uma chácara, no bairro das Laranjeiras. As meninas tinham uma professora inglesa, Miss Barsely. A educação, para a mãe das meninas de 15 e 16 anos, era um atributo indispensável à mulher, principalmente, se ela se tornasse “avessa ao matrimônio”.

Num certo dia, a família, em visita aos arredores da chácara, encontra um veterano da Guerra do Paraguai, residente naquela vizinhança. “D. Emília mal ouviu o dono da casa dizer-se um veterano do Paraguai, com o seu espírito culto, a sua alma de patriota, quis saber o que sofrera e o que gozara o velho militar”. Então, o veterano passa a narrar suas aventuras, como “testemunha ocular” na guerra. Fala dos deveres rígidos do militar, das tarefas braçais que precisa efetuar, sobretudo as dos soldados que “carregam às costas um fardo enorme”. Assim diz o ex-combatente: “Depois o hábito faz lei. Entrei em todas as batalhas e delas sai com vida e eis-me aqui”. Na Batalha de Itororó, como alferes, carregou a bandeira do batalhão, o que lhe causou grande orgulho, ganhou comendas, distintivos e, na volta, da guerra, deram-lhe emprego público. Nesse ponto, o eixo central da discussão é a denúncia da situação dos ex-combatentes, que, apesar de terem defendido o país, estavam “a pedir esmolas”.

Na crônica “A criança mendicante”,²⁷¹ a autora inicia o texto se declarando uma escritora impressionista, que somente escreve sobre as cenas que despertam sua emoção. Por conseguinte, a cronista resgata uma manhã quando almoça com sua filha na pensão onde vivem. Ao chamado de uma música, corre à porta e observa um velho tocando um realejo e ao seu lado uma menina “com um pratinho na mão a pedir esmola pelo trabalho”. A cronista, então, chama a filha e discorre sobre a importância da caridade e do cuidado que os mais possuídos devem ter com os “filhos do sofrimento e das grandes privações”.²⁷²

²⁷¹ SABINO, Ignez. A criança mendicante. *Corymbo*, Rio Grande, 02 out. 1892, p. 02.

²⁷² Id. *Ibid.*, p. 02.

4.1.3 A *Família* (1888-1897)

*Embora o jornal A Família tivesse como proposta iniciar as mulheres nos deveres de esposa e mãe, a defesa da educação feminina, no entender de sua redatora, extrapolava em muito o simples fato de proporcionar à mulher instrumentos que lhe possibilitassem melhor cumprir os deveres maternos.*²⁷³

Com Josefina Álvares de Azevedo²⁷⁴ à frente de sua fundação e Ignez Sabino²⁷⁵ no exercício de redatora, o periódico *A Família*, como o título anuncia, era um “jornal literário dedicado à educação da mãe de família”; ilustrado, contendo quatro folhas. Em 1888, o estabelecimento foi criado na cidade de São Paulo. Todavia, no ano seguinte, transferiu-se para a “Rua do Rezende, 146 – no Rio de Janeiro, em busca de maior irradiação, foi imediatamente franqueado a todas as senhoras que nele quisessem colaborar”. Em seu número-programa D. Josefina criticava a falta de um ideal mais nobre que servisse de base à educação até então destinada às mulheres.²⁷⁶

O grupo de colaboradoras de *A Família* era oriundo de várias partes do Brasil e do exterior: Anália Franco, Isabel Dillon, Maria Amália Vaz de Carvalho. Apesar de ser publicada uma nota, na seção “Novidades”, informando às leitoras sobre a inclusão do nome da escritora gaúcha de pseudônimo Délia como colaboradora do jornal²⁷⁷ e de Norma Telles ter feito um estudo²⁷⁸ sobre o conto “A Espera”, com data de 16 de fevereiro de 1889, publicado nesse periódico, não localizei nenhum texto da escritora. Entretanto, é preciso considerar que somente consegui identificar poucos exemplares desse jornal.

Em 1891, há inversão de papéis, Ignez Sabino assumiu a presidência do jornal e Josefina Azevedo a redação, segundo consta no expediente do jornal.²⁷⁹ E nesse mesmo

²⁷³ BICALHO, 1988, p. 115.

²⁷⁴ *A Família*, [s.l.], anno I, número especial, 1889. Apresenta na capa a foto de sua proprietária. Exemplar do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ).

²⁷⁵ Não há referência de sua colaboração como redatora na capa do jornal, entretanto ela mesma dá essa informação no texto “Direitos femininos”, publicado no *Almanach de Lembranças* para o ano de 1906, p. 140-141.

²⁷⁶ BICALHO, 1988, p. 114.

²⁷⁷ A nota intitulada “Délia” afirma o seguinte: “Faz parte da colaboração d’*A Família*, a notável escritora brasileira Délia, um dos talentos femininos que mais se tem distinguido no nosso jornalismo”. Cf. *A Família*. Rio de Janeiro, anno III, n. 106, 11 jun. 1891. Novidades, p. 07. Exemplar consultado na Biblioteca de Rio Grande (RS).

²⁷⁸ TELLES, Norma. *Caelum* ou tinctura azul. In: FUNCK, Susana Bornéo (org). *Trocando idéias sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994, p. 255-262. O texto de Bormann foi publicado anteriormente na *Gazeta da Tarde*, de 23 de janeiro de 1884, reproduzido em MUZART, 2000, p. 583-6.

²⁷⁹ Cf. *A Família*, Rio de Janeiro, anno III, n.106. 11 jun. 1891, p. 07.

exemplar, a autora baiana escreve o texto “Scenas quotidianas”,²⁸⁰ no qual alertava às leitoras sobre o estado de miserabilidade e completo abandono a que estavam submetidos os pobres. O texto funcionava como uma forma de sensibilizar as mulheres quanto à necessidade de se engajarem em causas sociais.

Para dar mais ênfase a sua discussão e tornar os seus argumentos verossímeis, a autora relatou uma visita que fez a um “albergue de gente faminta de nossa sociedade”. Sabino se centrou em pormenorizar as dificuldades que teve para se equilibrar no chão úmido e íngreme, durante o percurso até o único cômodo onde viviam os três moradores: pai, tísico; mãe, anêmica; criança, faminta. Assim o ambiente é descrito: “O assoalho era nojento. Duas janelas com vidros emporcalhados de pó e com tiras de papel de cores a tapar-lhes as rachaduras, dava uma luz baça ao mesquinho aposento”.²⁸¹

Comentava ainda sobre a precária alimentação da família, constituída de migalhas de pão e ossos descarnados, e finalizou o texto consciente de que aquela não era uma situação incomum e, portanto, era preciso que alguma providência fosse tomada.

A criança, já sem receio de mim, veio afagar-me, e eu retribui-lhe a carícia, sai fechando a porta, mas ouvindo sempre o ruído do martelo do tísico e a voz da criança que sem consciência do que vale a miséria da vida, principiou a cantar descuidada.²⁸²

Em 1898, o jornal entrou numa nova fase, segundo informe da revista *A Mensageira*, na seção “Recebemos e agradecemos”:

A Família, revista dedicada à defesa da emancipação feminina, da qual é redatora a intrépida jornalista Josefina Álvares de Azevedo. O número que temos à vista é o primeiro de sua nova fase e traz na primeira página o retrato de George Sand.²⁸³

Josefina Azevedo era uma das mais vigorosas vozes feministas das décadas de 1880 e 1890. Com uma ousadia que lhe era peculiar, afrontava o poder masculino, garantindo não entender a incoerência que há entre a falta de capacidade de um homem para governar uma casa e a alardeada aptidão para administrar o país; enquanto à mulher, dirigente incontestado do lar, não lhe era permitido comandar uma nação.²⁸⁴ A ativista exigia mais mudanças na sociedade do que suas antecessoras. Considerava o homem um déspota e contra isso se

²⁸⁰ SABINO, Ignez. Scenas quotidianas. *A Família*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1891, p. 03.

²⁸¹ Id. *Ibid.*, p. 03.

²⁸² Id. *Ibid.*, p. 03.

²⁸³ RECEBEMOS e agradecemos. *A Mensageira*, [s.l.], n. 15, anno I, p. 240, 15 maio 1898.

²⁸⁴ Cf. *A Família*, 18 nov. 1888 (apud BICALHO, 1988, p. 138).

rebelou.

Pensava ser absurdo residir no homem o princípio da autoridade na família, pois considerava a mulher mais inteligente. Era favorável ao divórcio, ao voto e à elegibilidade da mulher, denunciava ainda a dificuldade de uma boa educação para a mulher e confiava que logo uma igualdade semelhante à alcançada pelas norte-americanas chegaria até nós.²⁸⁵

Sobre a discussão em torno do divórcio, Josefina Azevedo, em longo artigo publicado em seu jornal, declarou:

O divórcio na instituição civil é uma necessidade lógica. Desde que as partes contratantes moralmente se separem, a subsistência da união pela lei é um absurdo, e um absurdo insuportável, com uma sequência de iniquidade sobre uma consciência resgatada de culpa.²⁸⁶

A prima²⁸⁷ de Álvares de Azevedo era uma mulher de pensamentos avançados. Abolicionista, republicana, ela viajava por todo o Brasil no combate pelos direitos e emancipação das mulheres. Numa série de conferências realizadas no nordeste, em 1889, conforme June Hahner, Josefina de Azevedo incitava as mulheres a entrar nas lutas políticas e convocava todas para participarem das discussões sobre o voto, já que, com ele, elas poderiam melhorar sua posição dentro e fora do lar:

Consciente de que não podia citar precedentes estrangeiros para o sufrágio feminino pleno, ela apelava para o patriotismo; afirmando que ‘alguma nação deverá ser a primeira a iniciar-se nesse grande melhoramento: porque não ser o Brasil?’²⁸⁸

Essa reivindicação foi adotada por Ignez Sabino. No artigo intitulado “A família”, propagou as arbitrariedades cometidas contra duas senhoras mineiras que requeriam inclusão de seus nomes no alistamento de Barbacena. Embora o despacho tenha sido favorável, elas foram excluídas pela comarca de Ouro Preto. A escritora baiana manifestou a seguinte denúncia:

Que contra senso, dizem, que afoiteza, que descalabro social!! Uma mulher votando! Um sorriso de quase compaixão frisa logo os lábios do sexo forte. Em Minas um acórdão disparatado dos membros da Relação, após uns considerandos fora de propósito nega às pretendentes o direito que é

²⁸⁵ TELLES, 1997, p. 428.

²⁸⁶ AZEVEDO, Josefina. *A família*. A *Família*. anno II, n. 77, 2 out. 1890 (apud BICALHO, 1988, p. 216).

²⁸⁷ A dramaturga não era irmã do poeta Álvares de Azevedo como afirma Sacramento Blake. Cf. SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *O florete e a máscara*: Josefina Alvares de Azevedo, dramaturga do século XIX. Florianópolis: Mulheres, 2001, p. 42-46.

²⁸⁸ HAHNER, 1981, p. 82.

concedido a todo o ser pensante e racional só porque em vistas do costumes fazerem leis a mulher deve submeter-se à inação caseira, imitando as nossas analfabetas avós!²⁸⁹

Em outubro de 1890, o jornal *A Família* lança uma campanha de subscrição de senhoras com o objetivo de sensibilizar o Congresso em prol do voto feminino:

O periódico *A Família*, como órgão defensor do sexo feminino, inicia em todo o âmbito do país, uma subscrição de senhoras as quais solicitam dos poderes competentes que lhes sejam outorgados os direitos e regalias de ordem política e civil a que podem legitimamente aspirar.²⁹⁰

Apesar de toda luta das mulheres em prol da homologação do sufrágio feminino, a primeira constituição republicana entrou em vigor em 1891, negando o direito de voto à mulher.

As campanhas abolicionistas e republicanas despertaram as mulheres para a necessidade de maior participação social e política. Os referidos movimentos contaram com a militância ativa de muitas mulheres. Sobre a nova fase inaugurada pelo movimento republicano, o jornal levanta alguns questionamentos e termina exigindo o direito das mulheres de votar e serem candidatas políticas:

A pátria é livre, a sociedade brasileira vai reconstituir-se sob as bases de uma prometida política libérrima, de vistas amplas, de princípios vitoriosos. Mas em meio de tudo isso o que ficará sendo a mulher brasileira? Qual o destino que lhe reservam no conflito da vida nacional?
[...]
Queremos o direito de intervir nas eleições, de eleger e de ser eleitas, como os homens, em igualdade de condições.²⁹¹

Nesse momento, a imprensa feminina ocupava o lugar das associações e organizações de mulheres, servindo como instrumento de conscientização e veículo de expressão de seus interesses. O jornal *A Família* declarou que cabia à imprensa despertar “as consciências adormecidas e fulminar uma iniquidade secular — a escravidão da mulher”.²⁹² Ou ainda: “Não há nada mais belo e nem mais poderoso do que o jornal quando tem a consciente e elevada compreensão da sua missão civilizadora.”²⁹³ Sobre a importância da literatura, do jornalismo e dos salões literários para a emancipação da mulher, Ignez Sabino esclarecia:

²⁸⁹ SABINO, Ignez. A família. *A Família*. 16 jan. 1890, p. 5-6 (apud BERNARDES, 1988, p. 151).

²⁹⁰ *A Família*, anno II, n. 81, 30 out. 1890 (apud BICALHO, 1988, p. 199-200).

²⁹¹ Apud BICALHO, 1988, p. 203.

²⁹² *A Família*, 18 nov. 1888 (apud BICALHO, 1988, p. 196-7).

²⁹³ *A Família*, anno II, n. 45, 16 jan. 1890 (apud BICALHO, 1988, p. 197).

o jornalismo, como é sabido, foi fundado em Paris por uma dama distinta, que, com seus amigos colecionava as últimas notícias passando-as à limpo, e, à noite, num círculo escolhido, eram estas lidas no meio do mais profundo silêncio, provocando no fim uma chuva de aplausos.

Lá mesmo na França, Mlle. de Scudery introduziu nos salões o método de uma conversação séria, agradável e instrutiva, chamando para o mesmo o que houve de mais notável nas letras, ciências e artes. [...]

O cérebro feminino enche-se da luz do progresso e da razão, e da mulher pode-se ainda ter grande aproveitamento na vanguarda social.

O jornalismo pode nesse caso ser ótimo agente.²⁹⁴

Em 1892, Josefina de Azevedo insuflava as suas leitoras para se organizarem em torno da defesa de questões relativas às mulheres:

Pois bem senhoras, uni-vos, agrupai-vos, e manifestai que é grande o vosso número.

Os obreiros formam associações, constituem sindicatos, e suas vozes são ouvidas, fazei como eles oh! Mulheres brasileiras, formai uma federação poderosa, mostrai que somos solidárias – a união é a força, vós o sabeis.²⁹⁵

A educação feminina foi o tema preferido tanto de Josefina Azevedo quanto das colaboradoras do jornal, como por exemplo, Revocata de Mello, que no texto “Economia doméstica” incentiva a dona de casa a instruir-se, visto que assim poderia desenvolver suas atividades com mais inteligência e concretizar suas aspirações no âmbito intelectual. Sendo a mulher responsável pela economia doméstica, a autora recomendava que ela privilegiasse, no orçamento do lar, a educação: “Menos *toilettes* e mais professores, dizia muitas vezes um bom e sábio velho que outrora conhecemos”.²⁹⁶

Anália Franco confirmava a assertiva de sua companheira de redação, acrescentando que cumpria às mães educar dignamente as novas gerações, pois a elas pertencia o futuro da nação.²⁹⁷ No ano seguinte, as discussões em torno do tema permanecem. Dessa vez, foi Maria Amália Vaz de Carvalho quem comentava sobre as aflições pelas quais passavam as mães. Para Carvalho, a educação dos filhos fazia parte de uma cadeia sustentada, diretamente, por uma transmissão tradicional e preconceituosa, inculcada pelos pais.²⁹⁸ Em 1890, Ignez Sabino asseverava:

À vista dos fatos, temos necessidade, nós mulheres, de aderirmos às leis e fenômenos da inteligência; temos precisão de entrar nas grandes batalhas

²⁹⁴ *A Família*, anno II, n. 45, 16 jan. 1890 (apud BICALHO, 1988, p. 72).

²⁹⁵ *A Família*, anno IV, n. 129, 2 jan. 1892 (apud BICALHO, 1988, p. 198-9).

²⁹⁶ MELLO, Revocata de. Economia doméstica. *A Família*, 23 jan. 1890, p. 05-06 (apud BERNARDES, 1988, p. 161).

²⁹⁷ *A Família*, 18 nov. 1888 (apud BICALHO, 1988, p. 136).

²⁹⁸ *A Família*, anno I, n. 6, 5 jan. 1889 (apud BICALHO, 1988, p. 132).

oriundas do estudo e das meditações; temos quase a necessidade, obrigação mesmo de como impulsoras do progresso, ir avante nessa vanguarda do ‘Fiat Lux’ do adiantamento intelectual das escritoras brasileiras.

A instrução das camadas populares e, principalmente, das mulheres pobres também fazia parte das preocupações sociais das redatoras do jornal. Para Anália Franco, o incentivo à educação profissional seria uma forma de realização dos direitos individuais:

a mulher pobre já não pode limitar a sua existência exclusivamente à doce e tranqüila beatitude do lar, vendo-se, as mais das vezes, obrigada na vida moderna a lançar-se na vertigem do trabalho, e a tomar o posto de soldado raso na áspera batalha cotidiana, onde cada indivíduo, seja qual for o seu sexo, é um combatente.²⁹⁹

Em 1890, *A Família* incentivava a criação de escolas e liceus que instruísem profissionalmente as mulheres menos favorecidas, para que tivessem o trabalho remunerado, evitando o recurso à prostituição. Dessa forma, o jornal manifestava que “a iniciativa da fundação de escolas e liceus para o sexo feminino e a lei do ensino obrigatório, hoje mais do que nunca se tornam indispensáveis”.³⁰⁰

As articulistas também acreditavam que uma sociedade liberal e democrática deveria reunir recursos públicos e privados para esse fim:

Na época eminentemente democrática em que vivemos [...] já ninguém desconhece que a instrução, esta nobre e santa propaganda do progresso e da civilização, não seja indispensável ao povo para solidificar-se o edifício social, o qual só pode encontrar apoio e fortalecimento na ciência e na moral.³⁰¹

O acesso à universidade e à carreira profissional fazia parte das reclamações femininas e o jornal noticiava, a título de “Novidades”, as conquistas das mulheres nessas áreas, como podemos confirmar através da nota sobre a obtenção do grau de médica de Antonieta Dias, filha de A. J. Dias, redator proprietário do *Correio Mercantil*, de Pelotas, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.³⁰² O reconhecimento de profissões ligadas à área de artes era outro aspecto enfatizado pelo jornal. Revocata de Mello ressalta os traços biográficos da atriz de teatro Apolônia Pinto, evidenciando suas qualidades profissionais e virtudes morais como argumento forte para exigir da sociedade o reconhecimento da profissão teatral para a mulher.

Ígnez Sabino demonstrou sua constante preocupação em divulgar o pioneirismo

²⁹⁹ *A Família*, anno I, n. 18, 30 mar. 1889 (apud BICALHO, 1988, p. 242).

³⁰⁰ *A Família*, anno II, n. 52, 16 mar. 1890 (apud BICALHO, 1988, p. 243).

³⁰¹ *A Família*, anno I, n. 36, 02 nov. 1889 (apud BICALHO, 1988, p. 237).

³⁰² *A Família*, anno I, n. 40, 30 nov. 1889 (apud BICALHO, 1988, p. 220).

feminino através das ações de suas “companheiras de sexo”, que assumiam posições vanguardistas. Sobre Thereza Barbosa, primeira escultora brasileira, Sabino trouxe informações inéditas ao dizer que a artista era fluminense e que a havia conhecido no “Atelier Bernardelli”. Essas são as suas palavras:

Ainda estavam lá no atelier da rua da Relação os dois primeiros estudos da aplicada brasileira, assim como outros já mais completos, notando-se entre eles o seu primeiro ensaio ao nu. [...] desprendendo-se dos preconceitos sociais, deu-nos um belo exemplo do tipo de mulher moderna.³⁰³

Em 1890, Benjamin Constatat assinou o decreto que impedia o acesso das mulheres às academias. Indignada Josefina Azevedo publicou um artigo em *A Família*, intitulado “Decreto iníquo e absurdo”, no qual questionava o governo de Constatat, acusando-o de, sob a égide da filosofia positivista de Comte, tirar das mulheres todas as conquistas anteriores:

O apostolado positivista, acérrimo, intolerante, impraticável e fútil, subiu às cumfades do poder e se está desdobrando em dogmas insuportáveis, como esse de que deriva o decreto. Daí o desacerto do ato que nos manda fechar as academias.³⁰⁴

O discurso contra a ociosidade feminina ganhou espaço no periódico. A inatividade era associada à negligência, ao abandono do lar para entrega aos passeios públicos, aos maus pensamentos, aos vícios de toda ordem. É, outra vez, a colaboradora quem receitou os benefícios dos trabalhos contra os males do ócio: “Trabalhar é ser útil, é ocupar o seu espírito, é adquirir conhecimentos ou espalhá-los em torno de si, é concorrer para o bem-estar dos outros e para o seu próprio aperfeiçoamento”.³⁰⁵

A insistência, segundo a qual a “Civilização e o Progresso” viriam com a emancipação da mulher e o reconhecimento dos seus direitos, ocupou várias páginas do periódico, como podemos observar na seguinte afirmação:

O que é verdade é que à medida que a mulher se eleva, as sociedades progredem; e o século XIX que é o século das grandes idéias tem tido a ventura de ver discutido à luz dos princípios as bases de nossos directos sociais. Seja a mulher igual ao homem e a sociedade será perfeita.³⁰⁶

[...]

Luz e progresso é hoje uma legenda americana. Seja também nosso esse patrimônio bendito. É esse entusiasmo que me arroja a esta propaganda, por amor deste Brasil, que me viu nascer, e que eu desejo ver engrandecido ao

³⁰³ SABINO, Ignez. Uma escultora brasileira. *A Família*, 14 ago. 1890, p. 01-02 (apud BERNARDES, 1988, p. 120).

³⁰⁴ *A Família*, anno II, n. 81, 30 out. 1890 (apud BICALHO, 1988, p. 219).

³⁰⁵ *A Família*, anno I, n. 14, 2 mar. 1889 (apud BICALHO, 1988, p. 158-9).

³⁰⁶ *A Família*, anno I, n. 3, 15 dez. 1888 (apud BICALHO, 1988, p. 118).

apogeu de todas as glórias, em cujo seio a mulher seja nobre, instruída e livre.³⁰⁷

Apesar de o jornal ter uma feição notadamente de vanguarda em relação aos papéis femininos, as ambigüidades e contradições não são censuradas. Algumas de suas colaboradoras, muitas vezes, emitem opiniões que beiram o contra-senso. É o caso de Ignez Sabino no artigo “Conselhos a uma noiva”.³⁰⁸ Nele, a autora baiana prescrevia recomendações, quase sobre-humanas, à futura esposa: seja inteligente, cautelosa e econômica; tenha um amor sincero e respeitoso pelo seu marido; oculte os defeitos do seu cônjuge; vista-se conforme o gosto do marido; não faça represálias a ele. Ignez Sabino concluía: “A moralidade do lar impõe-se nesta simples palavras: dever”.³⁰⁹

Sobre esse posicionamento extremamente tradicional de Ignez Sabino, que não combinava com os seus textos anteriores, cabem os questionamentos levantados por Maria Thereza Bernardes, em sua pesquisa sobre os jornais femininos:

Por que a noção do dever, e não também a de direito, teria predominado nesses conselhos às noivas a endossar uma imagem tradicional de esposa tão discutida pelas jornalistas?

A pergunta é mais pertinente ainda quando se observa que a autora dos conselhos é a mesma que elogiou a moderna atitude de nossa primeira escultora brasileira em seus trabalhos de nu artístico, que protestou veementemente contra as injustiças feitas às senhoras de Ouro Preto, que propôs às mulheres um programa de luta pelo progresso intelectual das escritoras brasileiras.

O discurso ambíguo pode ser focalizado de um outro ponto de vista. Isto é, da parte dos periódicos, em si mesmos, que, propondo a defesa dos direitos da mulher permitiam a publicação de textos, ainda que pouco numerosos, contendo posições por eles contestadas.³¹⁰

³⁰⁷ *A Família*, 18 nov. 1888 (apud BICALHO, 1988, p. 119).

³⁰⁸ Os “conselhos às noivas” são descendentes do reinado da Rainha Vitória (1837 a 1901). O período vitoriano é marcado pelo controle e regulamentação da sociedade. Os livros de conduta e manuais da época explicitam uma visão reguladora da sociedade. O ideal feminino vitoriano, baseado nas quatro virtudes: piedade, pureza, submissão e domesticidade, circula por toda a Europa e chega no Brasil. Assim, Maria Amália Vaz de Carvalho publica *Cartas a uma noiva* (1896). E Júlia Lopes de Almeida, *O livro das noivas* (1891). É lamentável observar que o apoio feminino ao modelo patriarcal estende-se ao século XX. Revirando os sebos de Pelotas (RS) encontrei um desses manuais. Cf. GOULART, Walkyria Neves. *O livro da noiva*. Pelotas: Globo, 1928. E é bom lembrar que as revistas femininas do século XXI, mesmo as dirigidas por mulheres, ainda instruem-as mulheres quanto ao comportamento feminino. Muitas delas trazem matérias que apresentam métodos de como a mulher deve fazer para ficar mais bonita e magra para conseguir parceiro ou então “como dar prazer ao seu homem”.

³⁰⁹ *A Família*, anno II, n. 53, 23 mar. 1890 (apud BICALHO, 1988, p. 136-7).

³¹⁰ BERNARDES, 1988, p. 169-70.

4.1.4 A *Mensagem* (1897-1900)³¹¹

A revista A Mensageira constitui um dos periódicos mais expressivos da fala feminina, contendo a contribuição de inúmeras escritoras de diversas partes do Brasil. Dessa forma, reflete não só o imaginário, mas também as condições reais sob as quais vivia a mulher no final do século XIX, através dos contos, crônicas e artigos ali publicados. Lendo a revista A Mensageira, podemos perceber toda uma teoria da literatura feminina, além de detectar todos os mecanismos de poder acionados – às vezes de forma subliminar ou até inconscientes – no sentido de dificultar a liberação da mulher.³¹²

Prisciliana Duarte de Almeida, primeira mulher a entrar para a Academia Paulista de Letras, editou o número inaugural de *A Mensageira*, no dia 19 de outubro de 1897, em São Paulo. Posteriormente, a revista foi publicada no Rio de Janeiro, no total de 36 números. Nessa revista literária, para a qual colaborou um expressivo número de escritoras de diversas partes do Brasil e algumas do exterior, a proprietária manifestava seus objetivos dedicados à mulher:

estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual, pela comunhão das mesmas idéias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remanso do lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fruto de observação acurada, eis o fim que, modestamente nos propomos.³¹³

A revista divulgava gêneros literários diversos, entre eles: livros de “senhoras” publicados no Brasil e no exterior; conferências e conquistas femininas; biografias de escritoras brasileiras e estrangeiras do passado e do presente. Sobre os assuntos tratados no periódico, Buitoni afirma que “trazia artigos sobre a condição da mulher, noticiário cultural e muitos textos literários”.³¹⁴ E Telles completa:

A ênfase, como em outros periódicos do período, é na educação da mulher que, muitas vezes, aparece ligada ao reforço de seu papel materno, de boa esposa e dona de casa. No contexto da época, entretanto, a contribuição é

³¹¹ Em 1987, a revista foi reeditada por iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Essa reedição permitiu conhecer todos os números. Cf. *A Mensageira*. Revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. 2 v. Agradeço a Rozane, orientanda da profa. Rita Teresinha Schmidt (UFRGS), que me cedeu os seus exemplares para cópia. Tive conhecimento, durante a pesquisa, de uma tese sobre a revista. No entanto, infelizmente, não consegui consultá-la. Cf. DE LUCA, Leonora. *A Mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. São Paulo: UNICAMP, 1999.

³¹² PAIXÃO, Sylvia Perlingueiro. A Imprensa feminina no século XIX: *A Mensageira*. In: CADERNOS DO 3º ENCONTRO NACIONAL MULHER E LITERATURA. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1989, p. 113.

³¹³ *A Mensageira*, n. 01, p. 01, anno I, [s.d.].

³¹⁴ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990, p. 40.

valiosa assim como é importante a tentativa de enaltecer a mulher tanto dentro de casa quanto profissionalmente. Há diferença entre as articulistas e algumas fazem bons diagnósticos da situação da mulher na sociedade. O voto feminino ainda não era um assunto que pudesse ser tratado livremente e a revista contorna a questão noticiando a conquista do voto em outros países.³¹⁵

Sylvia Paixão, que estuda a revista no segundo capítulo de sua dissertação de mestrado, faz considerações sobre a importância da revista para suas leitoras:

era através deste veículo que fazia circular as suas confidências, os seus segredos e também o seu ideário, expresso nos contos e crônicas ali publicados. Embora propondo a educação da mulher, promovendo a leitura e incitando a sua profissionalização, a ideologia contida na revista ainda reproduzia o preconceito e a repressão dirigidos a ela, no sentido de impedir o seu ingresso na esfera pública.³¹⁶

Podemos observar que vozes dissonantes compõem o discurso da publicação. Ora a fala feminina avança, ora retrocede. Isso é característico de momentos de transição. Naquele tempo, a mulher se deslocava do espaço privado para o público: “O mérito de *A Mensageira* consiste justamente em publicar a contradição, quer dizer, expor a incerteza, a dúvida, os vários atalhos por onde passa a fala da mulher no sentido de se afirmar”.³¹⁷ Portanto, a revista promove a educação da mulher, no intento de tornar a sua função de mãe e esposa mais eficiente. Igualmente, concede, à leitora, conselhos de higiene e de conduta. Ou seja, os cuidados com os filhos e o infanticídio como perigo decorrente da ausência da mulher no lar são temas recorrentes na revista:

O paradoxo se instaura, à medida que se lê a revista *A Mensageira*: ao mesmo tempo que incita a mulher no sentido de se profissionalizar, estabelece o discurso do terror que imprime a volta à casa e aos afazeres domésticos.³¹⁸

Além da própria editora, Prisciliana Duarte de Almeida, colaboravam Andradina de Oliveira, Anália Franco, Auta de Souza, Delminda Silveira, Georgina Santiago, Julieta de Mello Monteiro, Júlia Lopes de Almeida, Júlia Cortines, Maria Clara Cunha Santos, autora da coluna “Cartas ao Rio”; Maria Emília, Narcisa Amália, Revocata de Mello.

³¹⁵ TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987, p. 271.

³¹⁶ PAIXÃO, Sylvia Perlingueiro. *A Fala-a-menos: Poesia e imprensa feminina no final do século XIX e início do XX no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1989, p. 54.

³¹⁷ Id. *Ibid.*, p. 29.

³¹⁸ Id. *Ibid.*, p. 41.

Ignez Sabino publicou quatro textos entre os anos de 1897 e 1898. Aqui destaco dois: Intitulado “Na Thebaida”,³¹⁹ o primeiro é uma crônica na qual a escritora narra sua experiência como leitora dos jornais femininos *Corymbo*, *A Estação*, *A Família e A Mensageira*. A cronista conta que num dia de *spleen*, quando nada que fazia prendia sua atenção, recebeu os exemplares dos referidos periódicos. Sabino comenta o efeito da leitura: “Como por encanto, a crise neurastênica que me acabrunhava e a que eu obedecia escravizada, terminou inopinadamente”.³²⁰ A articulista parabenizou, particularmente, a redatora Prisciliana Duarte “por acolher nas suas colunas a seiva mental das senhoras brasileiras, enxergando, no futuro, o quanto pode o talento da mulher que pensa, lê, estuda e trabalha”. Segue a crônica exaltando o papel importante que cumpria a mulher intelectual na literatura nacional, por meio de nomes como Nísia Floresta, Corina Coaracy, Revocata de Mello, Josefina de Azevedo, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Vieira, Julieta Monteiro e Maria Clara Cunha Santos. Em relação às escritoras estrangeiras, cita: Staël, Sevigné, Lafayette e George Sand. Finaliza direcionando os seguintes votos de vitória à revista:

O porvir abre-lhe os braços nessa questão social da literatura feminina brasileira, demonstrando que o infinito do pensamento não será completo sem a evolução da mentalidade da mulher entre nós.³²¹

No segundo texto, “Por montes e vales”³²² demonstrou todo o seu conhecimento sobre botânica, citando inclusive nomes de cientistas reconhecidos internacionalmente, tais como: Duhamel, Linné, Martius, Cesalpim, entre outros. Sugeriu ainda que o estudo da botânica devesse ser mais explorado pelas mulheres:

não só como passatempo, como, também, por necessidade até mesmo pecuniária. Mas, custa, sei bem, à mulher entre nós, com a educação falsa que recebe, gostar de instruir-se e saber o que chamam de supérfluo.³²³

³¹⁹ SABINO, Ignez. Na Thebaida. *A Mensageira*, v. I, p. 58-60, 30 nov. 1897. Vários poetas utilizam esse título para seus poemas. A exemplo de Olavo Bilac em um poema publicado no *Diário da Bahia*, em 11 de março de 1905, p.02, na seção “Variedades”.

³²⁰ SABINO, Ignez. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, p. 58, 30 nov. 1897.

³²¹ SABINO, *A Mensageira*, p. 60, 30 nov. 1897.

³²² SABINO, Ignez. Por montes e vales. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, p. 309-313, 31 jul. 1898.

³²³ Id. *Ibid.*, p. 310-11.

4.1.5 *Escrínio* (1898 – 1910)³²⁴

Fundado por uma filha desta encantadora terra, por uma fervorosa defensora do seu sexo, O Escrínio surge, também, como incitamento à mulher rio-grandense, convidando-a a romper o denso casulo da obscuridade, e vir à tona do jornalismo trazer as pérolas de sua cultivada inteligência.

*O Escrínio aparece como um verdadeiro propagandista da instrução, do cultivo do espírito feminil.*³²⁵

Fundado em 1898 em Bagé, o *Escrínio* foi transferido para Santa Maria, em 1901, e para Porto Alegre, em 1909. O jornal teve como proprietárias Andradina³²⁶ e Lola de Oliveira (mãe e filha), ambas escritoras, dramaturgas e biógrafas, importantes representantes da cultura feminina no Rio Grande do Sul, no século XIX.

Periódico desconhecido do público acadêmico, *Escrínio* é apenas citado por alguns autores.³²⁷ Talvez, a falta de um estudo mais aprofundado deva-se à dificuldade de acesso ao material. Decorrência de um trabalho detetivesco em várias instituições e dependendo da boa vontade de pesquisadores dedicados, pude consultar 18 exemplares do jornal e juntar as peças para reconstruir o mosaico. O *Escrínio* é realmente um jornal importante que precisa ser

³²⁴ Agradeço particularmente a pesquisadora Hilda Flores que me recebeu em sua residência e possibilitou-me o contato com nove exemplares do jornal. Respectivamente os referentes aos dias: 08 jan.; 05, 12 e 26 fev.; 16 abr.; 10, 14 e 21 maio; 25 jun., todos do ano de 1910. Os outros consultados foram: 02 e 23 jan. 1898 (Biblioteca Nacional); 15 mar. 1901 e 20 dez. 1903 (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul); 16 out.; 13 e 20 nov. 1909 (Museu Hipólito da Costa). Acervos nos quais existem números do *Escrínio*: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - Setor de Obras Raras: anno 1, Bagé, n. 01, 02 jan. 1898; anno 1, Bagé, n. 04, 23 jan. 1898. Instituto Histórico e Geográfico do RS (POA): anno IV, Santa Maria, n. [?], 28 fev. 1901; anno IV, Santa Maria, n. V, 15 mar. [190?]; Anno VI, n. 36, 20 dez. 1903. Museu Hipólito da Costa (POA), (encadernados num único volume): anno X, n. 05, 16 out. 1909; anno X, n. 09, 13 nov. 1909; anno X, n. 10, 20 nov. 1909. Coleção da Pesquisadora Hilda Flores: anno XI, n. [?], 08 jan. 1910; anno XI, n. 06, 05 fev. 1910; anno XI, n. 07, 12 fev. 1910; anno XI, n. 09, 26 fev. 1910; anno XI, n. 16, 16 abr. 1910; anno XI, 10 maio 1910; anno XI – n. 20) – 14 maio 1910; anno XI – n. 21 – 21 maio 1910; anno XI, n. 26, 25 jun. 1910.

³²⁵ *Escrínio*, p. 01, 02 jan. 1898. Esse exemplar, constante do acervo do setor de obras raras da Biblioteca Nacional, está endereçado, pela própria Andradina, à redação do jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro.

³²⁶ Andradina de Oliveira é autora de *A mulher Riograndense*, um interessante estudo biográfico que resgata a vida e obra de 13 escritoras que fizeram história e se inseriram no mundo das letras num momento em que a atividade literária só era permitida aos homens. Cf. OLIVEIRA, Andradina de. *A Mulher Riograndense. 1 Série: Escritoras mortas*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas, 1907. E também *Divórcio?*, obra destinada a orientar e influir a opinião pública em relação à campanha pró-divórcio amplo, promovida em 1912, que reivindicava o direito da mulher a novo consórcio jurídico. Cf. OLIVEIRA, Andradina de. *Divórcio?* Porto Alegre: Livraria Universal, 1912. (Exemplares consultados na Biblioteca de Rio Grande - RS).

³²⁷ Cf. FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa Literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975; SOARES, Pedro Maia. *Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos (1835-1945)*. In: BRUSCHINI, M. C.; ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 121-150; TELLES, Norma. *Escritoras, escritas, escrituras*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 426; FLORES, Hilda Agnes Hubner. *O Escrínio de Andradina e Lola*. In: _____ (org.). *Presença Literária 2005*. Porto Alegre: EDIPLAT, 2006, p. 99-104. (Antologia anual da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul); VIEIRA, Miriam Steffen. *Atuação literária de escritoras do Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corymbo, 1885-1925*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997, p. 47.

estudado a fim de que se possa, conforme observação de Zahidé Muzart a respeito dos jornais femininos:

refletir sobre a integração, ou não desses periódicos fundados por mulheres na vida e na cultura de seu tempo. Segregadas da vida literária, da vida produtiva, refugiavam-se nessas atividades não respeitadas, encaradas com olhares condescendentes tais como brinquedos de crianças a quem seriam identificadas.³²⁸

Na primeira página do número de estréia, datado de 02 jan. 1898, o jornal apresenta-se sob o título *O Esdrínio – hebdomadário*³²⁹ *literário, instrutivo e noticioso*. Um periódico de quatro páginas, com publicação semanal, era editado às quintas-feiras e, posteriormente, aos sábados. O editorial refletia sobre a importância do surgimento do jornal como um espaço aberto para a participação feminina na imprensa.

Andradina de Oliveira, confessa militante em prol dos direitos femininos, aproveitava para denunciar o aprisionamento a que vivia submetida a mulher na esfera privada. Solicitava, também, às leitoras que enviassem material jornalístico, a fim de ser publicado, para o endereço do escritório da redação, instalado na Rua General Caetano Gonçalves, próximo à Beneficência Portuguesa, em Bagé (RS). Na página dois, desse mesmo número, F. Martins escreveu um texto intitulado “Esdrínio”, no qual esclarece, ao leitor, o significado do nome do jornal e tece comentários a respeito de Andradina de Oliveira, comparando seu trabalho com o das irmãs Revocata e Julieta de Mello:

Esdrínio é um cofre de papéis, escrivanhinha, secretaria, etc. Porém o título no presente hebdomedário, eu traduzo por um cofre de inteligência, por um cofre de belíssimas filhas do gênio sempre inspirado de D. Andradina de Oliveira.

Na edição do dia 28 fev. 1901, o periódico aparece sob novo título: *Revista Literária dedicada à mulher rio-grandense*, com publicação quinzenal, redação com endereço à Rua do Acampamento, n. 36. Tipografia da impressora de J.Gomes & Comp. Na edição do dia 16 out. 1909, outra mudança no título: *Revista ilustrada literária, artística, científica, educativa e noticiosa*, com a informação de que não há quantidade fixa de páginas e continuará com a edição de dois números por mês: “Assim resolvemos para facilitar a fatura da mesma, sem o prejuízo desagradável das interrupções”. A solicitação às leitoras para que assinem o jornal,

³²⁸ MUZART, Zahidé Lupinacci. Considerações sobre o primeiro periódico dirigido por uma mulher. In: FLORES, Hilda Agnes Hubner (org.). *Presença Literária 2005*. Porto Alegre: EDIPLAT, 2005, p. 21.

³²⁹ Hebdomadário significa semanário.

em nome da sobrevivência do periódico, é explícita. Os valores são definidos de acordo com o local de onde provém a assinatura e a periodicidade; para a capital: anual (20\$000), semestral (10\$000), trimestral (5\$000), avulso (\$500); para fora: anual (23\$000), semestral (13\$000), trimestral (7\$000), avulso (1\$000).

Com as capas, há possibilidade de se produzir um estudo à parte, pois trazem fotos de representantes governamentais ou personalidades gaúchas sob o título “Homenagem” — como é o caso da edição de 16 out. 1909. Nela está a foto de Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, presidente do estado do Rio Grande do Sul, naquela época. Há ainda fotos da cidade, mostrando as transformações pelas quais passa a capital de Porto Alegre, sob o título “Aspectos da nossa terra”, exemplifico com a edição do dia 13 nov. 1909, cuja foto mostra a Rua 7 de setembro, ou mesmo a edição seguinte, datada do dia 20, que traz foto panorâmica da parte norte da cidade.

A lista de colaboradoras literárias — impressa na contracapa dividida pelos estados do país — é extensa. Entre as baianas estão Amélia Rodrigues e a Dra. Maria Augusta Meira de Vasconcelos e Freire. O nome de Ignez Sabino aparece na lista do Rio de Janeiro, juntamente com o de Maria Clara Cunha Santos. Isso mostra que os nomes podem aparecer tanto pelo local de nascimento quanto pelo lugar onde residem as escritoras. A lista segue da seguinte forma: Rio Grande de Sul: as irmãs Revocata e Julieta de Mello; Santa Catarina: Mariana Coelho³³⁰; São Paulo: Prisciliana Duarte de Almeida; Minas Gerais: Eufrida Goulart Carneiro; Goiás: Leodegária de Jesus; Pernambuco: Francisca Izidora; Ceará: Júlia de Vasconcelos.

O jornal traz informes sobre os avanços femininos em outros países, destacando nomes de mulheres que ultrapassam limites e imposições: cursam faculdades, recebem prêmios por seus méritos pessoais e até votam. Observei, em nota publicada no exemplar do dia 16 out. 1909, que: “Na Ilha de Man, que possui um governo autônomo e um parlamento, as mulheres têm direito de voto e o mesmo acontece na Ilha de Guesnesey”. Também traz fragmentos criticando a situação de inferioridade em que se encontra a mulher ou citações que reivindicam plenos direitos à mulher escritora. Nesse mesmo número há uma reflexão da escritora baiana Ignez Sabino: “A mulher intelectual para deixar alguma coisa que fique é preciso ter plena liberdade de espírito e ação”.

Entre os títulos das colunas estão: “Escritoras Francesas e Escritoras Brasileiras”, no

³³⁰ A informação constante no periódico está equivocada. A escritora nasceu em Portugal, mas viveu sempre em Curitiba.

qual é traçado o perfil biográfico de muitas poetisas, cronistas e romancistas. Na edição citada acima, consta uma foto mostrando reunidas escritoras francesas contemporâneas ao lado dos exemplares de seus livros. Na nota abaixo da foto, há a lista de 32 nomes com o número de suas respectivas produções. A coluna “Letras e artes” divulga artigos, contos, poemas e crônicas. A coluna “Registrando” noticia festas, casamentos, nascimentos, falecimentos, aniversários, acontecimentos artísticos e culturais. Curiosas são as informações sobre viagens, pois, por meio delas, os leitores sabem sobre partidas e chegadas dos indivíduos que transitam.

Na seção de “Classificados”, estão os tradicionais anúncios de divulgação de serviços. No número de 15 mar. 1901, o leitor é informado sobre a abertura de um colégio para meninas. Cabe aqui reproduzir o anúncio pela importância do empreendimento para alargar os horizontes de busca da mulher pelo conhecimento intelectual.

Collegio Andradina. Para meninas. Curso primário completo. Dirigido pela professora diplomada Andradina de Oliveira.
A matrícula está aberta. Este estabelecimento de instrução fundado nesta futura cidade com todas as condições higiênicas funcionará no vasto prédio da Rua do Acampamento, nº 36. Mensalidade (adiantada) 10\$000.

Aparecem também comentários críticos sobre livros que estão sendo vendidos na redação do jornal. Naquela época, o periódico estava instalado à Rua Avahy, n.105 (como no exemplar do dia 16 out.):

Contos de Natal é um artístico e formoso livro, dedicado às crianças rio-grandenses, impresso em superior papel acetinado e ornado de belas gravuras.
O aparecimento deste trabalho causou enorme sucesso pela beleza da feitura tipográfica e pela originalidade dos assuntos, prendendo-se todos ao dulcíssimo tema do Natal.
Livro moralíssimo, encantadoramente educativo, tem tido grande aceitação. Na maioria dos lares porto-alegrenses, cetinosas mãozinhas infantis folheiam as néveas páginas do cândido volume da obra que, com muito amor, lhes foi consagrada.

O *Escrínio* circulou durante, pelo menos, 12 anos, conforme minhas pesquisas iniciais demonstram. A pesquisadora Hilda Flores informa que o jornal teria sido fechado em 1906, ano da morte do filho de Andradina, e reaberto, provavelmente, em setembro de 1909, com endereço na Rua Bento Gonçalves, n. 55, em Porto Alegre.³³¹

Nos exemplares pesquisados do jornal, não encontrei nenhum texto de Délia.

³³¹ FLORES, 2006, p. 99-104.

Remexendo, então, esse baú, chamado *Escrínio*, encontrei três textos de Ignez Sabino. Esses textos haviam sido publicados em 1899, no livro *Mulheres ilustres do Brasil*. O primeiro texto, por ordem de surgimento, aparece na coluna “Brazileiras Ilustres”, intitulado “D. Anna Nery”.³³² Nesse artigo, a autora tece comentários elogiosos à coragem da viúva baiana, em acompanhar o irmão e os três filhos militares, para servir de enfermeira no 4º batalhão de voluntários, na Guerra do Paraguai. Seus filhos morrem no campo de batalha, mas Anna Nery só retorna à sua terra natal ao final da guerra. Sabino diz que a volta de Anna foi um verdadeiro triunfo. Por onde passasse era muito aplaudida e recebia muitas flores:

O governo Imperial marcou-lhe a pensão de um conto e duzentos mil réis anuais, além de lhe dar a medalha de prata concedida pelos serviços prestados à humanidade, pois, bem merecia ela! Fizeram-lhe justiça, assim foi recompensado o dever cívico dessa brasileira ilustre.

Ignez Sabino conclui o texto com apologia à família, à pátria e à humanidade. No segundo, intitulado “Nísia Floresta”,³³³ publicado na coluna “Escritoras Brasileiras”, Sabino traça a trajetória intelectual dessa mulher, que conheceu a Europa e teve seus primeiros livros traduzidos para o italiano e o francês. “Trois ans in Italie” é recomendado às leitoras do jornal. Ignez Sabino comenta sobre a relação de Nísia Floresta com renomados intelectuais e escritores de seu tempo: Victor Hugo, Auguste Comte, Littré, Alexandre Dumas (pai), entre tantos outros. A repercussão das obras de Nísia no exterior, bem como a grande quantidade de revistas, jornais e almanaques, nos quais eram publicados verbetes e notas sobre a escritora brasileira, é motivo de orgulho para a ensaísta baiana.

“D. Roza da Fonseca”³³⁴ é o título do terceiro artigo; uma biografia comentada da mãe do Marechal Deodoro da Fonseca. A autora exalta a força e grandeza dessa mulher que, ao lado do marido, tendo a casa cercada pelos revoltosos da Insurreição dos Montes-Brechas, em 1822, preparava, junto com as escravas, “o cartuchame”, para aqueles que defendiam a sua propriedade. A autora constata que o amor ao país suplantou “os melindres maternos” ao saber da morte do filho Eduardo e do grave estado de saúde em que se encontrava o Marechal Deodoro, na batalha final de Itororó. Na ocasião, D. Rosa teria dito: “Hoje é dia de gala pela vitória; amanhã, chorarei a morte deles”.

³³² SABINO, Ignez. Ana Nery. *Escrínio*, Santa Maria, anno IV, n. V, 15 mar. 1901. *Brazileiras Ilustres*, p. 04, 05 e 06. Exemplar do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

³³³ SABINO, Ignez. Nísia Floresta. *Escrínio*. [s.l.], anno VI, n. 36, 20 dez. 1903. *Escritoras Brasileiras*, p. 01. Esse texto é a parte II. A parte I não foi encontrada.

³³⁴ SABINO, Ignez. D. Roza da Fonseca. *Escrínio*. Porto Alegre, anno X, n. 09, 13 nov. 1909, p. 105-107. Exemplar do Museu Hipólito da Costa.

O *Escrínio* foi um elo que contribuiu efetivamente para fortalecer a corrente que promovia a troca de informações entre mulheres de vários estados. Por meio do periódico, interligavam-se discursos e práticas sócio-culturais, políticas, ideológicas que se organizavam a partir da identificação de uma identidade partilhada pelas escritoras.

4.2 Em busca do além-mar

4.2.1 *Almanach de Lembranças (Lisboa, 1851-1932)*³³⁵

*Pode-se assim acompanhar a transformação do almanaque primeiro importado de Portugal como o Almanaque de Lembranças Luzo-Brasileiro publicado desde 1851 num almanaque nacional adaptado às necessidades próprias de uma parte da boa sociedade brasileira e logo mais de esta ou aquela cidade, como Rio, São Paulo ou Campinas, o que não quer dizer que estejam ausentes ou sejam ignorados os novos modelos europeus, como mostram os estudos de Marlyse Meyer.*³³⁶

O primeiro almanaque escrito em língua portuguesa data, provavelmente, de 1321, conforme Nelson Almeida,³³⁷ e intitula-se *Almanaque perdurável para achar os lugares dos planetas nos signos*. No século XV, em Portugal, aponta-se como título inaugural o *Almanach Perpetuum* (ca.1450-ca.1532), produzido por um judeu de Salamanca de nome Abraão Zacuto e publicado em Portugal (Leiria, 1496), com tradução e adaptação de José Vizinho.

No século XVI, Valentim Fernandes traduz e adapta à realidade portuguesa o *Repertório dos Tempos* (1518-1557), de Andrés de Li, cidadão de Saragosa. Assim,

outros almanaques quinhentistas foram saindo, com ou sem indicação de autor, em português e em castelhano, como o de Jerónimo de Chaves, *Chronografia o repertorio de los tiempos*, impresso em Lisboa por Antonio Ribeiro, em 1576.³³⁸

Os almanaques do século XVII são associados a nomes de autores que se apresentam

³³⁵ Pesquisa realizada na Coleção da Casa de Cultura de Coimbra. Faltam apenas os almanaques para os anos de 1877 e 1931. Esses exemplares estão na Coleção do CLEPUL (Centro de Literatura de Estudos Portugueses da Universidade de Lisboa).

³³⁶ BOTREL, Jean François. Catálogo Almanak dos Almanagues. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanack aos almanaques*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 18.

³³⁷ ALMEIDA, Nelson. Almanaque. In: SILVA, Celina. (org.) *BIBLOS: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa- São Paulo: Verbo, 1995, p. 143.

³³⁸ LISBOA, João Luís. Almanagues. In: GALVÃO, Rosa Maria (coord.). *Os sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, p. 15.

como matemáticos e astrológos: Jerónimo Arnaut, Manuel de Figueiredo, Julião Machado, Manuel Gonçalves da Costa etc. Todavia, nessa época, o nome mais conhecido é o de Manuel Gomes Galhano Lourosa que produz o *Folheto Prognóstico*, ininterruptamente entre 1636 e 1675.

A intensa competição editorial provoca vários conflitos no século seguinte. Existe disputa pelo público, abrangendo questões de autenticidade ou pertença de certos nomes emblemáticos deste tipo de publicação. As querelas chegam até aos tribunais e inclui autores, impressores, mercadores de livros e vendedores de folhetos de prognósticos. Todos estão profundamente envolvidos na produção e comércio dos almanaques.³³⁹ Houve, inclusive, várias tentativas de se criar almanaques sob diversas denominações: *Guia de Litigantes*, no qual constava nomes e endereços de diversos profissionais residentes em Lisboa; *Diário Eclesiástico* (1770-1849), produzido pela Congregação do Oratório de Lisboa cuja intenção era agradar ao público urbano, em especial, às leitoras; *Almanaque das Musas* (1793-1794), de Domingos Caldas Barbosa; *Almanaque de Lisboa* (1782-1823) da Academia das Ciências.

Ao longo dos Oitocentos, porém, os almanaques conhecem seus tempos maiores, com muitas imprensas e jornais que se especializam na confecção desses anuários, produzindo assim a tão popular e depreciada cultura de almanaque.

É sobretudo na sua segunda metade do século XIX, que se verifica a explosão dos almanaques, em gênero e em número, correspondendo a um aumento significativo dos públicos que os procuram. Públicos novos levarão a modelos novos, ora centrando-se os calendários em actividades particulares de uma corporação ou de uma profissão (como os dos cozinheiros, com receitas várias), de um programa (tauromáquico, teatral, turístico, por exemplo, ou dos caminhos-de-ferro com os seus horários), ora marcando práticas litúrgicas (para além do que já aparece normalmente em qualquer destas brochuras), ora recolhendo informações institucionais, ora dedicando-se à publicação de excertos literários ou de cantigas, ora apresentando-se como agenda social e política (difundindo, por exemplo, propaganda republicana ou socialista), ora baseando-se em curiosidades ou divertimentos, com jogos e anedotas. Não se inclui neste elenco a sátira que existiu ao longo destes cinco séculos à margem e contra os almanaques.³⁴⁰

Da variedade de títulos que proliferam, sobressai-se o *Almanach de Lembranças*, alcançando uma longevidade de mais de 80 anos de edições anuais.

Os manuais de literatura, porém, dizem pouco ou nada sobre os almanaques em geral e o de *Lembranças* em particular, embora possamos afoitamente afirmar que não existia publicação periódica mais espalhada e mais lida entre

³³⁹ LISBOA, 2002, p.19.

³⁴⁰ Id. Ibid., p. 13.

os portugueses pelo mundo fora e os seus descendentes do que aquele ‘almanach’.³⁴¹

O sucesso do *Almanach* é tão grande, que em 1853 houve reedição do primeiro volume. No frontispício da publicação de 1854, indica-se a tiragem de 16.000 exemplares, duplicada a partir de 1857, sendo uma destinada a Portugal e às suas dependências e outra ao Brasil. No “Expediente” do volume relativo a 1880, Rodrigo Cordeiro regoziza-se com o seu anuário por ser: um dos de maior tiragem em língua portuguesa; circulando em todo continente do reino, nas ilhas e em todas as possessões da África e da Ásia; percorrendo além disso quase todo o império do Brasil.³⁴²

A importância do *Almanach* para os leitores do Brasil é acompanhada na recepção, através dos anúncios publicados em jornais do país, a exemplo da nota de venda do “Almanach” nos classificados do jornal paulistano *A Família*.³⁴³ Outra estratégia de divulgação é a referência ao *Almanach* em obras de autores brasileiros, caso de *Mulheres Ilustres do Brasil*, na qual Ignez Sabino cita a leitura do *Almanach de Castilho*.

Quanto à inserção do periódico no que a tradicional História da Literatura chama de “Movimento Literário”, Francisco Soares afirma:

Era o *Almanach* um veículo do ultra-romantismo português, até por laços de família e de amizade, e dos epígonos do romantismo brasileiro, a quem já faltavam o fôlego animado e habilidoso de Gonçalves Dias e a profundidade reflexiva de Domingos Gonçalves de Magalhães, o introdutor do romantismo no Brasil. Jacinto Prado Coelho insere por isso o anuário na linha da popularização da ‘poesia romântica’.³⁴⁴

O *Almanach* começa com um ensaio biográfico, no qual se apresenta o retrato do autor pesquisado. Na sequência, há o prólogo, o expediente, a correspondência, o quadro de honra dos charadistas, o índice das matérias expostas. A segunda parte constitui o almanaque tradicional de horário, tabelas e a “folhinha”. Cabe aqui citar a lista das seções do *Almanach* feita por Ernesto Rodrigues, professor da Universidade de Lisboa:

Anedotas e chistes; antologia portuguesa (trechos escolhidos de poetas e

³⁴¹ MOSER, Geraldo. Prefácio. In: FERREIRA, Manuel (org.). *Almanach de Lembranças 1854-1932*. Portugal: ALAC, 1993, p. 17.

³⁴² *NOVO ALMANACH de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1880*, Lisboa, p. XXXVIII, 1879.

³⁴³ *A Família*, 1877. Exemplar da Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Microfilme estragado. Não é legível a data. A página digitalizada consta no anexo desta tese.

³⁴⁴ SOARES, Francisco. *Quicola: estudo*. Para conhecimento do património formal da poesia angolana. Os poemas líricos em verso oriundos de Angola e publicados no século XIX no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Évora: Pendor, 1998, p. 10.

prosadores); arqueologia e arquitectura; antiguidades (coisas do passado, comemorações...); artes e artistas; contos, apólogo e lendas; educação e ensino; epigramas e sátiras; geografia (viagens e descrições); etnografia (costumes, tradições, superstições e trovas); gravuras; História; homens e damas ilustres; lembranças (fatos e notícias dos tempos modernos). Linguagem portuguesa (etimologias, locuções; miscelânea; moral e religião (santos, e varões ilustres da Igreja); mitologia e lendas fabulosas (portuguesas e brasileiras); pensamento; ciências naturais (receitas e indicações úteis); poesia.³⁴⁵

O primeiro número do almanaque sai no ano de 1851, sob a responsabilidade de Alexandre Magno de Castilho,³⁴⁶ editado pela Imprensa Lucas Evangelista. Ernesto Rodrigues cita, em nota, uma declaração de Júlio César Machado,³⁴⁷ publicada em *Apontamentos de um folhetinista* (1878). Reproduzo, então, a nota sete que considerei muito relevante, pois trata dos procedimentos, bastante elementares, utilizados pelo editor e por sua filha para a confecção do anuário:

Da única vez que tive o gosto de ver [a Alexandre Magno de Castilho] no escriptorio, encontrei-o com centos de jornaes deante de si, e sua filha com uma grande thesoura na mão:

- Estamos a fazer o *Almanach!* - disse-me elle.

Marcavam à margem da folha, durante o anno, todos os jornaes em que encontravam notícia que lhes agradasse; depois, no tempo competente, iam-se àquella tarefa, e, [...], engendravam, d'aquelles papeis cortados, o mais curioso e entretido almanach e uma das empresas mais lucrativas do tempo.³⁴⁸

Castilho oferece o primeiro número do almanaque à sua filha: “À minha filha, Emília Augusta de Castilho, offereço este singelo testemunho da minha mais extremosa amizade”.³⁴⁹ No “Prólogo”, o redator informa ao leitor que por falta de outros méritos, a obra tem valor

³⁴⁵ RODRIGUES, Ernesto. *Cultura Literária Oitocentista*. Porto: Lello, 1999, p. 41.

³⁴⁶ Escritor e jornalista, bacharel formado em Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra. Nasceu em Lisboa, em 12-11-1803. Parte para o Rio de Janeiro, em 1825 como oficial da Marinha. Em 1826, publicou *Cartas de dois amantes* e *Poesias dum português oferecidas aos portugueses residentes no Brasil*. Em 1828 emigra para a França com o seu irmão José Feliciano de Castilho, por questões políticas. Colaborou em vários jornais portugueses e brasileiros. Foi também autor e tradutor de várias peças teatrais. Morre em 1860. Cf. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Portugal: Página Editora, v. VI, p.209.

³⁴⁷ Seu talento literário foi reconhecido por Camilo Castelo Branco que o auxiliou no início da carreira. Prefaciou obras do Visconde de Benalcanfor e de Rangel de Lima Júnior e escreveu várias biografias. Publicou, no gênero dramático, comédias. Mas, sobressaiu-se como folhetinista, colaborando em vários jornais de Portugal. “Escritor de impressões, representativo do folhetim desta época, aborda os temas do cotidiano, analisando casos e episódios da sua contemporaneidade e fazendo uso de uma linguagem clara e concisa, de tom coloquial e da ironia, ao mesmo tempo picante e ligeira, que se tornou característica do gênero”. Teve uma vida de muitas dificuldades financeiras que o levou a cometer o suicídio. Cf. SANTOS, M. P. Alves dos. Júlio César Machado. In: BUESCO, Helena Carvalhão (coord.). *Dicionário do romantismo literário português*. Lisboa: Caminho, 1997, p.297.

³⁴⁸ RODRIGUES, 1999, p. 58.

³⁴⁹ *ALMANACH de Lembranças para o ano de 1851*. Lisboa, p. 6, 1880.

pela novidade: Ele não conhece nenhuma outra publicação do gênero do seu almanaque, nem em Portugal nem em outro país, pela variedade de “apontamentos” contidos. Comenta, ainda, sobre o propósito da criação do anuário: “O que só pretendi foi publicar um livrinho ameno, próprio para todos os paladares e de innegavel utilidade ao mesmo tempo para todas as classes”.³⁵⁰ Castilho acredita que os conhecimentos transmitidos por seu almanaque possam interferir diretamente na educação dos jovens e adultos das classes menos instruídas. Outrossim, o governo e o Conselho Superior de Instrução Pública consideraram a obra de Castilho com valor pedagógico e incentivam outras publicações do gênero.

O almanaque do segundo ano, 1852, é oferecido à filha Henriqueta, falecida aos 14 anos. No “Prólogo”, agradece o acolhimento dado ao primeiro exemplar do seu almanaque e afirma ser esse o motivo pelo qual ele providenciou o número atual.

Não sei que boa fada acompanhou aquell'outras paginasinhas. Terras houve em que ellas foram lidas, comentadas, e diariamente estudadas; outras em que os habitantes mais notaveis se reunião a noite, e ali se discutia o artigo do dia antecedente quanto a elle se referia, e se apresentavam todas as idéas associadas que d'elle podiam derivar-se. Houve escolhas em alguns pontos da provincia, em que se estabeleceram premios para as creanças que melhor conta houvessem dado no fim da semana dos artigos relativos a ella; premios que eram muitas vezes os proprios almanachs.³⁵¹

Castilho continua insistindo no valor pedagógico do *Almanach*, e dá como exemplo o efeito educativo causado na sua própria filha de nove anos, que o estuda diariamente, dele retirando variado número de idéas estranhas. A metodologia de leitura utilizada pelo diretor é recomendada aos pais. Assim, baseando-se em sua própria experiência, Castilho afirma que, pais e filhos, ao realizarem juntos a leitura dos artigos do *Almanach*, terão momentos de prazer, além de muita instrução de ordem genérica e universal. A preocupação com a educação dos menos favorecidos é um dos pontos cruciais da sua empreitada:

Continuo pois no meu proposito, que é: [...] dar, n'uma palavra, às classes, profissões, e idades pouco instruidas, e que nada lêem, e que pouco sabem, algumas noções geraes do muito que lhes conviria saber, fugindo sempre nas minhas exposições dos termos technicos, uteis e até indispensaveis, para os homens da sciencia, assustadores porém e aridos para o vulgo. [...] Assim se consegue (por experiência o sei) derramar pelos operarios e plebeus, especie de homens silvestres da civilização, de párias da sciencia, e de escomungados da felicidade, um pouquinho de instrução a que os conlados nem talvez ousavão de aspirar.³⁵²

³⁵⁰ *ALMANACH de Lembranças para o ano de 1851*. Lisboa, p. 23, 1880.

³⁵¹ *ALMANACH de Lembranças para o ano de 1852*. Paris: S-Editor, p. 17, 1851.

³⁵² *ALMANACH de Lembranças para o ano de 1852*. Paris: S-Editor, p. 19-20, 1851.

No ano de 1855, o almanaque passa a se chamar *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. A numerosa colaboração enviada do Brasil justifica plenamente o acréscimo da designação.

A primeira colaboração brasileira surgiu em 1854 (o citado João Cardoso de Meneses e Sousa Júnior), mas só em 1855, essa colaboração foi devidamente reconhecida com o acrescento da designação Luso-Brasileiro. Depois que começou, a colaboração brasileira aumentou sempre, mantendo um alto índice de participação até ao último volume. Numa primeira fase, contemplou sobretudo os autores românticos e ultra-românticos, com a inclusão do Visconde de Pedra Branca e a participação de Gonçalves Dias, Laurindo Rabelo, Casimiro de Abreu, Gonçalves de Magalhães. Trata-se principalmente de um romantismo social, individualista, sem recorrer a elementos específicos da cultura brasileira. Obedeceria também, deste modo, aos preceitos formais e temáticos preestabelecidos. A partir do fim do século, acentuam-se novas participações, já com influência do Realismo, do Parnasianismo e do Simbolismo: Olavo Bilac e Raimundo Correia, Hermes Fontes, Amadeu Amaral, Augusto de Lima, entre muitos outros. A grande percentagem da colaboração é de autores desconhecidos que, por pontual e descontínua, torna difícil o seu estudo.³⁵³

A publicação tornou-se mais volumosa e a colaboração literária passou a ser considerável a partir de 1855.

No fim da década, a publicação da produção literária de autores de nome ao lado da de autores totalmente desconhecidos, que de outro modo nunca teriam publicado, constituía a parte fundamental do Almanaque.³⁵⁴

No “Prólogo”, Castilho diz que apesar da mudança de nome, a sua publicação se manterá no mesmo nível, sem colocar em risco a inocência, os bons costumes e as crenças. O redator projeta suas ambições e assegura que o seu *Almanach* será, no futuro, uma porta por meio da qual as leituras se abrirão para um passado que poderá ser revisitado, através da memória de suas páginas. Ou seja, o arquivo de fragmentos de uma história diária que produziu um presente e germinou um futuro. Castilho faz ainda uma análise retrospectiva dos cinco anos do periódico:

Mil oitocentos e vinte e seis dias se achão registrados n'estes cinco volumes. Todos elles com alguma cousa mais que as meras indicações calendaricas do estylo, e trazendo cada um para o banquete do povo, seu fructo de sciencia, sua flor de arte, seu aroma do espirito, sua noticia do passado ou do presente, seu conselho ou aviso, ou quando menos, seu sal e adubo para a conversação, o que tudo sommado representa um profuso panorama de mais

³⁵³ AUGUSTO, Sara Manuela R.M. *Almanaque de lembranças Luso-Brasileiro*. In: SILVA, Celina. (org.) *BIBLOS: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa- São Paulo: Verbo, 1995, p. 148

³⁵⁴ AUGUSTO, 1995, p. 147.

de 2.000 artigos.³⁵⁵

Castilho agradece a todos aqueles que contribuem para a difusão, leitura e estudo do anuário, quais sejam, governadores, párocos, professores, famílias urbanas e camponesas, literatos, entre outros.

Graças a taes auxiliares, o *Almanach de Lembranças* instrue os meninos de muitas escholas, desenfada muitos serões provincianos, entretem os domingos de muitas donzellas, encurta horas a muito ancião solitario, e já em alguns quarteis de tropa dá aos soldados instruidos pela eschola regimental, com que substituir vantajosamente as conversações ociosas, grosseiras, e dissoluta da tarimba.³⁵⁶

Ao final do “Prológo”, o redator esclarece ao leitor que o acréscimo do adjetivo luso-brasileiro deve-se ao fato de muitos colaboradores serem do Brasil. Segundo Castilho, a esse país, os portugueses estão irmanados pela língua e religião, pelos costumes e interesses comuns.

É a este sentimento de hospitalidade e convivencia, proprio de um século despreocupado e humanitario, que o *Almanach de Lembranças* deve, além de uma collaboração que o illustra, ir-se já tambem tornando livro popular por essas regiões, [...].

Por tudo isto, o *Almanach de Lembranças* desde o princípio do seu segundo lustro, será impresso em duas edições ao mesmo tempo – a de Portugal e a do Brasil. Communs no fundo estas duas edições, só differirão nas clausulas propriamente de calendario, para servirem com igualdade aos interesses de ambos os paizes.³⁵⁷

Após a morte de Alexandre Magno de Castilho, em 23 de maio de 1860, assumem a direção do periódico seu sobrinho e genro de mesmo nome e Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, jornalista e poeta, editor de *O Trovador*.³⁵⁸ No *Almanach de 1862*, Antonio Feliciano de Castilho³⁵⁹ faz um elogio fúnebre ao irmão e sustenta que: “não é só em Portugal que esta perda está magoando, é em toda a parte onde se lê e fala a nossa formosa língua; no

³⁵⁵ *ALMANAQUE de Lembanças Luso-Brasileiro para o ano de 1855*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, p.24, 1854.

³⁵⁶ Id. Ibid., p. 29.

³⁵⁷ Id. Ibid., p. 30..

³⁵⁸ Periódico literário (1844-1848). *Jornal de versos* ou *Folha de poesias*. Órgão da juventude estudantil de Coimbra. Lemos quem assina o editorial programático, o poema “Invocação”, uma das muitas poéticas implícitas típicas da produção romântica: o “juvenil trovador” pede ao “arcanjo da poesia” a “inspiração” para um cantar novo que se confunda com as vozes da natureza, as brisas das florestas e os ventos da “penha alcantilada”, uma poesia reveladora de todos os segredos “da terra, ou do mar, do céu, do inferno!”. Cf. MORNA, F. Freitas. *O Trovador*. In: BUESCU, Helena Carvalhão (coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, 1997, p.559.

³⁵⁹ Considerado um dos grandes escritores portugueses da época do romantismo em Portugal, juntamente com Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Nasceu em Lisboa a 28-01-1800 e morreu a 18-6-1875 na mesma cidade. Sofreu duas doenças graves na infância que o deixaria cego. Acompanhado pelo irmão mais novo, Augusto Frederico de Castilho estudou na Universidade de Coimbra na Faculdade de Cânones. Sua obra é vastíssima. Cf. GRANDE ENCICLOPÉDIA Portuguesa e Brasileira. Portugal: Página Editora, v. VI, p. 210.

Brazil sobretudo.”³⁶⁰

No ano de 1872, ocorrem duas mudanças: o nome, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* e a direção, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Em 1872, o periódico passa a incluir, nas páginas iniciais, estudo da obra de escritores e de personalidades conhecidas. Sobre essa nova fase do anuário, o redator escreve um pequeno texto informando as mudanças do periódico:

Se compararmos o presente Almanach com os anteriores, veremos que contem muito mais materia no mesmo numero de folhas.

[...]

O nosso empenho foi dar muito, dar mais do que até aqui, e tornar este livrinho mais variado, sem lhe aumentar o preço. Os leitores dirão se o conseguimos; e também lhes podemos afiançar que o mesmo principio de moralidade e de escrupulo que sempre presidiu à composição do Almanach de Lembranças continuará a presidir à do Novo Almanach.³⁶¹

No ano de 1898, Antonio Xavier de Sousa Cordeiro,³⁶² sobrinho do diretor anterior, assume a direção. A partir de 1905, a responsabilidade pela gestão do periódico fica a cargo de Adriano Xavier Cordeiro, filho do diretor falecido. Em o “Expediente”, ele pede a benevolência dos colaboradores por qualquer problema que tenha ocorrido na elaboração do Almanaque do já referido ano.

De tudo nos justifica porém, a anormalidade das circumstancias que, infelizmente, se deram no decorrer da sua elaboração. O inesperado fallecimento do nosso saudoso antecessor, - determinando uma suspensão bastante longa nos trabalhos da redacção, deixando em confusão muitos dos seus papéis e apontamentos, tornando-nos impossível o cumprimento de promessas que porventura estivessem feitas, originando, enfim, contratempus e dificuldades que nos criaram uma situação embaraçosa – é de – certo ponderoso motivo merecedor de indulgencia para irregularidades, que a nossa muito boa vontade não foi talvez sufficiente para evitar.³⁶³

A partir de 1918, torna-se responsável pelo anuário O. Xavier Cordeiro que o dirige até 1931. No “Expediente”, refere-se ao fato de que quatro vezes foi substituída a direção do anuário por morte de seus diretores, e sempre um novo membro da família assume a tarefa de não interromper a publicação. Mas a nova mudança na gestão resulta de Adriano Xavier

³⁶⁰ ALMANAQUE de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1862. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1861, p.12.

³⁶¹ CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues. Novo Almanach de Lembranças para 1872. In: *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1872*. Lisboa: Lallemand Frères, 1871, p. 14.

³⁶² Conforme explica no expediente de 1901, é o mesmo A. Xavier Cordeiro que a partir daquela data usará o nome abreviado.

³⁶³ NOVO ALMANACH de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1905. Lisboa, p. LXXIX, 1904.

Cordeiro estar absorvido por muitos afazeres profissionais.

Agora, porém, que sem quebra da tradição familiar que a esta publicação anda ligada, a sua direcção pôde passar para uma quarta pessoa da família Cordeiro, fica assim garantida a continuidade d'esta modesta obra que constitue já um patrimonio familiar e tradicional que tanto desejamos manter, sem desmerecer o carinhoso acolhimento que sempre temos recebido dos nossos estimados leitores e colaboradores.³⁶⁴

Armando de Lima Pereira, em 1932, assume a liderança do último número da publicação. É interessante destacar que o *Almanach* trazia dois índices de colaborações. Um deles recebia o título de “Cavalheiros”, no qual constavam nomes reconhecidos da literatura portuguesa: Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antero de Quental, e de escritores brasileiros como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Machado de Assis, Olavo Bilac. O outro era nominado “Senhoras”. As colaboradoras mereciam atenção especial de Castilho. Em 1859, contam-se vinte e um nomes. No prólogo do volume, felicitava-se o feito:

E não pequeno título de glória é para nós o haver sido este livro, em terras portuguesas, o primeiro em que elas hajam aparecido em número mais que suficiente para nos provar que o génio não é partilha exclusiva do nosso sexo.³⁶⁵

Entre as escritoras portuguesas, ressalto os nomes de Maria Amália Vaz de Carvalho, Guiomar Torreção, Adelina Lopes Vieira, Ana de Castro Osório e entre as brasileiras, Ana Ribeiro de Góes Bittencourt, Anália Vieira do Nascimento, Francisca Júlia da Silva, Georgina de Carvalho, Ignez Sabino, Narcisa Amália e Prisciliana Duarte de Almeida.

O primeiro texto em prosa publicado por Ignez Sabino, no *Almanach de Lembranças*, é intitulado “Conselhos à minha filha”³⁶⁶. Explícito no próprio título, trata-se de conselhos dirigidos à sua filha. A autora recomenda que dever e razão são princípios básicos, porém, guiados pelo coração. Como recebeu os ensinamentos da mãe, ela repassa à filha. Dessa forma, Ignez fala a partir de sua própria experiência. Com sua mãe, Ignez Sabino aprendeu a “perdoar injúrias, cerrar ouvidos à maledicência e calar frases que possam ferir alguém”. Segundo a autora, se a filha ouvir as doutrinas e aceitar os conselhos da genitora, seguirá no caminho correto. Mas Ignez Sabino adverte que, apesar dessas atitudes, não se deve ser humilde. Para ela, a altivez é princípio fundamental da vida social. A autora segue orientando

³⁶⁴ *NOVO ALMANACH de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1918*. Lisboa, p. 27-28, 1917.

³⁶⁵ *ALMANAQUE de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1859*. Lisboa, p. 6-7, 1858.

³⁶⁶ SABINO, Ignez. Conselhos à minha filha. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1894*, Lisboa, p. 170-1, 1893.

a filha sobre adequação das leituras e quando elas devem ser realizadas:

Não te entregues à leitura de livros levianos. Seja a Bíblia cristã a tua leitura predileta. Depois, quando adulta, se quiseres, deixa-a de ler então, mas por enquanto é preciso observar-te que não há povo sensato que não tenha o seu compêndio de religião que nas maiores agonias mitiga o sofrimento como bálsamo indispensável à alma.³⁶⁷

Cabe lembrar que 52 anos antes, portanto, em 1842, Nísia Floresta publicara um livro com o mesmo título. Provavelmente, Ignez Sabino tenha lido a obra, que é também dirigida à filha da militante potiguar, pois, em artigo já referido, publicado no jornal “Escrínio”, Sabino confirma ser leitora da obra de Nísia Floresta: “Quando leio de novo os seus livros, comparo-a em profundidade à atual Mlle. Martineau, bem conhecida na literatura de agora e que compilou as obras de Auguste Comte”.³⁶⁸

Enquanto Ignez Sabino aconselha a leitura da Bíblia como aprendizado da sensatez, Nísia Floresta advoga a busca do saber e a conquista do conhecimento, encarando-os como pré-requisito para a mulher ter o seu valor reconhecido no mundo dos homens.³⁶⁹ É, portanto, numa perspectiva bastante avançada que Nísia Floresta se dirige à filha:

Se procuro abrir-te, e facilitar-te o caminho das ciências, se me esforço por dar-te uma educação, que entre nós se nega ao nosso sexo, é sem dúvida na esperança de que a minha cara filha, bebendo as saudáveis lições de sabedoria, procure dar um dia a seu espírito o realce das virtudes que tanto o enobrecem, e que é o único a torná-lo digno da estima e respeito da sociedade. E como não pretendo limitar-me a dar apenas a teu espírito uma leve notícia da ciência, que, diz o vulgo, não ser necessária à mulher, eu não temo que a vaidade, vício desprezível, que geralmente se atribui ao nosso sexo, infeccione tua alma.³⁷⁰

A preocupação com a educação e com as leituras das filhas é tema recorrente nas obras do século XIX. José Lino Coutinho, médico e político baiano, preocupado com a educação de sua filha Cora, fruto da sua relação extra-oficial com a poetisa baiana Ildefonsa Laura César (1794- ?), escreveu *Cartas sobre a educação de Cora* (1849).³⁷¹ O texto é um

³⁶⁷ SABINO, Ignez. Conselhos à minha filha. SABINO, Ignez. Conselhos à minha filha. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1894*. Lisboa, p. 170-171, 1893.

³⁶⁸ SABINO, Ignez. Nísia Floresta. *Escrínio*, anno VI, n. 36. 20 dez. 1903, p. 01.

³⁶⁹ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003, p.258.

³⁷⁰ AUGUSTA, Nísia F. B. Conselhos à minha filha. Rio de Janeiro: Tip. Imparcial de F. de Paula Brito, 1845, p. 16-17 (apud: LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.258).

³⁷¹ COUTINHO, José Lino. *Cartas sobre a educação de Cora: seguida de um catecismo moral, político e religioso*. Bahia: Typografia de Carlos Poggetti, 1849. Há um exemplar desta edição na Fundação Clemente Mariani, Salvador (BA), e um livro sobre essa obra. Cf. REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador: FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.

manual de leituras para meninas - nas perspectivas do *Emílio*, de Rousseau - que teve bastante circulação nos Oitocentos. É possível que Sabino tenha lido, também, essa obra.

Preocupada com a inferiorização e, conseqüentemente, como apagamento do trabalho feminino, Ignez dirigiu às leitoras e colaboradoras do anuário, designadas “Senhoras minhas”, uma carta aberta, sob o título de “Liga Promotora de Trabalhos Femininos”. Na mensagem, ela informava sobre sua empreitada, como secretária do “Lyceu das Artes e Ofícios”, no Rio de Janeiro, em valorizar os afazeres das mulheres. A entidade, através de uma exposição, resgatou os trabalhos produzidos por mulheres ao longo dos séculos e conseguiu provar, segundo Ignez, que o trabalho manual (tapeçarias, bordados, roupas de cama e mesa) e intelectual (livros e quadros) da mulher brasileira merecia reconhecimento e prestígio. A autora definia o espírito da empreitada, da seguinte maneira:

Com o perfume da educação e do bom gosto se espalhava naquela vasta coleção de objetos de arte feitos por mãos patricias, uns trazendo consigo os nomes, tudo o que há de mais distinto na nossa sociedade, outros – uma simples inicial, revelando todo o encanto da modéstia.³⁷²

É curioso observar como esse tipo de evento ainda é, na contemporaneidade, uma forma de resgate artístico e cultural da contribuição feminina no mundo do trabalho.³⁷³ Ao finalizar o texto, Ignez solicita às suas “companheiras de sexo” portuguesas que enviem qualquer trabalho novo da sua habilidade e engenho, para que, futuramente, possam ser exibidos ao público.

Sobre a inserção das mulheres na política, Ignez mostra-se tradicional ao defender que a política da mulher deve ser a “política do lar” que, para ela, tanto alcance tem como a política das nações. Entretanto, no texto “Direitos femininos”, a autora mostra-se bastante avançada ao contestar a imagem feminina produzida culturalmente para a mulher, que se traduz por: graça, beleza, maternidade e virtudes cristãs. Ela se posiciona politicamente a favor do feminismo e da intervenção intelectual da mulher na vida social. Por conseguinte, dirige sua crítica contra os denominados “antifeministas”, defensores da idéia de que à mulher são reservadas apenas as aspirações ao lar, ao marido e aos filhos.

Ignez Sabino traz à baila seu trabalho juntamente com Josefina de Azevedo, tanto

³⁷² SABINO, Ignez. Liga promotora de trabalhos femininos. *Novo Almanach de Lembranças Luso- Brasileiro para o ano de 1904*. Lisboa, p. 265-267, 1903.

³⁷³ Entre muitos exemplos que poderiam ser citados aqui, destaco a exposição *As pequenas coisas: recordações de mulheres: 1910-1950*, ocorrida na Biblioteca Pública Municipal do Porto, de 2 de outubro a 15 de novembro de 2006, da qual resultou um primoroso catálogo publicado pela Câmara Municipal do Porto.

como redatoras do jornal *A Família*, quanto na assistência nos debates da Câmara, na defesa da inserção do direito ao voto feminino na Constituição brasileira que, como sabemos, somente viria acontecer em 1932. Se nos reportarmos ao Movimento Sufragista Brasileiro, constataremos que, por um lado, houve intensa mobilização das mulheres em prol da aprovação do voto feminino, questão que até então não fazia parte das preocupações do conjunto da nação, nem mesmo da maioria das mulheres. Por outro, a Campanha deixou de fora um grande contingente de mulheres, já que a estratégia adotada estava distante das mulheres em geral.

Em *Ideologia e feminismo*,³⁷⁴ Branca M. Alves resgata uma parte importante da nossa história, qual seja, a questão do voto feminino no Brasil, que foi negligenciada pela historiografia tradicional masculina. Entretanto, a autora não contempla o pensamento de mulheres que se opuseram ou mesmo se diferenciaram por questões de posicionamento político e/ou ideológico ao movimento hegemônico liderado por Bertha Lutz. Maria Lacerda de Moura é exemplo dessa atitude. Educadora e escritora mineira, ela se manteve em uma posição marginal, não apenas porque discordava de Lutz, mas de toda ideologia que se estabelecesse a partir da ótica do poder centralizado. Míriam M. Leite³⁷⁵ recupera, através da história dessa mulher, “uma outra face do feminismo”, isto é, a face rebelde, avançada, revolucionária. Maria Lacerda se afasta do Movimento Feminista Sufragista, por considerar o voto um processo inadequado de luta pelo poder e uma conquista que iria beneficiar poucas mulheres, sem trazer coisa alguma à multidão feminina, vítima de uma organização social injusta. Outrossim, julgava que a luta pelo voto feminino limitou de forma estratégica as reivindicações do Movimento Feminista. Nas palavras de Míriam M. Leite,

Maria Lacerda de Moura foi alguém que refletiu sobre os diversos aspectos da condição feminina e tentou vivê-la de maneira consciente e declarada com posições que a muitos parecem ter surgido apenas após os movimentos feministas da década de 60.³⁷⁶

Seis textos publicados de Ignez Sabino são biografias de mulheres. O texto biográfico é o gênero que mais Ignez utiliza. Sua intenção é exaltar figuras femininas proeminentes que atuavam nos diversos espaços da esfera pública. Por meio das biografias, Ignez defendia propostas engajadas com a causa feminista, quanto aos papéis sociais que as mulheres

³⁷⁴ ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

³⁷⁵ LEITE, Míriam L. Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984, p. IX.

³⁷⁶ Id. *Ibid.*, p. 30.

“modernas” podiam desempenhar. Assim, eram sempre biografias de mulheres que romperam barreiras; por isso as leitoras deveriam tomar como modelo a ser seguido.

No caso das duas biografias a seguir, as protagonistas se destacam pela coragem e bravura nos conflitos. Em “A freira mártir”,³⁷⁷ é narrado o dia do assassinato de Soror Joana Angélica, abadessa do Convento da Lapa, na Bahia, que morreu defendendo o convento e a honra das noviças nas batalhas pela independência do estado. Em “Anita Garibaldi”, a autora realça o papel da catarinense, que combateu ao lado do companheiro Garibaldi. Desde as batalhas no Brasil e na Europa, a autora mostra uma outra imagem de mulher, diferente daquela exigida pelo padrão comum, ou seja, o da mulher que espera o homem em casa, vivo ou morto na volta da guerra. Anita foi diferente:

Coração de patriota, alma de heroína, Anita, dia a dia, ao lado do grande revolucionário, compartilhou as suas desgraças e os seus triunfos em toda a Campanha, tomando parte nos combates, já de espingarda na mão, já na posição de artilheiro, animando os combatentes, e mais ainda, servindo de enfermeira solícita e boa, nas ambulâncias, sem nada mais do que esses carinhos que a mulher sabe dispensar pela bondade do seu coração e sentimentalismo.

Na fúria do combate, aflita a ver cair os corpos e prolongarem-se os ais, indiferente ao fumo e ao estourar das balas, Anita Garibaldi foi mãe.³⁷⁸

As biografias, mencionadas a seguir, destacam mulheres que tiveram papel importante na vida literária do Brasil e de Portugal. “D. Amélia de Alencar” é uma curta nota biográfica sobre a sobrinha do escritor José de Alencar. No texto, Ignez informa que a “apreciada” escritora fundou o jornal *O Astro* e a Liga Feminista Cearense, no Ceará, onde publica artigos sob o pseudônimo de *Cleópatra, de Nisse*. Sobre a escritora, Ignez Sabino constata: “Entusiasta por tudo que é grande e útil ao progresso, o seu nobre ideal é elevar na sua terra a Mulher em proveito da Família, da Educação, da Pátria e da Humanidade”.³⁷⁹

Em “D. Thereza Diniz”, Ignez inicia lembrando os saraus literários e musicais, realizados no Teatro Santa Isabel, no tempo das campanhas abolicionistas no Recife. Nesses eventos, segundo a autora, a alta intelectualidade pernambucana se fazia presente: Joaquim Nabuco, a atriz Ismênia dos Santos, o maestro Euclides da Fonseca, o músico Cândido Filho e, particularmente, a pianista Thereza Diniz, fundadora da Sociedade Euterpe Musical, que

³⁷⁷ SABINO, Ignez. A freira mártir. *Novo Almanach de Lembranças Luso-brasileiro para o ano de 1898*, Lisboa, p. 22-2, 1897.

³⁷⁸ SABINO, Ignez. Anita Garibaldi. *Novo Almanach de Lembranças Luso-brasileiro para o ano de 1902*. Lisboa, p. 259-261, 1901.

³⁷⁹ SABINO, Ignez. D. Amélia de Alencar. *Novo Almanach de Lembranças Luso-brasileiro para o ano de 1906*. Lisboa, p. 178, 1905.

arrancava ao piano, na interpretação dos mestres, sons divinos, puríssimos, nítidos, transmitindo, como artista, de alta envergadura, aos seus ouvintes as emoções que lhe bailavam na alma privilegiada...³⁸⁰

Ignez Sabino acrescenta que a pianista, viúva, sem recursos e com quatro filhos para criar, não se esmoreceu. Com “espírito forte”, ela enfrentou a situação e empreendeu grandes esforços; ensinava música e piano, numa vida de trabalho porfiado, tornando a criação e educação dos filhos as razões pelas quais dedicou a existência.

O texto seguinte é justamente sobre a filha da referida musicista e professora. Ignez comenta sobre a precocidade de Lizá Diniz, em relação ao seu pendor hereditário para a música: o piano, sob a pressão dos seus dedos, finos e nervosos, fala essa linguagem incoercível que a palavra humana não traduz.³⁸¹

Em “Uma escritora portuguesa”, Ignez discorre sobre duas obras da escritora Mafalda Mousinho de Albuquerque, que escreve sob o pseudônimo de “Modesta” um romance e um livro de poesia. Infelizmente a autora baiana não cita os nomes das obras. Ignez Sabino faz observações sobre o valor das obras, sendo bastante criteriosa na sua análise. Destaco a consideração da autora sobre o poder da crítica em relação à permanência das obras literárias. Sabino demonstra conhecer de perto as idiosincrasias dos bastidores e os mecanismos ambivalentes do processo de canonização das obras literárias:

Cada começo de século é assinalado por uma crise mental enorme, quer na política, quer nas artes e letras, e a crítica sempre de si contingente pela diversidade do critério de apreciação, mais contingente e incerta se torna ainda nessas perturbadoras etapas da evolução mental, como se fosse uma agulha magnética em meio da tempestade. Mas a obra que tem real valor, sempre fica e resiste, mesmo aos mais desenfreados vendavais de crítica demolidora. [...]

Ora, os livros de D. Mafalda Mousinho Albuquerque foram respeitados pela crítica, que sempre acolheu com doçura. É porque neles há essa arte que se impõe pela espontânea sinceridade, pela sóbria honestidade dos processos literários e pela fluência da verdadeira inspiração.³⁸²

Duas narrativas merecem relevo. A primeira, intitulada “Almas de Artistas (capítulo inédito)”, até o momento, é a única existência real (pista) do que teria sido o capítulo inicial do romance “Alma de Artista” (?). Citado em muitas biografias da autora, a obra nunca foi

³⁸⁰ SABINO, Ignez. D. Thereza Diniz. *Novo Almanach de Lembranças para o ano de 1906*. Lisboa, p. 258, 1905.

³⁸¹ SABINO, Ignez. Lizá Diniz. *Novo Almanach de Lembranças Luso-brasileiro para o ano de 1909*. Lisboa, p. 130, 1908.

³⁸² SABINO, Ignez. Uma escritora portuguesa. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1910*. Lisboa, p. 110, 1909.

localizada em bibliotecas, sebos ou acervos particulares.

A narradora inicia a história do amor impossível entre um pintor e sua discípula, filha de um aristocrata, apresentando-nos a seguinte cena: Guido e Alice, esses são os nomes dos protagonistas, estão numa espécie de parque florestal, onde o rapaz foi ministrar aulas de pintura, sob a atenção distante do pai da sua amada. Em meio às atividades da aprendiz, eles iniciam um diálogo bastante metafórico e sugestivo, no qual Alice se insinua para o pintor. A paixão de Guido e a certeza da impossibilidade de realização da relação amorosa se justificam pelo fato de sua amada pertencer a uma classe social, economicamente, superior à sua. As palavras do parágrafo final, do único capítulo conhecido do romance de Ignez Sabino, são elucidativas a esse respeito:

Trabalho!... Nobreza!... Constância!... Como era ingênuo!... como era puro!... Não seria absurdo aquele juramento?... A sua alma de artista não era compreendida pela sociedade em que ela vivia, visto que o talento para muitos ser letra de câmbio que não dá juros. A divisão de classes será a eterna barreira que empata a felicidade humana, perguntando implacável; ‘Homem, quem és? para onde vais? d’onde vieste?’³⁸³

A outra narrativa, “Lenda pernambucana”, retoma a tradição da literatura popular transmitida pela oralidade. A narradora convida o leitor, à moda machadiana de escrever, a passear pela “folhas da história pátria”, na época das conquistas lusitana e holandesa e da catequização jesuítica junto aos índios na região de Pernambuco. A narradora historiciza a luta entre holandeses e portugueses pela posse do território pernambuco.

É esse o espaço histórico-ficcional onde se sucede a história de Sancha Coutinho, filha de um fidalgo lusitano que vive num engenho, distante da cidade de Recife, denominado Imberibeira. Sancha era disputada por filhos da nobreza pernambucana. Ela escolhe um plebeu, de nome Antonio Homem Saldanha Albuquerque. O pai, como de costume, rejeita, veementemente, o escolhido, pois ele macularia a estirpe “azul”, origem de toda a sua genealogia. O moço, então, resolve conquistar fidalguia, lutando nos combates. Assim, parte para a guerra na ilusão de voltar vitorioso, conquistar a simpatia do sogro e, conseqüentemente, esposar sua amada.

O corajoso varão tornou-se conhecido pelos seus feitos na guerra, chegando a ferir o chefe holandês. Uma notícia de via dupla, porém, chega aos ouvidos dos amantes: um toma conhecimento da morte do outro. A jovem, então, declara-se viúva. Na velhice, retira-se para

³⁸³ SABINO, Ignez. Almas de artistas: capítulo inédito. IN: CORDEIRO, A. Xavier (Dir.) *Novo Almanach de Lembranças Luso-brasileiro para o ano de 1901*. Lisboa, p.123-126, 1900.

a ilha de Itamaracá e lá sabe da existência de um velho eremita, vindo de Roma, que distribuía lembrancinhas da Terra Santa em troca de esmolas. Um dia, encontra o estranho beato. Ambos se reconhecem, porém, mais uma vez, a realização amorosa é impossibilitada, desta vez, pelos votos religiosos do amado.

4.2.2 A Imprensa feminina portuguesa

*A imprensa feminina nasceu muito antes do movimento feminista e não é um fenômeno tão recente como a generalidade das pessoas talvez pense.*³⁸⁴

A imprensa se sobressai como lugar privilegiado para a veiculação de imagens sobre a mulher e seu papel na sociedade. É um local de via de mão dupla, já que propaga os interesses e ideais emancipadores das mulheres e, em contrapartida, mantém os estereótipos femininos. Na imprensa feminina do século XIX, as discussões giram em torno da missão e do papel da mulher, das qualidades e virtudes, dos comportamentos, direitos e lugar na família, da questão relativa à da igualdade com o homem, entre tantos outros temas.

Embora a imprensa feminina tenha sido considerada, muitas vezes, com um certo desprezo pelos homens e de má qualidade, o tratamento inexistente ou sem interesse da imprensa feminina nos livros sobre a história da imprensa (não só em Portugal) é a melhor testemunha disso, mas ela teve um papel importante na emancipação feminina. Afinal, ela é o lugar privilegiado da propagação dos interesses femininos.³⁸⁵

Ousar publicar no feminino, nessa época, é por si um ato concreto de emancipação. Sorrateiramente, as mulheres formam um núcleo de resistência e, mesmo, de recusa à repressão masculina que tenta mantê-las no ostracismo e na invisibilidade. Mostrando publicamente seus dotes como escritoras, diretoras e proprietárias de jornais, as mulheres iniciam um movimento que contraria a visão tradicional de que o mundo das letras — assim eles acreditam e defendem — é um espaço pertencente aos homens, visto que somente a eles é transmitido o direito sagrado do *logos*.

A autora do excerto acima nos informa que o primeiro jornal feminino, *The Lady's Mercury*, data de 1693, na Grã-Bretanha. Em França, só aparece em 1758, *Le Courier de la*

³⁸⁴ LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. *Mulheres para além de seu tempo*. Portugal: Bertrand, 1995, p. 19.

³⁸⁵ Id. *Ibid.*, p. 20.

Nouveauté. É no século XIX, apesar de toda resistência masculina e até feminina, que acontece a ascensão irreversível de publicações dedicadas à mulher.

A imprensa feminina em geral, sobretudo aquela que se mostrava preocupada com o estatuto da mulher na sociedade, foi o alvo preferido de troça e até de grosserias masculinas e também de condenação por muitas mulheres, que não achavam ‘decente’ a aparição da mulher em público.³⁸⁶

As escritoras portuguesas, como aconteceu com as brasileiras, também são impedidas, de diversas formas e por muito tempo, de participarem como produtoras de uma imprensa efetivamente feminina. Assim, do mesmo modo ocorrido no Brasil, é no século XIX que elas começam a criar publicações e, conseqüentemente, a desempenhar um papel significativo para o processo de emancipação da mulher em Portugal.

Na verdade, é aí que se manifesta de forma bem visível e identificada uma presença e uma actuação deliberadas, públicas e empenhadas por parte das mulheres. O medo primeiro, mais afoitamente depois, com prudência logo seguida de uma ousadia que, por vezes, nos surpreende, foi nessa época que a voz das mulheres se fez ouvir, falando sobre a sua própria existência, sobre os direitos e deveres que lhes eram atribuídos, sobre os papéis que eram chamadas a desempenhar na sociedade do seu tempo e, por outro lado, sobre os seus sonhos e aspirações a um novo papel e a uma nova dignidade, a que se sentiam com direito.³⁸⁷

Entre os anos de 1807 e 1897, são enumerados 77 periódicos em Portugal, excluídos os números únicos, os almanaques, as revistas que trazem apenas figurinos, desenhos ou músicas, ou que se destinam à família em geral.³⁸⁸ A maioria das publicações são dirigidas por homens que escrevem para as mulheres lerem. Eles são responsáveis pelas escolhas das matérias a serem publicadas e, via de regra, pela elaboração de uma imagem feminina na qual as mulheres deveriam se espelhar, a fim de satisfazer a sociedade.

Mesmo assim, desde o aparecimento dos primeiros periódicos é possível encontrar constantemente o balançar entre uma linha progressista, mais aberta a novas modas e a novos costumes, mais mundana e em que as senhoras e jovens são designadas por belo sexo; e uma linha conservadora cuja maior preocupação é defender os papéis domésticos da mulher e os valores de castidade, recato e submissão que lhes andavam associados, e onde as leitoras são respeitadamente designadas por damas e donzelas.³⁸⁹

³⁸⁶ LAMAS, 1995, p. 26.

³⁸⁷ SILVA, Maria Regina Tavares da. *Mulheres Portuguesas: vidas e obras celebradas – vidas e obras ignoradas*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, SD, p. 5.

³⁸⁸ LEAL, Maria Ivone. *Um século de periódicos femininos: arrolamento de periódicos publicados entre 1807 e 1926*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

³⁸⁹ LEAL, Maria Ivone. Os papéis tradicionais femininos: continuidade e rupturas de meados do século XIX a meados do século XX. In: ACTAS DO COLÓQUIO A MULHER NA SOCIEDADE PORTUGUESA – Visão Histórica e Perspectivas Actuais. Coimbra: IHES/FLUC, 1986, v.2, p. 355-380.

Da vasta lista, destaco alguns periódicos, para os quais manifesto breves informações. O *Correio das Modas* (1807) é um periódico quinzenal com textos sobre modas, contos, anedotas e sentenças; dividido em seções de variedades literárias e de colunas de modas.

O *Correio das Modas* parece ter sido a primeira folha especialmente dedicada às mulheres, quinzenário com extratexto cujos cinco números e oitenta páginas vêm colocados, desde a introdução, sob dois termos que o século reabilita e celebra: Luxo e Moda.³⁹⁰

O *Toucadador* (fev.-mar. 1822), fundado por Almeida Garrett, representa uma linha progressista. Designa as senhoras pelo belo sexo, por cuja definição se encontra uma mulher virtuosa, sábia, econômica, prudente. As seções do periódico são modas, variedades, teatro, namoro, bailes, jogos e passeios.

Quando Garrett apresenta *O Toucadador* (1822), já o liberalismo triunfa e as mentalidades têm novas exigências. Por isso, é ingênuo acreditar-se que, como insinua o subtítulo, não comporta política. Artista, amoroso e partidário excitado, visa público à imagem da evanescente Luísa Midosi, enexperto e não menos ousado, capaz de receber o fogaço jornalista no seu toucadador, aí onde as senhoras mais cuidam de seus importantes negócios, onde mais se esmeram em seus cuidados.³⁹¹

O *Periódico das Damas* (1823-1824) veicula uma imagem conservadora da sociedade e defende os papéis femininos tradicionais. As leitoras são designadas por damas, e as seções são separadas em modas e governo doméstico.

Este teve seis números em 252 páginas (Lisboa, 19-VII- 1823 - 30-I-1824), e às damas portuguesas dedicavam dois velhos ociosos seus sexagenários escriptos, juntando útil ganho para o editor ao agradável que era realçar as belezas do amável sexo.³⁹²

O *Recreio* (1835-1842) apresenta-se como um *Jornal das Famílias*.

Terminada a guerra civil, urge abrir horizontes: ex-libris de cidade européia estampa-se, assim, desde a abertura, logo ciceroneada em prosa de carácter histórico-geográfico, a que se seguem lições de economia política e doméstica, agricultura, higiene, com, em final de tomo, vocabulário da disciplina tratada (química, p. ex.).³⁹³

Correio das Damas (1836 –1852) é um jornal de literatura e modas. O editor e redator

³⁹⁰ RODRIGUES, Ernesto. *Revistas Femininas*. Cf. BUESCU, 1997, p.468.

³⁹¹ Id. *Ibid.*, p. 468.

³⁹² Id. *Ibid.*, p. 162.

³⁹³ LEAL, 1998, p. 163.

Jacinto da Silva Mengo dedica-o, particularmente, às modistas. O periódico traz estampas comentadas e informações de como se vestir. Inclui narrativas ligeiras, poesias, charadas e variedades instrutivas e curiosas. O jornal é comercializado também no Rio de Janeiro.

De modo calculado, variedades literárias soblevam a coluna de modas e publicidade acompanha. [...] Estamos em 7-I-1841. Acresce ‘Um Casamento Feliz’, novelinha muito curiosa, como para recordar-lhes que nos bailes e teatros é aonde com mais facilidade se adquire um bom himeneu, e tudo por meio dos bem acertados enfeites com que uma joven beleza faz reluzir seus atractivos naturais. Não há imprensa inocente.³⁹⁴

O Beija-Flor (1838-1839), jornal destinado às damas portuguesas, é editado somente às quartas-feiras. No prólogo do primeiro número, o redator, J. M. da Silva Leal, expõe os objetivos da publicação:

A sociedade editora tem a peito demarcar-se bem da chusma de outros jornais portugueses, e declara que o periódico não pertence ao número dos que se voltam às paixões sustentando os partidos, alimentando ódio e a vingança, que veiculam a imoralidade e propagam o crime para fomentarem a desordem. Pelo contrário, ‘O Beija-Flor’ é inspirado pela candura, nascido do desinteresse, consagrado às almas puras, trilha um caminho novo e em todos os aspectos apreciável.³⁹⁵

A organização do periódico é exposto na seguinte ordem: histórias exemplares, máximas morais, ensaios ou reflexões, artigos de informação científica; pequenas narrativas de informação histórica, geográfica, de costumes, etc.; receitas de economia doméstica, poesia, charadas, anedotas.

Assembléia Literária (1849-1851) é a primeira publicação administrada e dirigida por uma mulher, D. Antónia Gertrudes Pusich. Subtitula-se “Jornal de Instrução”, inaugura um novo tipo de periódico feminino, que despreza os estereótipos atribuídos à mulher pela imprensa vigente.

Diferente das publicações anteriores, que considerava a mulher um ser apolítico, Pusich coloca-a no centro dos problemas económicos, sociais e políticos que caracterizavam a vida nacional. Temas abordados: direito das mulheres à instrução e independência económica, educação e instrução populares, pobreza e mendicância, economia e política, literatura, religião e artes, beneficência, crônica social. [...] Antónia Luisa Cabral Pontes, uma colaboradora, diz-nos o suficiente sobre os ideais que inspiravam a publicação: ‘uma cruzada em defesa da liberdade intelectual; um jornal redigido pelo espírito feminino, em que pugnemos pela nossa liberdade e pelos sagrados direitos que a sociedade nos tolhe para nos reduzir à humilhante

³⁹⁴ LEAL., 1998, p. 164.

³⁹⁵ Id. Ibid., p. 43.

posição de só nos podermos haver os meios de subsistência'.³⁹⁶

A *Voz Feminina* (1868-1869) é o primeiro jornal feminista editado em Portugal. Sob administração do casal Francisca d'Assis Martinz Wood e Guilherme Wood, a redação do periódico é de responsabilidade de Francisca. Nos três primeiros números, há colaborações, exclusivamente, de senhoras. A paginação é de compromisso e decidida a emparceirar com a imprensa não especializada, colocando a linha editorial fora de um gueto. No n.51 (3-I-1869), após o subtítulo, “Científico, literário e noticioso”, inscreveu-se: “A mulher livre ao lado do homem livre”. Os temas discutidos são direitos da mulher; sua educação e instrução; crítica social; religião; apresentação e apreciação de livros e artigos de jornais, referentes a assuntos da mulher e à defesa dos animais maltratados. O espírito associativo é abordado no primeiro número do jornal.

São frequentes as informações sobre numerosas associações, tanto nacionais como internacionais, e defendidos os interesses de todos os desprotegidos. O periódico *Voz Feminina* se volta não somente para as mulheres vítimas da miséria, como também para os escravos, os povos oprimidos, e os animais. O pensamento feminista, já na época, condena a violência e a opressão e preconiza os movimentos de defesa dos animais e do ambiente.³⁹⁷

Cabe, ainda, citar mais um periódico. Trata-se do jornal *A Mulher* (1883), sob direção de Elisa Coadur. A reivindicação básica desse jornal continua a ser instrução e educação da mulher, como também a possibilidade de participação das mulheres na vida pública. O jornal comumente aborda artigos didáticos, literatura, crônicas, ensinamentos, conselhos, receitas.

Lê-se no editorial do primeiro número que o objetivo do jornal é contribuir para a reabilitação da mulher pela instrução apropriada, a fim de conseguir-se que ela se transforme, com relação ao homem, primeiro numa rebelde, depois numa emancipada, e por fim numa igual. [...] Todo o esforço do jornal vai, pois no sentido de despertar as mulheres para conhecerem aquilo que são – escravas - e descobrirem o que podem vir a ser – capazes de ocupar ao lado do homem o lugar a que têm direito. Para tanto é preciso muito trabalho, muita instrução difundida, muita energia e muita coragem.³⁹⁸

³⁹⁶ LEAL, 1992, p. 57.

³⁹⁷ ILDEFONSO, Isabel. As mulheres na imprensa periódica do século XIX: O jornal *A Voz feminina* (1868-1869). In: JOAQUIM, Teresa. GALHARDO, Anabela (orgs.). *Novos olhares: passado e presente nos estudos sobre as mulheres em Portugal*. Oeiras: Celta, 2003, p. 15-21.

³⁹⁸ LEAL, 1992, p. 73.

4.2.3 *Almanach das Senhoras (Lisboa, 1871-1928.)*³⁹⁹

*O Almanach das Senhoras cuidaria primeiro de resgatar suas leitoras das “trevas” da ignorância e do simples papel de “bibelô” da casa, enfeite da mesa e da cama do esposo, para torná-la capaz de uma fala significativa, pelo menos.*⁴⁰⁰

O anuário fundado por Guiomar Torreção,⁴⁰¹ em 1871, materializa-se em uma aventura intelectual, que lhe rende muitos inimigos declarados. Todavia, nada impede Guiomar de abandonar seu objetivo.

Ao mesmo tempo apreciada e incompreendida na época em que viveu, foi, de certo modo, uma figura pioneira na afirmação da mulher independente dum era nova. Por isso sofreu as críticas murmurações dos que não lhe perdoavam a ousadia de o querer ser.⁴⁰²

Nascida em Lisboa, na data de 26 de novembro de 1844, Guiomar Delphina Noronha Torreção morre na mesma cidade, em 28 de outubro de 1898. Com a morte do pai, que deixou a família em condições financeiras precárias, Guiomar começa a dar aulas de instrução primária e francês, a fim de auxiliar no sustento da família. A partir daí, começa a ver que na libertação da ignorância está o caminho para a independência da mulher. Ela empreendeu uma luta contínua, para que a mulher se instruisse e se afirmasse pelo seu valor.

Estreia como autora em 1869, com o romance *Uma alma de mulher*, primeiramente publicado em folhetim em 1868, no jornal feminista *A Voz Feminina*. Em 1872, publica o livro de novelas e contos *Rosas Pálidas*. O romance histórico *A Família Albergaria*, publicado em 1874, retrata a época de 1824 a 1832. Em 1875, publica *Meteoros*, um volume de contos e crônicas. *No Teatro e na sala*, conjunto de contos, um texto dramático e vários artigos críticos, é editado em 1881. Publica ainda os livros de contos e estudos literários *Idílio à inglesa* (1886) e *As batalhas da vida* (1892).

³⁹⁹ Locais de pesquisa: Biblioteca Joanina: 1872; Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: 1879, 1904, 1908 a 1912, 1914, 1917 a 1923, 1925 a 1928; Centro de Literatura Portuguesa: 1874, 1875, 1880; Sala Ferreira Lima: 1879, 1886, 1893, 1898, 1904 e 1921; Biblioteca Pública Municipal do Porto: 1883, 1885, 1888, 1890, 1891; Biblioteca Nacional de Lisboa: 1873, 1877, 1878, 1896, 1897, 1899 a 1903, 1905, 1906, 1913 a 1916, 1924; Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa: 1876, 1881, 1882, 1884, 1887, 1889, 1892, 1894, 1907.

⁴⁰⁰ GOMES, Ana Claudia. *O Almanach das Senhoras e um projeto político de acesso à cultura letrada*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

⁴⁰¹ Há um estudo biográfico com foto sobre a escritora no *Almanach das Senhoras* para 1900, p. 02-13.

⁴⁰² SILVA, [s.d.], p. 41.

Em *Flávia* (1897) temos seis narrativas, nas quais a personagem central e o tema desenvolvido são, respectivamente, a mulher e o casamento. No texto homônimo, a protagonista Flávia casou por uma violenta imposição da família. Depois de viúva, resolve divertir-se com homens ricos e poderosos e usufruir todos os prazeres. No entanto, o comportamento é proibido para uma mulher. Ao final da narrativa, a personagem é punida com a prisão. Em “Amor sonhado”, a mulher aparece como o mais romântico ideal de perfeição. É tão idealizada que é impossível sua sobrevivência. Ao final, sucumbe vítima de uma congestão pulmonar.

Em forma de diário, a personagem inominada do texto “Diário de uma complicada” narra os dias de angústia que antecedem às suas núpcias. Muitas dúvidas afligem a jovem, mas, ao final, se convence de que o casamento a fará feliz porque a escolha partiu dela. Estela é a protagonista de o “Drama de uma alma”. A personagem dedica por parte de sua vida a espera por um homem que lhe prometera casamento. Entretanto, ele mantém relações com outra mulher, que resulta em gravidez. Assim, o homem convida Estela para madrinha de sua filha. A partir daí tornam-se amigos e ela morre no final.

“Visão do amor no século XX” é uma crítica irônica à superficialidade das relações amorosas. O narrador observa a conversa, recheada de frases feitas, entre um casal de namorados e se pergunta: “Será esse par de vaidade burlescas e *coquetteries* artificiosas o figurino do amor, pré-adivinhado à distância, que reinará no próximo futuro século XX?”.⁴⁰³ No último texto, “Joanna de Goerschen”, é narrada a história de bravura da heroína francesa na guerra e seu encontro com Napoleão.

A *Comédia do Amor* (1883), livro dedicado ao sobrinho e afilhado Delfim Eugênio Torrezão Pereira, em texto inicial intitulado “Delfim”, é composto por vinte e oito narrativas, nas quais a autora aborda diversos temas: o casamento em suas várias nuances, o ciúme, a gravidez como salvação de um casamento já arruinado, os descuidos de uma mãe que acarreta a morte do filho, a denúncia da pobreza que gera a prostituição, entre outros. Cabe destacar o conto “O último lyrico”, pela ousadia em pôr em questão o tema do divórcio.

Julieta, orfã de mãe, era romântica: possuía um enorme desgosto pela vida e comia pouco. Lia avidamente as novelas de Feuillet. Conduzida ao médico, foi diagnosticada a enfermidade que tinha como única solução a terapêutica do matrimônio. Seu pai escolhe um amigo da família como noivo: Jeronymo de Sepúlveda, homem de 40 anos, aparentemente

⁴⁰³ TORREZÃO, Guiomar. *Flávia*. Lisboa: Livraria Ferin, 1897, p. 290.

muito prático e metódico que não deixava transparecer a sua profunda sensibilidade. Julieta nutria por esse homem uma antipatia que beirava à repugnância e, portanto, rejeitou a sugestão do pai. Apaixonou-se, então, por Rodolfo, que possuía todos os requisitos apreciados pela protagonista. Idealista e alma poética, Rodolfo fazia versos e recitava Musset. Casaram-se e um ano após as núpcias Julieta pede o divórcio por causa de uma traição do marido.

Guiomar escreveu muitos textos dramáticos, representados inclusive no Brasil e, ainda, traduziu um grande número de peças de autores estrangeiros. As peças teatrais elaboradas por Guiomar Torrezão foram postas em cena e a autora nunca se deixou envolver pelo complexo da burguesia culpabilizada: “vocacionada para sociabilidade, as suas atividades de jornalista e de autora teatral foram consideradas, certamente, como mais uma faceta da sua actividade pública, forçando os seus contemporâneos a fazerem o mesmo.”⁴⁰⁴

No século XIX, traduzir textos de autores estrangeiros renomados era uma atividade bastante comum no Brasil, inclusive considerada como exercício literário mais apropriado à mulher. Por outro lado, funcionava como uma possibilidade de inserção no mundo das letras. É bom lembrar que a tradução, na Europa, rendia bons lucros para as mulheres. O francês era o idioma que Guiomar dominava e a França, um mote constante nas páginas do *Almanach*. Guiomar reconhecia que os franceses dedicavam grande estima e respeito às mulheres e à literatura. Igualmente, naquele país, ela encontrava militantes fervorosas pelos direitos femininos, que poderiam exemplificar e servir de modelos a serem seguidos como Mme. Sevigné, Mme. de Staël e George Sand.

Além de ser proprietária e redatora do *Almanach das Senhoras*, era também redatora de *Ribaltas e Gambiarras* (1881-1928), no qual ela publicava artigos de críticas e crônicas sociais. Guiomar fundou revistas, entre elas a *Estação de Paris*⁴⁰⁵ (1896). Ademais, ela colaborou nos jornais: *Diário de Notícias*, *Gazeta Setubalense*, *Tribuna Popular*, *Crônica dos Teatros* e outros.

Segundo Maria Ivone Gomes Leal é no jornal *A Voz Feminina* que aparece, de forma mais evidente, a militância feminista de Guiomar Torrezão. A pesquisadora destaca a colaboração de Guiomar como uma das mais avançadas no que se refere à defesa da

⁴⁰⁴ ILDEFONSO, 2003, p. 17.

⁴⁰⁵ No *Almanach das Senhoras* para o ano de 1898, p. 43, há uma propaganda dessa revista: “*Estação de Paris*, Revista de Modas, Litteratura, Elegancia e Bom-Tom. Directora: Guiomar Torrezão. Editora e Proprietaria: Livraria Pereira. Publica-se invariavelmente a 10 e 25 de cada mês. Único Jornal de Modas que existe em Portugal, dirigido por uma senhora e primeiro e único que traz moldes cortados com gravura descritiva. Os expedientes litterarios devem ser enviados à diretora da Revista. Distribue-se para a África com acréscimo de 10%, para o Brasil 20% e para a Índia 40%”.

independência financeira e liberdade incondicional da mulher.⁴⁰⁶

De acordo com pesquisas de Ernesto Rodrigues, a casa de Guiomar Torrezão era um local de leitura pública. Entre as senhoras que frequentavam o espaço estavam D. Júlia de Gusmão e D. Emília da Maia que, após as leituras, recitavam poesias juntamente com Guiomar, no seu salão à Rua Formosa, em Lisboa. Entre os homens, destacam-se os senhores Visconde de Castilho, Eduardo Vidal, Júlio Machado, Rangel de Lima, Mendes Cavaleiro, Oliveira Vale, Bandeira de Melo, D. António da Costa, Sousa Viterbo.⁴⁰⁷

A pesquisadora Maria Saraiva de Jesus afirma que Guiomar Torrezão teria sido a primeira mulher a viver da profissão de escritora e jornalista em Portugal. Todavia, para se sustentar, Guiomar precisou se dedicar ao ensino da língua francesa.⁴⁰⁸

Consciente da mudança que havia de se concretizar na situação da mulher, a autora defende que instrução, afirmação pessoal e independência são direitos pelos quais a mulher do século XIX deve desejar, construir e atingir.

E quando a instrução não prevalece sobre o temperamento, ella será ainda a nossa mysteriosa força, a nossa intima e suave alegria, o nosso orgulho, a nossa conselheira e inspiradora, que nos salvará de todos os desencantos, que nos defenderá contra todos os desalentos, que nos dará a paz inalterável, a bondade indulgente, o desdém salutar, que nos procurará, em resumo, a maior e mais perdurável felicidade que a mulher pode encontrar na terra, é a independência!⁴⁰⁹

Os ideais de Torrezão não lhe proporcionaram uma vida tranquila, pelo contrário, revelaram-se elementos motivadores para a indiferença, má vontade, ou inveja com que muitos encararam a sua luta em prol das mulheres de seu tempo. Guiomar passou por várias dificuldades, em muito piorada pelos olhares maliciosos daqueles que não viam com bons olhos a mulher que vivia do seu próprio sustento. Ressalto que Portugal ostentava no período um índice de analfabetismo em torno de 78%; entre as mulheres o percentual aumenta para 86%, conforme estimativa de Mônica Rector.⁴¹⁰ Não é difícil imaginar qual não foi a dificuldade encontrada por Guiomar em se afirmar num século quando a mulher instruída, participe na esfera pública letrada, não era vista de forma positiva. Segundo Maria Regina

⁴⁰⁶ LEAL, 1992, 78.

⁴⁰⁷ RODRIGUES, 1998, p. 26.

⁴⁰⁸ JESUS, Maria Saraiva de. Guiomar Torrezão. In: SILVA, Celina (org.). *BIBLOS: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 1995. 5 v., p. 485.

⁴⁰⁹ TORREZÃO, Guiomar. A Instrução feminina. In: _____. *Batalhas da vida*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1892, p.183-184.

⁴¹⁰ RECTOR, Mônica. *Mulher: objeto e sujeito da literatura portuguesa*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1999, p. 55.

Tavares, Guiomar vive:

num intenso esforço de subsistência e de afirmação numa sociedade que olhava a mulher independente e autônoma, como ela o quis ser, de modo estranho, desconfiado, e trocista, se não mesmo, agressivo.⁴¹¹

O *Almanach das Senhoras* somente consegue sobreviver, exatos cinquenta e oito anos, por conta da intensa interferência cultural, no período de 1870 até o ano de sua morte em 1898. Sobre o periódico, a pesquisadora portuguesa Maria Regina Tavares da Silva afirma:

Efetivamente muitos escritores e escritoras contemporâneos deram a sua colaboração ao ‘Almanaque das Senhoras’ nos vários anos em que foi publicado, fazendo dele um curioso repositário de artigos, poesias, reflexões, pequenos ensaios, historietas, pensamentos, esboços biográficos, tudo isto a par de tabelas, de marés, fases da lua, calendários com a indicação dos santos e festas de cada dia, eclipses, feriados, estações, festividades, etc. No ‘Almanaque’ se anunciava também os livros de senhoras publicados no ano transacto, numa curiosa promoção da literatura feminina.⁴¹²

Ramalho Ortigão, em *As farpas*, tece comentários depreciativos em relação às publicações de Guiomar, afirmando que nelas não se encontram nenhum artigo que seja digno de apreciação.⁴¹³ A estudiosa portuguesa Ana Maria Lopes contesta a afirmação de Ramalho e realiza uma avaliação crítica contundente sobre a opinião misógina do autor português em relação à escrita feminina:

Nos seus comentários a respeito desta contista, ou melhor, das mulheres, em geral, ele é tendencioso, demolidor e injusto. Não faz, com efeito, a mesma análise às revistas femininas dirigidas por homens ou periódicos masculinos; caso contrário, também verificaria que muitas delas estavam longe de corresponder aos requisitos literários e de conteúdo por ele propalados. Algumas delas, designadamente as consagradas à moda, de exclusiva responsabilidade masculina, eram de qualidade inferior e de fútil argumento, sem qualquer conteúdo sério. Todavia, Ramalho exime-se a fazer comparações.⁴¹⁴

Outro desafeto, o historiador Oliveira Martins, convidado a publicar no *Almanach*, rejeita o convite e faz elogio à agulha ao invés da pena, tão comum à “Geração de 70”. Ele defende a lida doméstica em detrimento das iniciativas intelectuais, o mundo privado em vez do público. Assim afirma, categoricamente, na carta enviada à Guiomar e publicada no

⁴¹¹ SILVA, Maria Regina Tavares da. *Mulheres portuguesas: vidas e obras celebradas – vidas e obras ignoradas*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, [s.d.], p.37.

⁴¹² SILVA, [s.d.], p. 40.

⁴¹³ ORTIGÃO, Ramalho. *As farpas*, Lisboa: Clássica, 1970, v. 8, p.163.

⁴¹⁴ LOPES, 2005, p. 525.

periódico, que as mulheres devem é “cozinhar bem a panella a seus maridos, saberem lavar os filhos, e remendar-lhes os calções”.⁴¹⁵

Segundo Ana Maria Lopes, a única publicação feminina surgida em 1870 é o *Almanach das Senhoras*.

Apesar dos ataques que lhe moveu um dos eméritos autores da Geração de [18]70, Ramalho Ortigão, e do desprezo de outros, a escritora [Guiomar Torrezão] dirigiu este anuário destemidamente, assumindo, frontalmente, funções consideradas “masculinas”. Foi mesmo uma das poucas que desafiou o grupo intelectual dominante. O certo é que o *Almanach* teve uma próspera vida, tendo morrido, apenas, no século seguinte, em 1928. A esta vitalidade não é estranha, certamente, a personalidade da fundadora. Mas a própria natureza da publicação, anual e eclética, também terá concorrido para isso. De qualquer maneira, o *Almanach* foi o único a contribuir, durante seis anos, para a formação das hostes femininas. Só após este período de quase deserto intelectual é que Guiomar teve concorrentes.⁴¹⁶

Apesar do nome indicar, à primeira leitura, uma publicação direcionada às mulheres, muitos homens colaboraram como escritores e leitores. Na avaliação de Ana Claudia Gomes:

A presença dos homens, como colaboradores do almanaque, e do diálogo entre homens e mulheres ao longo de décadas, permite a observação do gênero como relação e da não-oposição universal entre masculino e feminino. Os debates sobre as mulheres e sua missão civilizacional, um dos principais conteúdos do periódico, foram encetados igualmente por homens e mulheres, e esses sujeitos não necessariamente adotaram posicionamentos referidos à especialização sexual de seus organismos.⁴¹⁷

Assim como o *Almanach de Lembranças*, a publicação de Guiomar Torrezão também apresenta dois índices. Um deles recebe o título de “Senhoras”. Bastante significativo é o número de colaboradoras para o primeiro ano de existência do periódico, qual seja o de 27 escritoras, iniciado pelo nome de Maria Amália Vaz de Carvalho, seguido de outros como Amélia Janny, Júlia de Gusmão e a própria Guiomar Torrezão. O outro nominado “Cavalheiros” conta com 38 colaboradores, encetado pelo nome de Antonio Feliciano de Castilho, Bulhão Pato, Brito Aranha, João de Deus, João de Lemos, Julio Cesar Machado, Julio Diniz, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, entre outros. Nos anos seguintes, acrescenta-se mais Alexandre Herculano, Antero de Quental, Alberto Pimentel, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Gonçalves Crespo.

⁴¹⁵ MARTINS, Oliveira. Exma. Sra. e minha illustre collega. *Almanach das Senhoras* para 1885. Lisboa, p. 216, 1884.

⁴¹⁶ LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera, 2005, p.512.

⁴¹⁷ GOMES, 2002, p. 31-32.

A profusão de co-autores no almanaque não deve ser vista como elemento desqualificador do periódico, pois atesta a capacidade de negociação de Guiomar. Atrair nomes representativos das letras nacionais, bem como simpatias em favor das causas femininas, poderia significar mais capacidade financeira para garantir que o anuário tivesse longevidade, em contraposição à imensa quantidade de jornais femininos que não passaram de poucas edições. Fica evidente a estratégia de sobrevivência das mulheres ao estabelecerem uma espécie de negociação, ou contrato implícito com os homens poderosos, porque precisavam do dinheiro e da aprovação masculina. Certamente a aceitação da presença masculina no jornal também está relacionada à necessidade de conquistar respeitabilidade junto à sociedade. Mesmo que tenham feito “pactos silenciosos, negociações implícitas”, elas foram as responsáveis por derrubar muros e abrir caminhos para outras gerações de mulheres que, gradual e insistentemente, ocuparam seus lugares e marcaram o espaço feminino. Sobre esse aspecto, Ana Claudia Gomes comenta:

Tratava-se prioritariamente de construir vínculos entre as mulheres de letras, de proporcionar-lhes uma oportunidade de divulgação, visto que já publicavam seus livros e começavam a ser bem-vindas nas instituições literárias majoritariamente mantidas por homens.⁴¹⁸

No “Expediente” do primeiro volume, apesar de evidenciar que o seu anuário é pensado para um público feminino, como produtor e consumidor principal, Guiomar deixa explícita a importância da colaboração de todos para a sobrevivência do anuário:

Cumpre-nos em primeiro lugar agradecer, isto com uma efusão e reconhecimento que não logra traduzir-se em palavras, a amavel, delicada e prompta coadjuvação que temos encontrado por parte de todas as senhoras e cavalheiros que collaboram n'este livrinho, entre os quaes, com orgulho que nos não podem levar a mal o dizemos, figuram muitos dos primeiros talentos de Portugal.

Oxalá que o publico lhes continue os generosos intentos acolhendo esta publicação nascente, que apparece à luz timida como a puericia, cheia de incertezas e de receios, como estímulo da sua protecção.

Rogámos em especial a todas as nossas conterraneas que consagram os seus ocios à cultura das boas letras e para quem tão particularmente este livrinho foi creado, que se não esqueçam de enviar-nos os fructos de algumas flores que em hora propícia lhes brotar da fantasia, fructos que o almanach colherá sempre com gloria e especial solicitude.⁴¹⁹

A partir de 1872, passa a trazer colaborações de brasileiros e brasileiras. Entre os homens estão: Alberto de Oliveira, Castro Alves, Gonçalves Crespo e Gonçalves Dias,

⁴¹⁸ GOMES, 2002, p. 86.

⁴¹⁹ *Almanach das Senhoras* para 1871. Lisboa: Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves, p. 6-7, 1870.

Machado de Assis; entre as mulheres: Alba Valdez, Amália Figueiroa, Amélia Alencar Matos, Amélia de Freitas Bevilacqua, Ana Nogueira Batista, Auta de Souza, Francisca Clotilde Barbosa Lima, Francisca Júlia da Silva, Ibrantina Cardona, Ignez Sabino, Júlia Lopes de Almeida, Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freire, Narcisa Amália, Prisciliana Duarte de Almeida e Zalina Rolin. Os artigos portugueses e brasileiros têm prazo para envio até o dia 15 de abril do ano anterior à publicação.

As publicações literárias, que são remetidas à direção do *Almanach* são avaliadas na seção “Portugal e Brasil”. Os livros escritos por mulheres publicados durante o ano são anunciados na seção “Livros de Senhoras”. Entre as publicações brasileiras, destacam-se, na edição de 1874, *Crepúsculo* (versos), de Amália Figueiroa; na edição de 1876, *A Redenção*, de Honorata Minelvino Carneiro; na edição de 1880, dois livros: *Margaritas* (versos), de Adelina Lopes Vieira e *Nebulosas* (versos), de Narcisa Amália; a edição de 1895 traz resenhas de *O coração*, livro de poesias de Zalina Rolim, e de *Georgina ou os efeitos do amor*, de Luíza Amélia de Queiroz.

O reflexo e a popularidade do periódico na época de sua comercialização podem ser avaliados pela subscrição que fecha em junho e se esgota antes de encerrar o ano.

A proprietária expande sua publicação por todo Portugal Continental, Açores, Madeira, Cabo Verde, Angola e Inglaterra; a partir de 1879, também para a Espanha. O *Almanach* é vendido a 240 réis e com o calendário brasileiro a 500 réis.⁴²⁰ Os expedientes literários são enviados diretamente à diretora do jornal. No *Almanach das Senhoras* do ano de 1898 (p. 43), outra propaganda informa às leitoras que a editora e proprietária passa a ser a Livraria Pereira, publicando, invariavelmente, entre 10 e 25 de cada mês.

Um aspecto relevante a ser considerado é o fato de que apenas mulheres assumem a direção do periódico após a morte de Guiomar Torrezão. Na verdade, trata-se do posicionamento político-ideológico do periódico, no sentido de assegurar a posição de destaque às próprias mulheres. Essa é uma situação incomum, visto que boa parte dos periódicos destinados ao público feminino são dirigidos por homens. Elas não só dirigiram o jornal, mas conseguiram levar adiante, driblando todas as adversidades, principalmente, financeiras. O empreendimento de Guiomar, com muita competência demonstrada, alcançou o sucesso.

Assim, com a morte de Guiomar em 1898, Felismina Torrezão, sua irmã, assume

⁴²⁰ *Almanach das Senhoras* para 1879. Lisboa, p. 20, 1878.

como proprietária e Júlia de Gusmão como diretora literária. O *Almanach* de 1900 inicia, então, com uma longa biografia da escritora falecida. No texto, Fialho d'Almeida separa Guiomar das escritoras portuguesas, que são apenas “parolasas pedagogas” e das “inoffensivas delambidas”⁴²¹ e a inclui entre as grandes escritoras que só não foram devidamente reconhecidas no seu tempo por causa do seguinte obstáculo: “o meio onde apareceu e se fez gente. Em Londres, ou Paris, teria sido ilustre; em Lisboa quasi que a quizeram tornar comica”.⁴²²

Para confirmar o atraso da sociedade lisboeta, Fialho d'Almeida menciona a necessidade de que resultou na criação de um serviço de proteção às mulheres que andam sozinhas nas vias públicas, por conta do assédio ofensivo dos homens. O autor levanta, ainda, questões extremamente lúcidas e pontuais referentes às dificuldades inerentes à vida da mulher que vive da sua escrita. Fialho d'Almeida faz uma crítica contundente ao desrespeito generalizado da sociedade à escritora, por ela ser, como diria Elaine Showalter uma “mulher sem par.”⁴²³ Ademais, a atitude audaciosa, viril e o posicionamento autônomo e combativo vão de encontro com aquilo que a sociedade portuguesa espera de uma senhora. Assim assevera:

Guiomar Torrezão se aventurou; e nos cavacos de redacção e de café, folheando jornaes do dia, e recolhendo, à hora das intimidades, os lodos d'essas almas de litteratos, pintores, actores, onde o crime nato entra por meio na contextura moral da vocação, várias vezes eu adivinhei, ou ouvi, a perversidade e a infamia dando-se braço para invalidarem, junto dos editores e das empresas theatraes e jornalisticas, algum livro, artigo ou peça que a valente mulher trazia a lume, buscando haver na vida intellectiva o logar que tanto malandrim das letras lhe tolhia. Houve até um momento em que Guiomar Torrezão foi a cabeça de turco do jornalismo irresponsavel - em noticias de bastidores, artigos de satyra, sultos de rua, gazetilhas, o nome da pobre e illustre mulher, corria entre motejos obscenos e miseraveis doestos, babujado pela cobardia dos sarrafaçaes, e exposto grotescamente às vaias imbecis da multidão.⁴²⁴

Em “Aos leitores”, Júlia de Gusmão se refere a Guiomar como uma das mais talentosas escritoras de Portugal e pede aos colaboradores e colaboradoras que continuem enviando seus textos para que a vida do “livrinho orphão” possa prosseguir, mesmo que “coberta por espinhos”.

E que a tua sombra, Guiomar, vele sempre pelo teu livro querido, pelo teu

⁴²¹ D'ALMEIDA, Fialho. *Guiomar Torrezão*. In: *Almanach das Senhoras para 1900*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, p. 06, 1899.

⁴²² Id. *Ibid.*, p. 06.

⁴²³ SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siecle*. Tradução de Waldéa Barcellos, Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

⁴²⁴ D'ALMEIDA, p. 06, 1899.

filho bem amado, como ainda ha um anno aqui lhe chamaste; que os esforços e fadigas que vamos empregar para conservá-lo digno do teu nome, possam provar-te a nossa constante admiração pelo teu formoso talento, o nosso culto pela tua memoria, extremando-nos assim de tantos que, tendo aliás recebido sempre de ti phrases elogiosas e benevolas a saudar as suas produções litterarias, te mostraram agora o seu reconhecimento não tendo sequer uma palavra para dizer sobre a tua morte, nem uma flor para desfolhar na tua sepultura!⁴²⁵

No “Expediente”, a diretora literária comenta sobre a prosperidade dos vinte e nove anos de existência do *Almanach*. Realça o trabalho desvelado de sua fundadora e redatora, razão pela qual a edição do anuário se esgota rapidamente após a edição. Informa ainda que seguirá o programa editorial traçado por sua antecessora, publicando retratos e biografias de senhoras, de diferentes nacionalidades, que se destacam nas diversas áreas, para que as leitoras e leitores vejam-nas como argumentos incontestáveis em favor da emancipação feminina.

Em 1911, a direção é passada para Maria O'Neil, função na qual permanece até 1924. No “Expediente”, O'Neil explica que em decorrência da doença da mãe de Julia,⁴²⁶ ela precisou abandonar, com pesar, a direção literária do *Almanach*. Da pequena biografia de Julia de Gusmão, que abre o *Almanach para 1911*, transcrevo o excerto:

Para os leitores d'este anuário é familiar o seu nome. Em onze annos, durante os quaes a illustre senhora dirigiu esta publicação com proficiência e zêlo, superiores a todo o elogio, o releram nas suas paginas, firmando multiplas composições que são verdadeiros mimos litterarios.⁴²⁷

Eusébio Alberto da Silva Venancio torna-se proprietário do periódico em 1914. Ele era marido e único herdeiro de Felismina Torrezão. O *Almanach* desse ano traz a biografia com foto da proprietária anterior. Sobre ela, Armelin Junior afirma:

Era um belo exemplar antropologico; mas era, por igual, um alto exemplo do que pode ser e valer a mulher quando solidamente instruida e fortemente educada: Instruida sem pedantismo, educada sem arrebiques, piedosa sem superstições, religiosa sem fanatismos, docil mas não escráva, humilde mas não servil, nobremente altiva, e não ridicularmente soberba, completando o marido, e completando-se por elle; nem superior nem subalterna: digna e nobremente igual.⁴²⁸

⁴²⁵ GUSMÃO, Julia de. Aos leitores. In: *Almanach das Senhoras para 1900*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1899, pg. 12.

⁴²⁶ No *Almanach das Senhoras para 1928* sai outra biografia da poetisa que morreu em 31 de janeiro de 1922. “D. Julia de Gusmão, dedicando-se à literatura e à arte, ao culto do Belo, conquistou, pelo seu próprio esforço, um lugar de brilhante destaque entre os escritores portugueses de sua época, como maviosa poetisa e elegante prosadora, impondo-se à consideração de todos os que apreciam a boa literatura portuguesa”.

⁴²⁷ D. JÚLIA de Gusmão. *Almanach das Senhoras para 1911*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, p.8, 1910.

⁴²⁸ JUNIOR, Armelin. D. Felismina Torrezão. *Almanach das Senhoras para 1914*. Lisboa, p. 13-14, 1913.

A partir de 1918, desaparece o nome do proprietário somente constando o nome da diretora. Conforme indicações, a propriedade passa a ser de Antonio Maria Pereira, pois toda a correspondência, a partir desse ano, deve ser dirigida ao endereço da Casa Editora Parceria A.M.Pereira: Rua Augusta, 44 a 54, Lisboa.

De 1925 a 1928, último ano da publicação, a direção fica sob o encargo de Julieta de Luna.⁴²⁹ No *Almanach para o ano de 1925*, há uma pequena biografia com foto de Maria O'Neil. No esboço biográfico, sem autoria, provavelmente da atual diretora literária, há a informação de que O'Neil deixou a direção do anuário devido aos seus muitos afazeres pessoais.

Publicando o retrato da ilustre escritora D. Maria O'Neil, prestamo-lhes a justa homenagem a que tem direito pelo seu privilegiado talento e invulgar ilustração, que a tornam, no nosso meio literário, uma das mais completas cerebrações femininas de nosso tempo.

Ao nosso Anuário dedicou por muitos anos as suas energias, dirigido com elevada competencia, por forma a torná-lo querido das Senhoras, a quem é dedicado, e apreciado pelos cavalheiros de bom gosto que se deleitam com a bôa leitura.⁴³⁰

Conforme dito no início da tese, encontrei apenas um texto de Ignez Sabino no periódico: “Paisagem Brasileira”.⁴³¹ Apesar de residir naquele momento no Rio de Janeiro, a autora baiana descreve o entardecer à margem do Rio Capibaribe, situado na cidade de Recife, em Pernambuco. Ela chama a atenção para a fauna e a flora do local e destaca o comportamento dos pássaros frente à exuberância da floresta. É através de um olhar bucólico que deseja que a sua amiga e todo o público leitor do *Almanach* conheça a terra que ela tanto estima. Compõe o quadro e evoca o perfume exalado pelas árvores: a baunilha, a canela, o jambo; as aves: colibris e borboletas; o efeito das matizes provocadas pelo coloramento do sol; a flora: jasmims, orquídeas e palmeiras

toda a festa orgiaca da natureza, pullulando n'essas selvas incultas, onde o carnaúbo e a assaihy oferecem grandes braçadas de flores de todos os variados matizes, rolando por entre o balsamico rozario das resinas.⁴³²

⁴²⁹ Responsável pela crítica e apresentação da 2. ed. do *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa*, de Francisco Júlio Caldas Aulete. Cf. CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João. *Dicionário no Feminino - séculos XIX e XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 490.

⁴³⁰ D. MARIA O'Neil. *Almanach das Senhoras* para 1925. Lisboa, p. 321, 1924.

⁴³¹ SABINO, Ignez. Paisagem brasileira. *Almanach das Senhoras* para o ano de 1898. Lisboa, p. 149-150, 1897. Publicado anteriormente no livro de contos, *Noites Brasileiras* (1897).

⁴³² SABINO, Ignez. Payzagem Brasileira. *Almanach das Senhoras* para 1897. Lisboa, p. 149-150, 1898.

Apesar da contribuição de Ignez Sabino ser ínfima diante da profusão de textos escritos por mulheres brasileiras e publicados no periódico, a pesquisa no *Almanach das Senhoras* evidenciou mais um elo da corrente que fortalecia a empreitada das escritoras do século XIX. A pesquisa do periódico mostra a consolidação de um projeto político-educacional comunitário que envolveu mulheres portuguesas e brasileiras em prol da formação de leitoras e, no âmbito mais restrito, de escritoras.

Cabe destacar que a recepção dessa publicação no Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, pode ter sido o elemento motivador para o empreendimento das irmãs Julieta e Revocata de Mello que, em 1883, fundam o *Corymbo*. O periódico é mantido por 60 anos e nele são publicados textos das portuguesas Ana de Castro Osório, Adelina Lopes Vieira e Maria Amália Vaz de Carvalho. Curiosamente, Guiomar Torrezão não publica no periódico rio-grandense.

O empreendimento editorial de Guiomar Torrezão se configurou como uma rede de associação intelectual entre as mulheres, fazendo circular nomes e obras de escritoras brasileiras em Portugal e promoveu o intercâmbio com as escritoras portuguesas. O periódico funcionou, ainda, como fórum privilegiado, para que leitoras e escritoras pudessem refletir e debater coletivamente. Nas inter-relações, configuraram-se os assuntos em pauta, tais como negação/afirmação de uma imagem de mulher construída culturalmente e/ou a constituição/construção de uma nova identidade feminina.

Outro aspecto relevante quanto ao periódico, diz respeito à construção de vínculos ou de uma consciência grupal feminina. O sentimento está articulado na atuação literária daquelas mulheres que publicaram no periódico e despertaram reflexões sobre questões referentes ao mundo feminino. A constituição de um sujeito coletivo — mulheres — e a providência, inevitável, de uma organização desembocam, conseqüentemente, em uma ação política reivindicatória. Sendo assim, a atuação dessas mulheres na imprensa e na literatura é entendida como estratégia de luta política.

Projeto político da própria Guiomar, o objetivo principal do periódico, é contribuir para a transformação da mulher, revertendo sua imagem, culturalmente veiculada, de submissa, fútil e ociosa para informada, independente e produtiva. O caminho passaria, inevitavelmente, pela leitura, instrução e afirmação pessoal.

Conectada ao projeto de instrução, está a idéia de emancipação feminina. Porém, não exigimos aqui uma emancipação à moda das feministas da década de 60, do século XX. Na

“arena de lutas” era necessário fazer recuos ideológicos estratégicos e “negociações” para, num futuro, quiçá, longínquo, concretizar conquistas, naquele momento, utópicas e inevitáveis. É assim que o *Almanach das Senhoras*, muitas vezes, com atitudes prudentes e aparentes “incoerências” no discurso, conseguiu sobreviver por quase sessenta anos, mantendo o ideal de sua ideóloga e fundadora.

É certo que o *Almanach das Senhoras* se consolidou como um espaço de exercício de solidariedade mútua entre as mulheres de letras brasileiras e portuguesas e contribuiu, significativamente, para a divulgação dos trabalhos das brasileiras em Portugal, Espanha e países da África, como Cabo Verde e Angola.

5. MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN (DÉLIA) (RS 1853-1895)

*Eclética, inteligente, viva, Délia segue algumas sugestões naturalistas, mas por outro lado, tem o ímpeto romântico de rebeldia e vontade de romper padrões.*⁴³³

Desde os trabalhos dos primeiros biógrafos, a vida da autora é pouco conhecida. Parece que os rastros da sua vivência foram completamente apagados. Os estudos mais recentes repetem os dados anteriores. Na minha pesquisa também não avanço muito no tocante a esse assunto. Assim, há informações de que Maria Benedita Câmara Bormann nasce em 25 de novembro de 1853, na cidade de Porto Alegre (RS). Aos dez anos, muda-se para o Rio de Janeiro e lá permanece até a sua morte. Conta Ignez Sabino que:

reunia uma beleza adorável à correção de maneiras finíssimas de mulher de salão, instruída, amante das artes, tocava regularmente piano, cantava com magnífica voz de meio soprano, desenhava e conversava elegantemente, alternando a frase dúctil e cintilante, com as luzentes chispas de sua alma culta.

Era uma delícia ouvi-la, ao passo que se notava no franzir dos cantos dos lábios, aquele trejeito mordaz que tanto a distinguia de outra qualquer senhora presente.⁴³⁴

Susan C. Quinlan comenta sobre o artigo de Sabino, biografando Délia:⁴³⁵

Ao lembrar-nos da descrição de Maria Benedita Câmara Bormann, em *Mulheres Ilustres do Brasil*, podemos perceber um elogio ficcional à vida de Délia. Talvez esta tenha sido o modelo para Ofélia. Talvez circunstâncias extenuantes na vida de Bormann tenham informado suas ações radicais. Isto ajudaria a explicar a inclusão deste capítulo tão diferente dos outros neste livro de biografias.⁴³⁶

⁴³³ TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987, p. 421.

⁴³⁴ SABINO, D.Ignez. Délia. In: _____. *Mulheres ilustres do Brasil*. (edição fac-similar) Florianópolis: Mulheres, 1996, p. 192.

⁴³⁵ Embora, ao longo desta tese, todos os pseudônimos estejam destacados, Délia, adotado por Maria Benedita Câmara Bormann, permanecerá sem distinção.

⁴³⁶ QUINLAN, Susan Canty. Apresentação. In: SABINO, Ignez. *Lutas do coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 26.

Sabino apelida Bormann de *Zola de saias*. Sobre o possível encontro de Ignez Sabino e Bormann, Norma Telles afirma:

Mesmo muito do que relata Inês Sabino, que a conheceu talvez na redação de *A Família*, e afirma ter lido o prólogo de *Lésbia* ainda em manuscrito – o que situa o encontro das duas por volta de 1890 quando este foi escrito – parece derivado de uma confusão entre personagens da obra e a pessoa da artista, pois emprega, sem aspas, trechos de livros de Délia para descrever a escritora.⁴³⁷

Telles atesta que a própria Délia alertara seus leitores sobre o perigo de se confundir vida e obra, mas, por outro lado, segundo a pesquisadora, a escritora gaúcha sustentava que em sua obra misturava fatos por ela vividos e fatos da imaginação. Corroborando a afirmação de Telles, Sônia Ribeiro assegura:

Muito pouco se sabe realmente sobre sua vida, pois não podemos escapar das grandes lacunas que o tempo deixa. Há muitas histórias que insinuam ter Maria Benedita vivido uma vida bastante acidentada e romanesca, mas tudo isso pode não passar de confusão entre a vida da autora e a vida de suas personagens; o que é compreensível: as personagens polêmicas e pioneiras, que criou, causavam no público leitor interrogações sobre seu caráter ‘pouco recomendável’.⁴³⁸

Sobre as leituras de Bormann, Norma Telles diz: “leu muito e transformou o patrimônio transmitido pelos moldes de seu tempo”.⁴³⁹ Ao ler a obra de Bormann, fica evidente essa prática de leitura. Através de citações diretas e indiretas, destacam-se autores estrangeiros como Valliérre, Büchner, Burmeister, Czolbe, Moleschott, Tuttle, Krahmer, Ângelus-Silesius, Huschke, Secchi, Faraday, Lutero, Plínio e Bossuet; Voltaire, Spinoza, Sêneca e Rousseau. As referências a diversos escritores franceses mostram que Délia estava atenta à literatura produzida em França. Os nomes recorrentes em sua obra são dos escritores Marie-Joseph Blaise de Chénier; Charles Augustin Sainte-Beuve; Alfred de Musset; François Édouard Joachim Coppée; Octave Feuillet; Honoré de Balzac; Louis-François Veillot; Leonard Sylvain Julien Sandeau; Émile Zola; Casimir Delavigne; Alfred de Vigny; Nicolas-Sébastien Roch; Mirabeau; François IV, Duque de La Rochefoucauld; Victor Hugo e Byron. Cita, ainda, os ícones da literatura portuguesa, Luís de Camões e Almeida Garrett.

O livro *Máximas de Epíteto*, que difunde as concepções do estoicismo, é fundamental para a autora. As orientações do escravo filósofo, que conquistou a liberdade, baseiam-se na

⁴³⁷ TELLES, Norma. Maria Benedita Câmara Bormann (Délia). In: MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 570.

⁴³⁸ RIBEIRO, Sônia Cristina Bernardino. *A narrativa de autoria feminina do século XIX em resgate: uma leitura de Lésbia e A Rainha do ignoto*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

⁴³⁹ TELLES, 2000, p. 571.

proposição de uma *paidéia* na qual a atividade de falar e escrever era indispensável para o conhecimento de si e dos outros. *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, é outra obra importante. Marisa Lajolo e Regina Zilberman sustentam que o romance do alemão teria causado, conforme a tradição romântica, enorme prejuízo à juventude da época, gerando uma onda de suicídios e infortúnios.⁴⁴⁰ Márcia Abreu, ao pesquisar a censura e o controle de livros no Rio de Janeiro, entre 1769 e 1826 — através do exame de solicitações de licença e autorização de compra de livros, enviados à Mesa do Desembargo do Paço —, comenta que o romance escrito por Goethe causou acirrados debates entre os censores porque algum tipo de suspeita pairava sobre o livro.⁴⁴¹

O Conde de Monte Cristo,⁴⁴² de Alexandre Dumas (pai) e *A Dama das Camélias*,⁴⁴³ de Alexandre Dumas (filho), e as produções textuais de Bocage servem para a autora discutir as relações estabelecidas com o público leitor, e, particularmente, com seus companheiros de carreira. As obras do primeiro, consideradas incomodativas, seriam recebidas com reverência, e as do segundo, exemplos tácitos da falta de bom gosto do leitor, seriam vorazmente consumidas, porque, para Délia, o gênero satírico satisfaria a classe de leitores menos intelectualizados. Aparece implícito um posicionamento elitista em relação às obras populares. Entre outros livros citados estão: *Fisiologia do casamento*, de Debay;⁴⁴⁴ *A Divina Comédia*, de Dante; *Vida de Jesus*, de Renan; *Graziela*,⁴⁴⁵ de Lamartine; *Arte Poética*, de Horácio e as fábulas de La Fontaine.⁴⁴⁶ A autora refere-se, também, a três peças de Shakespeare: *Hamlet*, *Macbeth* e *Othelo*. A personagem Romeu, do drama *Romeu e Julieta*, é mencionada algumas vezes.

Entre as escritoras estrangeiras referidas avulta o nome de George Sand, pseudônimo

⁴⁴⁰ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Leitores mal comportados. In: _____. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003, p.25.

⁴⁴¹ ABREU, Márcia. A vigilância das idéias no Rio de Janeiro. In: _____. *Os caminhos dos livros*. Campinas/SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2003, p.76.

⁴⁴² Esse romance teve uma adaptação recente para o cinema. Cf. REYNOLDS, Kevin. *The Counte of Monte Cristo*. EUA: Touchstone Pictures, 2002.

⁴⁴³ Clássico filmado em 1937 e refilmado em 1980, 1984, e 1997.

⁴⁴⁴ Não encontrei referências sobre a obra. Adolfo Caminha também cita esse livro em *A normalista*. Existe uma obra homônima de autoria de Balzac. Marlyse Meyer informa que esse livro é de 1830 e o título completo é *Fisiologia do casamento*, ou *Meditações de filosofia eclética sobre a felicidade e a infelicidade conjugal*. Leitura destinada aos homens que consiste em meditações sobre vários temas relativos ao casamento, inclusive um tópico sobre a leitura feminina. Cf. MEYER, Marlyse. Frívolos livros. In: _____. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 239-278.

⁴⁴⁵ Esse livro é também citado por Aluísio Azevedo no romance *A Condessa Vésper* (1882). Cf. AZEVEDO, Aluísio. *A condessa Vésper*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

⁴⁴⁶ Esse é outro autor que causa polêmica entre os membros da Mesa Censória Carioca. Sob as suas fábulas, segundo livro mais solicitado para liberação de compra entre os anos de 1808 e 1821, no Rio de Janeiro, não pesava o crivo da interdição, mas os seus contos, considerados imorais, sofriram severa proibição. Para ludibriar os censores, os solicitantes enviavam listas incompletas e truncadas. Cf. ABREU, 2003, p.62.

de Aurore Dupin Dudevand. Délia alude aos preconceitos sofridos pela escritora francesa, que ao consultar o editor Keratry, sobre a publicação de seus livros, ele declarara que mulher não deveria escrever. Também são citadas as escritoras Mme. de Genlis,⁴⁴⁷ ou Madeleine-Felicité Ducrest de Saint-Aubin; Mlle. de Meulan, depois Mme. Guisot. Há, ainda, duas menções explícitas a Mme. de Staël,⁴⁴⁸ uma discutindo a recepção crítica do romance *Delphine*, considerado imoral por Mme. de Genlis e Fontanes, e outra quando Délia concorda com as observações de Mme. de Staël sobre a velhice.

O poema *Amor e medo*, de Casimiro e Abreu; *Máximas, pensamentos e reflexões*, (1843) do Marquês de Maricá ou José Pereira da Fonseca, e o romance *A moreninha* (1844), de Joaquim Manoel de Macedo, são textos de autores brasileiros referidos. Segundo Lajolo e Zilberman, Macedo havia se comprometido em diagnosticar e educar o leitor local para a leitura literária. Assim, *A moreninha*, obra direcionada a fim de concretizar o intento de Macedo, alcançou grande êxito e delineou os contornos do público leitor do século XIX.

As duas autoras asseguram que se podemos assumir a hipótese de que cada romance constrói seus próprios leitores, *A moreninha* parece testemunhar o esforço educativo de Macedo, ao tempo de publicação do primeiro sucesso popular de nossa literatura.⁴⁴⁹ Quarenta anos depois da 1ª edição, o romance continuava a ser lido, conforme indicação ao livro no romance de Bormann. Ao comentar sobre o sucesso de público obtido por *A moreninha*, Lajolo ressalta a rapidez com que saiu a segunda edição do livro (1845), suas reedições posteriores (1849) e a edição de 1845, em Portugal. Marisa Lajolo enfatiza que a permanência do romance na cultura brasileira se dá através de sua presença no currículo escolar e nas adaptações para a televisão, o cinema e o teatro. Nos anos 50, a narrativa é quadrinizada pela editora Brasil-América.⁴⁵⁰

Ao lado de Macedo também é citado Gonçalves de Magalhães. Sobre o poeta, a narradora do romance *Lésbia*, analisando a dificuldade de vender livros no Brasil, lembra-se

⁴⁴⁷ Quatro títulos dessa autora são citados por Robert Darnton em sua pesquisa sobre um leitor rousseuniano à época da Revolução Francesa. São eles: Belas-artistas: *Adélia e Teodoro* e *Teatro da sociedade*; Livros infantis e pedagogia: *Teatro da educação* e *Anais da virtude*; Cf. DARNTON, Robert. A leitura rousseunista e um leitor “comum” no século XVIII. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 145.

⁴⁴⁸ Anne Louise Germaine Necker, baronesa de Staël-Holstein (1776-1817), conhecida escritora francesa, autora de *Corinne*, *Delphine*, *De l'Allemagne*, entre outros livros. Cf. TELLES, Norma. Notas. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 261.

⁴⁴⁹ LAJOLO Marisa & ZILBERMAN, Regina. Duas lições de leitura e escrita. In: _____. *A leitura rarefeita*. São Paulo: Ática, 2002, p. 93.

⁴⁵⁰ LAJOLO. Marisa. Ler e escrever no feminino. In: _____. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 46- 62.

da experiência do poeta com a edição de *Suspiros poéticos*: “feita às expensas do imperador; todos queriam admirar o poeta, porém de graça”.⁴⁵¹

Andradina Oliveira e Ari Martins afirmaram, segundo Norma Telles, que Délia teria se separado do marido. Para a pesquisadora, se a separação ocorreu, nunca foi formalizada, já que na certidão de óbito da escritora consta seu estado civil como casada:

Talvez essa idéia tenha surgido devido à permanência de José Bernardino em Chapecó, ou outras missões, sem a companhia da mulher, pois o período em que foi diretor da colônia coincide com o da carreira literária de Délia no Rio de Janeiro.⁴⁵²

É Interessante notar, entretanto, que nas biografias e nos dicionários consultados sobre José Bernardino Bormann, marido da escritora, nenhum faz referência ao seu casamento ou à sua esposa. Telles acrescenta a informação de que:

Ao casar-se, Maria Benedita residia na Rua do Resende, n.48, com seus pais. Nesta mesma casa faleceu. [...] Entre o casamento e a morte de Maria Benedita Bormann, a pesquisa não conseguiu encontrar documentos que atestem onde mais residiu e como foi sua vida. O sobrado da Rua do Resende ainda existe; é, desde 1934, uma repartição pública.⁴⁵³

Maria Benedita Bormann inicia sua carreira como ficcionista em 1881, utilizando o pseudônimo de Délia, com o romance-folhetim *Magdalena*, publicado na Revista *Sorriso* (RJ) e editado em livro em 1884. A partir daí, passa a colaborar em muitos jornais cariocas.⁴⁵⁴ Conforme Telles:

No início do século, foi comum escritoras adotarem um pseudônimo para encobrirem a identidade, para serem aceitas pelo público. Nas últimas décadas, a adoção do pseudônimo passa a ter outra conotação, começa a ser usado como palavra de poder, marca de um batismo privado para o nascimento de um segundo eu, um nascimento para a primazia da linguagem que assinala o surgimento da escritora. Até como um ícone do domínio da sensibilidade, da habilidade e do talento. Parece ser o caso de Bormann, membro de uma família prestigiada e poderosa no final do século, casada com um tio materno que em 1909 se tornaria ministro da guerra, o marechal de divisão José Bernardino Bormann. Sua redefinição, como aconteceu com outras escritoras, era a tentativa de se livrar do patrimônio herdado ou de transformá-lo. O que, por outro lado, significava que o poder do nome, os nomes de poder e o poder das normas estavam muito presentes em sua vida. A escritora criou uma ancestralidade imaginária e, ao mesmo tempo, definiu

⁴⁵¹ BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998, p.109.

⁴⁵² TELLES, 2000, p. 570.

⁴⁵³ Id. *Ibid.*, p. 568. Em 13 de agosto de 2005, estive no citado endereço, hoje a casa se transformou na Associação dos Fiscais do Licenciamento do Comércio, Indústria e Profissões do Rio de Janeiro. Constam nos anexos as fotos que tirei da residência.

⁴⁵⁴ Mais adiante, trataremos desse folhetim e de outros.

elementos de poder feminino quando escolheu seu pseudônimo. Délia é o nome de uma matrona da Roma Antiga, amada pelo poeta Tibulo.⁴⁵⁵

Em outro livro, a pesquisadora completa:

Ao apontar para a antiguidade clássica, Délia sugere a ruptura com a divisão do conhecimento por gêneros que impedia às mulheres o acesso ao mundo dos eruditos e dos gabinetes. Ruptura com o padrão de mulher submissa, pois Délia, personagem de um poeta latino, sugere uma época em que as mulheres agiam livremente e podiam se afirmar socialmente. Ruptura com o preceito cultural que afirmava que as mulheres não tinham o que dizer e não deveriam escrever, pois nesse período da história romana algumas mulheres, como Sulpícia, escreveram, enquanto as personagens dos poetas, como a Délia, de Tibulo, e a Lésbia, de Catulo, eram homenagem a Safo, poeta maior. Ruptura com os padrões de educação do século dezanove que visavam a preparar a mulher para o casamento e amenas conversas de salão, nunca as letras. Uma educação onde as virtuosas matronas romanas, como Cordélia, podiam ser tomadas como exemplo, mas nunca as Délias.⁴⁵⁶

A segunda obra publicada de Délia é *Lésbia*.⁴⁵⁷ O Jornal *O Paiz* publica uma resenha, sem autoria, sobre o livro, que traz as seguintes avaliações:

Como romance tem os atrativos que prendem a atenção do leitor; o seu talento está traçado com arte; a frase é correta e elegante e a tanto dispõe de cenas que dão a medida de um estudo de observação pacientemente feita. Na exibição dos personagens trazidos à secção do romance, a autora coloca toda a sensibilidade do coração de mulher e à Lésbia emprestou vivo e palpitante um caráter dúctil de quem queria viver pelo cérebro educado, mas que efetivamente viveu pelas paixões e pelas paixões chegou até o suicídio. Há no livro da distinta escritora tipos descritos com bela naturalidade e demonstrando a maleabilidade do seu espírito fecundo. Délia pôs em cena, talvez real, o homem perverso e que só obedece aos instintos do gozo baixo e vil sem dignidade e sem conhecimento dos sentimentos que levam uma mulher à exploração da sociedade só porque a isso levou-a o coração; mas por outro lado, pintou com as cores mais vivas o seu antagonista dotado de todos os bons predicados, cheio de afetos até ao sacrifício, capaz de todos os supremos esforços, só para ler a constância da mulher a quem confiou todas as esperanças da vida.⁴⁵⁸

A tese de doutorado de Norma Telles, defendida em 1987, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é um dos primeiros trabalhos sobre o romance *Lésbia*. A tese, de quase 500 páginas, trata do romance feminino no Brasil do século XIX. Várias autoras são

⁴⁵⁵ TELLES, 1997, p. 431-432.

⁴⁵⁶ TELLES, 2000, p. 570.

⁴⁵⁷ DÉLIA. *Lésbia*. Rio de Janeiro: Evaristo R. da Costa, 1890. Existe um exemplar dessa primeira edição na Biblioteca de Rio Grande (RS). A editora Mulheres publica, em 1998, uma nova edição do romance com atualização do texto, introdução e notas de Norma Telles. Cf. BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

⁴⁵⁸ DÉLIA. *Lésbia*. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 04 nov. 1890, p. 01. Exemplar da Biblioteca Nacional.

estudadas, mas Telles centra-se na obra de Maria Firmina dos Reis, Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida e Maria Benedita Câmara Bormann. No capítulo sobre Délia, a autora divulga algumas informações biográficas e aprofunda o estudo sobre *Lésbia*. Logo no início, Norma Telles comenta sobre a diversidade de opiniões dos críticos em relação à escritora gaúcha e assevera:

As opiniões controvertidas e a raridade bibliográfica que se tornaram seus livros dificultam uma re-visão e um posicionamento definitivo, mas atraem os pesquisadores contemporâneos para esta figura bonita e desconhecida. Não consegui também ter acesso a todos os seus livros.⁴⁵⁹

O título da obra de Délia é uma referência explícita à amada do poeta romano Caio Valério Catulo, nome, propositadamente, escolhido para representar o amante de Lésbia na narrativa.⁴⁶⁰ Apesar das imbricações com o tema amoroso, Norma Telles afirma:

O livro de Délia não é um romance de amor, é uma crítica sobre a ficção feminina, a mulher de letras. Isto fica patente a cada página onde comenta tanto as vicissitudes da escritora como também os grandes modelos da literatura da época e da antiguidade clássica. Lésbia não desanima ao constatar as dificuldades, pois lembra-se de que George Sand, em sua época, também encontrou preconceitos na França!⁴⁶¹

Em outro artigo, a pesquisadora coloca o romance na linha do *Künstlerroman*:

O livro de Délia, antecipando em uma década escritoras de língua inglesa dos últimos anos do século dezenove e as modernistas do nosso século, estabelece a ligação entre a busca da protagonista por desenvolvimento artístico, independência financeira e amorosa, e a necessidade de um local de trabalho próprio.

Lésbia é um livro que entrelaça as relações e tensões entre a paixão pelo conhecimento – leitura e escritura – e a paixão erótica. A escritora vive com prazer e intenso sofrimento os prazeres da mente e do corpo. A fronteira entre vida e arte é rompida e a ação decorre da alternância entre realização pessoal e o eu artístico que deseja liberdade ilimitada.⁴⁶²

A narrativa evidencia a transformação de uma moça comum, de alta sociedade, em uma escritora de sucesso. Concomitantemente, expõe os obstáculos que precisam ser contornados para que a transformação ocorra. Os sete primeiros capítulos manifestam a

⁴⁵⁹ TELLES, 1987, p. 368.

⁴⁶⁰ No jornal *A Semana*, encontrei o texto *O pardal de Lésbia*,⁴⁶⁰ de autoria de Escragnolle Dória, no qual a história dos amantes é outra vez narrada. Apesar de, no texto, não haver referência ao romance de Délia, é curiosa a coincidência da utilização do mesmo tema. Parece é que a história de amor entre Lésbia e Catulo povoou a mente de escritores do século XIX.

⁴⁶¹ TELLES, 1987, p. 380.

⁴⁶² TELLES, 1998, p. 12.

gênese e a formação da escritora. Nascida de si mesma, nela o dínamo da mudança é a curiosidade e o interesse pelo estudo que desde sempre possuía. E, a seguir, a personagem escritora começa a busca de editor para seu romance. Obtém sucesso e escreve outras narrativas. Ganha na loteria o que lhe permite comprar um palacete só seu onde trabalha e vive com um homem ideal, parceiro em intelecto e alma. Dissabores são poucos, como os boatos que provoca por frequentar redações de jornal.

Regina Zilberman enfatiza a importância de o romance de Délia ser o primeiro a tratar do tema da representação do meio literário. Preocupação que, segundo a pesquisadora, deveria fazer parte da experiência cotidiana dos escritores e escritoras do período.

Lésbia, de 1890, é exceção à regra – logo, obra inovadora. [...] A situação proposta surpreende de imediato, não por a protagonista Bela desejar escrever e sim por almejar viver dos rendimentos das obras. [...] É depois do lançamento de *Lésbia*, em 1890, que Coelho Neto publica *A Conquista*, em 1898, Gonzaga Duque (1863-1911), *Mocidade Morta*, de 1899, e Afrânio Peixoto (1876-1947), *A Esfinge*, de 1911, relatos todos das dificuldades enfrentadas por jovens artistas no interior dos meios literários e intelectuais. Assim, *Lésbia* é livro pioneiro, primogenitura que se torna tanto mais saliente, quando lembramos que o romance inclui, entre seus temas, dois outros tabus: de um lado, fala da independência financeira da mulher, [...] de outro, a discussão das relações entre autor e editor, e entre escritor e público. Maria Benedita Bormann, que, como a protagonista da novela, assinava suas obras com pseudônimo Délia, no caso, mostra como os intelectuais tinham de lutar por seus direitos e como os editores desdenhavam a atividade criativa dos editados, mostrando-se, ao mesmo tempo, gananciosos e aproveitadores.⁴⁶³

Há, também, a dissertação de mestrado de Sônia Ribeiro, sob a orientação de Helena Parente Cunha. Trata-se de um estudo comparativo entre o romance *Lésbia* e *A rainha do ignoto*, de Emília de Freitas. O último trabalho consultado sobre *Délia* aparece em 2004. É a dissertação de Daniela Barros,⁴⁶⁴ sob a orientação de Eliane Terezinha do Amaral Campello, apresentada à Fundação Universidade Federal de Rio Grande –(RS). A autora estuda o *Künstlerroman* (romance de artista) e as relações intertextuais entre as narrativas *Lésbia* e *Corina*, de Madame de Staël.⁴⁶⁵

⁴⁶³ ZILBERMAN, 2001, p. 178-179.

⁴⁶⁴ BARROS, Daniela Pinto. *Na tradição do Künstlerroman de autoria feminina: Lésbia em diálogo com Corina e para além do intertexto*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, 2004.

⁴⁶⁵ RIBEIRO, Sônia Cristina Bernardino. *A narrativa de autoria feminina do século XIX em resgate: uma leitura de Lésbia e A rainha do ignoto*. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UFRJ.

O Último romance de Délia é *Celeste*,⁴⁶⁶ publicado em 1893, por Magalhães & C. Editores, com uma tiragem de 1000 exemplares. Nesse mesmo ano, o jornal *A Semana* publica, na coluna “Nossos Livros”, um anúncio de venda do romance. O livro teve muito sucesso entre o público e em 1894 ocorre uma nova edição em folhetim no jornal *A Gazeta*, do Rio de Janeiro.

Clarice Fukelmann, em texto já citado, apresenta um breve estudo comparativo entre três obras de escritoras brasileiras do século XIX, respectivamente, *Celeste* (1893), de Maria Benedita Câmara Bormann, *Gradações* (1897), de Carmen Dolores e *Correio da Roça* (1913), de Júlia Lopes de Almeida. Sobre o livro de Bormann afirma:

Celeste é um romance construído corretamente, que se detém no estudo da personalidade de uma mulher de índole forte. Se é nítido o tributo que deve ao naturalismo, não há como negar que ela também soube trabalhar em suas brechas, colocando em questão problemas sociais, como o da escravidão, revolvendo o mito da mulher-mãe e abrindo espaço para falar de forma direta da sexualidade feminina. Apesar do desenlace de dimensões trágicas, de fundo moralizante, o texto se desenvolve com segurança, traçando um painel da sociedade burguesa da época, denunciando os seus valores e o sistema repressivo que cerca a mulher. Tanto em *Celeste* quanto em *Gradações* percebe-se que a viúva ou a mulher separada gozavam de maior liberdade para viver suas emoções, o que se confirma na literatura dos viajantes que registraram os costumes da sociedade brasileira.⁴⁶⁷

A liberdade sexual feminina vivida pela protagonista do romance e vorazmente criticada por Araripe Júnior, que a classifica de erotomaníca, é salientada por Regina Felix como uma experiência que procura romper com a clausura e limitações impostas pelo patriarcado principalmente na esfera intelectual e dos prazeres sexuais.

Seu erotismo, mais do que uma relação sexual que substitui o amor romântico, expressa um élan vital de liberdade para se recriar, sensual e intelectualmente. Bormann o sugere quando sua personagem atrai amantes que a amam pela troca de idéias.⁴⁶⁸

⁴⁶⁶ Fiz a leitura do romance na Biblioteca Nacional — que tem um exemplar da 1ª edição — entre os dias 10 e 11 de agosto de 2005. Não consegui tirar foto nem digitalizar o livro. Tenho cópia da edição de 1988, publicada pelo Instituto Nacional do Livro. Com o apoio técnico e financeiro do Ministério da Cultura /PRÓ-MEMÓRIA, v. 11 da Coleção Resgate/INL em co-edição com a Presença Edições (RJ). Agradeço a Rozane que, por intermédio da professora Rita Terezinha Schmidt, cedeu-me seu exemplar para que eu pudesse ter acesso a essa edição. Esse romance é publicado no mesmo ano de *A normalista*, de Adolfo Caminha, e *Encarnação*, de José de Alencar.

⁴⁶⁷ FUKELMAN. Clarisse. Palavra de mulher. In: FUNCK, Susana Bornéo (org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

⁴⁶⁸ FELIX., Regina R. *Sedução e heroísmo: imaginação de mulher (entre a república das letras e a belle époque – 1884 – 1911)*. Florianópolis: Mulheres, 2007, p. 70.

Délia é das primeiras escritoras que foca e defende o conhecimento da própria sexualidade, expondo campanhas para a educação sexual das jovens: “Os temas dessa autora são os promulgados pelas defensoras estrangeiras da Nova Mulher: profissão, satisfação dos desejos”.⁴⁶⁹

Há ainda mais dois trabalhos sobre o referido romance de Bormann, ambos sob a orientação de Rita Terezinha Schmidt, defendidos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.⁴⁷⁰

Em sua época, Délia é uma escritora de sucesso e, apesar das controvérsias em torno do seu nome, muitos críticos valorizam seu trabalho. Osório Duque Estrada, em artigo publicado em *O Paiz*, declara que apenas Délia e Júlia Lopes de Almeida fazem exceção à “pasmosa mediocridade das nossas letras”.⁴⁷¹

Bormann morre na capital carioca em 23 de julho de 1895.⁴⁷² No dia 30 de julho daquele ano, o jornal *Gazeta da Tarde*, em nota intitulada *Délia*, errando a data da morte da autora, informa:

Faleceu no dia 21 do corrente nesta capital a distinta escritora Délia, um dos mais afinados temperamentos literários do nosso tempo. Conta-se por triunfos o passado literário dessa mulher de espírito que, portadora de uma fina emotividade espiritual vibrou com a máxima energia e com uma bela compreensão literária, a delícia de sete obras naturalistas.

[...]

O talento superior desta escritora, que saudosamente recordam os que admiram ainda entre nós os trabalhos de arte, não esteve somente entregue ao afã da literatura.

Deixa como um espírito superior. Abraçava as grandes evoluções sociais nas sagradas causas do seu país, demonstrando-o no denodo com que se bateu pela causa da abolição dos escravos.

[...]

Não cabe aqui fazer o esboço biográfico desta escritora que honrou as nossas letras com amor, trabalho e perseverança.

Basta que relembremos aos que a conheceram e aos nossos homens de letras que um vazio difícil de preencher está aberto na literatura nacional, e aos que não sabiam que entre nós existia uma mulher de talento que deixou fixado o seu nome em grande número de obras de valor, o quanto é penoso ver definhar todos os dias a plêiade civilizadora dos escritores brasileiros.⁴⁷³

⁴⁶⁹ TELLES, 1997, p. 435-436.

⁴⁷⁰ DALSSASSO, Rozane Maria. *Identidades em confronto: sujeito e subjetividade em Celeste e O Cortiço*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Cf. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Representação do feminino em uma escritura desautorizada: Celeste*, de Maria Benedita Câmara Bormann, e *O perdão*, de Andradina Andrade de Oliveira. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul., 2007.

⁴⁷¹ ESTRADA, Osório Duque. Poetisas e Literatas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1893, p. 03.

⁴⁷² Conforme informação de vários biógrafos, Ignez Sabino se equivoca ao enunciar que a data da morte ocorreu em 15 de maio de 1896.

⁴⁷³ DÉLIA. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1895, p. 01.

Dez dias após a morte da escritora, o periódico carioca *Dom Quixote* publica uma nota intitulada *Délia*. O autor do artigo, assinando Y, comenta sobre o valor da obra de Délia e o descaso da imprensa para com a escritora.⁴⁷⁴ Também, o jornal *A Notícia* (RJ) publica texto de Heitor Vasco, com título de *Délia*, no qual reflete sobre os mistérios da existência. Para ele, as pessoas nascem e já estão predestinadas: umas para a felicidade, outras para a desgraça. Segundo Vasco: “Délia foi sempre uma caipora – toda a sua vida passou-a ela eternamente perseguida pela fatalidade”.⁴⁷⁵ Comparando a vida real da autora com a de suas personagens, o crítico afirma que Délia teria odiado a sociedade em que vivia, principalmente, o mundo sórdido da imprensa, que não admitia a possibilidade de uma mulher ser talentosa e muito menos fazer sucesso entre o público leitor.

Assim mesmo fez muito. Sozinha, abandonada, sem ninguém, confiando apenas em si, abroquelada num orgulho desmedido, conseguiu aparecer por momentos, como um meteoro fugaz, rápido, fulgindo, para sumir de novo.

[...]

Mataram-na. Morreu assassinada, covardemente, miseravelmente, numa agonia lenta, de quatro anos, talvez... Oh! Eu lhe sei bem a história! Imagino o quanto padeceu na enxovia lobrega, onde a sociedade a encafou manjetados os pulsos, de braga ao pé, de gargalheira ao pescoço, tolhidos os movimentos, num inquisitorial suplício!... (A águia real, libérrima, acostumada a viver no espaço, a voar no azul infindo, lá, muito alto, muito longe, quando lhe cortam as asas, e a enjaulam na gaiola, deixa-se morre, mata-se, suicida-se...) ⁴⁷⁶.

Vasco conclui o texto assegurando que Délia seria totalmente esquecida. Felizmente, o articulista se enganou, já que isso não ocorreu. Dois anos depois de sua morte é publicado em Portugal uma nota biobibliográfica com foto da escritora. Curiosamente é uma foto na qual Délia está envelhecida, muito diferente da que circula nas biografias e nos periódicos brasileiros. Segundo a nota:

Nasceu a notavel escriptora em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1851, e falleceu em 24 de julho de 1895. Pertencia a uma familia illustre e foi casada com um talentoso engenheiro militar. Artista por vocação e tendo recebido uma educação esmerada, falava o francez e o inglez, e desenhava primorosamente. Como escriptora, fez a sua estreia na Gazeta da Tarde, onde escrevia folhetins ao lado de José do Patrocinio, e na Gazeta de Noticias, ao lado de Ferreira d’Araujo. Collaborou depois no Paiz, desde o seu começo, junto de Quintino Bocayúva, escrevendo ahi

⁴⁷⁴ Y. Delia. *Dom Quixote*, p. 03, 03 ago. 1895.

⁴⁷⁵ VASCO, Heitor. Délia. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1895, p. 02. Texto digitalizado pelo CEDAP/UNESP.

⁴⁷⁶ Id. *Ibid.*, p. 02.

esplendidos contos.

Era considerada talento de primeira ordem. Como romancista publicou As duas irmãs, Magdalena, Aurelia, Celeste e Lesbia, a sua obra prima. O seu estylo era terso e gracioso. Nos seus escriptos sobresáe, a par da elegancia da phrases e variedade dos assumptos, notavel penetração psychologica, e critica sagaz, por vezes, eivada de mordacidade.

Foi muito accidentada a sua existencia romanesca, e cruel o seu destino.

Rica de formosura e talento, festejada na grande roda, e tendo vivido na melhor sociedade, veio afinala ser muito infeliz, morrendo quasi ignorada.

A sua morte foi apenas conhecida pela noticia publicada no Diario Official; e contudo Délia foi incontestavelmente uma das mais brilhantes escriptoras do Brazil contemporaneo.⁴⁷⁷

Ignez Sabino comenta sobre as notas de falecimento da romancista gaúcha, publicadas no *Diário Oficial*, em *O Paiz* e na *Gazeta da Tarde*, reclamando o fato dela ter morrido na mais completa obscuridade e dessa forma conclui o texto sobre a biografada: “A literatura, por enquanto entre nós, é mal compreendida sei, mas, se não se obscurecer o merecimento da mulher escritora, o nome de Délia, tem direito a ser lembrado”.⁴⁷⁸

Como apontei, ao longo desse subcapítulo, têm surgido alguns trabalhos de mestrado e doutorado sobre a obra de Délia. É verdade que, como constatou Norma Telles, as produções dessa escritora se tornaram “raridades bibliográficas”. Realizei vasta pesquisa em 2005, incluindo visitas a sebos e antiquários nas cidades de Porto Alegre (RS), Rio Grande (RS), Rio de Janeiro (RJ) e encontrei apenas no Museu Hipólito da Costa, em Porto Alegre, um exemplar da 1ª edição do romance *Lésbia*, no qual consta dedicatória da própria autora à poetisa Revocata de Mello. Treze anos depois da defesa de sua tese, Norma Telles,⁴⁷⁹ em artigo, lamenta o fato de sua pesquisa não ter conseguido desvendar muitas lacunas que existem na vida da escritora gaúcha.⁴⁸⁰

Não tenho conhecimento de nenhum trabalho acadêmico sobre a produção jornalística de Délia. Essa será, então, a vertente assumida por essa tese no subcapítulo a seguir.

⁴⁷⁷ NOVO ALMANACH de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1897. Lisboa, p. 267-268, 1896,

⁴⁷⁸ SABINO, Ignez. Delia. *Corymbo*, ano XVII, n. 133, 15 fev. 1900, p. 01. A biografia é publicada anteriormente no livro *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899). Cf. MAIA, Ignez Sabino Pinho Maia. *Mulheres ilustres do Brasil*. (edição fac-similar). Florianópolis: Mulheres, 1996, p. 198.

⁴⁷⁹ Norma Telles está, atualmente, trabalhando num projeto de recuperação da obra da escritora. Disponível em: <<http://literatura.ufal.br/pesquisas.htm>>. Acesso em 19 ago. 2007.

⁴⁸⁰ TELLES, 2000, p. 568.

5.1 A imprensa fluminense

*A imprensa do Rio era variada e mesmo numerosa, se considerarmos as condições que presidiam sua existência. Max Leclerc situou bem algumas de suas características. É aceitável a divisão que faz entre grandes e pequenos jornais, entre aqueles alinhando apenas o *Jornal do Comércio*, [...] e a *Gazeta de Notícias* em fase de fastígio, deixando entre os segundos, sem mencionar-lhes os nomes, *O País*, o *Diário de Notícias*, que não cabiam perfeitamente na categoria, pois aproximavam-se dos grandes, e *A Rua*, a *Folha Popular*, *A Tribuna*, a *Cidade do Rio*, o *Correio do Rio*, *O Brasil*, o *Diário do Brasil*, a *Gazeta da Tarde*, a *Gazeta Moderna*, o *Correio do Povo*, o *Diário do Comércio* e o *Diário Oficial*.⁴⁸¹*

A imprensa, marca da modernidade, chega ao Brasil em 13 de maio de 1808. Sai o primeiro número de *A Gazeta do Rio de Janeiro* em 10 de setembro, daquele mesmo ano, sob os cuidados de D. Rodrigo de Souza Coutinho, secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Esse jornal, onde a publicação de anúncios era gratuita, inaugura o sistema de assinaturas pagas antecipadamente:

Iam desde os relativos à venda de casas, cavalos, navios, leilões, objetos perdidos, passando por médicos, professores, empregados que ofereciam serviços, discorrendo sobre suas qualidades profissionais, chegando mesmo à oferta de recompensas pela restituição a seus lares de crianças perdidas.⁴⁸²

Em 1823 passa a circular como *Diário do Governo*. Privativo dos oficiais da Secretaria de Estrangeiros e Guerra, o periódico é dirigido por um deles: Frei Tiburcio José da Rocha. “Seus primeiros números consistiam unicamente em noticiário”.⁴⁸³

A primeira revista nacional *O Patriota* é publicada em 1813, já com gravuras-ilustrações. Em 1827, nasce o *Jornal do Comércio*. Datam de 1832, os primeiros jornais ilustrados com caricaturas políticas: *O Martelo*, *A Cegarrega*, *O Correio das Modas*, jornal feminino ilustrado com gravuras de moda parisiense, surgem em 1839. A partir desse período, os títulos se multiplicam: jornais são fundados e desaparecem rapidamente; uns terminam, outros começam. “A proliferação de títulos reflete ainda o entusiasmo de um século marcado, entre nós, pela afirmação da recém-adquirida consciência nacional, e pela novidade que constitui a imprensa.”⁴⁸⁴

⁴⁸¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.257.

⁴⁸² BICALHO, 1988, p. 83.

⁴⁸³ COUTINHO, Afrânio. Literatura e jornalismo. In: _____. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. v. 6, p. 64.

⁴⁸⁴ COCO, Pina Maria Arnoldi. *O triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas no século XIX*. Tese de doutorado. PUCRJ: Rio de Janeiro, 1990, p. 37.

A partir do início da segunda metade do século XIX, a estrutura do Império está articulada e firme. As mudanças que surgem após a guerra do Paraguai deixam claro um novo perfil de Brasil: a extinção do tráfico negreiro, o aparecimento das ferrovias, a navegação a vapor e o telégrafo. Desenvolve-se o comércio, a organização bancária e a indústria. O Rio de Janeiro, por sua vez, cresce em consequência do desenvolvimento do comércio e da construção de órgãos públicos e administrativos. Concomitantemente ao desenvolvimento da cidade, prospera a imprensa.

Em 1854, acontece a primeira greve dos tipógrafos por reivindicação salarial. “Os jornais, ‘alavanca do progresso’, cumprem sua função e inauguram a reportagem, com correspondentes locais presentes, flagrando, não sem polêmicas, os acontecimentos”.⁴⁸⁵

Essa é a época em que “os homens de Letras” fazem a imprensa e as moças instruídas e os estudantes correspondem a um percentual considerável do público leitor. Nas palavras de Elói Pontes, citadas por Werneck Sodré:

A imprensa do tempo, redigida por homens de capacidade, jornalistas de vocação, ardorosos e intrépidos, tem prestígio extraordinário. Ferreira de Araújo, Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, Alcindo Guanabara e José do Patrocínio são dominadores sem contrastes. A cidade é favorável às demais de quantos trabalham na imprensa. Os debates se faziam na Rua do Ouvidor, aqui, ali, acolá, nas portas das lojas, nas mesas dos cafés, nas confeitarias.⁴⁸⁶

O jornalismo conservador teve seu maior representante no *Jornal do Comércio*. Diferente desse periódico por sua atitude partidária se desenvolveria o *Correio Mercantil*. Nele José de Alencar escreve muitas crônicas. Demais escritores como Machado de Assis estreia, em 1855, no jornal *A Marmota*, de Paula Brito. O autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* é assíduo colaborador e também publica seus contos em *O Jornal das Famílias*, que deixa de circular em 1878. Sobre o periódico, Lúcia Miguel-Pereira afirma:

O jornal, como o nome indica, era dedicado às mulheres; entre figurinos, receitas de doces, moldes de trabalhos e conselhos de beleza, para ocupar os ócios e a imaginação das senhoras elegantes, um pouco de literatura, quase sempre de Machado de Assis. E, a despeito do nome do autor, correspondia, certamente, à expectativa das leitoras; literatura amena, de pura fantasia, sem nenhum fundamento na realidade. Tudo se passa nesse mundo convencional, onde os desgostos amorosos são os únicos sofrimentos, onde tudo gira em torno de olhos bonitos, de suspiros, de confidências trocadas entre damas elegantes.⁴⁸⁷

⁴⁸⁵ COCO, 1990, p. 36.

⁴⁸⁶ PONTES, 1944 (apud SODRÉ, 1999, p. 385).

⁴⁸⁷ MIGUEL-PEREIRA, 1949 (apud SODRÉ, 1999, p.198-199).

A partir do ano de 1860, a fisionomia do país sofre alterações que se manifestam através de marcantes acontecimentos políticos: a crise de 1864, o conflito militar platino, os efeitos da suspensão do tráfico negreiro, entre outros.

Ao fim da década de 60, com a guerra terminada, tudo indica o início de fase nova, com reformas que se impõem e não podem ser proteladas; a luta política se acirra; a imprensa retoma o fio de sua história, interrompida com a Maioridade. Vai começar a agitação.⁴⁸⁸

5.2 Conversando sobre o folhetim

O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos todos os da casa, era permitida a presença das mulheres.⁴⁸⁹

As histórias escritas para publicação em capítulos, em rodapés de jornal, foram, primeiramente, entendidas, segundo Pina Coco, como “espaço tipográfico à parte do corpo do jornal, correspondendo a uma rubrica regular, de conteúdo resenhístico ou ficcional”,⁴⁹⁰ sendo o termo novela o seu correspondente em português. O seu surgimento remonta à França do século XIX, no momento em que as massas populares parisienses iniciavam sua organização política. Três fatores, porém, convergiram para o seu florescimento: o veículo-jornal, o autor assalariado e um novo público leitor.

Émile Girardin foi o homem que revolucionou a imprensa jornalística ao lançar, em 1836, o *La Presse* a dois sous. A novidade do jornal, além do preço baixo, era o “roman feuilleton”.

A jogada deu certo visto que o número de assinantes passou, no ano seguinte, de 70 para 200 mil.

O êxito do romance-folhetim proporcionou aos editores a contratação de equipes jovens que escreviam para viver. Esses textos, escritos em colaboração, compunham a literatura industrial do século XIX, e buscavam atender aos interesses dos leitores. Alexandre Dumas recrutava negros para realizar algumas tarefas, não para redigir os romances, mas para fazer o trabalho preparatório e redigia utilizando-se das pesquisas feitas por eles.⁴⁹¹

⁴⁸⁸ SODRÉ, 1999, p. 201.

⁴⁸⁹ Id. Ibid., p. 243.

⁴⁹⁰ COCO, 1990, p.11.

⁴⁹¹ GOMES, Mitizi de Miranda. *Romances-folhetim de um escritor provinciano*: Bernardo Taveira Júnior no *Progresso Literário*. Dissertação de Mestrado. PUCRS: Porto Alegre, 2002, p. 18.

Conforme Pina Coco, em sua tese de doutorado, o novo público leitor era numeroso, de alfabetização irregular e possuía valores e vivências muito diversos da classe dominante. Assim, a pesquisadora o caracteriza:

Descendentes dos leitores dos almanaques dos séculos XVII e XVIII, da literatura de ‘colportage’, difundida porta a porta por caixeiros-viajantes e onde o desenho e o texto fácil auxiliavam a penosa leitura, lêem agora, pelas mesmas razões, o jornal.⁴⁹²

Até 1850, o “romance em fascículos” alcançou grande popularidade e renomados escritores colaboraram nos rodapés dos jornais franceses: Victor Hugo, Theophile Gautier, Eugène Scribe, Frédéric Soulié, Alfred de Musset, entre tantos outros.

O romance-folhetim abria aos escritores a possibilidade de atingir a um maior número de leitores; os contratos oferecidos pelos proprietários das empresas jornalísticas, àqueles autores mais destacados na preferência junto ao público, tornavam-se muito vantajosos

[...]

Passou a ser possível viver com a remuneração recebida pelo trabalho de escrever. E muitos, como Dumas, pai, souberam aproveitar muito bem os bons contratos oferecidos, percebendo quantias consideráveis.⁴⁹³

Conforme José Gomes Tinhorão, o romance-folhetim, apesar de ser um fenômeno literário importante, não tem assumido uma posição de destaque devido à “estreiteza” da história literária brasileira. Também a pesquisadora Pina Coco elenca dois motivos para a marginalização dessas narrativas seriadas: o fato de ser considerada “popular”, no sentido de indicar má qualidade narrativa; e de ser um tipo de literatura efêmera e perecível, visto que era publicada em jornal. Contrariando esse pensamento acadêmico, ela resgata o folhetim, entendendo-o pelo seu conteúdo “preche de significações arcaicas”. Assim afirma: “Trata-se de uma produção vasta, que foi importante no seu tempo, e hoje abandonada – senão totalmente por leitores curiosos, seguramente pela crítica acadêmica”.⁴⁹⁴

Bastante diferente do cenário francês, o panorama político-social brasileiro é delineado por vários fatores, entre eles, a constituição enquanto nação, ocorrida em 1822; e a instauração do regime republicano, em 1889. Rural e escravocrata, longe do processo industrial, a sociedade é representada social, política e intelectualmente pela Corte carioca e

⁴⁹² COCO, 1990, p. 8.

⁴⁹³ ALVES, José Edil de Lima. *A paródia em novelas-folhetins camilianas*. Portugal: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação e Cultura, 1990, p. 29.

⁴⁹⁴ COCO, 1990, p.3.

pela metrópole paulistana praticamente até a década de 30 do século XX.

Nação a se formar e já na perene contradição de estar par e passo com o mundo ocidental civilizado, sem ter, no entanto, substrato histórico nem desenvolvimento, contradição subdesenvolvida do continente, preguiçosa província que imita Paris...⁴⁹⁵

Nesse contexto, a “ficção em pedaços” aporta, através dos esperados “Paquetes”, em terras brasileiras. A chegada do romance-folhetim no Brasil representou, como na França, uma abertura dos jornais no sentido de ampliar o público leitor. Ademais, foi a chance de escritores desconhecidos vêem seus nomes circularem, tornando pública suas produções textuais. Dessa forma, para a satisfação de ávidos leitores, eles injetam, nos jornais, doses certas: diárias, semanais ou quinzenais, de ficção fragmentada.

De fato, e embora a maioria dos historiadores da literatura brasileira não chegue a mencionar essa circunstância, é do romance de folhetim que se originam as principais características da técnica do romance no Brasil: a constante intervenção do autor no desenrolar das histórias (inclusive dirigindo-se ao leitor em tom de conversa); a extrema complicação dos enredos, num desdobramento linear de quadro sem preocupação com a verossimilhança; a finalização de cada capítulo em clima de suspense; e a surpresa da retomada de personagens e situações anteriores em conexão inesperada com ações atuais (chegou a ser lugar - comum nas histórias românticas os casos de amor impossível, por descobrirem os amantes – sempre no último capítulo – que eram irmãos).⁴⁹⁶

Os romances-folhetins, traduzidos do francês, aportaram na Corte carioca, na década de 1830. No *Jornal do Comércio* foram publicados: *Os mistérios de Paris* e *Os sete pecados mortais*, de Eugène Sue; *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas; *Paulo e Virgínia*, de Bernardim de Saint-Pierre. “O pioneiro nessas traduções foi o professor, jornalista e também autor de novela folhetinesca Justiniano José da Rocha”.⁴⁹⁷

No Brasil, o jornalismo imita o modelo francês e o lançamento do folhetim traduzido aconteceu quase concomitantemente à sua tradução. Em 1838, foi anunciada no rodapé do *Jornal do Comércio* a publicação do primeiro capítulo de *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, traduzido por J.C.Muzzi.⁴⁹⁸

Entre as mulheres estão George Sand e Madame de Sevigné, consideradas como autoras de “perigosas produções”, visto que a escrita dessas “senhoras” não poderia servir de

⁴⁹⁵ Id. Ibid., p.34.

⁴⁹⁶ TINHORÃO, 1994, p. 28.

⁴⁹⁷ NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso – séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002, p. 41.

⁴⁹⁸ GOMES, 2002, p.22.

modelo moral para as senhoras brasileiras. A defesa da moral, guardiã da burguesia, era o argumento contra o folhetim. E a Corte carioca estava lado a lado com os valores burgueses do século XIX.

Elas [as histórias de amor] são severamente condenadas, ao longo do século, para o público feminino alvo fácil da dissolução que veiculam e propiciam.[...]

Cabe aqui lembrar mais uma vez a leitora-paradigma do século, a pobre Emma Bovary [...] mais do que dos romances, a tola Emma será vítima da hipocrisia de uma sociedade medíocre, na qual a mulher deve ocupar seu lugar, sem fantasia nem veleidades de tentar colocar seu desejo (e o drama de Emma é não só de colocá-lo aquém ou além do real, mas – o que é imperdoável – de tentar, sempre...).⁴⁹⁹

Mas os escritores nacionais, à moda dos franceses, começam a publicar suas produções. Assim, o romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, é publicado em *O Correio Mercantil*; *O guarani*, de José de Alencar, aparece, primeiramente, em *Diário do Rio de Janeiro*; *A carteira do meu tio*, de Joaquim Manoel de Macedo, em *Marmota Fluminense*; *O ateneu*, de Raul Pompéia, em *Gazeta de Notícias*; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em *Revista Brasileira*; *Filomena Borges*, de Aluísio Azevedo, em *Gazeta de Notícias*. Para exemplificar, apenas, as obras mais difundidas no Brasil do século XIX.

No começo, essa presença foi escassa e quase nula, se comparada com a publicação da produção de autores estrangeiros. Contudo, teve ela o mérito de lançar as bases iniciais para o surgimento da ficção no Brasil.⁵⁰⁰

[...]

Via de regra, os escritos ficcionais folhetinescos nacionais não traziam a assinatura do seu criador, ou apresentavam nomes fictícios. Os autores eram identificados à medida do reconhecimento do sucesso de suas obras, que, a rigor, passavam da barra dos jornais para a edição em livros, seguindo o mesmo processo do mercado editorial romanescos francês.⁵⁰¹

E as mulheres passaram ao largo das proibições masculinas. Sempre ousadas, leram — o que era e o que não era permitido — e, inevitavelmente, escreveram, inclusive, folhetins. Entre a relação de títulos elencados por Tinhorão, destaco todos os de autoria feminina: *Os mistérios de família* (1846), por uma senhora brasileira; *D. Narcisa de Vilar* (1858), de Ana Luísa de Azevedo Castro; *Magdalena* (1880), *Aurélia* (1883), *Uma vítima* (1883-84) e *A estátua de neve* (1890), de Maria Benedita Câmara Bormann; *Gazel* (1881), de Luísa

⁴⁹⁹ COCO, 1990, p.77.

⁵⁰⁰ NADAF, 2002, p. 44.

⁵⁰¹ Id. Ibid., p. 50.

Leonardo Marques; *Romancete* (1883), de Adélia Camargo; *A família Medeiros* (1891), *A viúva Simões* (1895), *O caso de Ruth* (1897), *A casa verde* (1898-99), *A Silveirinha* (1914), de Júlia Lopes de Almeida; *O drama de uma alma* (1901), de Guiomar Torrezão; *O rapto jocoso e Nuvens* (1907) de Ana Facó; *A veranista* (1921), de Iracema Guimarães Vilela; *Asas sem vôo* (1949-50), *Órfão de pai vivo* (1951-52), *Chamas que não aquecem* (1954), de Lazineira Luís Carlos de Caldas Brito; *A ciranda da vida* (1950), de Maria da Conceição Neves Abud; *O galo de ouro* (1950-51), de Raquel de Queiroz; *Três homens no meu destino* (1951), de Stella Rodrigues; *Uma flor sobre o muro* (1951-52), de Bárbara Araújo; *Destinos cruzados* (1953), de Lúcia Fernandes Martins; *A muralha* (1953), de Dinah Silveira Queiroz; *Três soldados* (1954-55), de Lúcia Beneditti; *Nenê Bonet* (1980), de Janete Clair; *Jônetsu: a terceira cor da paixão* (1989), de Ana Suzuki.

Um dos mais importantes estudos brasileiros sobre o folhetim é a pesquisa realizada por Marlyse Meyer.⁵⁰² Quem a valida, primeiramente, é o renomado crítico brasileiro Antonio Candido. Em “Nota prévia”, ele inicia afirmando que o livro é uma importante contribuição intelectual no que se refere ao estudo do folhetim, assunto pouco estudado no Brasil. Candido elenca uma série de motivos a fim de alicerçar sua justificativa: o livro é despido de preconceitos universitários; mobiliza uma enorme quantidade de leituras; o tom familiar e íntimo assumido pela autora, declarando inclusive o seu gosto pelo romance de folhetim; a consciência de problemas críticos importantes.

No fundo, sentimos que ela quer sugerir que tanto uns (romances ‘sérios’) quanto outros (folhetins) são maneiras de satisfazer uma necessidade fundamental do homem, que é o mergulho no mundo da fantasia através de histórias simuladas.⁵⁰³

No “Prefácio”, a autora aproxima o folhetim à telenovela que, segundo ela, apesar de ocupar a atenção de uma grande quantidade de brasileiros pelo país afora, é rapidamente esquecida e, imediatamente substituída por outra.⁵⁰⁴

No capítulo “O romance folhetim atravessa os mares”, Meyer afirma que há uma correlação direta entre a prosperidade dos jornais da Corte e o folhetim. Para a pesquisadora, é a publicação do folhetim que confere vitalidade à vida do jornal. Exemplifica o fato, citando o jornal *A Gazeta de Notícias*, periódico no qual Raul Pompéia publicou em folhetins, *O*

⁵⁰² MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁵⁰³ CANDIDO, Antonio. Nota prévia. IN: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 14.

⁵⁰⁴ MEYER, Marlyse. Por que folhetins? IN: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 19.

ateneu. Entre dezembro de 1879 e janeiro de 1882, Tomás Alves, sob o pseudônimo de *Hop-Flog*, publica uma série de contos curtos. A primeira narrativa intitulada *Velha história*, que tematiza a leitura de romance-folhetim.

E a prova de que a ficção no rodapé é indispensável para qualquer nova empreitada jornalística está no *Jornal do Brasil*, fundado em 1891, que acolherá grandes nomes da política e das letras, mas não escapa à regra. Publica no jornal e na coleção ‘Biblioteca do Jornal do Brasil’ muitos folhetins de Montépin e autores do gênero, e, ainda, em 1910, o inerredável *A toutinegra do moinho*, de Richebourg.⁵⁰⁵

Quanto ao papel da imprensa feminina na divulgação de folhetins, Meyer destaca:

Ainda que o romance e o folhetim estejam sempre associados à contumaz frivolidade da ‘gentil leitora’, eles não serão desdenhados por essa imprensa feminista de veleidades militantes, pois sua leitura tem seu papel nessa redefinição da mulher.⁵⁰⁶

Meyer informa, em nota, que essa “gentil leitora”, recebe críticas mordazes do redator, de um jornal baiano de 1850, para quem os jornais daquela época só satisfaziam suas leitoras se trouxessem o “rodapé, a que se chama folhetim”. Essas senhoras preferiam “a literatura amena” ao invés de lerem assuntos de política, ciências, belas letras e artes.

Folheando rapidamente essa imprensa, percebe-se que novelas e folhetins ocupam sistematicamente o espaço consagrado do rodapé, em traduções feitas ‘por senhoras’ ou em produto nacional, muitas vezes, de autoria das mesmas senhoras.⁵⁰⁷

Meyer faz alusão a alguns folhetins de autoria feminina publicado em jornais femininos: *Jornal das Senhoras*, *Mistérios del Plata*, de Joana Paula Manso de Noronha; *A jarilla*, de d. Carolina Coronado; *O Sexo Feminino*, *Matilde e Eduardo*, por D***, *A Diva Isabela*, por D. Elisa Diniz Machado Coelho.

Refletindo sobre a influência do folhetim-romance francês sobre a produção brasileira, Meyer conclui:

Comum a todos, e importantíssimo, era o suspense, o coração na mão, um lencinho não muito longe, o ritmo ágil de escrita que sustentasse uma leitura às vezes ainda soletrante, e a adequada utilização dos macetes diversos que amarrassem o público e garantissem sua fidelidade ao jornal, ao fascículo e, finalmente, o levasse ao livro.⁵⁰⁸

⁵⁰⁵ Id. Ibid, p. 297.

⁵⁰⁶ MEYER, 1996, p. 298.

⁵⁰⁷ Id. Ibid., p. 299.

⁵⁰⁸ MEYER, 1996, p. 303.

Meyer apresenta ainda uma saborosa discussão sobre o prazer provocado pela leitura de folhetins. Nomeando-o, carinhosamente, de “o pão ficcional de cada dia”, a pesquisadora defende que são vários os modos pelos quais “fragmentos cotidianos” recortados, dia a dia, produzem uma leitura aficcionada. A autora contagia o leitor ao falar do prazer de acompanhar um “manjar fragmentado no jornal, vendido em cotidianas e parcimoniosas fatias”, acrescentando que o prazer do leitor do “romance picadinho”, aumentava pela própria dinâmica da publicação: o protelado prazer:

O prazer era espichado, mas ainda interrompido com aquela prática que só fazia aumentar as porções ao varejo: a de irem saindo os volumes pingados, editados pela tipografia do mesmo jornal, retomando o já conhecido de uma história ainda em curso. Só a última fatia configurava a devoração total, selando-se definitivamente os destinos – dos personagens e do leitor pacientemente voraz – com a tão esperada quanto odiada palavra FIM.⁵⁰⁹

Paralelo à publicação do folhetim, havia, segundo Meyer, uma enorme quantidade de outras publicações que “narrava o acontecido, quando o por acontecer ainda estava em curso” e mesmo assim, os leitores não deixavam de acompanhar a narrativa cotidianamente.

Essa fruição do já sabido pode ser compreendida à luz do sucedâneo atual folhetim, a telenovela. O leitor de *Amiga* ou *Contigo* e agora dos suplementos de TV de toda a imprensa cotidiana fica sabendo das coisas de antemão, mas nem por isso é menos fanático acompanhador da novela dia após dia.⁵¹⁰

No “Epílogo”, a pesquisadora sustenta-se em Gramsci para assegurar que romance-folhetim e “grande romance” responde a motivações análogas, ou seja, ambas são literatura de cunho conteudístico. Assim, para recompor o “multifacetado objeto”, o intelectual tenta explorar “sucessivas e opostas faces da figura” para concluir que aquilo que o leitor considera “interessante” varia de acordo com cada indivíduo e sua relação com o grupo social ao qual pertence. Conclui Meyer que o romance-folhetim é uma publicação romanesca do século XIX, “umbilicalmente ligado ao jornal”, com uma maneira particular de criar, produzir e publicar, tendo uma história interna que acompanha a história das classes populares; o gênero gótico, e, contemporaneamente, a telenovela.

Apesar de dizer que não há uma explicação plena para o “fenômeno”, Marlyse Meyer

⁵⁰⁹ Id. Ibid., 1996, p. 315.

⁵¹⁰ Id. Ibid., p. 315-316.

faz uma apreciação singular sobre o mundo folhetinesco:

O mundo tenebroso do folhetim oitocentista oferece a imagem de uma luta agônica pela vida opondo os fracos, os virtuosos, as vítimas da sociedade, os perseguidos, as mulheres abandonadas, estupradas, viúvas, esposas-mártires, as crianças espancadas, seviciadas, os pobres, todos os injustiçados enfim aos poderosos, aos fortes, aos hábeis, aos luxuriosos, aos ricos, aos perversos, aos patrões, aos contramestres, aos agiotas, ao destino adverso, aos MAUS, em suma. Os quais, ainda que nem sempre triunfem, sempre sobrevivem, seja à espreita de novo bote, seja permanecendo na lembrança de suas vítimas, com tanta força às vezes que estas podem até repelir o *happy ending* a que teriam direito.⁵¹¹

O folhetim corre paralelo à vida das pessoas. A interação entre o público e o privado demonstra que essas esferas não andavam separadas, pelo contrário, a privacidade era ingrediente indispensável que fermentava e fervilhava nas páginas jornalísticas e garantiam a sobrevivência da publicidade no século XIX. Se quisermos ir mais adiante, poderemos dizer, com Marlyse Meyer, que ali se encontrava a gênese das revistas de fofocas atuais que mantêm seus números, quase diários, divulgando a vida de celebridades, astros e estrelas da televisão e do cinema e mais, contemporaneamente, os “Realities Shows” que desnudam o cotidiano e a intimidade de pessoas comuns.

É evidente, portanto, que a estrutura folhetinesca, tão atacada pela elite intelectual e acadêmica, não morreu e continua gestando competentes “bastardos”, que respondem às especificidades de um mundo globalizado e midiático, que não deixou de entender a narrativa como uma forma singular de narrar o homem e seu mundo em suas sutilezas e idiossincrasias.

Se o romance folhetim nasceu da evolução da imprensa, seus sucedâneos nascerão, por sua vez, da evolução dos meios de comunicação [...]. Mesma expectativa ansiosa pelo ‘próximo capítulo’, mesmos ‘truques’ – outra linguagem, não mais escrita.⁵¹²

⁵¹¹ MEYER, 1996, p. 415.

⁵¹² COCO, 1990, p. 25.

5.3 Uma folhetinista gaúcha nas páginas cariocas

*Délia escolheu o conto breve, como várias escritoras brasileiras e estrangeiras do final do século, porque este, qualquer que fosse sua extensão, se algumas linhas ou várias páginas, oferecia maior flexibilidade e liberdade do que as tramas tradicionais que terminavam com a heroína se casando ou morrendo santificada.[...] O conto breve permitia experimentações com a linguagem, elipses, que marcam transcurtos de tempo, e o emprego de outros recursos tais como a mistura de elementos biográficos e ficção, didatismo, onirismo.*⁵¹³

A prosadora gaúcha era colaboradora em vários jornais no Rio de Janeiro: *Cruzeiro*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *A Família*, *A Semana*, *A Notícia*; e no Rio Grande do Sul: *Corymbo* e *Escrínio*. Anúncios da venda de seus romances eram comuns nos jornais, como podemos constatar no jornal *Gazeta da Tarde*, que divulga em seus classificados a venda dos romances de Délia. “Acham-se à venda os novos romances de Délia na Tipografia Central. Travessa do Ouvidor, n. 7. Preço 2\$000”.⁵¹⁴ Sobre a produção de Délia na imprensa, Norma Telles explica:

Em suas crônicas ou histórias curtas para os jornais, muitas vezes parece à primeira vista que a autora trama uma narrativa estreita e tradicional, mas quando se observa mais de perto, Délia sempre tece, em meio ao aceitável e elogiável pela maioria, considerações sobre questões mais amplas e profundas, sobre temas que também aparecem em seus romances.⁵¹⁵

Algumas dessas crônicas e folhetins se tornaram romances, todos intitulados com nomes de mulher: *Celeste*, *Aurélia*, *Angelina*, *Magdalena*, *Lésbia*, entre outros.

Os títulos de Délia são nomes de mulher, ou apontam para mulheres como em *Uma vítima* e *Duas irmãs*, o que já explicita seu tema central: o coração da escuridão que é a mulher no século XIX, continente inexplorado, ou mal explorado. A mulher não como retratada pelos textos hegemônicos (note-se que alguns dos nomes já haviam sido personagens de Macedo e Alencar: musa, anjo ou monstro); mas como vista por ela própria em sua vida restrita, com suas ambições, anseios, sofrimentos, confusões, merecimentos, realizações; seus enredos e sua afirmação como pessoa e artista.⁵¹⁶

A obra *Magdalena* será publicada em livro, no ano de 1884, juntamente com mais dois

⁵¹³ TELLES, 2000, p. 572-573.

⁵¹⁴ *Gazeta da Tarde*, p. 04, 18 dez. 1884.

⁵¹⁵ TELLES, 1994, p. 255.

⁵¹⁶ TELLES, 2000. v. I, p. 576.

outros folhetins. Intitulado *Uma vítima, Duas irmãs, Magdalena*,⁵¹⁷ o livro é um conjunto de romances-folhetins. No ano seguinte à publicação, o jornal *O Paiz* publica, em dois dias, na seção “Bibliographia”, um longo artigo, sem assinatura de autor, sobre a obra. Nele, o(a) autor(a) faz um consistente resumo das histórias, emitindo opiniões favoráveis sobre a qualidade da narrativas. Sobre a autora, manifesta o seguinte parecer:

Esta uma qualidade brilhante da escritora: sintetiza em uma frase um mundo de idéias; e é familiar a sua locução, o que faz a riqueza do seu estilo narrativo, e com que seja o seu livro escrito para todos, mais ainda talvez para as mulheres do que para os homens, tanta é a elegância e a harmonia da linguagem, tanta a delicadeza da observação!⁵¹⁸

Oito meses após o artigo de *O Paiz*, o jornal *A Semana* (RJ) publica na coluna “Nossos Livros”, outro texto sobre o mesmo livro. Marcos Valente, dessa vez, assina o artigo e se desculpa com a autora, pela demora em elaborar a matéria e pela superficialidade impressionista de sua apreciação.

Essa impressão foi que há em Délia o estofo de um grande romancista e que poucos terão tido tão brilhantes estréias. Sem preconceitos escolares, nem fins preconcebidos, sem biocos de falsa moral nem desgarres de realismo espalhafatoso, sabe Délia tecer com habilidade a urdidura dos seus romances e dar-lhe o preciso desenvolvimento com singeleza na expressão, verossimilhança nos episódios, sentimento e colorido no estilo.⁵¹⁹

Uma vítima, Duas irmãs, Magdalena são narrativas desconhecidas pela maioria do público especializado em literatura escrita por mulheres no século XIX. Até onde pude constatar, há apenas um breve estudo sobre *Duas irmãs*.⁵²⁰ Por isso, considero relevante apresentar um resumo dos textos, bem como tecer comentários críticos sobre as mesmos.

A primeira narrativa *Uma vítima* é a história de Lúcia, filha de Dr. Caetano Pinto e Melânia Amália Costa. O pai lhe dedicava todos os cuidados e atenções. A mãe tratava-a apenas friamente. Melânia era uma mulher que não queria ver sua juventude se consumindo com a passagem do tempo, enquanto ela cuidava da menina. A narradora, então, vai construindo a personalidade pouco confiável de Melânia.

⁵¹⁷ DÉLIA. *Uma vítima, Duas irmãs, Magdalena*. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo R. da Costa, 1884. Agradeço à solicitude da pesquisadora Zahidé Muzart, que me cedeu o seu exemplar para cópia.

⁵¹⁸ *O Paiz*, 05 mar. 1885. Bibliographia, p. 02. O artigo é constituído de três partes. A primeira circula no dia 17 de fevereiro, p. 02 e 03; continua no dia 05 de março, p. 02. No final da II parte, o(a) autor(a) informa que terminará em outro dia. O dia do término não foi localizado.

⁵¹⁹ VALENTE, Marcos. Romances de Délia: *Uma vítima, Duas irmãs, Magdalena*. *A Semana*, 21 out. 1885. Nossos livros, p. 04.

⁵²⁰ FELIX., Regina R. *Sedução e heroísmo: imaginação de mulher (entre a República das Letras e a Belle Epoque – 1884 – 1911)*. Florianópolis: Mulheres, 2007, p. 45-60.

Melania era uma dessas naturezas superficialmente frívolas, mas eivada de revoltante egoísmo.

Casara muito jovem para ter a primazia sobre suas amigas de colégio e porque o noivo era interessante e rico.

Compreendeu cedo o império que exercia sobre ele; viu que a amava com tamanho extremo, que nem notava o pouco que ela lhe dava e deixou-se amar, com a serenidade de um ídolo incensado.⁵²¹

Amamentada por uma alemã e educada em um dos melhores colégios internos para meninas da Corte, pois o pai “queria que ela soubesse mais do que em geral se aprende nos colégios”,⁵²² Lúcia: “oito anos após entrar na escola, retorna à casa dos pais: Era uma mocinha de 15 anos, esbelta, fresca, adorável em sua *toilette de crepe-paille*; vinha corada, com os olhos úmidos e uma sombra de melancolia no peregrino semblante”.⁵²³

A afetividade entre pai e filha se firma cada vez mais. Em contrapartida, há o acirramento da relação conflituosa entre mãe-filha. Ao completar 19 anos, resolve ter uma conversa com a mãe e, ao entrar em um gabinete onde Melania recebe visitas, ouve o diálogo entre a mãe e o amante Rodolfo de Souza. A moça, estupefata, aproxima-se da cena: “Cerrou as pálpebras para não ver aqueles semblantes lascivos, que se aproximavam em lânguidos beijos, frouxamente iluminados pela lâmpada opaca”.⁵²⁴

Nesse ínterim, chega o pai e para livrá-lo do sofrimento da traição, decide dizer que a conversa da mãe com o estranho se refere a um pedido de casamento. O pai acredita nas palavras da filha e a combinação de um casamento forjado é estabelecida entre Lúcia e Rodolfo, que fica livre para manter sua relação amorosa com Melania. Após alguns anos, Rodolfo apaixonou-se por Lúcia que rejeita seu amor. O pai não compreende a frieza da filha em relação ao marido e, continuamente, questiona-a sobre sua constante melancolia.

Em meio a essa história, Délia não se esquece de incluir o tema da escravidão. Caetano, ilustre deputado, discursa na tribuna em favor dos negros. É contundente o discurso da personagem:

A escravidão, essa praga social, é hoje um anacronismo e, como tal, um fator nulo, senão nocivo na civilização dos povos.

O corajoso passo dado pelo benemérito Visconde do Rio Branco, na lei de 28 de setembro, devia abrir os olhos aos mesquinhos interesses e aos visionários, que se deixam dormir sobre um vulcão! Querer resistir à

⁵²¹ DÉLIA. *Uma vítima, Duas irmãs, Magdalena*. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo R. da Costa. 1884, p. 16

⁵²² Id. *Ibid.*, p. 14.

⁵²³ DÉLIA, 1884, p. 5.

⁵²⁴ Id. *Ibid.*, p. 22.

corrente civilizadora é mera insensatez!

Os interessados, os senhores de escravos, deveriam fazer, por seu próprio interesse, aquilo que a tibieza de seus corações não lhes soube impor!

Aos poderes públicos cumpre localizar o escravo existente na província em que habita, aumentar o fundo de emancipação, fomentar as liberalidades particulares, e cuidar da educação dos ingênuos, preparando trabalhadores moralizados e cidadãos úteis.

Aos particulares, fazendeiros e possuidores de escravos, incumbe substituí-los com previdência e ânimo largo, por braços livres, o que não é difícil de obter, imitando outros países em idênticas circunstâncias, por exemplo, proporcionem aos colonos que vierem suprir a escravatura, os meios possíveis de garantir todas as suas relações de direito, as suas crenças, o seu futuro e o de sua prole.

Ora, para isso será conveniente praticar o que tem feito os Estados Unidos, onde o colono ao chegar da Europa, já encontra a sua cabana preparada, recebendo depois os instrumentos para rotear as terras, e não depara óbices à sua liberdade civil.

Mas nada disso se pode conseguir sem formularmos certas leis e sem o espírito de associação, e esse espírito, infelizmente, não existe entre nós!

E por quê?!... Não será melhor, muito mais digno, sacrificarmo-nos todos um pouco para o bem comum?!... Custa tanto assim?!... Eia! Vejamos, senhores, um bom impulso e tudo se fará facilmente!...⁵²⁵

Lúcia passa a acompanhar o pai na Câmara e nos compromissos sociais. Em um desses, conhece Máximo, por quem se apaixona e é correspondida. Mas o casal não pode ficar junto. Assim, o rapaz viaja para a Europa. Lúcia continua preservando o pai, porém numa crise de ataque histérico de Melania, por conta do afastamento do amante, o marido fica sabendo da traição e do sacrifício da filha. Pelo ato da filha, perdoa a mãe. Todavia, não suportando o sofrimento, morre. E Lúcia, com o afastamento de Máximo e a morte do pai, também, sucumbe. Melania vai para Europa, completamente louca, em busca de tratamento: “seus terríveis acessos, que tanto interessavam à ciência, prendendo as celebridades médicas ao leito de torturas”.⁵²⁶

Ao final da narrativa, Melania morre e Rodolfo é resgatado:

Fazia esmolas, dotava as filhas de operários, livrando-as da perdição, protegia os estudantes pobres, contribuía para o bem-estar de muita gente, querendo compensar, desse modo, todo o mal que fizera à desventurada Lúcia.⁵²⁷

A segunda narrativa *Duas irmãs* é a história das irmãs Diana (Déa) e Julieta. Pobres e sem mãe, vivem sob a tutela do pai, déspota, Carlos Araújo, e Ester, madrasta muito jovem e invejosa. A mãe, Amélia Ruiz, dedicara-se completamente às filhas, da amamentação ao

⁵²⁵ DÉLIA, 1884, p. 53-54.

⁵²⁶ Id. Ibid., p. 142.

⁵²⁷ Id. Ibid., p. 144.

ensino da leitura:

Amou-as com o instinto materno, com o ardor de imensa ternura refreada, com todos os ímpetos de sua juventude.

Não ia aos teatros e divertimentos, sem primeiro as fazer estudar. Antes de adormecê-las ouvia-lhes as orações que ensinava, elevando-lhes a alma às puras e doces regiões da fé.⁵²⁸

Acometida por uma infecção pulmonar, deixa as filhas órfãs. Na época, Déa conta com 14 anos de idade, enquanto Julieta, com 12. A mais velha, então, assume as responsabilidades da casa e da irmã.

Durante três anos, viveram em completa liberdade, tranqüilas, felizes por se verem juntas, e consagrando a mesma afeição fraterna a Jorge, sobrinho de seu pai, sob cuja tutela se achavam, de há muito.⁵²⁹

Déa, seduzida pelo primo Jorge, também pobre, é obrigada pelo pai a se casar com um homem rico, porque, conforme as avaliações do progenitor, “duas pobrezas não se unem”. A armadilha da sedução é efetivada por Ester que, também, era amante de Jorge, homem de caráter duvidoso: trabalhava, apenas para manter seus vícios. Mais tarde, Déa fará a seguinte reflexão sobre os sedutores e suas vítimas:

Tão abjeto raciocínio sai das cabeças perfumadas e elegantes dos nossos *dandys*, acha eco em seus poluídos corações, forma a opinião pública, esmaga a mulher que esquece seus deveres, destrói o efeito, eleva a causa, castiga a vítima e faz do culpado juiz!

Ah! Se as mulheres soubessem o que se passa no espírito de seus amantes, quando se lhes entregam, crédulas, confiantes em lealdade e honra imaginárias!

Se pudessem adivinhar que uns as desejam pela beleza; outros só almejam vangloriar-se de as possuir; estes conseguem viver à custa de sua cegueira e se fazem pagar muito caro; aqueles aceitam-nas até por economia e que tudo concedem, em troca de tais infâmias!!

As que sinceramente amam, até que eles mesmos as desiludam com alguma indignidade, infundem compaixão e só têm a mácula de os haver amado!⁵³⁰

A solução encontrada pelo pai é o casamento com um homem rico que ama sua filha. Maurício, filho único de abastado negociante, formara-se na Faculdade de São Paulo, viajara muito pela Europa, instruindo-se sempre e desfrutando o que a sua fortuna lhe proporcionava. Voltou ao Brasil, perdeu o pai e após o recebimento da herança passou a administrar seus

⁵²⁸ DÉLIA, 1884, p. 159.

⁵²⁹ Id. Ibid., p. 163.

⁵³⁰ Id. Ibid., p. 186.

bens, passando a viver de suas rendas.⁵³¹

A princípio, Déa recusa, de forma contundente, a enganar o pretendente. Porém, com a aceitação de Jorge, sucumbe. Nesse momento da história, a narradora comenta sobre o excesso de romantismo, comum às mulheres apaixonadas. É uma tentativa de “abrir os olhos” das leitoras para se livrarem das ciladas masculinas: “A mulher, quando estremece, empresta ao ente amado todas as virtudes e grandezas humanas, e funda nessas quimeras as suas esperanças e ilusões”.⁵³²

O matrimônio representa um negócio lucrativo para o problema da sedução. Deflorada e rejeitada pelo amante, resta-lhe aceitar a proposta do pai:

Pragmático, Carlos trata de um contrato de trocas vantajosas como transação típica do patriarcado – arranjo social que marca a inserção da propriedade privada – para o qual, em tal estágio, a afetividade pessoal é irrelevante, pois o acerto matrimonial ou, melhor dizendo, patri-monial, intercâmbio de homem para homem, sempre confirmou a rede grupal de necessidade (...).⁵³³

Maurício e Déa se casam e, na cena da cerimônia, a narradora não perde a oportunidade para ventilar considerações cruciais em torno do tema ‘casamento e suas vicissitudes’. As observações são contundentes e procedentes se considerarmos o papel, eminentemente, secundário que as mulheres assumiam nessa instituição. Cabe aqui, reproduzir, suas reflexões:

Lembrou-se o padre de fazer uma prédica, louvando a grandeza do matrimônio, seus doces deveres e suas incalculáveis compensações. Linguagem vulgar, assunto obtuso, tibia convicção: causava sono e tédio aos naufragos do dito sacramento, embalava as ilusões das meninas casadoiras, servia de zombaria aos rapazes saturados de can-cans e obrigava alguns chefes de família a uma atitude ridicularmente hipócrita. No dizer do bom padre, o casamento era a síntese da bem-aventurança! Parodiemos a frase de Jesus:
- Perdoai-lhe, Senhor, não sabia o que dizia!
Era padre, estava livre dessa medonha conscrição mais desastrosa, em seus resultados, do que a guerra, onde, aliás, se perde um braço, uma perna e mesmo a vida!⁵³⁴

Na noite de núpcias, Déa não resiste e conta tudo a Maurício, que estupefato, por ter sido ludibriado pelo sogro, concomitantemente, aliviado, pela nobreza de caráter e honradez da mulher, decide mantê-la em sua casa, suportando um casamento “de aparências”, para

⁵³¹ DÉLIA, 1884., p. 169.

⁵³² Id. Ibid., 1884, p. 166.

⁵³³ FELIX, 2007, p. 4

⁵³⁴ DÉLIA, 1884, p. 172.

salvaguardá-la da miséria e da entrega à prostituição. Apesar de Déa casar sem amar Maurício, a convivência com aquele homem generoso a faz amá-lo verdadeiramente, pois o marido era um diferencial na rede patriarcal que ela bem conhecia.

Sem a obrigatoriedade dos deveres conjugais de esposa, podia dedicar-se a aprimorar sua intelectualidade. A protagonista mostra sua erudição pelas leituras empiristas da época que faz de Karl Vogt, Ludwig Büchner, Jacob Moleschott Hipólite Taine e Renan. Na narrativa constatamos muitas citações desses teóricos.

A cultura patriarcal em *Duas Irmãs* é alvo de oposição exatamente na esfera do casamento – algo contraditório, pois usualmente esta é a instituição social emblemática de sua reprodução. Mas, nesse caso, fugindo ao formato convencional, a vida conjugal permite à protagonista o cultivo da vida mental para que responda à cultura que percebe como controladora.⁵³⁵

Por sua vez, apesar de se casar, alguns anos depois, com o homem que amava, Julieta não encontra a felicidade esperada, pois o marido, Cesário de Castro, homem rico e “amaneirado”: “Era um desses seres que sabem encobrir seus defeitos; demais, não seria difícil iludir a ingênua e casta mocinha, a quem desejava agradar. Procurou vê-la amiudadas vezes, mostrando-se afetuoso e apaixonado”.⁵³⁶

Déa, na cerimônia do enlace de Julieta, novamente, não perde a oportunidade de criticar veementemente o casamento, antecipando às leitoras a infelicidade conjugal da irmã:

Enquanto durou essa cerimônia religiosa, que, tantas vezes inutiliza duas criaturas, Déa sentiu o coração confranger-se; teve ímpetos de arrebatá-la a irmã àquele sacrifício, onde parecia vê-la imolada e fugir com ela para bem longe, livrando-a dos transe cruéis desta vida.⁵³⁷

A autora desfaz a naturalização da maternidade, enceta a discussão sobre o aborto, aspectos relativizados por Délia na narrativa. Quando Julieta engravida, ela sente “horror e raiva” da agitação do feto em seu ventre. A narradora, onisciente, reflete:

Quisera arrancar de si esse ser, gerado sem amor, sem estima, sem prazer, e oriundo de um ente que lhe inspirava asco.

[...]

Sua carne honesta repudiava o fruto de suas torturas, como de uma desonra, contra que nem tivera o supremo recurso das violentadas: não poderá gritar, nem lutar.⁵³⁸

⁵³⁵ FELIX, 2007, p. 51.

⁵³⁶ DÉLIA, 1884, p. 191.

⁵³⁷ Id. Ibid., p. 192

⁵³⁸ Id. Ibid., p. 209

A impossibilidade de divórcio é questionada. Diante da situação de Julieta, que passa a viver às custas da irmã, devido à falência de Cesário e suas enormes dívidas de jogo, a narradora desabafa:

Enojada, Julieta quis divorciar-se, mas ele ameaçou tirar-lhe a filha e por isso a mísera mãe sujeitou-se a viver ainda sob o mesmo teto e até lhe dava parte do dinheiro que recebia da irmã.
Iníqua lei a nossa: priva a mãe honesta de velar pela filha e entrega ao pai, embora depravado e capaz de a lançar ao abandono ou à mercê de indignas criaturas.⁵³⁹

A narrativa escrita por Délia apresenta um final que se contrapõe à assertiva “felizes para sempre”, lugar-comum nos folhetins do século XIX e ratificados no seu sucedâneo, a telenovela, mesmo a do século XXI. Segundo Felix:

Embora o romance comece a sugerir uma nova organização familiar, a experiência que de fato propicia leva a um labirinto de impedimentos que obstruem um caminho novo para a protagonista. Suas idéias permitem que transite partindo do doméstico para a esfera de atuação social no ambiente masculino, no “âmbito avesso” que é seu casamento simbólico – uma situação transitória, nem doméstica, nem participante da esfera da formação discursiva, mas o espaço em que Diana começa a interrogar o saber-poder misógino.⁵⁴⁰

Na narrativa *Magdalena*, o espaço narrativo é a cidade de Paris, com seus palacetes majestosos, esplêndidos bailes, teatros, freqüentados por pessoas elegantes. A protagonista, Magdalena Ormieux, mulher de Raul de Lussac, invejada pela sua beleza e inteligência particulares, sofre os infortúnios da condição de mulher desejada por muitos homens:

- De que me serve esta fatal beleza?!... Mísera ! misérrima que sou! Este dom, que devia assegurar a minha ventura, é desprezado pelo ente que o devia apreciar, e desafia caprichos insultantes! Oh! Meu Deus! Quando descasarei?...⁵⁴¹

Em meio às tramas do visconde de Presle, um Dom Juan da sociedade parisiense, para desqualificar a respeitabilidade e moralidade da Sra. de Lussac, que não sucumbia às suas investidas, Magdalena representa o papel de mulher feliz no casamento. Depois dos compromissos sociais, sua fictícia felicidade é substituída por longos períodos de tédio e solidão, visto que o marido, um jogador inveterado, não a acompanha. Mais uma vez, o tema do suicídio aparece como solução para o problema da existência infeliz da protagonista. Entretanto ela é rechaçada pelo apelo à religião: “A idéia do suicídio luzira-lhe sinistramente

⁵³⁹ DÉLIA, 1884, p. 211-212.

⁵⁴⁰ FELIX, 2007, p. 59.

⁵⁴¹ Id. Ibid., p. 253.

no cérebro, mas foi um lampejo: a mulher refugia-se na religião e a cruz sabe amparar”.⁵⁴²

Além da protagonista, outras personagens femininas são destaque na narrativa: a tia, a sra. d’Aubry, acompanhante constante da protagonista nos bailes da alta sociedade parisiense; Clotilde Vernier, casada com o sr. Vernier e amante do Visconde de Presly e Leontina de Rochefort.

Leontina de Rochefort, a quem Magdalena considera como irmã, casada, é mãe de um menino e uma menina. A personagem também vive as agruras de um casamento infeliz: o marido, Henrique, tem uma amante e ela, a esposa, pensa em vingar-se dele, devolvendo a traição. Magdalena será a voz da moralidade religiosa que salvará a amiga do “abismo” para o qual “satanás” quer conduzi-la. Assim, Leontina deverá seguir, com extrema dedicação, à seguinte “receita”, a fim de curar-se de seu “mal”:

De hoje em diante, opõe à indiferença de teu marido imensa calma natural, não exagerada. Raul tem sete anos e Bertha seis; é cedo para começarem os estudos, porém não importa. Esse trabalho mais te prenderá a eles, distraíndo-te, curando-te, e fará com que formes a alma e o espírito dos meninos, único bem que o céu te concedeu, e que, como tal, deves considerar, doravante...⁵⁴³

Leontina segue à risca as prescrições de Magdalena, ao passo que o marido se afunda, cada vez mais, nos vícios, particularmente, no jogo, ao ponto de arruinar a fortuna da família. Sobre essa situação, a narradora reflete questionando os estereótipos produzidos pela sociedade para homens e mulheres: “Ela, a mulher fraca, soubera resistir ao abandono e ao amor próprio machucado; ele, o homem forte, deixara-se seduzir, arrastar, perder!”⁵⁴⁴ Mais uma vez, é Magdalena quem, num ato de piedade cristã, salva a família, emprestando dinheiro para Henrique saldar suas dívidas e providencia um emprego para ele.

O visconde de Presly adoece em um baile em casa de Magdalena. Ela, seguindo o propósito cristão de praticar o perdão e a caridade, dedica-se, sobremaneira, àquele que desejou desonrá-la. Curado, o visconde é desafiado pelo marido de Clotilde para uma disputa de espadas, na qual é vencido. Na verdade, o sr. Vernier soubera que sua esposa fazia parte da lista de sedução do visconde e queria se vingar. No leito de morte, o visconde confessa a Magdalena que tem uma filha, a quem abandonara aos cuidados de velhas parentas, e solicita à amiga que adote a menina. Conta, ainda, que antes da luta, ao pressentir a fatalidade,

⁵⁴² DÉLIA, 1884, p. 251.

⁵⁴³ Id. Ibid., 1884, p. 259-260.

⁵⁴⁴ Id. Ibid., p. 275.

escrevera-lhe uma carta relatando as circunstâncias, quando havia seduzido “uma encantadora mocinha, a quem não tivera a generosidade de respeitar”. Indica-lhe o endereço onde devia resgatar a filha, Laura. Magdalena aceita a missão, cumpre a promessa feita ao moribundo e vê seus atos de benevolência e caridade cristã serem recompensados, pois com a adoção de Laura se inicia uma nova fase em sua vida:

Ouvindo-lhe as risadas e vendo-a brincar com desenvoltura, a mãe adotiva sentia a alma aliviada; parecia-lhe que, na eternidade, Octavio de Presly devia estar satisfeito; uma piedosa superstição que a devia acompanhar toda a vida.⁵⁴⁵

Após esses acontecimentos, Clotilde visita Magdalena em companhia do filho Artur. Na ocasião, ambas se entretêm em um diálogo afetuoso, no qual Magdalena confessa todo o seu sofrimento em relação ao marido e a sua decisão de manter-se pura e digna apesar dos inúmeros assédios recebidos. A narradora, confirmando a integridade do caráter de Magdalena, afirma: “Ela não era santa, era uma mulher virtuosa e as almas grandes e bem formadas são as mais tentadas, porque na conquista delas, há maior triunfo para o mal”.⁵⁴⁶

O sr. de Lussac morre de pneumonia dupla e Magdalena mantém sua viuvez pelo período de um ano, abstendo-se de qualquer divertimento. Durante esse tempo, ela se dedica completamente à educação de Laura, agora com nove anos. A narradora, chama a atenção para a importância do papel da mãe instruída como preceptora das filhas e acentua: “Magdalena ia derramar nessa inocente cabecinha loira, toda a instrução, que lhe ornava o espírito, elevando-a, também, por esse lado, acima das outras mulheres”.⁵⁴⁷

Após o período de luto, Magdalena retorna aos encontros sociais na “Cidade Luz”. Como é ainda bela e rica e, agora, também, livre, o número de admiradores aumenta; porém, apenas um chama-lhe a atenção: o conde Paulo d’Orcey, de 25 anos. Apesar do amor que nutre pelo nobre, abdica desse sentimento e pede-lhe que aproveite sua juventude e afaste-se dela. Magdalena sublima seu amor pelo jovem em nome de uma recompensa futura – quiçá o paraíso.

Na finalização do romance, embora a idade da protagonista não tenha sido apontada, impõe-se a impossibilidade de realização amorosa entre uma mulher que já passou pela experiência do casamento e um homem mais novo e solteiro. Esse tipo de relação é vista

⁵⁴⁵ DÉLIA, 1884, p. 321.

⁵⁴⁶ Id. Ibid., p. 334.

⁵⁴⁷ Id. Ibid., p. 340.

como extremamente problemática, aos olhos da sociedade oitocentista, infelizmente ainda em vigor em plena instalação do século XXI. Assim, já naquele tempo, Délia reflete e denuncia o pensamento vigente.

5.3.1 *Gazeta da Tarde* (1880- 1901)

Fundado por Ferreira de Menezes⁵⁴⁸ em 1880, no ano seguinte, o periódico se torna propriedade de José do Patrocínio.⁵⁴⁹ Em 1896, passa para Luiz Ferreira de Moura Brito e Gentil de Castro. A *Gazeta da Tarde*, apesar de apoiar o general Deodoro da Fonseca e defender o abolicionismo e a República, é considerado jornal monarquista. Assim, em 1896, durante o levante de Canudos, o jornal é empastelado: “Todo o material trazido à praça pública transforma-se em fogueira”.⁵⁵⁰

O periódico conta com colaboradores ilustres. Em 1888, Raul Pompéia publica alguns contos e as meditações de *Alma morta*. Coelho Neto inicia sua carreira de escritor. Júlio Diniz publica *Os fidalgos da casa mourisca*.

Na edição de 19 de março de 1884, Délia escreve um texto intitulado “Folhetim”. Infelizmente, não foi possível realizar a leitura, pois o exemplar, encontrado na Biblioteca Nacional, está ilegível. Dos 18 folhetins existentes no catálogo daquela instituição, publicados durante os anos de 1883 e 1884, apresento a análise de *Aurélia*.⁵⁵¹ Sobre a narrativa, na edição do dia 03 de novembro de 1883, aparece uma nota, intitulada “Aurélia: Romance Original de uma Senhora Brasileira”, na qual o leitor é informado da futura publicação do folhetim. O autor da nota evidencia ao leitor que a autora do texto quer permanecer incógnita sob o pseudônimo de Délia. A respeito do conteúdo da obra, ele faz o seguinte comentário:

⁵⁴⁸ José Ferreira de Menezes (1845-1881) bacharelou-se em Direito, mas também se revelou literato e poeta. Redigiu jornais e revistas estudantis. Escreveu contos, pequenos romances e peças teatrais. Colaborou no *Jornal do Comércio* redigindo o folhetim domingueiro. Além disso, foi folhetinista e diretor da *Gazeta de Notícias*. Cf. MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 442.

⁵⁴⁹ José Carlos do Patrocínio (1853- 1905) formou-se em Farmácia. Em 1877, estreou na *Gazeta de Notícias*. Em 1880, no Teatro São Luís, deu início à campanha abolicionista e tornou-se a principal figura da Confederação Abolicionista, instalada no Rio de Janeiro em 1883. Fundou o jornal *Cidade do Rio*. Escreveu três romances: *Mota Coqueiro* (1877), *Os retirantes* (1879) e *Pedro Espanhol* (1884). Cf. MENEZES, 1978, p. 514.

⁵⁵⁰ SODRÉ, 1999, p. 269.

⁵⁵¹ Tenho o folhetim digitalizado pela Biblioteca Nacional. É um longo folhetim publicado, diariamente, exceto aos domingos, entre 05 nov. e 17 dez. 1883.

‘Aurélia’, o belo romance original, que vamos publicar, é modelado pelos processos modernos em que se procura dar a realidade da vida como ponto de partida à imaginação.

Os personagens, tirados da nossa sociedade elegante, têm tamanho relevo, assimilaram por tal modo a vida que lhes emprestou a escritora, com uma tal consciência, que se lhes pode facilmente mudar os nomes a descobrir pessoas, que nós conhecemos, que nos fizeram confidentes e nos mereceram aplausos e comiserações, remoques e lágrimas.⁵⁵²

A publicação do folhetim é iniciada no dia 05 de novembro de 1883. No ano seguinte, é impresso em formato de livro, conforme anúncio: “Aurélia. À venda nesta tipografia. Este romance ultimamente publicado. Preço: 1\$000”.⁵⁵³

O folhetim manifesta a história de Aurélia – curiosamente o mesmo nome da protagonista do romance *Senhora* (1875), de José de Alencar. Na narrativa de Délia, Aurélia é uma moça ingênua que engravida e decide compartilhar com o sedutor Gustavo Alvim. Ele se recusa a casar com ela e ao saber que Aurélia não possui fortuna, abandona-a. O tema da sedução é recorrente. Tanto homens ricos encantam meninas pobres, deixando-as desamparadas em seguida, quanto homens ambiciosos persuadem moças ricas para usufruir de suas fortunas, ou até mesmo pais e enteados envolvem, com fins interesseiros, filhas ou protegidas. É o caso de *A normalista*,⁵⁵⁴ escrito nove anos após a publicação do folhetim de Délia, em 1892, portanto.

No mesmo período, Adolfo Caminha, seguindo o mesmo caminho trilhado por Délia, utiliza a narrativa como denúncia de situações reais. Em *A normalista*, a credulidade de Maria do Carmo naquele que considerava como pai a colocou numa situação marginalizada na sociedade. João da Mata, pedófilo e estuprador reincidente, absolvido pela sociedade, exerce o poder de domínio sobre a filha. A própria personagem diz ser dono da menina. É a perversão desse homem que desencaminha a normalista.

A pedofilia é um tema, na contemporaneidade, amplamente debatido na mídia, inclusive por causa da sua propagação na internet. Por conseguinte, é alvo de campanhas sérias para que a população fique alerta no sentido de identificar e denunciar os criminosos para que a justiça os puna.

João da Mata seduz e estupra Maria do Carmo, que, grávida, se afasta do convívio

⁵⁵² AURÉLIA: romance original de uma senhora brasileira. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, p. 01, 03 nov. 1883.

⁵⁵³ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, p. 04, 12 jan. 1884.

⁵⁵⁴ CAMINHA, 1985.

social para poder assumir sua gestação, em um refúgio bucólico, acompanhada pelo casal Cosme e Joaquina, longe dos olhares recriminadores de uma sociedade marcada pela hipocrisia. Na hora do parto, por descuido da parteira, o filho morre.

Essa é uma estratégia narrativa, bem engendrada pelo autor, que possibilita o retorno de Maria do Carmo à sua vida cotidiana, sem a censura da sociedade cearense. Dessa forma, a normalista ganha uma nova chance. Volta à escola para terminar o curso normal, arranja um noivo, o alferes Coutinho, da polícia, e vislumbra a possibilidade de ser professora no Colégio de Aplicação.

Retornando ao folhetim de Délia, Aurélia vê-se obrigada a contar o fato à mãe. Aturdida, Luísa, futura avó, resolve assumir o neto como se fosse seu próprio filho, a fim de salvaguardar a dignidade da filha, em uma atitude surpreendente e bastante revolucionária para a época. A própria narradora reflete sobre a postura de Luísa:

Aurélia esperava censuras, porque a criatura pura honesta que a educara e guiara, tinha o direito de ser severa, mas, apesar de conhecer essa bondade, que a amparava desde o berço, não podia compreender tamanha sublimidade.

A solução é dizer ao marido que está grávida. Solícito, ele evidencia vontade de ter um menino, pois:

O filho perpetua o nome do pai e tem de ocupar na sociedade outro lugar que é vedado à mulher.
 _ Sim, disse Luísa, com amarga ironia, lugar de desonra, muitas vezes!
 _ Oh! Filha, não nos enfademos por tão pouco! Vias quanto me considerava feliz, tendo somente Aurélia!
 _ É verdade, meu amigo, estou nervosa, desculpa-me.⁵⁵⁵

A reprodução desse diálogo, entre o casal, é importante na medida em que apresenta uma discussão, avançada para a época, concernente ao assunto sobre o lugar da mulher na sociedade. Após a conversa com o marido, Luísa consulta o médico da família, conta-lhe toda a verdade e pede que o médico guarde segredo e prescreva, para ela, mudança de ares. Luísa e Aurélia, então, partem para Minas Gerais. Cinco meses depois o neto de Luísa nasce. A avó-mãe contrata uma ama e dois meses depois do nascimento do menino, retornam ao Rio de Janeiro. “Joaquim Augusto exultou de alegria, vendo esse filho tão desejado, esse filho da sua velhice, como ele dizia sorrindo”. Mas, enquanto o marido se alegrava, Luísa sofria. Desde a confidência da filha, “vegetou ainda dois anos [...] deixando-se medicar e anciando pela paz

⁵⁵⁵ DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 06 nov. 1883, p. 02.

do sepulcro”.

Aurélia via a mãe morrer aos poucos sem nada poder fazer. Após a sua morte, Aurélia pensa estar enlouquecendo. Entretanto, “Essa pobre morta dera-lhe um grande exemplo de amor materno e ela devia imitá-la em tudo; curvou a fronte e resignou-se a viver!”

Paralela à história de Aurélia, o(a) leitor(a) conhece a de Zélia, 20 anos, recém casada. Logo no parágrafo inicial, antevê-se a ousadia presente na narrativa, já que aborda um tema proibido para a mulher do século XIX: a sexualidade. “Fisicamente, o marido causava-lhe asco e nesses seis meses, em que fora casada, seus sentidos permaneceram mudos”.⁵⁵⁶ A frase denota a sutilidade com que a narradora introduz a discussão sobre o corpo e o desejo femininos. Sobre esse aspecto da obra de Délia, Norma Telles afirma:

Algumas escritoras, Délia entre elas, começam a falar a respeito da necessidade de uma educação para a vida e do conhecimento da própria sexualidade. Foi das primeiras escritoras entre nós, a falar a favor da afirmação da sexualidade feminina e a fazer campanhas para a educação sexual das jovens. Acreditava que a histeria derivava do não conhecimento da sexualidade, da ignorância das jovens ou da hipocrisia das senhoras burguesas.⁵⁵⁷

Na sociedade Oitocentista, o ato sexual devia ser apenas motivador da procriação e o desejo, puramente físico, era permitido apenas aos homens, através de aventuras extraconjugais, e às prostitutas. Esse controle sobre a sexualidade e corpo feminino teve como consequência a “nevrose” feminina. A temática é abordada em um texto de Délia, intitulado *Nevrose*,⁵⁵⁸ no qual uma das personagens comete suicídio, porque não suporta a solidão do lar e a protagonista, também, vive uma vida tediosa em sua casa. Norma Telles, ao analisar o conto assegura:

A nevrose está na moça que se suicida, na mulher que atravessa o jardim, ou no tédio do lar? A cena surreal que medeia as duas casas suprime as classificações e instaura a ambigüidade, que, por seu turno, borra a categoria nevrose e saúde. E, ao tornar incerta a aplicação do rótulo de patologia, também torna incertos os contornos da ética e da moral.⁵⁵⁹

O tema da sexualidade feminina também aparece no romance *Celeste*. A protagonista é antemoderno social e sexual feminino, pois é um sujeito que assume seu desejo, opondo-se à

⁵⁵⁶ DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 07 nov. 1883, p. 02.

⁵⁵⁷ TELLES, 1997, p. 434.

⁵⁵⁸ DÉLIA. *Nevrose*. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1892. Texto recuperado por Norma Telles em *Escritoras brasileiras do século XIX* (2000).

⁵⁵⁹ TELLES, 2000, p. 575.

passividade sexual estabelecida para a mulher como conduta moral a ser seguida. No período, a sexualidade feminina foi reprimida e tratada como uma patologia: a histeria. Nas palavras de Rita Schmidt:

A patologia dos sintomas histéricos das mulheres do final do século não pode ser dissociada do *pathos* social de uma sociedade patriarcal que confronta uma crise de identidade diante do espectro de uma nova mulher. Pois, para todos os efeitos, surgia uma nova mulher e, do ponto de vista médico e político, era considerada uma figura anárquica que ameaçava as tradicionais estruturas conjugais com o desgoverno social e sexual, despertando, conseqüentemente, intensa hostilidade.⁵⁶⁰

Ao longo da narrativa *Aurélia*, os sintomas da histeria se evidenciam. Zélia e Aurélia são amigas e se encontram em um baile, dez anos depois da morte de Luísa, onde Aurélia conhece Salvador, recém-chegado da Europa. Eles se apaixonam imediatamente. Apesar disso, Aurélia recusa todos os pedidos de Salvador para se unirem. Ocorre que Zélia, também, amava Salvador. A narradora centra-se em descrever todos os aspectos da vida de Salvador, suas qualidades de homem culto, a perda do pai aos 12 anos, a entrega aos estudos depois da perda da mãe. Salvador era um homem desejado por todas as mulheres: culto, inteligente, honesto, e romântico.

Aurélia recebeu uma fortuna após a morte do padrinho. E juntamente com o pai, percorreu, por dois anos, algumas cidades italianas: Roma, Veneza, Milão. Nessa última, ouve a ópera de Carlos Gomes, “O Guarany”, que a faz se lembrar da personagem Pery, do romance alencariano. Após a viagem à Itália, ela passa a residir em Paris. Na volta ao Brasil, encontra Gustavo, o pai do seu filho, que lhe propõe casamento, sabendo da sua herança. O tema da menina pobre que recebe fortuna em decorrência da morte de algum parente também é muito comum. Aurélia, protagonista de *Senhora*, de Alencar, também recebe uma fortuna.

Sabina é outra personagem feminina cuja história se desenrola em *Aurélia*. Casada com um italiano, “inteligente, ávida de prazeres, propensa ao luxo e ao galanteio, bem depressa esquecera o marido e entregara-se, com frenesi, aos divertimentos que a sua riqueza lhe proporcionava”.⁵⁶¹ Sabina tinha dois filhos, mas entregara-os, completamente, aos cuidados das amas. Apaixona-se por Salvador e é repelida por ele. Então, prepara um ardil para Salvador: contrata uma atriz francesa para seduzi-lo, porém é a atriz quem se apaixonava

⁵⁶⁰ SCHMIDT, Rita Terezinha. Da excusão, da imitação e da transgressão: o caso do romance *Celeste*, de Maria Benedita Bormann In: PETERSON, Michel. *As armas do texto: A literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 79.

⁵⁶¹ DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1883, p. 02.

pela personagem.

Aurélia, angustiada com a insuportável paixão que nutria por Salvador, pensa em fugir para a Europa. Sem coragem para tomar a decisão, ela acreditava que a mudança não resolveria a questão do seu amor por Salvador. Para ela,

certos sentimentos assemelham-se ao cancro. Embora se corte a parte afetada, ele reaparece em outro lugar. Para extirpá-lo seria necessário eliminar do sangue o vírus, como também para matar o amor, que a dominava, seria preciso arrancar-lhe o coração.⁵⁶²

Aurélia adoece: dores de cabeça, náuseas, tonturas, febre, falta de apetite e aparecimento de manchas roxas por todo o corpo, são sensações e sintomas que a acometiam. Segundo os naturalistas, todas as manifestações estão ligadas à histeria, visto que para o pensamento corrente naquela época, a mulher não conseguia dominar seus instintos sexuais e estava sujeita a essas afetações se não contraísse matrimônio.

Em muitos romances do século XIX, há cenas de ataque histérico ligado aos desejos sexuais femininos reprimidos. Regimes hidroterápicos, à base de duchas de água fria, eram recomendados pelos médicos para que os ataques nervosos pudessem desaparecer. Embora a internação fosse apontada como solução imediata, a cura completa somente seria possível com o casamento e, conseqüentemente, com a maternidade.

Em visita a Aurélia, Salvador aproveita para fazer um retrospecto dos cinco anos de sua paixão, de seu sofrimento, e confessa conhecer o motivo pelo qual ela recusa seu amor: Raul é filho dela. Salvador afirma não se importar com o fato e reafirma o seu amor por Aurélia. Ela, por sua vez, atônita com as declarações, aceita o amor oferecido. Eles divulgam a novidade sobre enlace matrimonial. Zélia corre a felicitar a amiga. Dois meses depois, Aurélia e Salvador se casam.

A segunda parte da narrativa começa 14 anos após o dia do casamento, focando a residência de Gustavo Alvim, situada no bairro das Laranjeiras. A descrição da propriedade expõe a situação econômica do pai de Raul:

Cinco anos depois do nascimento de Raul, Gustavo desposara a filha de um opulento fazendeiro, realizando assim o seu sonho dourado, tornando-se rico, independente, sem receio do porvir, satisfazendo suas paixões, tendo todos os gozos que a fortuna pode dar.⁵⁶³

⁵⁶² DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 07 nov. 1883, p. 02.

⁵⁶³ Id. *Ibid.*, 24 nov. 1883, p. 02.

A mulher morrerá no parto. Desde então, Gustavo encontrava-se rico e livre para gozar a vida de homem solteiro: “Alma de lodo, ambiciosa, egoística, tudo desejava, tudo conseguira, triunfaria sempre? A sorte caprichosa e vária não o abandonaria, algum dia, depois, de havê-lo acumulado de bens?”⁵⁶⁴ Gustavo, porém, não está sozinho, pois tem a filha, Sofia. Assim, a narradora caracteriza a menina:

Sofia crescera no meio da adulação dos fâmulos, da idolatria da ama e do entusiasmo crescente do pai pela sua audácia, pelos seus ímpetos e pela sua jovialidade. [...] Ela tornara-se malcriada, voluntariosa, mas gostava de aprender, queria brilhar, exceder às suas camaradas e projetava triunfos futuros. Aos quinze anos, era uma criatura formosa, sadia, instruída, e imperava sobre o pai e sobre todos em casa: nada se fazia sem o seu consentimento e aprovação. [...] Forte, caprichosa, senhora de sua vontade, aprendera a jogar as armas, esgrimia bem, atirava ao alvo, montava a cavalo, nadava maravilhosamente... Passeava todas as manhãs, no seu alazão, acompanhada pelo pai ou pelo pajem, exercitava-se ao alvo, depois do almoço, em uma sala, pertencente aos seus vastos aposentos e preparada para esse fim. [...] Às vezes, contemplando-a empalidecera: o passado acudira-lhe à mente, avivando a lembrança dessa moça, pura, casta, encantadora, digna de ser amada, a quem seduzira e abandonara e o receio do castigo, da pena de Talião, dilacerara-lhe a alma, causara-lhe uma dor surda, semelhante ao remorso, banindo-lhe o sono das pálpebras. O amor paterno conseguira, enfim, humanizar aquele coração morto, que só pulsara por ambição e orgulho, inspirando-lhe providência, carinho e devotamento pela filha.⁵⁶⁵

Aos 18 anos, Sofia conhece, em um baile, Raul de Sá, por quem se apaixona perdidamente. A narradora insere informações que leva o leitor a desconfiar que Raul seja o filho abandonado por Gustavo e, portanto, irmão da moça.

No hiato temporal que separa o primeiro do segundo capítulo, Zélia aparece viúva, justamente, há 14 anos. Na época da morte do marido:

Vira-se só, entregue a si mesma, como o estivera desde o seu casamento e não havia completado ainda 30 anos. Exercera sempre a caridade, aliviara a miséria: era o consolo dos que sofriam, acalentava dores com sua palavra afetuosa, com sacrifício e dedicação; passava, indiferente, pelos que riam, parava compassiva junto aos que choravam.⁵⁶⁶

Também, Sabina ressurgue, agora, muito doente e confessa para Zélia que tem uma filha ilegítima, Leonor. A moribunda pede a Zélia que cuide dela como filha, após sua morte. A narradora centra-se na cena da morte de Sabina, compara passado e presente da personagem. Ou seja, a beleza deslumbrante de outrora desapareceu, dando lugar a uma

⁵⁶⁴ DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 07 nov. 1883, p. 02.

⁵⁶⁵ Id. *Ibid.*, 24 nov. 1883, p. 02.

⁵⁶⁶ Id. *Ibid.*, 25 nov. 1883, p. 02.

“forma rija, muda, em misteriosa imobilidade, era tudo quanto restava da criatura fantástica, bela, culpada, que fora alguém que representara um papel no grande drama da vida!”.⁵⁶⁷ Zélia resgata Leonor no endereço indicado por Sabina, adota a criança:

aos cinco anos, Zélia começara a educá-la com imenso carinho: conseguira tudo quanto quisera, pela emulação, pelo poder de seus beijos e sorrisos. Ensinara-lhe português, francês, inglês, chamando, mais tarde, professores de desenho, música, italiano e alemão.⁵⁶⁸

O tema da adoção é alvo das inquietações de Délia com os órfãos, antecipando preocupações atuais da CNBB, da Pastoral da Criança, de ONG's. Pessoas comuns, atores nacionais, como Marcelo Antony,⁵⁶⁹ e internacionais, como Brad Pitt e Angelina Jolie,⁵⁷⁰ engajam-se na luta para resgatar órfãos e outras crianças, que se encontram em “situação de risco”, carentes de família e afeto, bem como garantir um futuro com possibilidades de inserção social. Campanhas publicitárias também apóiam a luta, instituindo 25 de maio como o Dia Nacional de Adoção.⁵⁷¹

No baile do cassino fluminense, onde estão Zélia, Sofia e Raul chega Renata, filha de humilde funcionário público, que sofria com o “peso de uma enorme prole e educara os filhos como pudera, depositando toda a sua esperança na beleza das meninas.” Assim, o pai arranja o casamento entre Renata e o fazendeiro Luís José, bem mais velho do que ela. Renata era contra o enlace, mas é convencida pelo pai, com argumento, segundo o qual, o rapaz sendo bom partido, poderia garantir o futuro da moça e de toda a família, visto que “as moças pobres devem cuidar de si, amparando também os irmãos, por morte dos pais”.⁵⁷² Destaca-se, novamente, a preocupação de Délia com os pobres, que possuem família numerosa e dificuldade em manter e educar os filhos. Tema que já apareceu anteriormente no folhetim *Magdalena*.

Renata casa-se e durante anos se mantêm fiel ao marido, apesar de não amá-lo. Um dia, porém, conhece Plínio da Silva, por quem se apaixona: “Plínio amou-a pela força de repercussão, que soem ter os afetos grandiosos e a pobre moça entregou sacrificando reputação, tranqüilidade, ofendendo ao homem, que tudo lhe dera e cujas carícias torturavam-

⁵⁶⁷ DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 07 nov. 1883, p. 02.

⁵⁶⁸ Id. *Ibid.*, 25 nov. 1883, p. 02.

⁵⁶⁹ Informação disponível em: <<http://videosespetaculares.com/marcelo-antony-quer-adotar-mais-uma-crianca>>. Acesso em: 13 abr. 2007.

⁵⁷⁰ Informação disponível em: <<http://www1folha.uol.com.br>>. Acesso em: 25 maio 2007.

⁵⁷¹ Informação disponível no site: <<http://adocaconscious.blogspot.com/2008/05/dia-25-de-maio-dia-nacional-da-adoo.html>>. Acesso em 25 maio 2007.

⁵⁷² DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 01 dez. 1883, p. 02.

na.⁵⁷³

A traição é a consequência de um casamento sem amor. Arrependia-se de ter atendido aos apelos do pai. Renata não permanece junto a seu amante. Ele, preocupado com o futuro, abandona a mulher por um casamento rico, que possa lhe garantir tranquilidade em dias futuros. Ela, porém, está convicta de que o dinheiro não é a solução para todos os problemas:

Sempre o dinheiro!... a ambição fechou-me o futuro, aviltou o meu amor e matou-me!... O ouro tudo pode dar, diziam-me, porque não me tira, então, esse desespero?!... porque não reabilita aos meus olhos, o miserável a quem amei, loucamente... Oh! Quanto padeço! Meu Deus!... tu amaste a pobreza e eu quis ser rica. Castigaste-me e me abandonas!... mas vê quanto sou pobre, nesta maldita opulência! E um riso hediondo sacudiu-a das cabeças aos pés, desfigurando seu semblante, contorcendo sua mimosa boca, em horrível crispação nervosa.⁵⁷⁴

Sofia Alvim era a escolhida por Plínio da Silva. Todavia, a menina está apaixonada por Raul. Renata vê no suicídio a solução para seus problemas. Zélia, prevendo a desgraça, solicita à amiga que a receba para uma conversa. No encontro, Zélia confessa à Renata todos os sofrimentos pelos quais passou, pois, como a outra, fora obrigada a casar por dinheiro. Nem por isso, aviltou-se, conservou a honra do homem com quem se casou, mesmo ele sendo vil. Renata aceita o conselho de Zélia. A mulher virtuosa supera as tribulações. A narradora faz a seguinte reflexão:

Na alma das mulheres, verdadeiramente superiores, há um fundo de emulação, sempre vivo, sensível. Pronto a entrar em ação, desde que seja estimulado: Renata era uma criatura generosa, apaixonada e Zélia a síntese do que há de mais sublime nos sentimentos humanos: uma completaria a outra, curando-a, amparando-a.⁵⁷⁵

Aurélia procura Gustavo para informar-lhe que Raul e Sofia são irmãos e por isso não poderiam se casar. Atordoado, Gustavo conta à filha a revelação de Aurélia. Sofia, transtornada, repudia a idéia de ficar longe de Raul e comete o suicídio com um tiro no coração. O tema do suicídio é constante na obra de Délia. No prefácio “Ao leitor” do romance *Lésbia*, surpreende ao antecipar o final da narrativa:

Um dos desfechos condenados, segundo a opinião de muitos, é o suicídio; no entanto, nenhum livro é mais belo do que *Werther*, e nele há o endeusamento do suicídio.

Lésbia também termina pelo suicídio, e longe de ser um ato irrefletido ou

⁵⁷³ DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 01 dez. 1883, p. 02.

⁵⁷⁴ Id. *Ibid.*, 01 dez. 1883, p. 02.

⁵⁷⁵ Id. *Ibid.*, 03 dez. 1883, p. 02.

violento, é antes a conseqüência fatal do seu tormentoso e acidentado viver. Ela não era apologista desse gênero de morte, porém há casos em que é ele a melhor das soluções; e quem poderá alardear que nunca empregará esse meio, aliás muito legítimo, a fim de libertar-se de males intoleráveis? [...] Não se deve viver demasiado pelo coração, pois o fervilhar das paixões envelhece e cansa a alma, provocando esse desencanto de onde nasce o tédio que de manso leva ao suicídio.⁵⁷⁶

Na introdução dessa edição, Norma Telles reflete sobre o tema:

Com ela concorda Bachelard quando afirma que o suicídio na literatura é fundamental para os valores dramáticos e é preparado como um 'longo destino íntimo. É, literariamente, a morte mais preparada, a mais pronunciada, a mais total.' Como se a autora quase desejasse que o universo inteiro participasse da morte da heroína na água, 'a verdadeira matéria da morte bem feminina'. Contemplar a água é escrever-se, dissolver-se é morrer.⁵⁷⁷

Comentando sobre dois aspectos do suicídio: resultante de um gradativo desespero das personagens e alternativa gloriosa para os finais dos romances *Lésbia* e *A rainha do ignoto*, Sônia Ribeiro arremata:

O sentimento experimentado é fruto das impossibilidades históricas de realização afetiva e social que se acercam do destino das heroínas. Mesmo depois de muitas rupturas não conseguem descobrir caminhos possíveis em sua busca de independência e transgressão. [...] Depois de muitos desafios e da experiência da angústia, o ápice da trajetória das protagonistas é a recusa e a impossibilidade trágica de continuar seguindo esta ordem repressora. O suicídio, nesse sentido, também representa um sonoro *não ao statu quo* que significa: antes o fim irremediável e absoluto, que as pequenas e paulatinas mortes e renúncias de todos os dias.⁵⁷⁸

Sobre a situação de Gustavo, a narradora pondera: “Esse pai, enlouquecendo, ao deparar com o cadáver da filha, também foi deplorado e ninguém adivinhou que uma falta passada tornara-o algoz dessa menina tão amada, ferindo igualmente o culpado e a inocente!”⁵⁷⁹

Gustavo enlouquece e é internado no Hospício D. Pedro II. No enterro, ao ver a jovem morta, Zélia avalia; “Se tivesse mãe não te matarias!... Se eu te conhecesse intimamente,

⁵⁷⁶ Bormann, Maria Benedita (Délia). *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 33-34.

⁵⁷⁷ TELLES, Norma. Introdução. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 17. Essa editora publicou o romance, cotejado com a edição de 1890, com atualização do texto, notas e introdução de Norma Telles.

⁵⁷⁸ BRANCHER, Ana Lize. Uma outra possibilidade de ser/ler mulher: *Délia*. In: MUZART, Zahidé L. (org). *Revista Travessia* (Mulheres - séc. XIX), Florianópolis, n. 23, p. 91-97, 2. sem. 1991.

⁵⁷⁹ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, p. 02, 11 dez. 1883.

talvez te houvesse salvo! Pobre criança!”. Manifesta-se aqui a preocupação com o importante papel da mãe na educação das filhas e a solidariedade que deve uni-las. Lajolo e Zilberman informam que vários foram os intelectuais e escritores, principalmente mulheres, que militaram em prol da causa da educação feminina no Brasil do século XIX, como a gaúcha Luciana de Abreu e a potiguar Nísia Floresta, que em seu livro *Conselhos à minha filha* (1842) “advoga a busca do saber e a conquista do conhecimento, encarando-os como pré-requisito para a mulher ter seu valor reconhecido no mundo dos homens”.⁵⁸⁰ No capítulo anterior, vimos a relevância dessa questão para as mulheres que escreviam na imprensa feminina e, ainda, como a educação estava intimamente ligada à leitura. Tema recorrente nas obras de Délia: *Celeste, Léssia e Uma vítima, Duas irmãs, Magdalena*.

Raul, ciente do ocorrido com Sofia, passa quinze dias acamado entre a vida e a morte. É salvo mediante os cuidados incondicionais da mãe. Resolve, então, partir para a Europa.

O marido de Renata morre, deixando-a rica. No ínterim, a amizade entre ela e Zélia se solidifica: “Mais que nunca se ligou à baronesa de Avellar, aparecendo sempre juntas, amando-se reciprocamente, com profunda ternura”.⁵⁸¹ Plínio, o amante que no passado havia abandonado Renata, surge em sua casa com a intenção de reatar o relacionamento. Renata o rejeita. Algum tempo depois, o homem a procura novamente para solicitar sua ajuda, pois está em apuros financeiros.

A narrativa apresenta as aventuras de Raul e do pai pela Europa e o encontro com Ludovico, antigo pretendente à mão de Aurélia. Ademais, exhibe a ligação entre Zélia e Leonor, sua filha adotiva. A menina completara 18 anos e a mãe ansiava-se com seu futuro amoroso, visto que conhecia a cobiça e a leviandade dos homens: “Procurava infundir em Leonor idéias exatas sobre os homens e o mundo, a fim de preservá-la, quanto fosse possível, de escolher mal um eterno companheiro”.⁵⁸²

Zélia promove um sarau em sua residência, para o qual convida Raul, recém chegado da Europa, onde permaneceu por cinco anos. Ali, ele revê Leonor, que conhecera ainda criança. “Os dois jovens cruzaram o olhar. Raul já estava pertubadíssimo e ela sentiu o coração parar-lhe no peito”.⁵⁸³ No final da narrativa, Raul e Leonor se casam. Aurélia, em conversa com Zélia, avalia: “– O que é este mundo! Lembras-te Zélia, de tudo quanto Sabina atribuí-a-me?... mal sabia a pobre que um dia, a filha unir-se-ia ao que de mais caro tenho na

⁵⁸⁰ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 258.

⁵⁸¹ DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 01 dez. 1883, p. 02.

⁵⁸² Id. *Ibid.*, 01 dez. 1883, p. 02.

⁵⁸³ Id. *Ibid.*, 15 dez. 1883, p. 02.

vida!...”⁵⁸⁴

No folhetim, há uma rede de solidariedade tecido pelas personagens femininas, iniciada por Luísa, mãe de Aurélia, à protagonista se une Zélia, a quem se liga Sabina. A afetividade solidifica laços entre Zélia e Renata. O sentimento é perpetuado na relação entre Zélia e Leonor. O apoio mútuo se dá como estratégia de sobrevivência e fortalecimento, já que sem o amparo mútuo, elas não sobreviveriam.

Assim, Luísa em vez de convencer a filha a abortar ou entregar a criança recém-nascida para a “roda”, assume o neto como seu filho. Logo, impede que Aurélia seja desmoralizada socialmente e possibilita que ela tenha perspectivas de futuro. Zélia percebe em Aurélia alguém da sua estirpe: uma mulher forte e disposta a vencer, acima de tudo. Sabina encontra em Zélia o conforto para morrer em paz ao entregar para ela sua filha e saber que a pequena Leonor terá os cuidados de uma verdadeira mãe. Renata, agradecida a Zélia por tê-la salvo de um suicídio, liga-se à amiga pela admiração e força que ela lhe transmite. Leonor reconhece em Zélia a mãe, papel destinado por Sabina, e a mulher se realiza como mãe. A estratégia política de Délia é mostrar que o espelhamento do mundo ficcional pode ser refletido no mundo real, trazendo, às suas leitoras, exemplos de mulheres fortes, que superaram as dificuldades e sobreviveram. Quem sabe as personagens ficcionais poderiam se transformar em mulheres reais?

Como contraponto à personagem Aurélia, de Délia, surge a protagonista homônima, criada por José de Alencar. A Aurélia, alencariana, perdoa e purifica Seixas, em nome de um amor incondicional. Apaga, portanto, o sofrimento que ele lhe causou. Nesse sentido, o final do romance reflete o projeto político de Alencar, que apresenta objetivos pedagógicos de restabelecer a ordem, reorganizar o espaço do casamento e reconduzir a mulher ao que deve ser o seu lugar, sob uma perspectiva conservadora, sustentáculo do sistema sócio-cultural brasileiro.⁵⁸⁵

Na contramão da ideologia recorrente nas obras desses canônicos escritores do século XIX, a Aurélia, de Délia, avança no sentido de permitir à protagonista que ela sobreviva à sedução de Gustavo e encontre em outro homem, Salvador, um amor salutar, companheiro e cúmplice. A autora subverte a lógica patriarcal corrente no início do século Novecentista e resgata sua personagem no desenlace da narrativa. Para a sociedade daquela época, esse

⁵⁸⁴ DÉLIA. Aurélia. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1883, p. 02.

⁵⁸⁵ RIBEIRO, Luis Felipe. *Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.

folhetim deve ter embaralhado os olhos do leitor e soado ruidosamente aos ouvidos daqueles que não leram, mas ouviram alguém comentar sobre a narrativa.

Assim, no folhetim de Délia, os homens que são bem educados e respeitam às mulheres, como o pai de Aurélia; seu próprio filho, Raul e Salvador, tornam-se excelentes companheiros. A concretização de um matrimônio feliz baseado na cumplicidade e em interesses comuns é o desenlace do folhetim.

Os pobres, ambiciosos em ascender pelo casamento, que somente consideram a riqueza material de seus(suas) pretendentes, sucumbem. No entanto, diferente destino encontram os pobres assistidos e direcionados ao estudo, pois eles acabam trilhando um caminho saudável e feliz, a exemplo da filha de Sabrina, educada por Zélia.

5.3.2 *Gazeta de Notícias* (1874- 1977)

*A Gazeta de Notícias, do Rio, renovando sob tantos aspectos a fisionomia da imprensa, submete-se ao gosto pelo folhetim [...].*⁵⁸⁶

Nelson Werneck lembra que o acontecimento jornalístico de 1874 é o aparecimento do jornal *Gazeta de Notícias*, fundado por Ferreira de Araújo,⁵⁸⁷ Manuel Carneiro⁵⁸⁸ e Elísio Mendes.

*A Gazeta de Notícias, o primeiro jornal da América do Sul a ter nas suas oficinas a rotativa de quatro cilindros, foi uma das melhores folhas do século passado. Nunca perdeu seu feitio, eminentemente popular, sem esquecer as elites, que alcançava através de uma colaboração criteriosamente selecionada. Inovadora, arejada, foi dos poucos diários que puderam competir com o velho e sólido *Jornal do Comércio*.*⁵⁸⁹

Sodré informa que, segundo Lúcio de Mendonça, o jornal era de formato modesto e colunas estreitas, porém revelava uma folha que “havia de ficar”. Werneck acrescenta:

⁵⁸⁶ SODRÉ, 1999, p. 243.

⁵⁸⁷ José Ferreira de Sousa Araújo (1846- 1900). Sobre ele, Werneck Sodré, em nota de rodapé, informa que se formou em medicina, porém escolheu o jornalismo como profissão fazendo da “*Gazeta de Notícias* o melhor jornal brasileiro da época. Diretor de jornal, mas com agudo senso jornalístico, era também escritor correto e sagaz, nos comentários, crônicas, crítica teatral e impressões de viagens”. Cf. SODRÉ, 1999, p. 274.

⁵⁸⁸ Jornalista, contista, romancista, poeta. Iniciou o curso de engenharia que não concluiu. Usou vários pseudônimos: *Emmanuel Carneiro*, *Emmanuel Karneiro*, publicou vários contos no jornal *O País*. Cf. COUTINHO, Afrânio. SOUSA. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989. v.1, p. 393.

⁵⁸⁹ COUTINHO, 1989, p. 650.

A *Gazeta de Notícias* era, realmente, jornal barato, popular, liberal, vendido a 40 réis o exemplar...A *Gazeta de Notícias*, com Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro, Elísio Mendes e Enrique Chaves, jornalistas e não homens de letras, mostrava como a imprensa brasileira conquistara características definitivas.⁵⁹⁰

A *Gazeta de Notícias* reflete as idéias mais democráticas da sociedade. Questões políticas e movimentos de massa não passaram em branco nas páginas do periódico, como por exemplo, a revolta da população contra o imposto do vintém, em 1880. Ao se determinar o aumento das passagens urbanas, a *Gazeta* promove intensivo combate.

Ora, o que mais se fazia, naquela fase, era precisamente discutir, pôr em dúvida, analisar, combater. Combater a pretensa sacralidade das instituições: da escravidão, da monarquia, do latifúndio. E a imprensa tinha, realmente, em suas fileiras, grandes combatentes, figuras exemplares, como homens de jornal e como homens de inteligência ou de cultura.⁵⁹¹

Apesar de o jornal também debater e apoiar o abolicionismo, Werneck, através das palavras de Joaquim Nabuco, faz a correção de que o movimento abolicionista, de 1879 a 1888, teria sido iniciado na *Gazeta de Notícias*, como se referem muitos. Na verdade, teria começado com o pronunciamento de Jerônimo Sodré, em 1879, na Câmara: “[...] na *Gazeta de Notícias*, onde então José do Patrocínio escrevendo na ‘Semana Política’, não fazia senão nos apoiar e ainda não adivinhava a sua missão”.⁵⁹²

Werneck Sodré transcreve algumas palavras de Max Leclerc, em visita ao Brasil, sob os auspícios da República. O correspondente de jornal parisiense comenta que a *Gazeta de Notícias* realiza, juntamente com o *Jornal do Comércio*, excelentes negócios com os anúncios que, “não lhes bastando a terceira e quarta páginas, dedicam-lhes um suplemento”. Mais adiante, comparando os dois jornais mais importantes da Corte, afirma sobre a *Gazeta*:

A *Gazeta de Notícias* é muito diferente; sua impassibilidade não consiste em registrar passivamente os acontecimentos; tem como redator-chefe o dr. Ferreira de Araújo e nisso está a sua força. O dr. Araújo é um excelente jornalista; julga homens e coisas com condescendente ironia; escreve com precisão, elegância e sobriedade raras; coloco-o nessa elite de brasileiros muito cultos, muito superiores a seus concidadãos.⁵⁹³

Em 1896, os jornais monarquistas estão novamente ativos. O levante sertanejo de

⁵⁹⁰ SODRÉ, 1999, p. 224-5.

⁵⁹¹ Id. Ibid., p. 233.

⁵⁹² NABUCO, 1934, p.197 (apud SODRÉ, 1999, p. 234).

⁵⁹³ LECLERC, 1942, p. 161 (apud SODRÉ, 1999, p. 253).

Canudos atrai a atenção da imprensa. Segundo Werneck, os republicanos viam traições por toda a parte e a imprensa levantava suposições de que agia, nos sertões baianos, uma conjura monarquista. “A *Gazeta de Notícias* clama contra o monarquismo revolucionário”.⁵⁹⁴

No edital do dia 02 de agosto de 1890, o jornal informa aos seus leitores que naquele dia a publicação comemorava o seu 16º ano e, no dia 04, publica uma nota de falecimento de Ferdinand Denis, na 1ª página. Em 1893, o jornal tem a circulação suspensa alguns dias por causa das apaixonadas lutas políticas, mas, em 1894, continua em ascensão “reunindo os melhores elementos das letras e do jornalismo brasileiro”.⁵⁹⁵ No ano seguinte, continua no topo da lista dos jornais mais vendidos no Rio de Janeiro, concorre com os diários de maior circulação e contribui para o avanço da arte gráfica, com o início das publicações de *portrait-charges* de políticos e homens de letras, com a série “caricaturas instantâneas”, de Lúcio Mendonça, e com os bonecos de Julião Machado. A esse respeito, Werneck Sodré resgata a seguinte citação de Ferreira de Araújo, escrita em 02 de agosto de 1895:

A *Gazeta* iniciou, na imprensa do Rio, com o Hastoy, o serviço de zincografia, os bonecos, como o público lhes chama, tendo ainda há pouco tempo, como seu desenhista, um professor da Academia de Belas Artes, Delmiro de Almeida, que lhe forneceu excelentes páginas; o zincógrafo é o Cardoso, por assim dizer um discípulo da *Gazeta*.⁵⁹⁶

Com a morte de Ferreira de Araújo em 1900, a direção fica a cargo do português Henrique Chaves, o redator-chefe é o italiano Carlos Parlagreco, que divide a reportagem com Afonso de Montauray e João Lopes, redator dos artigos de fundo.

O jornal prossegue inovando e em 1907 inicia a publicação de clichês em cores “publicando aos domingos, charges em tricromia, com a ajuda de artistas estrangeiros, Apolo Pauny, pintor, e Júlio Raison, litógrafo, culminando em 1912, com as admiráveis sátiras ilustradas de Calixto ao governo Hermes”.⁵⁹⁷ As polêmicas e os escândalos também fazem parte da vida dos jornais. Uma delas girou em torno de uma carta aberta do professor Hemérito José dos Santos a Fábio Luz, atacando Machado de Assis, publicada em 16 de novembro de 1908.⁵⁹⁸

Da colaboração estrangeira, destacam-se As cartas, de Max Nordau; *As cartas portuguesas*, de Ramalho Ortigão; *As cartas de Inglaterra* e a *Correspondência de Fradique*

⁵⁹⁴ SODRÉ, 1999, p. 269.

⁵⁹⁵ Id. Ibid., p. 265.

⁵⁹⁶ Id. Ibid., p. 266.

⁵⁹⁷ Id. Ibid., p. 300.

⁵⁹⁸ Id. Ibid., p. 294.

Mendes, de Eça de Queiroz, bem como suas crônicas, contos e romances.

O autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* publica muitas crônicas sob o pseudônimo de *Lélio* na seção “Balas de Estalos” e, também, assina outras seções com diferentes pseudônimos: *Malvolio*, *Boas Noites*. Adolfo Caminha, com as iniciais C. A., escreve as “Cartas Literárias”. Seu primeiro artigo, *A chibata*, “causou rumoroso escândalo”.⁵⁹⁹ Raul Pompéia publica, em 1888, *O ateneu*. Em 1891, Aluísio Azevedo publica seu romance *A mortalha de Alzira*, sob o pseudônimo de *Victor Leal*. Pardal Mallet colabora com “A questão acadêmica” e Paulo Barreto faz a seção “Cinematógrafo”. Sobre a participação de Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*, Elói Pontes afirma:

Com a sua presença e a presença de Pardal Mallet, tornando-se mais inquieta e audaciosa, reunira outros homens de letras, constituindo-os em centro de irradiações magníficas. Machado de Assis escreve a crônica semanal, com a mordacidade que as tornariam célebres, cheias de reminiscências e sátiras alegóricas. Só muitos anos depois não quis continuar a faina, cabendo a Olavo Bilac a herança.⁶⁰⁰

Entre as mulheres que colaboram no jornal, estão os nomes de Adelina Vieira Lopes, Júlia Lopes de Almeida e Délia. Apesar de haver indicações de pesquisadores anteriores de que Ignez Sabino teria escrito nesse jornal, não encontrei nenhum texto da autora nos exemplares pesquisados.

Na edição de 31 de dezembro de 1885, o jornal promete publicar um conto de Délia, no dia 1º de janeiro do seguinte ano. Entretanto, o conto, intitulado *Desvio da imaginação*, é editado no dia 03 de janeiro de 1886, na primeira página. Nessa narrativa, Délia tematiza, de maneira sutil, os efeitos prejudiciais da imaginação sobre a mulher. Adília é a protagonista, caracterizada tanto pela narradora quanto pelo marido, Paulo, com adjetivos como “louquinha” e “doidinha”. O marido realizava todos os desejos da esposa, porém ela mantinha a fantasia de que ele não a amava mais. Solicitava, de Paulo, atenção irrestrita e incondicional. Além de possuir um espírito fantasioso, mostra-se caprichosa, demasiadamente orgulhosa e *nevrótica*.⁶⁰¹

Paulo, apesar de amar muito Adília, muitas vezes, encontrava dificuldade em dar total atenção à mulher devido aos seus muitos afazeres profissionais. Adília, muito orgulhosa, não queria saber os motivos do aparente alheamento de Paulo e planeja traí-lo com um cavalheiro

⁵⁹⁹ SODRÉ, 1999, p. 247.

⁶⁰⁰ PONTES, Elói, p.173 (apud SODRÉ, p. 255).

⁶⁰¹ Que sofre de neurose ou histeria.

que declara amá-la. O encontro é combinado. A narradora desqualifica o pretendente: Marialvo é “conquistador” e “D. Juan”.

A protagonista chega à mesma conclusão e desiste de concretizar o adultério e, ao voltar para casa, encontra o marido a esperá-la com um colar de rubis e brilhantes. O marido confessa-lhe o motivo do seu distanciamento: a preocupação com as finanças e assegura-lhe seu eterno amor. “Desse dia em diante tornou-se Adília cordata, de humor uniforme, sem caprichos, sem amuos, amou o marido como nunca”.⁶⁰²

O confinamento da mulher ao lar é uma questão bastante debatida no século XIX. Maria Lúcia Rocha-Coutinho afirma que é com o surgimento da industrialização que a sociedade reduz o papel da mulher à condição de esposa e mãe. Segundo a pesquisadora: “Tal confinamento nos parece estar intimamente ligado à nova idéia de família que tem no amor romântico o pivô para sua conformação e que é relativamente recente na história da humanidade”.⁶⁰³

Assim, é sob a égide do romantismo que a sociedade começa a interditar o espaço público à mulher, impedindo que ela conheça sua condição de oprimida. Concernente à conjugabilidade, o amor romântico é mistificado e a mulher passa a viver em prol dele: amor ao marido, aos filhos, a casa. Com essa responsabilidade, a mulher se manteria pura, distante das tentações do mundo exterior. O mito da feminilidade centra-se na fragilidade da mulher, num sentido de inferiorização da mesma. As mulheres passam então a ser consideradas incapazes de entender certos assuntos, como os científicos, por exemplo, e de tomar decisões. Dessa forma se consolida o discurso da “natureza feminina”: frágil, emotiva, dependente. Ao eixo privado/público, correspondem os adjetivos, respectivamente, afetividade, emotividade/racionalidade, inteligência. Aos homens é direcionada uma educação que os prepara para o mundo da cultura: a direção, a liderança; enfim, todas as atividades que se relacionasse com o mundo público. A educação das mulheres é voltada para ressaltar as “qualidades naturais e essenciais” de mãe e esposa. Além disso, o trabalho doméstico isola as mulheres no âmbito da unidade familiar, onde realizam sua tarefa de forma individual, sem organização cooperativa alguma e quase sem integração com seus pares adultos, afastando-as, assim, cada vez mais do mundo público e inibindo processos de realização pessoal. Elas passam a ser e a viver para os outros e não para si mesmas e sua afirmação pessoal consiste

⁶⁰² DÉLIA. Desvio da imaginação. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 jan. 1886, p. 01.

⁶⁰³ ROCHA-Coutinho, Maria Lúcia. O confinamento da mulher à esfera doméstica e à maternidade como programa político. In: _____. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 27.

precisamente em negar-se como pessoa.⁶⁰⁴

A situação ainda persiste no século XX, prova disso é o texto de Virgínia Woolf,⁶⁰⁵ publicado em 1929, no qual trata sobre a questão da educação/trabalho/maternidade que rodeia o universo feminino. Woolf argumenta que é tarefa insuportável para a nova mulher a exigência de ter inúmeros filhos. Como libertar-se do jugo doméstico através de uma atividade remunerada se o cuidado com os filhos exige muito tempo e dedicação?

Não que a mulher deva negar a maternidade, todavia, o laço que une mãe e filha(o) não deve corresponder às expectativas da sociedade quanto à função ser “natural” e objetivo único da mulher. Ela precisa educar-se e ser independente financeiramente. Virgínia Woolf nos adverte do perigo da dedicação exclusiva da mulher ao lar e aos filhos ao tomar de empréstimo as palavras do Sr. John Langdon Davies: “Quando as crianças deixam de ser inteiramente desejáveis, as mulheres deixam de ser inteiramente necessárias”.⁶⁰⁶

O texto de Woolf é bastante revelador no que diz respeito à questão dos fatores que silenciaram as mulheres durante todo o percurso ocidental. Não é redundante afirmar que os fatores estão intrinsecamente ligados e institucionalizados sob a égide de um saber legitimado por um discurso patriarcal e androcêntrico. É, portanto, o homem que escreve sobre a mulher; a constrói como produto dentro de uma sociedade que cobra deveres e condições existenciais ao homem, via discurso do intelecto; projeta a mulher como um ser reduzido. Para escrever e exercer uma atividade intelectual é necessário que a mulher tenha um espaço particular onde possa fugir das lidas domésticas, da censura masculina e, possa ter as condições propícias para a criação.

Simone de Beauvoir assegura, em um livro fundamental sobre feminismo, escrito em 1949,⁶⁰⁷ 20 anos após a constatação de Woolf, que, apesar de todo um discurso elaborado pelas feministas européias e norte-americanas, desde o séc. XIX, as mulheres continuam a ser estigmatizadas. Essa condição é calcada por um discurso que considera a mulher peça fundamental e indispensável na manutenção e, conseqüentemente, na reprodução do sistema patriarcal. De maneira contrária, pela mesma condição e justificativa da inferioridade do sexo feminino, respaldada pelos supostos “dons naturels”, interdita a mulher e sedimenta cada vez mais o pensamento corrente de que a mulher deve aceitar pacificamente a “nobre, sublime,

⁶⁰⁴ ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 33.

⁶⁰⁵ WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

⁶⁰⁶ WOOLF, 1985, p. 40.

⁶⁰⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1, p. 85.

valorosa e honrada missão”.

Apesar da distância temporal, espacial e contextual que afastam seus textos, as três escritoras - Woolf, Beauvoir e Délia -, aproximam-se por seus ideais. Elas são mulheres que conseguiram em épocas distintas, efetivamente, escrever e ser feministas, dando continuidade ao exercício de “tipos de feminismos” diferenciados.

5.3.3 *O Paiz* (1884-1934)

*[Délia] foi a primeira escritora a colaborar na coluna, o que a partir daí se tornaria uma tradição, à esquerda da primeira página do jornal O País, alternando com Coelho Neto, Valentim Magalhães, e outros. Nesse jornal, onde trabalhou desde o seu começo, junto com Quintino Bocaiúva, foi contemporânea de redação de Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, Carlos Laet, e da poeta portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho. Escreveu em estilo elegante, que demonstra real talento e erudição, segundo seus admiradores, ou escreveu sobre temas chocantes, eróticos, segundo seus detratores e críticos.*⁶⁰⁸

O primeiro número de *O Paiz* sai em 1º de outubro de 1884. O jornal é fundado pelo Conde S. Salvador de Matosinhos - título de João José dos Reis Júnior, posteriormente, a propriedade passa para Quintino Bocaiúva. Depois da proclamação da República, Juca Reis é encarcerado. Ferraz Sampaio, chefe de polícia que prende o “desordeiro”, cria um problema com a imprensa, pois o preso é irmão do então proprietário do jornal, figura destacada da imprensa carioca. O caso repercute no Ministério. A autoridade de Ferraz Sampaio é respeitada e Quintino Bocaiúva vende o jornal para Francisco de Paula Mairinque.⁶⁰⁹ Em 1890, o proprietário de *O Paiz* é Antonio Pereira Leitão.

É possível visualizar o interior do jornal quando Werneck toma de empréstimo as palavras de Gilberto Amado para comentar sobre a fase de apogeu do jornal. Na época, João Lage, então proprietário, defende o governo de Hermes da Fonseca:

A redação de *O Paiz*, à esquina de Sete de Setembro, num dos mais feios edifícios da Avenida, então considerado bonito, dois andares e entressolo, compunha-se de uma grande sala retangular no primeiro andar, na qual se dispunha paralelamente mesas, uma para cada redator, umas dez, todas lustrosas, novas. Ao fundo, debaixo de grandes retratos de Quintino Bocaiúva e Salvador de Matosinhos, fundadores do jornal, a mesa do

⁶⁰⁸ TELLES, 1998, p. 5.

⁶⁰⁹ SODRÉ, 1999, p. 253-254.

secretário da redação, comprida e larga.⁶¹⁰

É ainda Werneck quem afirma que o excelente grupo de colaboradores e o quadro de bons profissionais que o jornal mantinha, devia-se à segurança de cobertura proveniente dos cofres públicos. No ano de 1979, em depoimento ao repórter Gilberto Negreiros, Barreto Leite Filho discute acerca da prática de subsídios oficiais aos jornais:

Naquele tempo, havia dois tipos de jornais ou publicações no Brasil. Havia os jornais que viviam dos subsídios oficiais, subsídios do governo federal por exemplo. O modelo desses jornais era O Paiz do Rio de Janeiro, que tinha sido o grande órgão de propaganda republicana no tempo de Quintino Bocaiúva. Esses eram jornais do governo. Um fator a considerar é que sistematicamente, pelo menos no Rio de Janeiro e grande parte de São Paulo, certamente no Norte, mas não no Rio Grande, os governos eram, invariavelmente, impopulares. Todo jornal que fosse subvencionado pelo governo federal era automaticamente subvencionado pelos governos estaduais. [...]

Até 30, jornal do governo não era lido. Por exemplo, O Paiz era uma obra-prima de jornal erudito. Não era muito jornalístico, era mais um jornal assim vamos dizer, semiliterário; publicava longos artigos, coisas muito leves, era muito bem escrito. Hoje em dia seria um jornal inconcebivelmente atrasado, mas, naquela época, publicava artigos notáveis, nacionais e estrangeiros, mas ninguém lia. Tinha três mil exemplares de circulação.⁶¹¹

Nesse periódico, em 1885, sai impresso *O coruja*, de Aluísio Azevedo; o conto *Manuel Lúcio*, estréia literária de Afonso Arinos, sob o pseudônimo de *Afear*; em 1892, *Charles Rouget* (Coelho Neto), publica *Os narcotizadores*. As notas políticas e os editoriais ficam, por muito tempo, a cargo de Eduardo Salamonde, substituído na crônica dominical “A Semana” por Emília Moncorvo Bandeira de Melo, que ali começara publicando contos, sob o pseudônimo de *Júlia de Castro* e depois o de *Carmen Dolores*.

O País mantém a tradicional coluna do canto de primeira página, no alto e à esquerda: ali apareceu, durante anos, o ‘Microcosmo’, de Carlos Laet, antes publicado no Jornal do Comércio; o lugar foi ocupado, depois, e sucessivamente, por Júlia Lopes de Almeida, Carmen Dolores e Gilberto Amado; Oscar Lopes fez ‘A Semana’; outros colaboradores são Olavo Bilac, Artur Azevedo, Oliveira Viana, Eduardo Salamonde, Abner Mourão, (sob o pseudônimo de Isabela Nelson); dos estrangeiros, distinguem-se Justino de Montalvão, as ‘Cartas de Lisboa’, de José Maria Alpoim, os artigos de Câmara Reys, as esplêndidas crônicas de Visconde de Santo Tirso, reunidas depois nos volumes *De Rebus Pluribus* e *Cartas de Algures*; Carlos Dias Fernández assina o folhetim ‘Os Cangaceiros’, no clássico rodapé.⁶¹²

⁶¹⁰ AMADO, 1956, p. 46 (apud SODRÉ, 1999, p. 332).

⁶¹¹ JORNALISTAS contam a história – 1. Na década de 20: a agonia do regime. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 05 jan. 1979.

⁶¹² SODRÉ, 1999, p. 293.

Afrânio Coutinho complementa que no período republicano:

O País mantinha as velhas tradições conservadoras contando com a colaboração de Nuno de Andrade, antigo conselheiro do antigo regime, autor de crônicas sob o pseudônimo de *Felício Terra*, atualizadas ao gosto do tempo, Carmen Dolores, que segundo Agripino Grieco, “era uma argumentadora máscula”, Eduardo Salamonde, veterano na imprensa e Gilberto Amado que ali recebeu as esporas de cavaleiro. A direção cabia a um português integrado em nosso meio político em que influiu poderosamente: João (de Souza) Lage.⁶¹³

O idealizador da instituição que viria a organizar os jornalistas com o propósito de defender os interesses dos profissionais da imprensa, segundo Werneck, foi Gustavo de Lacerda, repórter humilde de *O Paiz*, em 07 de abril de 1908, na sala de sessões da Caixa Beneficente dos Empregados do referido jornal, Lacerda viu realizado o ato de Fundação da Associação Brasileira de Imprensa.

Tanto Werneck quanto Coutinho não fazem referências à importante participação da escritora gaúcha na “tradicional coluna do canto de primeira página”, “à esquerda da primeira página do jornal”, acima referida. N’*O Paiz*, no período que abrange os anos de 1886 e 1892, Délia publica 19 folhetins, entre eles estão *Angelina* (1886) e *Estátua de Neve* (1890) e mais 17 contos curtos (1892). Neste momento, centro-me na análise do longo folhetim *Angelina*.⁶¹⁴ Anunciado em nota, sob o título “Angelina”, o texto enfatiza a data de início da publicação, bem como ressalta que a autora da narrativa *se* oculta sob o pseudônimo Délia, já conhecido do público leitor. O autor, não identificado, comenta:

Este novo trabalho de Délia é visivelmente um progresso quer na segurança de estilo, na concepção do enredo, e no estudo de caracteres.

[...]

Angelina é antes uma narrativa íntima, análise psicológica de dois personagens do que uma série de aventuras que impressiona pelo tecido de intrigas.

Todavia, o novo trabalho de nossa compatriota prende atenção do leitor porque, nas páginas da narrativa, há emoção, eloqüência, pintura de algumas cenas de costumes fielmente observadas.⁶¹⁵

A narrativa é iniciada com uma personagem, não nomeada, apenas identificada como mulher humilde, que, em seus braços, carrega uma criança, por uma rua bastante movimentada. Trata-se de uma escrava que seduzida pelo “sinhozinho”, engravidara.

⁶¹³ COUTINHO, 1986, p. 96.

⁶¹⁴ Publicado diariamente entre os dias 18 set. a 30 nov. 1886, p. 01 ou 02.

⁶¹⁵ ANGELINA, *O Paiz*. Rio de Janeiro, p. 01, 17 set. 1886.

Ligados ao tema da sedução, nas narrativas de Délia, aparecem personagens sedutores adjetivados pela figura do Don Juan ou pela do poeta Byron. O mito do eterno sedutor, criado por Tirso de Molina, pseudônimo do frade espanhol Gabriel Téllez, em *El burlador de Sevilla y el convidado de piedra*, por volta de 1630, passou de mito espanhol a mito universal, sendo absorvido de forma complexa pelas literaturas ocidentais.

A tradição libertina de Don Juan é retomada por Lorde Byron, numa perspectiva anti-romântica e, pretensamente, antiidealista. Entre 1819 e 1824 é publicado seu poema “Os amores de Don Juan”, em *Cantos dispersos*. A personagem byroniana assume uma aura decadentista, mas, segundo Jorge de Souza Araújo, em extenso e denso estudo sobre o mito de Don Juan, não é o poema em si que inspirará a tradição romântica brasileira e sim o próprio poeta inglês: “herói de si mesmo, popular e libertário [...] orgiástico freqüentador de tabernáculos do prazer londrino, na *jeunesse dorée* dos perdulários de emoção”.⁶¹⁶ O mito entra pelo século XX na narrativa fílmica de Jeremy Leven, intitulada *Don Juan de Marco* (1995). É ainda o erudito pesquisador baiano quem afirma:

O conquistador de mulheres se impregna em quase todas as latitudes geográficas e humanas porque pertence antropologicamente ao universo masculino, do homem, do macho, fruto da educação tradicional, da cultura patriarcalesca do Ocidente.⁶¹⁷

Jorge Araújo apresenta outra possibilidade de leitura: Don Juan opõe-se à sacralidade feminina no mítico ibérico dos séculos XVI e XVII, visto que a valorização da satisfação sexual, pura e simplesmente, sem fins procriativos era interdita pela moral estabelecida. Portanto, fora desse lugar legitimado do desejo, deveria prevalecer a sublimação do prazer. Além desse aspecto, sua ação seria a confirmação de uma aversão ao “bom-mocismo” hipócrita da sociedade de seu tempo.

Segundo a tradição mítica ocidental, a mulher teria, na essência da sua persona, a maldade herdada da curiosidade de Eva. Assim, a prática de Don Juan estaria plenamente justificada pelo fato de funcionar como uma “vingança amorosa” que purgaria o desequilíbrio estabelecido pela primeira mulher, restabelecendo assim a ordem. Também, são punidas pela atitude leviana e inconseqüente com que entregam seus corpos para o desfrute sem pensar no inevitável abandono: “A ela, antagonista, Don Juan não aceita a presença da mulher senão para burlá-la. Seu instrumento de gozo, ao enganá-la estaria cumprindo uma eliminação

⁶¹⁶ ARAÚJO, Jorge de Souza. *Do penhor à pena: estudos do mito de Don Juan, desdobramentos e equivalências*. Ilhéus, Bahia: Editus, 2005, p. 141.

⁶¹⁷ Id. *Ibid.*, p. 124.

pragmática da Outra”.⁶¹⁸

Nas narrativas de Délia, é notável um “antidonjuanismo”, sob a perspectiva de denúncia das mazelas causadas às mulheres e, principalmente, do resultado de atos inconseqüentes dos sedutores: a gravidez e o abandono dos filhos.

Seguindo o folhetim, a narradora, em *Angelina*, apresenta-nos a personagem:

Teria a visitante 20 anos; era uma dessas mulatas de tipo árabe, cor de canela, de olhos negros, faces rosadas, nariz aquilino, ardentes como o sol dos trópicos, flexíveis e felinos como as panteras, com quem se assemelham no momento de zeloso transporte.⁶¹⁹

A caracterização sedutora serve para contrastar com o aspecto da personagem, naquele instante: pálida, trêmula, com os lábios brancos, pálpebras cerradas, quase desmaiando. Ela entra no quarto de um rapaz. O motivo da visita seria o casamento de Ignácio (o sedutor) marcado para o dia seguinte. O diálogo entre as personagens é interrompido e a narração se volta para o estado emocional da mulher:

Uma dor lancinante, misto de pesar e ciúme convulsiona a pobre criatura rude, primitiva, incapaz de analisar a fria vilania do amante e mais ainda assim mulher e, por isso, instintivamente delicada, feita para adivinhar até o que desconhecia e cuja falta a faria de modo cruel.

Pouco propensa as dores d’alma, sentia, duramente, a sua inculta natureza, os espinhos do zelo desse alucinante sentimento que é mesmo mais físico do que moral pois, sem muito custo, perdoamos um devaneio do espírito, por mais duradouro que seja, mas não relevamos o mínimo arrastamento de um desejo.

Revoltou-se o seu ígneo temperamento de mestiça, concretizando, em um só desespero, a impotente abjeção da escrava e a incendiária insensatez do ciúme: Lançaram os seus olhos fulvos, lampejos, entumesciu-se-lhe o seio e aprumou-se-lhe o busto.⁶²⁰

A mulher ameaça contar tudo à noiva de Ignácio. Colérico, ele responde que se Angelina cometesse tal ato, compraria e mataria ela e o filho com açoites. A mulher, desesperada, lança-se aos pés do pai de seu filho, que, se sabendo vencedor, a expulsa do quarto, advertindo-a que não volte nunca mais a procurá-lo. Antes da saída da mulher, entretanto, entrega-lhe uma cédula de cinco mil réis. Nesse momento, a narradora nomeia a personagem, Maria, que guarda o dinheiro e sai “com a cabeça em fogo, a garganta apertada em horrível contrição, cingindo a criança contra o seio, a fim de aquietar o pulsar do

⁶¹⁸ ARAÚJO, 2005, p. 99.

⁶¹⁹ DÉLIA. *Angelina*. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 set. 1886, p.02.

⁶²⁰ Id. *Ibid.*, 18 set. 1886, p.02.

coração”.⁶²¹

Nesse ponto, as questões apresentadas pela narradora são: o abandono dos filhos, deixados à própria sorte, e a situação da mulher negra, em relação à necessidade de sustentar um filho sem pai. A despreocupação com a paternidade é ainda hoje um problema que as mulheres enfrentam. Felizmente, leis foram aprovadas no sentido de obrigar pais a sustentarem seus filhos, sejam eles, legítimos ou ilegítimos. A descoberta do DNA e o uso do exame para comprovação da paternidade funcionam como mecanismo de contenção para a irresponsabilidade masculina junto aos filhos que, anteriormente, largavam à própria sorte.

A narradora, em *flashback*, conta ao leitor o início da relação amorosa entre Maria e Ignácio:

Ano e meio, antes dessa cena, seduzira Ignácio a apaixonada criatura, que soubera conservar-se pura para o homem a quem amasse, preservando-se, à custa de mil dissabores e tormentas, da lubricidade do senhor, dos filhos da casa, e das violências de toda espécie a que se achava exposta.⁶²²

Na citação acima, há a denúncia da sedução em relação à usurpação do corpo da mulher negra pelo homem branco. Não é desconhecido esse comportamento masculino em relação à mulher negra: o ato dos “sinhozinhos” estuprarem suas escravas era visto como atitude comum e legitimada. A prática ganha novos contornos quando a descendência das antigas escravas passa a ser as empregadas domésticas da classe média.

Recentemente a novelística brasileira apresentou esse perfil comportamental. Felizmente, em “Duas Caras”, a empregada doméstica, personificada numa sedutora mulata, consegue se safar das investidas do filho do patrão, que jura paixão pela personagem e, no desenlace final do folhetim televisivo, casam-se. Nesse desfecho há uma perspectiva de reparação em relação aos atos brutais cometidos pela sociedade brasileira. A conclusão representa o resultado de lutas sociais promovidas pelo movimento negro brasileiro e outras entidades que pressionam a mídia para que novas imagens do negro sejam construídas em detrimento a antigas performances.

Não digo que Délia se antecipa ao tratar do tema da escravidão. Em termos internacionais, já ocorre no romance *A cabana de pai Tomás*, de Harriet B. Stowe (1851-1852), e em amplitude nacional, *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (1859), para lembrar as narrativas produzidas por mulheres. Entretanto, em se tratando de um momento histórico

⁶²¹ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 set. 1886, p.02.

⁶²² Id. *Ibid.*, p. 02.

social importante — a publicação do folhetim acontece dois anos antes da abolição — visto que os debates em torno do tema se acirravam tanto na imprensa quanto nos jornais, é de extrema relevância a abordagem do tema pela escritora gaúcha, principalmente porque o protagonista, um mestiço, se tornará médico reconhecido na capital carioca.

No excerto abaixo, através da voz da narradora, manifesta-se a intenção da autora em falar às suas leitoras (que, com certeza, se identificavam com a “senhora” descrita), alertando-as quanto às sutilezas inerentes ao trabalho feminino escravo; à posição inferior e subalterna da mulher negra em uma sociedade escravocrata; à necessidade de se solidarizarem com suas escravas. Eram elas, as escravas, quem, no “cadinho” do mundo doméstico, em sua grande maioria, representavam o papel de zeladora de seus filhos, mantenedora da ordem de suas casas, e, muitas vezes, serviam de confidentes para que elas, as senhoras, pudessem revelar, um pouco, suas próprias angústias pessoais e amorosas, quando não serviam até de “alcoviteiras” para aventuras extraconjugais.

Cedeu a Ignácio porque o amava, e, sobrevivendo a gravidez, suportou, pacientemente, todos os horrores que o seu estado provocou na senhora que a injuriava, dia e noite, maltratando-a, por ciúmes, sem entender-lhe o estado melindroso e sem respeitar, naquele corpo debilitado, a ovulação de um novo ser.

E sua senhora era mulher e era mãe, conhecia todos os incômodos e dolorosos trâmites da gestação, e não se compadecia da escrava, conformada como ela, sujeita aos mesmos padecimentos, merecedora de algumas regalias pela sua submissão e pelo afã com que sempre cumprira com os seus deveres.⁶²³

Apesar de toda tentativa de denunciar a estupidez da escravidão, a narradora onisciente explica que o motivo do ciúme da “senhora” está relacionado ao fato de ela não acreditar que Maria se mantivera virgem, e, por isso mesmo, declarara guerra à escrava.

Entretanto, apesar de sua triste condição, valia Maria mais que sua senhora, pois se esta era honesta, devia-o talvez ao meio em que vivera e à vigilância de que fora objeto; mas, ao por acaso, estivemos com a escrava exposta à sedução, à violência, ao justo desejo de alcançar à liberdade, no jugo do aviltamento e à isenção de todo escrúpulo, conservar-se-ia ela virgem até vinte anos?⁶²⁴

Entre resignação e angústia, Maria assume sua gravidez. Após o parto, seus “donos” colocam um anúncio oferecendo-a como ama-de-leite. Eles dizem a Maria que somente poderá conservar o filho ao seu lado se o “alugador” permitir. Ao encontrar-se com Alina, a

⁶²³ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 set. 1886, p.02.

⁶²⁴Id. *Ibid.*, p.02.

jovem que a alugara para amamentar o filho, suplica-lhe permissão para amamentar, também, seu próprio rebento. A jovem mãe inquire sobre as condições de Maria amamentar duas crianças. A escrava responde que é forte e sadia. Porém, se não conseguir, dará leite de vaca ao seu filho.⁶²⁵

Boa e meiga, comoveu-se a moça, compreendendo o requinte daquela súplica, permitiu que ela criasse os dois meninos e tratou-a com carinhosa solicitude a que a ama respondeu com a maior lealdade, destinando um seio a cada uma das crianças, sem distinguir o filho das suas entranhas do filho de criação.

Mereceu o seu irrepreensível procedimento, a estima de Alina que desejou ser a madrinha do mestiço Paulo, libertando-o, na pia batismal, livrando-o, assim, do estigma do cativo, incorporando-o ao rol dos homens aproveitáveis.⁶²⁶

Importante é a inversão de valores estabelecida pela narradora. Destaca-se a subserviência da ama-de-leite como alguém que cede o lugar privilegiado do filho ao outro desconhecido. Délia preocupa-se em destacar o papel fundamental da ama na alimentação dos filhos da oligarquia brasileira. Haja vista que estão em confronto os motivos pelos quais as mães não amamentam seus próprios filhos naquela época. A mesma preocupação surge na atualidade quando as propagandas governamentais dão ênfase à valorização do leite materno como alimento indispensável para a saúde dos bebês.

Posteriormente, no romance *Celeste*, mais uma vez, Délia traz à tona o tema. Aqui, a escrava Ba é ama e amiga de Celeste, porém extremamente maltratada por Cândida, mãe da protagonista. Celeste não admite os maus tratos e sofre quando a mãe decide vender a ama.

Assim, Celeste questiona o amor materno enquanto ato de procriar. Para ela, quem a amou, maternalmente, foi a escrava negra, e não sua “mãe de carne”, Cândida. Temos aí que o amor maternal não é necessariamente “biológico” e sim cultural, visão da qual compartilham inúmeros estudiosos contemporâneos que trabalham o tema.⁶²⁷

Ademais, no folhetim, Délia apresenta, através da caracterização da personagem Alina, um contraponto com a “dona” de Maria, ao mostrar um tipo de relação cordial entre senhora e escrava, bem como a necessidade de engajamento na luta abolicionista.

Quando Paulo completa seis meses de vida, Maria toma conhecimento do casamento

⁶²⁵ A ingestão pelos recém-nascidos do leite de vaca significava sinal de pobreza e era uma preocupação das mães abastadas, naquela época, visto que esse tipo de leite era recolhido e vendido em precárias condições de higiene.

⁶²⁶ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 set. 1886, p.02.

⁶²⁷ BRANCHER, 1991, p. 190.

de Ignácio. Como ele rejeita a ela e à criança, Maria se preocupa com o futuro do filho, sem o apoio do pai.

À noite, só ante Deus e seu pesar, chorou sua falta, acusando-se de haver cedido ao homem indiferente que a esquecera de todo e que desprezava o filho, tão bonito, tão forte, tão alvo, que parecia branco!⁶²⁸

Manifesta-se a relevância que a mãe dá à cor da pele do filho. A pele embranquecida deveria representar um aspecto positivo para a aceitação do filho pelo pai. Portanto, há necessidade de afirmação do “branqueamento” como justificativa de possibilidade de respeito e de ascensão social.

No capítulo II,⁶²⁹ a história de Ignácio de Castro é apresentada ao leitor. Órfão que “tinha um passado mais ou menos acidentado”, o jovem gosta de jogo e mulheres. Sonha com um casamento faustoso, por meio do qual possa satisfazer seus desejos, principalmente, materiais. Aos 30 anos de idade, Ignácio encontra Gabriela que tinha sob sua posse duzentos contos, “além disso, elegante, amante de bailes, de teatros e de todos os tipos de diversões”. Casaram-se e, ao longo de um ano, muito se divertiram. Decorrido esse tempo, Gabriela descobre que está grávida e tenta interromper a gestação.

A referência a um tema tão polêmico quanto o aborto, demonstra, mais uma vez, o caráter revolucionário da obra de Délia. Se ainda hoje, pleno século XXI, a maioria das nações é contrária à liberação do aborto – inclusive com o aval de diversas denominações religiosas, movimentos sociais, autoridades políticas e cidadãos comuns – imaginemos a ousadia de Délia, no final do século XIX, mesmo que de forma sutil e rápida, expor o controverso assunto.

O movimento feminista, em suas diversas facetas, ainda não conseguiu ter grandes conquistas em relação à problemática do aborto. A Igreja é o principal “inimigo” da aprovação do direito da mulher à escolha do que fará com o seu próprio corpo. Em Portugal, no ano de 2007, há uma intensa campanha em prol da liberação do aborto, e um dos vieses da discussão gira em torno da responsabilidade da mulher em decidir sobre a questão. Algumas militantes, em prol da causa, defendem que somente mulheres deveriam votar, pois, na maioria das vezes, os homens se esquivam de exercerem a função de pai, ou, ainda, desaparecem ao saberem da gravidez das companheiras.

⁶²⁸ BRANCHER, 1991, p. 190

⁶²⁹ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 19 set. 1886, p. 02.

A narrativa de Délia suscita outro debate: o abandono dos filhos, entregues pelas mães a amas cuja índole não é conhecida, para que elas possam freqüentar a vida noturna fluminense. Assim, após o nascimento do filho Gustavo, Gabriela dá continuidade a agitada rotina, fato que a impossibilita de assumir o seu papel, efetivo, de mãe: vê pouco o filho, beija-o às pressas, entregando-o aos cuidados da ama.

Para essa insensata, não era a maternidade mais do que um desagradável incidente: no presente e no futuro aparecia-lhe o filho como meio indubitável de lhe estabelecer as somas das primaveras.⁶³⁰

A observação acima desqualifica a mulher, escrava do luxo e do culto à beleza. Gabriela é adepta a um modo de vida artificial em detrimento à experiência de intenso viver íntimo. A narradora tece uma série de conjeturas concernentes ao papel da mãe na criação dos filhos, e à necessidade da função educativa da mulher. Considerando o conteúdo emancipatório apresentado pela narrativa, é contraditória a discussão estabelecida pela narradora.

Mas não é de se estranhar que a tentativa de Délia de entender a maternidade – exercício obrigatório no século XIX – como papel de destaque para a mulher, funciona perfeitamente com o tipo de perspectiva assumida pelo feminismo Oitocentista. Ao “aceitar” a “imposição” social, Délia joga com o poder instituído e abre um foco para a questão da maternidade, conferindo-lhe novo estatuto. A “imagem” de mulher fútil, ociosa e “coquette” de Gabriela, contrasta com aquela de mulher responsável pelo cuidado do futuro “homem útil para a sociedade”. Dessa forma, o destaque concedido à maternidade funciona como estratégia que reconhece a importância do papel feminino na criação dos filhos e, principalmente, na educação dos futuros cidadãos que comandarão a nação.

E, embora a função de mãe seja vista como uma necessidade social e uma imposição à mulher, inclusive significando para ela sacrifícios e restrições, pode também emergir como um *poder feminino* e, desta forma, fundamenta argumentos e reivindicações feministas.⁶³¹

A narradora assume, então, uma atitude pedagógica e indica como a mãe deve proceder com os filhos: a educação centra-se na contenção dos desejos e dos defeitos inerentes à infância. O seu ordenamento educativo inclui, até mesmo, castigos que, segundo ela, é doloroso para quem pratica, mas que servem para corrigir as falhas do presente,

⁶³⁰ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 set. 1886, p.02.

⁶³¹ GOMES, 2002, p. 188.

“extirpando no infante, os germens de fatais disposições.”⁶³²

Por conseguinte, é preciso que Gabriela deixe de encarnar o papel de uma mãe “desnaturada” e se assemelhe a um modelo de mulher que tenha “elevação moral”, tomando as “rédeas” da educação de Gustavo, a fim de que ele se desvie da imagem de um “valdevinos” e torne-se um homem útil à sociedade.

A educação modelar cria poderosos sentimentos que constituem o cidadão e o pai de família, corrigindo nocivas tendências e falsas apreciações. É a educação o mais penoso, o mais difícil e, também, o mais sublime dos deveres maternos, mas, infelizmente, é o único que a maioria das mulheres desconhece, já por deficiência de inteligência, de critério ou de paciência, já por incúria ou indiferentismo. Procriar filhos é uma faculdade inerente a toda a animalidade, mas educar filhos e formar seres úteis e dignos é o privilégio de diminuto número de progenitores.⁶³³

O elogio à mãe que cria e educa os filhos não é característica peculiar da escrita de Délia, torna-se um “lugar comum” para a maioria das escritoras do século XIX. O destaque para a mãe ativa e responsável pela educação dos filhos faz parte de um construto social da função da mãe como educadora e guia moral dos filhos. Nesse contexto, Délia indica uma atitude pedagógica, ao que denomina de “educação modelar”, pois somente isso salvará o destino dos filhos, principalmente, dos homens, livrando-os do ócio, atitude extremamente prejudicial ao desenvolvimento da nação.

Gustavo, “mal-educado” pela mãe, usa o expediente da “mentira, defeito capital, que deteriora o caráter, avilta a compreensão e defrauda o bem em proveito do mal”, para justificar todos os seus atos desaprovados. Gabriela incentiva o menino ao valorizar suas mentiras como uma qualidade, enquanto capacidade inventiva. Então, aos dez anos, Gustavo já se encontra “bastante corrompido”. Ali, segundo a narradora, encontrar-se-ia a origem das fraudes e dos crimes cometidos mais tarde.

No capítulo III, é retomada a história de Maria, que se encontra na labuta diária da criação dos dois meninos: Paulo, seu filho, e Roberto que, orientado pelo pai, entrega a carta de alforria à ama como reconhecimento da dedicação daquela mulher. Entretanto, Maria permanece na casa e acompanha o crescimento dos dois meninos, mutuamente afeiçoados. Juntos, eles entram para o colégio. Porém, a inteligência de Paulo supera a de Roberto.

Entravava-lhe, porém, a vil inveja dos discípulos, eivada desse

⁶³² DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 19 set. 1886, p.02.

⁶³³ Id. *Ibid.*, 18 set. 1886, p.02.

mesquinho preconceito de raça, que mal compreendiam em tão tenra idade, mas cujos germens possuíam, como hereditário vírus.⁶³⁴

Na escola, os colegas se referiam a Paulo pelo cunho de “mulato”, unicamente, com o intuito de desmoralizá-lo. Perante os maus tratos, ele

ficava acabrunhado, incapaz de erguer a frente, ou de protestar, jungido ao humilhante estigma que aviltou uma raça inteira pela predominância de outra raça irmã ante Deus e os homens, e ainda favorecida pelo progresso, que lhe aumentou as ambições e a iniquidade.

[...]

No entanto, se alguma dessas raças deve envergonha-se, será a branca, porque nessa fusão representa a violência e o vício, cabendo à outra o papel de vítima ou de pouco escrupulosa cumplicidade.⁶³⁵

As crianças, muitas vezes, incitadas pelos comportamentos preconceituosos dos adultos, repetem a tradição racista. É assim que os colegas de escola, além de molestarem moralmente Paulo, coagem Roberto para que ele assuma um comportamento coerente com sua descendência “branca”:

- Ora, pois, você, menino branco, não se envergonha de andar ao lado de um mulato pelas ruas, educando-o no mesmo colégio como dois irmãos? Meu pai não consentiria semelhante cousa! Insinuou um.⁶³⁶

É contundente a análise feita pela narradora à questão racial no Brasil. No romance *Lésbia*, Délia faz uma crítica à ação dos chefes militares brasileiros, que ocupam postos de comando na guerra do Paraguai, e obrigam os negros a participarem do conflito bélico.

retiravam os pobres negros da enxada das fazendas ou do serviço doméstico, todos marcados pelo azorrague, pondo-lhes a farda às costas, sem lhes consultarem a vontade e talvez por um requinte de vingança.⁶³⁷

O capítulo III é inaugurado com a resposta de Roberto ao questionamento do colega de escola. Ele tenta afirmar a sua irmandade com Paulo pelo fato de terem sido amamentados pela mesma mulher. Ridicularizado, sem coragem para afrontar a classe e defender Paulo dos insultos, Roberto abraça o amigo e os dois saem juntos para casa. No caminho, ele tenta estabelecer diálogo com Paulo, mas esse está decepcionado, pois não entende o comportamento do amigo.

⁶³⁴ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 20 set. 1886, p.02.

⁶³⁵ Id. *Ibid.*, p. 02.

⁶³⁶ Id. *Ibid.*, p. 02.

⁶³⁷ DÉLIA, 1998, p. 74.

Impelido pelo seu excelente natural, Roberto apertou-o nos braços, chorando convulsivamente, deveras arrependido da sua covardia, fazendo-lhe mil protestos de estima, e jurando tomar outra atitude, caso lhe apresentasse ocasião idêntica.⁶³⁸

Ao chegar em casa, Paulo relata o acontecimento à mãe e afirma que não irá mais freqüentar a mesma escola que Roberto. Quer matricular-se em uma instituição de ensino público e promete “aprender para ser gênio”.

A mãe acata o pedido do filho, pois compreende intuitivamente os dissabores que o filho deveria transpor toda a vida, encontrando mil tropeços, lutando desesperadamente para vencer preconceitos, vilezas e milhares de picardias, suscitada pela rancorosa inveja.⁶³⁹

Aos 11 anos, Paulo se submete ao exame de português para entrar no colégio. Para grande entusiasmo seu e alegria de Alina e Maria, o menino é aprovado com mérito. Alina pergunta qual sobrenome ele teria utilizado para a inscrição. O menino responde que, como não tem pai e não queria usar o nome do padrinho, usou o da mãe. Inscreveu-se, então, com o nome de “Paulo Maria”. O rapaz recebe a aprovação das duas mulheres. Existe, nesse ponto, a preocupação com a importância do sobrenome e da descendência. Na contemporaneidade, há o incentivo do poder público para que os pais registrem seus filhos, imediatamente, após o nascimento. Campanhas são realizadas por meio de programas televisivos e ações coletivas de magistrados, a fim de que todas as crianças nascidas possuam suas certidões de nascimento, documento primeiro de cidadania.

Questionado pela mãe, devido à intensa displicência nos estudos, Roberto retorqui:

- Ora, mamãe, é tão enfadonho estudar! Sinto logo um sono invencível! Se eu pudesse ter um emprego, sem nada aprender! exclamou, rindo ternamente e colorindo assim a indesculpável negligência.
- Não esperes semelhante coisa! Objetou Alina. Estuda para seres um homem útil e para me dares satisfação; do contrário não te querereis mais.⁶⁴⁰

Aqui, Délia apresenta uma discussão tão atual que nem as novelas televisivas, na atualidade, conseguem assumir: a possibilidade de ascensão do negro e do mestiço na pirâmide social, pela inteligência e instrução. Na denominada “era da mídia”, a televisão assume um papel de destaque na comunicação, substituindo o lugar da leitura, principalmente, na maioria das casas das populações empobrecidas. Entre os programas com maiores índices

⁶³⁸ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 21 set. 1886, p.02.

⁶³⁹ Id. *Ibid.*, p. 02.

⁶⁴⁰ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 21 set. 1886, p.02.

de audiência, estão as novelas. Apesar da discussão sobre raça e dos projetos governamentais de inclusão social e a obrigatoriedade, por conta das cotas, de atores negros aparecerem na mídia, nas novelas, os personagens negro e mestiço assumem papéis (na maioria das vezes) secundários e subalternos: empregadas domésticas, jardineiros, motoristas. Ademais, quando a personagem negra apresenta “uma certa ascensão social”, a sua imagem é desqualificada pelo mesmo motivo desencadeador da ascensão.

Na novela global “Cobras e Lagartos” (2007), a personagem “Foguinho” somente ascende quando toma o lugar de um branco. Em “A Favorita” (2008), atualmente exibida pela rede Globo, aparece uma família negra cujos membros são personagens marginais. O pai é político corrupto; a filha, inseqüente e, apesar de demonstrar consciência pelos desmandos do pai, não abre mão da vida luxuosa e dos prazeres proporcionados pelo “dinheiro sujo”; para fechar o núcleo familiar, há o filho alcoólatra.

Em *Angelina*, no capítulo IV, retornamos à história de Gustavo e à discussão sobre sua falta de moralidade e descompromisso com princípios éticos. A incompetência de Gabriela para educar e impor limites ao filho, agora com 15 anos, levou-o ao vício do jogo e à prática da delinquência. Na falta de dinheiro para dar continuidade à jogatina, o rapaz rouba. Inicialmente, pede somas de dinheiro à mãe, quando não é atendido, furta jóias e pratarias da casa. Quando os moradores percebem o desaparecimento dos objetos, Gustavo põe a culpa em um escravo da casa. No entanto, mesmo com a dispensa do suspeito, os furtos continuam. Embora não altere seu comportamento em relação ao filho, Gabriela começa a compreender que a responsabilidade sobre a má índole de Gustavo é sua. Inicia, então, uma séria vigilância sobre o rapaz, que culmina no flagrante:

Alguma coisa de dolorosa feriu a alma daquela mãe, apesar de toda a sua leviandade, ante os cautelosos movimentos daquele gatuno, que gerara nas entranhas e que, começando por furtar aos pais, acabaria, talvez, espoliando o próximo.

- Ladrão! Vociferou, trêmula de cólera. Foste tu que me roubaste as jóias e me deixaste acusar e despedir o copeiro! Não te envergonhas de fazer o que muitos negros não fazem?!⁶⁴¹

Mais uma vez, Délia inverte a construção social e cultural que emite uma imagem negativa para o negro e uma positiva para o branco. Gustavo, sem alternativa, pois a mãe subordinara o recebimento da mesada à aplicação nos estudos, decide matricula-se na Faculdade de São Paulo:

⁶⁴¹ DÉLIA. *Angelina*. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 21 set. 1886, p.02.

Coagido pela necessidade, partiu, fazendo sempre na Academia uma figura secundária, contraindo dívidas, restabelecendo pelo jogo, momentaneamente, equilíbrio em seu budjet, logo abalado por considerável desfalque, acostumando-se a viver em contínuo alto e baixo, desconhecendo a ordem, que tudo concilia.

[...]

Inconseqüente, incapaz de uma afeição sincera e duradoura, triste produto de um casal de egoístas, vazios de sentimentos, atravessou Gustavo os cinco anos do curso jurídico, a melhor fase da vida do rapaz, sem angariar um só amigo dentre os numerosos colegas, aos quais enfatiava até pela intolerável impostura.

[...]

Voltando ao Rio, depois de formado, encontrou o pai no viver de outrora, sempre imprevidente e disposto a folgar.⁶⁴²

A narradora centra suas observações no modo como o pai recebeu o filho após cinco anos de afastamento: “recebeu o filho com efusão toda acidental, falando de modo inconveniente, com burlesca camaradagem”.⁶⁴³ A narradora demonstra que a amizade entre pai e filho deve ser um sentimento cultivado diariamente, ao longo de uma existência. Porém, de modo contrário, Ignácio age em relação ao filho. Corrompido, Gustavo “aceitou o seu papel naquela comédia, falando ao pai no mesmo pé de igualdade”. Ignácio acirra ainda mais a má índole do filho, e sugere-lhe que terá um futuro promissor quando se aproximar do padrinho. O conselheiro Souza, “ex-ministro, chefe de partido e futuro senador, homem de algum merecimento, de fino trato e de bondoso coração”,⁶⁴⁴ é a pessoa a quem Gustavo deveria assediar e fazer-lhe crer que um futuro exitoso dele dependia.

A valorização do trabalho não aparece como motivo temático nos romances à época de Machado de Assis. Exemplo da percepção concedida à labuta diária está no conto “Teoria do Medalhão” (1881). Na narrativa, o escritor apresenta-nos um diálogo entre pai e filho, no dia em que o rapaz completa 21 anos, acerca da necessidade de aprender as “artimanhas” para que um homem possa ser bem sucedido sem nenhum tipo de esforço. A superioridade da classe dominante, escravocrata e latifundiária, se pauta, justamente, na diferenciação entre trabalhadores e espertalhões, que usufruíam de privilégios financeiros, sociais e culturais. Assim, Ignácio, a exemplo da personagem machadiana, aconselha o filho:

Esses homens de elevada posição, tem ambições de onipotência e regozijam-se imensamente com as gentis flexões dos que lhe são inferiores. Esforça-te por lhe conhecer o ponto vulnerável, especulando com essa paixão, até conseguires o teu *desideratum*.⁶⁴⁵

⁶⁴² DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 21 set. 1886, p.02.

⁶⁴³ Id. *Ibid.*, p. 02.

⁶⁴⁴ Id. *Ibid.*, p. 02.

⁶⁴⁵ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 22 set. 1886, p.02.

Gustavo segue os conselhos do pai à risca e, logo, advoga sob a proteção e afeto do eminente padrinho. Com isso, o rapaz obtém resultados imediatos, pois logo o conselheiro Souza “presenteia-o” com a presidência da Paraíba do Norte. A narradora comenta a política do favorecimento ressaltando a falta de escrúpulos dos políticos ao beneficiar parentes e afilhados.

Causou essa nomeação, geral espanto, principalmente entre os discípulos de Gustavo, que o conheciam de perto e que ainda uma vez se convenceram da prodigiosa utilidade do patronato em uma terra, onde a cada passo, se vê o mérito conculcado pela imbecilidade bajuladora.⁶⁴⁶

A narradora, pois, acrescenta a oposição entre aqueles que estudam muito e trabalham arduamente para conseguir um “incerto resultado”. É a denúncia de uma situação recorrente na sociedade brasileira: o nepotismo. Trata-se, portanto, de uma prática exercida nos mais altos escalões da política brasileira, ao longo da história. Por isso, ainda hoje, há dificuldade em combater esse tipo de comportamento. A tentativa mais recente de exterminar o favorecimento na esfera política partiu do Supremo Tribunal Federal, em 25 de agosto de 2008,⁶⁴⁷ ao decidir proibir a nomeação de parentes no serviço público, nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, medida extensiva à União, aos Estados e aos Municípios.

No capítulo V, Paulo e Roberto reaparecem. O filho de Maria cursa a Faculdade de Medicina, “onde continuou a ser escorraçado pelos que lhe invejavam o talento e procuravam amesquinhá-lo por causa da raça”. Todavia,

queria vencer a fatalidade do seu nascimento e nas inúmeras dificuldades que lhe atrapalhava a nobre ambição de elevar-se pela inteligência acima desses mesmos companheiros, que sempre lhe opunham a vantagem da cor branca.⁶⁴⁸

Roberto, por sua vez, está empregado como guarda-livros. Auxiliar no sustento da casa se torna questão de sobrevivência, já que a realidade financeira mudara com a falência do padrinho:

Alina, que até então, só conhecera a bastante e as comodidades, ocultou as

⁶⁴⁶ Id. Ibid., p. 02.

⁶⁴⁷ Informações retiradas do site: <http://www.jusbrasil.com.br/noticias/99442/tj-rn-nisia-floresta-profere-primeira-decisao-contranepotismo>. Acesso em 29 maio 2007.

⁶⁴⁸ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 22 set. 1886, p.02.

lágrimas para não afligir ao marido, e resolutamente trabalhou a fim de auxiliá-lo o mais possível. Nesse momento de provação teve a justa recompensa da sua generosidade para com Maria, pois tomou a liberta a mais pesada parte no labor da família, lavando roupa para fora e fazendo doces.⁶⁴⁹

Aspecto relevante para a discussão de gênero na escrita de Délia é a introdução do tema do trabalho feminino. As mulheres de classe social e econômica privilegiada precisavam ser reconhecidas pela posição social do marido, visto que não era nenhuma virtude a mulher trabalhar. Ao contrário, a prática denota, publicamente, empobrecimento familiar. Essa situação desqualifica o homem como provedor. Saliento, porém, que o assunto profissionalização feminina ganha fôlego tanto nos periódicos do século XIX quanto nas páginas dos folhetins. A imagem da mulher que trabalha sugere uma negatividade explicitada por muitos escritores.

A mão e a luva, romance de Machado de Assis, exemplifica a situação. Publicado em 1875, o narrador apresenta uma crítica bastante preconceituosa em relação ao exercício do magistério. A protagonista Guiomar, oriunda de uma classe social inferior, é retirada do colégio. A baronesa, responsável por sua criação e educação, alega que a menina já concluía os primeiros estudos, necessários a ela. Como convinha não ser professora, a personagem acata a sugestão da madrinha e não percebe como atitude positiva, ganhar seu próprio sustento, exercendo a atividade de professora. Estevão, pretendente de Guiomar, insinua que ela deveria se mostrar grata por não precisar trabalhar; diferente, por exemplo, da tia da protagonista, que por falta de opção, trabalhou até “se matar”, para garantir uma sobrevivência digna. A expressão “acabou no ofício” explicita a assertiva de que o trabalho para a mulher, pela sua fragilidade física, provocaria doenças e a morte.

A inserção da mulher no mercado de trabalho geraria, conseqüentemente, sua emancipação econômica. A personagem do folhetim de Délia não caminha nesse sentido. Porém, a importância da contribuição financeira, advinda da atividade exercida por Alina, fica explícita. Délia mostra-se consciente de que a situação ficcional implica, inevitavelmente, no futuro, na discussão sobre a necessidade de profissionalização da mulher, visto que se sobrepõem imagens positivas de trabalho feminino. A discussão, em pauta no folhetim, funciona como elemento propulsor de novos olhares sobre o debate que, concomitantemente, ocorre na sociedade. Heleieth Saffioti demonstra que havia participação efetiva da mulher no mundo do trabalho dos Oitocentos:

⁶⁴⁹ Id. Ibid., p. 02.

Segundo os dados oferecidos pelo primeiro recenseamento efetuado no Brasil, em 1872, e excluindo-se as pessoas categorizadas como sem profissão, as mulheres representavam 45,5% da força de trabalho efetiva da nação, sendo que 33,0% desse total de mulheres se ocupavam no setor de serviços domésticos.⁶⁵⁰

É evidente que Délia suscita o tema da luta da mulher por posições no mercado de trabalho, que, naquele momento, está ganhando espaço. Mostra da importância da discussão é o romance de Adolfo Caminha, publicado sete anos após *Angelina*. Em *A normalista*, o autor cearense defende a profissionalização feminina ao apresentar o magistério como horizonte possível para inserção de Maria do Carmo, pobre retirante vinda da cidade de Campo Alegre, interior da província do Ceará, com a família em direção à capital, para fugir da seca que assola o estado. Maria do Carmo, criança mestiça, desvalida e órfã, é uma estudante aplicada e, por isso, tornar-se monitora. Assim, a menina vislumbra a possibilidade de ser professora no Colégio de Aplicação. A inferência é possibilitada pela construção da Escola de Aplicação, anexa à Escola Normal, sugerindo a necessidade de mão-de-obra especializada.

Dessa forma, Adolfo Caminha, diferente de muitos escritores de seu tempo, apresenta uma perspectiva de ruptura. A natureza emancipatória se revela, principalmente, em relação à mulher, à leitura e à escola. O autor subverte a lógica patriarcal da sociedade Novecentista cearense e resgata sua personagem no desenlace da narrativa. Em *A normalista*, há a possibilidade de ascensão de uma retirante nordestina pobre, pela via do estudo, e sua inserção no mundo do trabalho. A inclusão se dá não no trabalho subalterno, mas no espaço da intelectualidade, via de regra, um locus institucionalizado de saberes.

O ingresso no campo profissional, considerado “naturalmente” masculino, provoca diversos tipos de hostilidades, principalmente, por parte das famílias que queriam suas filhas “bem casadas”. A fórmula encontrada para inibir os projetos de independência financeira é a desqualificação do trabalho feminino. O medo constante da inevitável libertação da “nova mulher”, confirmado pela paulatina saída do ambiente privado em direção ao público, e, em consequência disso, do questionamento e até mesmo da recusa, por parte de tantas, da função “natural” da maternidade e do casamento, produz um discurso que tenta a todo custo: “redefinir o lugar das mulheres na sociedade, justamente no momento em que a crescente urbanização das cidades e a industrialização abriam para elas novas perspectivas de trabalho e

⁶⁵⁰ SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976, p.238.

de atuação”.⁶⁵¹

O discurso moralizador da sociedade da época que constrói a imagem da fábrica como sendo um “antro de perdição” tenta trazer a mulher “desviada” de volta ao lar, ao refúgio seguro da família.

As tentativas de afastar a mulher da profissionalização continuam de variadas formas, desde a variação salarial ao assédio sexual. O último é, atualmente, motivo de constantes e acirrados debates e intermináveis disputas em tribunais. Na tentativa de desqualificar a mulher, muitos homens concordam que as “supostas” vítimas seriam, na verdade, “oportunistas de plantão”, “profissionais de carreira”, mulheres que se aproveitam da “fraqueza masculina” para extorquir fortunas dos acusados.

Moralidade social e trabalho feminino são termos frequentemente associados quando se tenta visualizar o passado da mulher trabalhadora. Apesar de o movimento feminista ter aberto um caminho que possibilita amplas pesquisas concernentes à visualização de mulheres, que se firmaram profissionalmente, um número expressivo continua na invisibilidade.

Délia questiona, ainda, a questão da bastardia, posicionando-se a favor dos direitos dos filhos nascidos de uniões ilícitas. Afinal de contas, conforme a narradora, em *Angelina*, ninguém é responsável pelas vilanias paternas. Além disso, Paulo “não deveria ser vilipendiado, pelo excessivo apreço que entre nós dão os homens às negras e às mulatas, nem também pela falta de sanção religiosa na ligação de seu pai com a sua desditosa mãe”. Excluído das regalias, se reconhecida a sua paternidade, Paulo sente-se muito orgulhoso em ministrar aulas complementares para os “brancos que vinham pedir auxílio ao mulato, achando-o bem claro e habilitado, dispensando-lhe toda a sorte de deferências”. Algo, porém, o aborrecia: o desprezo do pai. Em contrapartida, a afetuosidade da mãe proporciona-lhe alento para suplantar todas as vicissitudes quotidianas. Contudo, Paulo deseja conhecer o pai:

Ofegante, correu, prostrando-se como espião, em frente à casa do pai, até vê-lo sair, todo casquilho, satisfeito, fumando um ótimo havana e trauteando um tango, então em voga. Reprimiu uma exclamação de despeito, notando que o seu progenitor era um homem como os outros, bastante elegante, nada repelente, um tanto despreocupado, e mesmo ridículo, por conservar uma desenvoltura incompatível com a sua idade.

Apertou-se-lhe a garganta em horrível contrição e envergonhou-se de provir de semelhante ente: dali em diante consideraria aquele todo banal como o invólucro com que se encobre a hediondez das más intenções; fitou-o um momento apenas, porém nunca mais o esqueceria – personificava todas

⁶⁵¹ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 585.

dores passadas, presentes e futuras.⁶⁵²

No dia da colação de grau do curso de medicina, Maria se recusa a assistir à cerimônia para não causar aborrecimentos ao filho, por causa da cor de sua pele. Paulo percebe a preocupação da mãe, adverte-a de que jamais esqueceria a sua origem e sem ela o evento perderia o brilho. Após o recebimento do grau, eles vão à festa, na qual está presente Ignácio, que imediatamente reconhece Maria. Ao final da festa, na saída, esbarraram-se sem, no entanto, trocarem palavras.

No capítulo VI, há o relato do encontro de Paulo com seu pai, que o convidara, por meio de um bilhete, para encontrá-lo no Hotel Bragança. Ignácio enceta um diálogo no qual se desculpa com filho pelo abandono e revela-se arrependido. Na verdade, o objetivo de Ignácio é se aproveitar da posição atual que Paulo ocupa como médico, recém formado e com futuro promissor. O rapaz repudia a atitude do pai. Nisso, a narradora faz uma crítica contundente ao comportamento paterno e exalta o exemplo de superação dos oprimidos.

Não era, pois, o remorso, esse grito ingênito da consciência, que o impelia ao arrependimento, pungindo-o pelo desnaturado proceder, mas, unicamente, um sentimento de orgulho em patrocinar com o seu nome a superioridade de um nome por ele lançado à obscuridade, porém restituído à sociedade pelo poderoso engenho e pela elevada ambição de ser útil, primeiro aos seus e depois a si próprio, alcançando, com muito esforço, a independência e o direito de sentar-se no banquete da vida, donde são banidos os desamparados.⁶⁵³

Após o encontro com o pai, Paulo conversa com a mãe e pede os cinco mil réis que Ignácio havia dado à Maria, quando ele ainda era uma criança. Paulo usa a “irrisória dádiva paterna” para comprar um bilhete de loteria e ganha 260 contos. Quantia suficiente para que ele realize o sonho de especializar-se em clínicas e hospitais europeus. Antes de partir para o “Velho Mundo”, o rapaz arranja um lugar de guarda-livros para o padrinho e dá-lhe uma quantia considerável para que ele entre como sócio em uma loja de tecidos onde era empregado. Também, estabelece uma mesada para a mãe que permanece em companhia de Alina.

A estadia de Paulo na Europa dura cinco anos.

Estudou, admirou, comparou e divertiu-se, regressando ao Brasil na posse de valioso cabedal científico encontrando a mãe saudosa pela longa ausência e

⁶⁵² DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 set. 1886, p.02.

⁶⁵³ Id. *Ibid.*, 24 set. 1886, p.02.

feliz pela perspectiva de conservá-lo largos anos ao seu lado.⁶⁵⁴

Paulo deseja, agora, contribuir para o melhoramento do país e espera que os preconceitos em relação à sua mestiçagem estejam superados pelos conhecimentos adquiridos na longa estadia nas principais cidades européias. Paulo, no entanto, decepciona-se ao ser afrontado com a mediocridade humana. Muitos ainda manifestam evidente desconcerto ao ser atendido por um médico mestiço, colocando-o, inclusive em situações constrangedoras. O rapaz segue com o propósito de destacar-se entre os médicos brasileiros. Quando abre a vaga para a cadeira de patologia clínica da Faculdade de Medicina, Paulo inscreve-se no concurso e ocupa a vaga.

Em uma *soirée*, conhece Angelina por quem se apaixona. Ele está convicto de que será rejeitado pela cor de sua pele e por sua condição de bastardo. Entretanto, a moça também havia experimentado o mesmo sentimento em relação a Paulo, embora estivesse, igualmente, atraída por Gustavo de Castro, que via na rica herdeira a definitiva solução para o seu futuro. Ignácio de Castro e Gabriela regozijam com o anúncio do noivado e gastam, imprudentemente, por conta do futuro parentesco com a nora milionária. Paulo, por sua vez, sofre duplamente por Gustavo, mau caráter, que, além de desposar Angelina, é filho legítimo do homem que provocara todas as suas amarguras.

Dolorosamente, porém, ecoou em Paulo essa notícia que se constituía a novidade do dia, provocando-lhe assomos de cólera até contra a Providência que não protegera Angelina, e sucedendo a esta momentânea exaltação profundo abatimento.⁶⁵⁵

No ínterim, Ignácio sofre um ataque e é o filho bastardo quem presta os últimos socorros ao pai, que o havia abandonado durante toda a sua existência. Apesar dos cuidados do médico, o pai morre de congestão cerebral.

Caius, padrasto de Angelina, não vê com “bons olhos” a escolha da filha e impõe que o casamento seja com separação de bens. Gustavo oculta ao sogro a enorme decepção. Porém, acredita no seu potencial de sedutor para obter da futura esposa tudo que deseja. No dia anterior ao casamento, Angelina recebe a visita da prima Nísia, casada há um ano. Angelina discorre sobre a felicidade experimentada em ter um noivo tão afetuoso e dedicado como Gustavo. Diante das observações, Nísia alerta-lhe sobre as futuras decepções em relação ao

⁶⁵⁴ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 set. 1886, p.02.

⁶⁵⁵ Id. *Ibid.*, 06 out. 1886, p.02.

noivo:

- Ah! Minha ingênua! Não vá com tanta sede ao pote; terá muitas decepções! Creia na minha experiência; são os homens indignamente egoístas e vários declaram uma pretensiosa autoridade.⁶⁵⁶

Angelina despreza as palavras da prima, pois a considera frívola e infantil. A partir desse ponto, a narradora passa a descrever a criação de Nísia: a mãe não só cedia a todos os caprichos da menina, como incentivava seu comportamento exibicionista e fútil. Assim a narradora recrimina o tipo de educação equivocada adotado pela mãe de Nísia em confronto à educação modelar dispensada a Angelina. Casara-se Nísia com Daniel Reis, 2º oficial da secretaria do Império.

Angelina e Gustavo se casam. O sofrimento de Paulo chega ao extremo de ele pensar em suicídio. Decide, então, dedicar-se com mais afinco ainda à medicina, ganhando grandes somas de dinheiro. Ademais, promete manter-se solteiro para não legar a sua posteridade o estigma de mulato.

Angelina engravida, e Paulo é o médico chamado para fazer o parto. Nasce um menino, nomeado Jayme, para quem, Angelina, a partir de então, dedica toda a sua atenção. Assim, enquanto ela cuida e amamenta o filho, Nísia e Gustavo tornam-se amantes. Ao tomar conhecimento dos fatos, Angelina se dirige ao pai, a fim de solicitar orientação, já que intenta se desquitar. O pai, preocupado com a reputação da filha, aconselha: “É necessário proceder com todo o cuidado nesta séria determinação, pois desgraçadamente na nossa sociedade é tão melindrosa a posição de uma mulher desquitada!”⁶⁵⁷

Délia apresenta outro tema caro às mulheres do século XIX: o desquite. É sabido que ao longo dos Oitocentos foram feitas muitas solicitações de separações, sobretudo pelas mulheres que argumentam violência e abandono. Em alguns casos, inclusive, a igreja autorizou. A mulher desquitada é estigmatizada e recriminada socialmente, sem direito a novo casamento, pelo divórcio “restrito”. Em 1893 é apresentado o projeto de divórcio, porém sem êxito. Em 1912, acirra-se o debate, na imprensa e no Congresso Nacional, em prol do divórcio “amplo” com direito a novo consórcio jurídico.

Nesse ano, Andradina de Oliveira, professora e jornalista gaúcha, publica a obra

⁶⁵⁶ DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 set. 1886, p. 02.

⁶⁵⁷ Id. *Ibid.*, 06 nov. 1886, p.02,

*Divórcio?*⁶⁵⁸ Na introdução, afirma que a obra é destinada a exercer influência na opinião pública. Organizados em forma de cartas escritas por mulheres comuns, os capítulos apresentam os motivos da solicitação das mulheres: humilhações, incompatibilidade, casamento imposto, autoritarismo do marido, álcool, desvios sexuais, submissão da mulher. A feminista e abolicionista Andradina apresenta o divórcio amplo como única solução para desfazer as mazelas a que eram expostas as mulheres por conta da indissolubilidade do casamento. O divórcio, no Brasil, é legalizado apenas com a lei 6.515, de 1977. Diante da brevíssima explanação, podemos perceber o quanto teria sido difícil para Délia tratar de uma questão somente encaminhada para resolução 100 anos depois que seu folhetim foi publicado, já trazendo as questões motivadoras da necessidade de legalização do divórcio.

Gustavo procura Nísia para contar os últimos acontecimentos. Informada, ela também o abandona em busca de um novo amante. Gustavo decide partir para a Europa. Após três anos, retorna para cuidar de um problema de saúde. Paulo é chamado e diagnostica que o irmão sofre de tuberculose e sífilis. Angelina, movida pela caridade, passa a cuidar de Gustavo. Paulo procede em todos os tratamentos possíveis para salvá-lo. Todavia, Gustavo morre. Quinze dias após o falecimento, Paulo visita Angelina para certificar-se do seu estado de saúde, já que ela poderia ter sido contaminada pelo marido. Paulo procede aos exames médicos e certifica-se da saúde de Angelina. A mulher confessa ao médico ser sua grande admiradora, desde que a sogra, Gabriela, havia-lhe revelado sua trajetória. Surpreendendo ao final da narrativa, quando tudo indica que Paulo e Angelina ficarão juntos, a mulher conhece Vicente, um antigo pretendente, com quem se casa.

⁶⁵⁸ Oliveira, Andradina de. *Divórcio?*. Porto Alegre: Livraria Universal, 1912.

6. DESFIANDO OS NÓS, RECOMPONDO OS FIOS

*Ora, a astúcia de Penélope é o eco, ou melhor, a voz feminina que acolhe o gesto e responde aos méritos de Ulisses. Ao agir com a finura que ludibria os inimigos, a filha de Icário identifica-se com a arte de Ulisses e dispõe-se igualmente à fama e glória, privilégio por todos reconhecido.*⁶⁵⁹

[...]

*Fios há, como o de Ariadne, que libertam dos labirintos, lugares de alheamento, de clausura e de morte; outros, pelo emaranhado irresolúvel do nó, exigem e merecem a virilidade da espada, da espada que corta os nós górdios;[...].*⁶⁶⁰

O acompanhamento da trajetória biográfica e intelectual das escritoras estudadas na tese evidencia que, por terem nascido em famílias de elite e serem, portanto, mulheres instruídas, o universo letrado se lhes apresentou como alternativa de deslocamento do mundo privado para o público. Assim, a avaliação da produção — em forma de romances, contos, biografias, folhetins, artigos, etc. — denota que a opção dessas mulheres, por “exporem-se” na imprensa, funcionou como maneira de questionar o modelo imposto e, principalmente, como meio de reivindicar um lugar na sociedade Oitocentista.

A reconstituição do percurso intelectual de Ignez Sabino e Délia, alargando para conexões com outras escritoras, materializa uma eficaz teia, na qual se entrelaçam fios tecidos por mãos tão hábeis que, apesar de manifestarem tessituras silenciadas por longo tempo, nesse espaço, retornam com a força do reprimido. A importância do trabalho intelectual, produzido e divulgado na imprensa brasileira e portuguesa, exhibe o reconhecimento das escritoras em sua época, e, concomitantemente, o rompimento de elos de uma corrente. Apesar da exclusão de seus nomes das histórias literárias, hoje sabemos que elas produziram muito e apresentavam ampla noção do que era uma rede intelectual.

A leitura e análise do material pesquisado mostram que elas mantiveram ligações concretas tanto na vida quanto na obra, verificadas através da evidência de marcas em seus textos, permeados por uma rede de informações, que interligava discursos e práticas culturais,

⁶⁵⁹ SERRA, José Pedro. A teia de Penélope. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.) *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa: Colibri, 2003, p. 20.

⁶⁶⁰ Id. *Ibid.*, p. 25-26.

políticas e ideológicas. A rede de relações denuncia a existência de vozes que interagiram, traduzindo uma identidade partilhada pelas escritoras. Nas trocas, compõe-se a teia que, desde aquele período, estabelece contatos informacionais com objetivos de esclarecer as leitoras, tornando-as capacitadas a efetivarem reivindicações dos direitos femininos. Esse trabalho, quase invisível, pode ser comparado àquele efetivado na natureza pelas formigas, aranhas e abelhas.

Seres considerados insignificantes, mas que, unidos e organizados, constroem vagarosamente suas moradias, recolhem pacientemente seus alimentos e fortalecem suas comunidades, agindo coletivamente. A estratégia da “união faz a força” produziu efeito devastador que provocou a transformação do mundo feminino, culminando em um projeto feminino de emancipação educacional, ideológica e política que não se circunscreveu ao século XIX, pois se tornou referência motivadora para a onda feminista do século XX, que desencadeou os movimentos feministas da década de 1960.

Ao escrever para jornais, produzir textos ficcionais e ensaios críticos, as escritoras Oitocentistas forçaram, conscientemente, a inserção de temas polêmicos como aborto, prostituição infantil, pedofilia, violência contra a mulher, discriminação racial, adoção, etc. A rede estabelecida entre escritoras é mencionada por Ívia Alves.⁶⁶¹ Conforme a pesquisadora baiana, o diálogo temático, produzido na prosa, sinaliza preocupações sociais comuns às escritoras de diversas regiões do país, no caso, Délia e Ignez Sabino. Essa seria uma estratégia para driblar a crítica masculina, que, preconceituosa, recriminava as escritoras que abordavam temas polêmicos ou considerados pouco dignos de povoarem o universo da escrita feminina.

Na imprensa, as discussões foram norteadas por posicionamentos divergentes entre as próprias mulheres, que contestavam ou ratificavam os padrões estabelecidos para elas. O envolvimento das mulheres estava baseado no apoio mútuo de reconhecimento na organização dos grupos de escritoras e em critérios e práticas sociais informais, em que atuaram com intento de organizar uma “identidade assumida entre pares”. As estratégias são informações, citações, referências e notas biográficas mútuas. Os suportes à divulgação pública dos apoios são os prefácios e epígrafes, dedicatórias, agradecimentos e preâmbulos, em livros de poesias ou narrativas. A formação de grupos entre as escritoras segue a mesma lógica utilizada pelos homens: estratégia de mútuo apoio, baseada na “autocultuação” e na “cordialidade” entre seus membros. Lembremo-nos de todas as ações desenvolvidas pelos escritores brasileiros no século XIX: os românticos do grupo da *Revista Niterói* (1836); os

⁶⁶¹ ALVES, Ívia, 2002.

realistas da *Boêmia Dourada* (1895) e o grupo de formação da *Academia Brasileira de Letras* (1896). Assim, para valorizar a atividade literária feminina e legitimar a “pertença” ao grupo de letrados, a fim de alcançar consagração, elas se organizaram em paralelo à literatura canônica.

Entendemos que as pioneiras na defesa dos direitos femininos desenvolveram um trabalho emancipatório considerável para os futuros movimentos feministas. As expressões de solidariedade feminina — elogios mútuos, divulgação das obras publicadas, realização de perfis e biografias — tão comuns na imprensa produzida por mulheres significou um capítulo de nossa cidadania.⁶⁶²

Posteriormente, como reflexo dessa atitude, surgem as Academias Femininas de Letras, pois o reduto dos imortais das letras continua sendo uma instituição majoritariamente masculina, mesmo em pleno século XXI, tempos ditos de sociedades inclusivas. O problema, então, não diz respeito ao passado remoto, já que, no presente, essas práticas continuam exigindo reflexões. Sobre o trabalho desenvolvido nas academias literárias femininas, cabe aqui enfatizar a intensa dedicação e persistência de Hilda H. Flores junto à Academia Literária Feminina, de Porto Alegre (RS). Primeira totalmente feminina no Brasil, a instituição foi fundada em 12 de abril de 1943, por Lydia Moschetti — poetisa, teatróloga, romancista —, nascida na pequena cidade de Guaporé, situada na serra gaúcha. No período de sua fundação, a academia objetivava: proporcionar um espaço onde os talentos literários femininos fossem reconhecidos, visto que a presença feminina nos quadros das Academias de Letras no Rio Grande do Sul era irrisória; reunir lideranças femininas para discutir e traçar estratégias contra a “discriminação ainda dominante na época, reminiscência do machismo histórico, fortalecido no Rio Grande do Sul pelo positivismo do fim do século XIX”.⁶⁶³

A discriminação contra a mulher letrada não é uma atitude particularizada da sociedade gaúcha. A primeira mulher a assumir o cargo de presidente na Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro, foi a escritora Nélida Piñon, em 1996. Hilda Flores — a quem tive o prazer de conhecer no momento em que ela estava empenhada em conseguir verbas para reformar o prédio onde funciona a academia — continua ampliando a rede iniciada por Lydí Moschetti. Prova do seu incessante trabalho é a publicação anual da *Revista Presença Literária*.

⁶⁶² LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia* (1870-1920). Salvador: Quarteto, 2005, p. 98.

⁶⁶³ FLORES, Hilda A. Hubner. A sexagenária caminhada acadêmica. In: _____ (org.) *Presença Literária*. Porto Alegre: Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul/ EDIPLAT, 2003, p. 71-72.

O modo como as escritoras passaram a se articular em referências recíprocas e na valorização da atuação feminina, em diversos campos do saber, mostra que elas estavam convictas de que precisavam de um espaço privilegiado para a divulgação das idéias e conquistas femininas. Ademais, sabiam que os homens não cederiam seu espaço, tão facilmente, para elas. Assim, a denominada imprensa feminina, do século XIX, torna-se o local privilegiado de ação. Os periódicos dirigidos por mulheres veiculam, quase exclusivamente, colaborações femininas e divulgam a produção das escritoras de diversas regiões do país. A realização da permuta compreende tanto a troca de jornais como de artigos ou de publicações literárias, sendo, portanto, um fenômeno social. A articulação permitiu, no século XX, que pesquisadores(as) pudessem identificar os grupos femininos que atuaram em vários estados/regiões. Para comprovar a assertiva, basta nos determos aos nomes das colaboradoras dos periódicos e à diversidade de estados onde viveram. Por conseguinte, a abrangência do intercâmbio contemplou inclusive outros países, como é o caso de Portugal, representado nos nomes de Maria Amália Vaz de Carvalho e Guiomar Torrezão.

As escritoras, constantemente, fazem referências mútuas em artigos, poemas, contos e livros dedicados umas às outras. Ignez Sabino dedica algumas narrativas de *Contos e Lapidações* às suas contemporâneas: “A Casa deserta” é dedicada a Josefina Álvares de Azevedo e “A Órfã”, a Revocata de Mello. Também o conto “Paisagem Brasileira”,⁶⁶⁴ de *Noites Brasileiras*, é oferecido à escritora portuguesa Guiomar Torrezão. A ampla pesquisa feita por Ignez Sabino, em *Mulheres ilustres do Brasil*, sobre escritoras e suas produções literárias, bem como sobre mulheres que tiveram participação ativa nos movimentos políticos e sociais brasileiros, é referência exemplar da preocupação que Ignez tinha com o apagamento dos nomes de mulheres importantes para a reconstrução da história social, cultural e intelectual do Brasil.

Como demonstrado ao longo da pesquisa apresentada, Ignez Sabino, Prisciliana Duarte de Almeida, Revocata e Julieta de Mello, Andradina e Lola de Oliveira, entre outras proprietárias e redatoras dos jornais, identificaram seus pares através de estratégias que fortaleceram a rede. Diversos mecanismos foram acionados para se circunscrever e delimitar a unidade de um grupo social baseado em relações pessoais e informais. A consolidação da “corrente” possibilitou a composição de um grupo cada vez mais crescente de mulheres que, muitas vezes, não se conhecendo pessoalmente, liam textos umas das outras e trocavam idéias sobre o conteúdo, por meio de publicações de artigos e cartas que enviavam às redações dos

⁶⁶⁴ SABINO, 1897, p.10-15.

jornais.

A divulgação das publicações das escritoras se fez, principalmente, a partir de obras enviadas às redações dos periódicos ou às suas redatoras. Na Biblioteca de Rio Grande (RS) existe um exemplar da 1ª edição do romance *Lésbia*, de Délia, com dedicatória da autora, na contracapa, enviado à redatora do *Corymbo*, segundo a qual: “À distinta escritora D. Revocata de Mello, oferece a autora. Rio de Janeiro, novembro de 1890”. Os livros recebidos eram lidos e comentados, posteriormente, em alguma nota ou artigo publicado no jornal, de autoria das redatoras ou articulistas do periódico, que os recomendava para leitura. Esse é o caso de Maria Clara Cunha Santos, em *A Mensageira*, na coluna “Carta ao Rio”, ao informar às suas leitoras sobre o recebimento do livro *Noites Brasileiras*, de Ignez Sabino.⁶⁶⁵ A indicação de leituras foi, muitas vezes, incentivada, também pela publicação de excertos de obras, como acontece com a série de trechos dos livros de Maria Amália, publicados em *A Mensageira*.⁶⁶⁶ Na mesma revista, Maria Clara comenta, na coluna “Carta ao Rio”, dois artigos da escritora portuguesa, publicados no *Jornal do Comércio*.⁶⁶⁷ O *Almanaque das Senhoras* publica artigos de Revocata e Julieta de Mello Monteiro e de colaboradoras, como Ignez Sabino.

As informações sobre os jornais recebidos, e com os quais realizavam permuta, tinham um espaço reservado nos periódicos. A ênfase é dada aos periódicos editados por escritoras, particularmente, aqueles dirigidos por suas colaboradoras, ou dedicados ao público leitor feminino. A estratégia de divulgação das proprietárias dos jornais femininos era endereçar exemplares dos periódicos para jornais localizados em diversas partes do país. Em retribuição, aqueles veículos contemplados expediam seus respectivos jornais. Na coluna “Expediente”, as proprietárias do *Corymbo* registravam os agradecimentos pelo envio dos exemplares recebidos. A prática incentivou as redatoras a criarem, em 1889, a coluna fixa “Recebemos”.⁶⁶⁸ Em março de 1898, *A Mensageira* utiliza igual estratégia. Na coluna “Recebemos e Agradecemos”, notifica o recebimento de vários periódicos, entre eles, o *Corymbo*.⁶⁶⁹ Em maio, no mesmo ano, é publicada outra nota de agradecimento. Agora, pelo envio do jornal *Escrínio*.⁶⁷⁰

As partilhas de periódicos possibilitaram as trocas de colaborações e artigos entre

⁶⁶⁵ SANTOS, Maria Clara Cunha. Carta ao Rio. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, n. 15, p. 69-70, anno I, 15 dez. 1897.

⁶⁶⁶ Excertos publicados em *A Mensageira*, nas seguintes datas: 30 maio 1898, p.251-252; 31 jul. 1898, p.316; 15 ago. 1898, p. 335; 30 ago. 1898, p. 347-8.

⁶⁶⁷ *A Mensageira*. [s.l.], v. I, n. 21, p. 321, anno I, 15 ago. 1898; v. II, n. 30, p. 120-122, anno II, 15 ago. 1899.

⁶⁶⁸ PÓVOAS, 2005, p. 127.

⁶⁶⁹ *A Mensageira*, [s.l.], n. 11, p. 175, anno I, 15 mar. 1898.

⁶⁷⁰ *Ibid.*, [s.l.], n. 15, p. 240, anno I, 15 maio 1898.

suas autoras. A rede se fortalece conforme os jornais circulam de um Estado para outro, proporcionando às escritoras o conhecimento de diversas produções intelectuais. Estabelecido o contato, elas permutam seus textos, a fim de serem publicados em locais distintos daqueles onde estão estabelecidos. Como exemplo, cito o conto “O azarias”,⁶⁷¹ de Prisciliana Duarte de Almeida, publicado no *Escrínio*; e “O Armador”,⁶⁷² de Andradina de Oliveira, dedicado a Júlia Lopes de Almeida e Adelina L. Vieira, publicado em *A Mensageira*. O último texto compõe a coletânea, de 24 contos, intitulada *Preludiando*.⁶⁷³

No número seguinte da revista, há um estudo, de autoria do escritor baiano Damasceno Vieira, sobre a mencionada coletânea. Vieira, de início, comenta os “traços physiomicos” da escritora, usando como fonte uma matéria publicada no jornal *Corymbo*, datada de 13 de junho de 1891. Segundo ele, Andradina ficou conhecida por sua colaboração no *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre, pela série de artigos de combate, publicada em fins do ano de 1890, intitulada “Defeza da Mulher”. A respeito da grande quantidade de nomes de escritoras contemporâneas a quem são oferecidos os contos — entre eles está Ignez Sabino — Damasceno retruca: “Não precisa D. Andradina que tantos nomes lhe sirvam de égide: a aceitação que almeja para o seu primeiro livro está no mérito da própria obra.”⁶⁷⁴ Oferecer uma obra ou parte dela a outras escritoras como estratégia de fortalecimento da rede de intercâmbio é procedimento comum não só entre as mulheres, como já foi mencionado anteriormente. O comentário de Damasceno é, portanto, o próprio sistema falocêntrico tentando solapar a estratégia feminina de circulação dos nomes de escritoras e, conseqüentemente, a inclusão à cultura, às letras, e ao poder.

A estratégia, para que as leitoras conhecessem tanto as escritoras nacionais quanto as de outros países, era a publicação de biografias e retratos, já que trazia informações às leitoras da fisionomia de escritoras residentes fora da região onde era editado o jornal. Dessa forma, a coluna “Galeria do *Corymbo* – Retratinhos”, publicada entre os anos de 1891 e 1893, assinada por *O Pincel Ignoto*, publica o “Retrato XXI”, jocosamente desenhado, de Ignez Sabino. À medida que desvendamos a “fisionomia” da autoria, fortalecemos sua existência histórica, tanto como pessoa como pseudônimo ou invenção. Se conseguirmos provar a materialidade do “criador”, comprovamos a historicidade de sua existência. No caso das escritoras, resalto a importância da divulgação de fotos, retratos, etc., pois a tentativa de deletar suas obras deu-

⁶⁷¹ ALMEIDA, Prisciliana Duarte de. O azarias, *Escrínio*, Porto Alegre, 16 abr. 1910, p. 3.

⁶⁷² *A Mensageira*, [s.l.], n. 21, p. 328-333, anno I, 15 ago. 1898.

⁶⁷³ OLIVEIRA, Andradina de. *Preludiando*. Rio Grande: Trocadero, 1897.

⁶⁷⁴ VIEIRA, Damasceno. *Preludiando: contos de D. Andradina de Oliveira*. *A Mensageira*, [s.l.], n. 22, p. 340-345, anno I, 15 ago. 1898.

se, também, em nível de apagamento de suas corporeidades.

A Mensageira mostra, sob a autoria de Pelayo Serrano, o texto “Ainda um assunto Feminino”,⁶⁷⁵ no qual o autor escreve notas biográficas de algumas escritoras brasileiras, entre elas Sabino e Bormann. Ainda nesse periódico e com o mesmo título, Damasceno Vieira traça o perfil biográfico de Julieta de Mello Monteiro.⁶⁷⁶ Júlia Lopes de Almeida, outra colaboradora da revista, publica em duas partes, no jornal *A Estação*, um longo artigo sobre Maria Amália Vaz de Carvalho.⁶⁷⁷ N’*A Mensageira* aparecem, ainda, alguns comentários biográficos, sem autoria, sobre Maria Amália na coluna “Notas pequenas”;⁶⁷⁸ e um texto de Júlia Lopes de Almeida, comentando sobre a morte de Guiomar Torrezão e seu trabalho como escritora.⁶⁷⁹ Dez anos antes, a mesma Júlia escrevera outro artigo sobre a escritora portuguesa, na seção “Variedades”, do jornal carioca *A Estação*.⁶⁸⁰ Guiomar Torrezão escreve uma biografia da autora do romance *Memórias de Marta*.⁶⁸¹ Também o *Escrínio* publica uma nota com foto de Maria Benedita Câmara Bormann.⁶⁸² Por sua vez, o *Almanaque das Senhoras* publica nota sobre a revista paulista⁶⁸³ e um texto sem autoria sobre sua redatora.⁶⁸⁴ Os jornais também difundiam acontecimentos sociais, como nascimento de filhos, casamentos, mortes de familiares, viagens, etc. Também havia as publicações de necrológios, maneira de homenagear as escritoras mortas, como é o caso do texto sobre Ignez Sabino.⁶⁸⁵

Apesar das particularidades que identificavam cada jornal feminino — uns explicitamente envolvidos com a causa feminista e outros voltados à transmissão de regras educativas —, eles perseguiam o propósito comum de abrir espaço no mundo letrado, onde as mulheres pudessem emitir opiniões sobre assuntos que lhe diziam respeito diretamente e serem lidas por suas “companheiras de sexo”, conforme referência de muitas articulistas dos jornais femininos.

⁶⁷⁵ SERRANO, Pelayo. Ainda um assunto feminino. *A Mensageira*, [s.l.], n. 09, anno I, 15 fev.1898.

⁶⁷⁶ VIEIRA, Damasceno. Ainda um assunto feminino. *A Mensageira*, [s.l.], n. 34, p. 189-192, anno II, 15 nov. 1899.

⁶⁷⁷ ALMEIDA, Júlia Lopes de Almeida. Maria Amália Vaz de Carvalho. *A Estação*, 15 out. 1889, p.18; 31 out. 1889, p.15-16.

⁶⁷⁸ *A Mensageira*. [s.l.], v.I, n. 12, p. 189-190, anno I, ‘Notas Pequenas’, 31 mar. 1898. ALMEIDA, Julia Lopes de. Guiomar Torrezão. *A Mensageira*. [s.l.], v. II, n. 25, p. 21, anno II, 15 fev. 1899; p. 115, 15 jun. 1899.

⁶⁷⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de Almeida. Guiomar Torrezão. *A Mensageira*. v. II, n. 28, p. 73-76, anno II, 15 maio 1899.

⁶⁸⁰ ALMEIDA, Júlia Lopes de. Guiomar Torrezão. *A Estação*, 31 mar. 1889. Variedades, p.13-14. Acervo da Biblioteca Nacional.

⁶⁸¹ TORREZÃO, Guiomar. Júlia Lopes de Almeida. *Almanach das Senhoras* para o ano de 1898. Lisboa, p. 3-11, 1897.

⁶⁸² *Escrínio*, Santa Maria, anno X, n. 09, 13 nov. 1909.

⁶⁸³ *A Mensageira*. *Almanaque das Senhoras* para 1899. Lisboa, p. 81-86, 1898.

⁶⁸⁴ D. PRISCILIANA Duarte. *Almanaque das Senhoras* para 1908. p.145-147, 1907.

⁶⁸⁵ *Corymbo*, Rio Grande, 31 dez. 1914.

Nesse sentido, o exemplo da trajetória intelectual, jornalística e literária de Ignez Sabino é paradigmático. Sua ativa relação com entidades literárias e com associações filantrópicas e de mulheres demonstra a intensidade da atuação das escritoras; outrossim, contribui para ampliar os horizontes de expectativas de muitas leitoras do século XIX que, “espremidas” em seu “cadinho”, começam a desvelar outras geografias: locais, regionais, internacionais. Essas mulheres, que tinham “dedicação exclusiva” ao lar, ao descortinarem o mundo aberto pela leitura e discussões encetadas nos periódicos femininos ou nos textos escritos por mulheres em outros jornais, começam a se envolver em atividades fora do mundo doméstico, descortinando uma infinidade de práticas femininas possíveis: sejam na esfera da ação social ou na profissionalização.

As atividades desenvolvidas pelas “mulheres de letras”⁶⁸⁶ não se limitavam a exercícios literários. Havia uma estreita ligação com outras esferas políticas e sociais. Elas se envolviam, por exemplo, em ações filantrópicas. As associações filantrópicas desempenharam grande papel na formação de uma consciência feminista e nesses espaços as mulheres puderam forjar organizações femininas mais complexas. O trabalho caritativo livrava as mulheres burguesas de sua existência inútil e servia como justificativa à saída para o mundo público.

Como se pôde notar, o objetivo, ao longo deste estudo, foi apresentar alguns jornais, evidenciando, por meio da recuperação dos textos escritos por Ignez Sabino e Maria Benedita Câmara Bormann a existência de uma rede interativa, materializada pelos periódicos, enquanto veículo de comunicação. A corrente, feita de elos de diferentes lugares e características, sobreviveu por um longo período, com importância e representatividade significativa na imprensa brasileira do século XIX, a ponto de estabelecer riscos às estruturas falocêntricas. Essas mesmas estruturas providenciaram seu desaparecimento. No entanto, nem sempre obtiveram êxito, pois restaram vestígios e possibilidades de investigação futura — a exemplo de muitos dos jornais aqui apresentados. Na luta pela reunião de textos dispersos, torna-se indispensável à formação de uma outra rede: a da solidariedade entre os pesquisadores, que se dá através da troca de informações em eventos e e-mails, ou, ainda na ampliação de horizontes, quando se oportunizam acesso aos acervos e às bibliotecas pessoais.

O cotejo entre os textos ficcionais e jornalísticos estudados, ao cruzar informações;

⁶⁸⁶ Essa expressão contempla as “poetisas, jornalistas, dramaturgas, autoras de romances, de contos, de livros didáticos, de manifestos, de pareceres e também tradutoras de vários idiomas com publicações no exterior”. Cf. BERNARDES, 1988, p.98.

avaliar conteúdo, referências autorais e biográficas, filiação literária, relações intertextuais; investigar as inter-relações entre as autoras, em termos de temas abordados e posicionamentos ideológicos assumidos, permitiu constatar circunstâncias e particularidades extrínsecas e intrínsecas que ocasionam convergências e divergências, observadas nos textos das escritoras. O conjunto da obra das duas escritoras, Ignez e Délia, estabelece, entre si, relação de pertença comunitária, através de cuja leitura se revela a existência de vozes uníssonas e de um discurso interativo, traduzidos em identidade partilhada pelas escritoras.

Sabino colabora assiduamente na imprensa feminina enquanto a mais expressiva participação de Bormann está desvinculada dessa imprensa específica.⁶⁸⁷ Contudo, em seus textos, Bormann trata quase que exclusivamente dos mesmos temas abordados nos textos publicados na imprensa feminina: preocupação com os deserdados da fortuna, com os escravos, com a posição subalterna imposta às mulheres, etc. Os textos de Délia são provocativos, principalmente, pelo pioneirismo em tratar de “temas proibidos” — aborto, prazer feminino, violência masculina contra a mulher, abuso sexual — e na coragem de ser porta-voz de uma coletividade feminina silenciada. Ao transgredir o paradigma feminino de sua época, construindo personagens muito fortes, que escapam aos padrões forjados para a época, Délia foi, estrategicamente, esquecida, e suas obras obscurecidas. Maria Benedita Bormann não deveria ser exemplo seguido, pois se constituía em uma ameaça ao, aparentemente, sólido projeto social patriarcal burguês. A obra de Délia, intensa, inteligente, instigante, pode até apresentar reminiscências naturalistas, mas, fundamentalmente, manifesta a ousadia de quebrar o estabelecido, mostrar o novo, propor “outra possibilidade de mulher, independente e criativa”.⁶⁸⁸

A obra de Sabino sustenta uma rede de intensa troca cultural entre as mulheres brasileiras e portuguesas, através da colaboração em revistas e jornais e participação ativa em sociedades filantrópicas e femininas. A busca por afirmação social no âmbito das letras deu-se, principalmente, no espaço da imprensa onde pôde discutir amplamente questões literárias, como também exercer sua militância feminista reivindicando espaços onde as mulheres pudessem atuar. Nesses espaços, sua luta pelos direitos individuais de índios, escravos, mulheres, crianças, viúvas —os marginalizados economicamente — foi intensa e permanente. Apesar de pertencer a uma classe social privilegiada, a autora não se esquivou de enfrentar os

⁶⁸⁷ Apesar de haver indicações, de pesquisadores anteriores, de que a escritora gaúcha publicou em periódicos femininos, e de encontrar pequenas notas nos próprios jornais, indicando que Bormann era colaboradora, não consegui encontrar nenhum texto.

⁶⁸⁸ BRANCHER, 1991, p. 194.

problemas sócio-econômicos dos menos favorecidos, alertando suas leitoras para a necessidade de reverter o estado de miséria a que estavam submetidos os desvalidos, como pudemos perceber ao longo dos textos apresentados neste estudo.

Em suas produções, sejam literárias ou artigos de jornais, a autora sempre retrata questões da sociedade brasileira de seu tempo: guerra, questões femininas como voto e divórcio, escravidão. Nesse aspecto, destaca-se a sua atuação a favor da abolição da escravatura como membro militante da *Sociedade Ave Libertas*, do Recife. Comparando Ignez Sabino à Júlia Lopes de Almeida, Zahidé Muzart, conclui: “[...] lutadoras a sua maneira, desempenharam o papel necessário à construção de futuras liberdades para as mulheres brasileiras”.⁶⁸⁹

A produção jornalística de Ignez Sabino revela uma proposta de construção de uma literatura que promovesse a imagem da mulher leitora, como interlocutora de sua obra na medida em que suas “patrícias” se instruísem e pudessem interferir no destino da nação. Sua opção por dialogar com as “companheiras de sexo” denota comprometimento com a causa feminino/feminista. Dedicando-se à “literatura para mulheres”, Ignez Sabino assume uma postura político-pedagógica que pode ser notada na quase totalidade de seus textos, divulgados em diversos espaços: prólogos dos romances; títulos, dedicatórias e/ou temas recorrentes. Os preceitos contidos na moralidade cristã e os princípios estabelecidos para o comportamento social das mulheres e, particularmente, das jovens eram matéria constante da escrita de Sabino e deveriam ser observados por aquelas que desejavam assumir uma posição de destaque na sociedade onde viviam.

Apesar de deixar claro que a profissionalização da mulher escritora não poderia ascender à categoria de substituta das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos e o marido, Ignez Sabino assume a escrita de um texto marcadamente feminino como estratégia político-ideológica de enfrentamento com o masculino. É publicando textos, em sua grande maioria, nos jornais femininos, que ela constrói modelos de afirmação da identidade feminina dentro do que é possível construir por mulheres no conturbado final do século XIX e limiar do século XX. Esse *ethos* feminino vai se apresentando como parâmetro para que a mulher tenha subsídios para tomar as decisões acertadas e “não se perder”, em meio às propostas finisseculares de emancipação feminina: profissionalização, divórcio, voto, elegibilidade. Pode parecer um discurso contraditório, mas era justamente essa discrepância que marcava esse “tempo das mulheres”. Tempo de avanços e recuos estratégicos, de afirmações e

⁶⁸⁹ MUZART, 2000, p. 596.

negações, de entraves e negociações. Ignez, por exemplo, em um texto defendia a necessidade de a mulher obter conhecimento mesmo que seja para se tornar uma mãe qualificada para educar os filhos que serão a pedra de toque da nação. Em outros, solicitava que as mulheres tivessem cuidado com as novas idéias em relação aos questionamentos sobre o papel da mulher na família.

A imprensa visou, em primeira instância, difundir nomes de escritoras e suas obras, ou seja, criar um espaço onde as mulheres pudessem ser respeitadas e valorizadas por sua competência intelectual e não apenas como filhas, irmãs, esposas, mães e avós. Em seguida, envolveu-se em discussões em torno de questões como a abolição da escravatura e as ações dos movimentos filantrópicos. Reivindicou direitos sociais e políticos para as mulheres tais como: educação, no que se refere à situação do ensino e da alfabetização no país, dando ênfase à luta contra o analfabetismo feminino; voto; exercício profissional; participação política; e até o divórcio. Assim, trata de temas como a situação da mulher, o feminismo, a identidade feminina, a condição feminina, a representação das mulheres, a luta pelos direitos iguais, mas principalmente, consolidou uma rede que aglutinou muitas escritoras de diversas partes do país a partir de interesses e objetivos comuns.

Os periódicos femininos lançaram nomes desconhecidos de escritoras locais, bem como reuniram colaborações de escritoras de diversas partes do país e do exterior, constituindo-se num “ponto de encontro” entre as diversas mulheres que atuavam na literatura, formando uma “rede feminina”. Atualmente, na linguagem da informática, há uma “rede de relacionamentos”, que se apresenta, a exemplo, no *orkut*. Ou seja, existe uma cadeia de nomes, na qual um puxa outro, estabelecendo a inter-relação de dependência entre pares, pois a digitação de um nome que consta na lista do(a) usuário(a) possibilita a localização de sucessivos nomes, que se encontram correlacionados.

Na contemporaneidade, as novas configurações de REDES femininas continuam agregando esforços e conquistando espaços de discussões para elaborações de projetos que se concretizam em ações práticas que interferem no cotidiano das mulheres. Congressos, simpósios, seminários e grupos de estudos proliferam em todo o mundo para discutir questões relativas ao universo feminino. No Brasil, redes feministas acadêmicas se formam. Desde instituições, notadamente, de cunho literário como a ANPOLL,⁶⁹⁰ ao Projeto Fazendo Gênero, que amplia suas discussões para diversas áreas numa perspectiva multidisciplinar: pedagogia,

⁶⁹⁰ PORTAL DA ANPOLL. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/portal/>>. Acesso em 25 de agosto de 2008.

sociologia, psicologia, direito, entre outras, como aconteceu no Seminário de 2007,⁶⁹¹ no qual discutimos, inclusive os meios legais de auxílio e proteção contra a violência masculina a que, em pleno século XXI, as mulheres continuam sendo submetidas.⁶⁹² Cito, também, a REDOR,⁶⁹³ Rede Feminista Norte e Nordeste – Mulheres e Relações de Gênero; a REDEFEM⁶⁹⁴, Rede Brasileira de Estudos Feministas; a AMB⁶⁹⁵, Articulação de Mulheres Brasileiras e o Fórum de Organização de Mulheres Negras.⁶⁹⁶

É preciso reeditar continuamente nomes de mulheres que romperam as barreiras dos limites do seu tempo e conseguiram impor-se enquanto intelectuais e, mais precisamente, cidadãs. Seus nomes devem ser inseridos na história da humanidade, a fim de que possamos tomá-las como espelho e, assim, nos encorajarmos para empreender a luta, ainda, existente da discriminação sexual. Os fatos e dados atuais revelam inúmeras práticas diretas ou sutilmente discriminatórias que, ainda, atingem as mulheres.

Diante de um material tão vasto e multiforme, recuperado durante todo o processo da pesquisa, torna-se impossível fechar a questão proposta nesta tese: aquela que dizia respeito ao imbricamento de escritoras brasileiras e portuguesas. Enredada num labirinto de difícil acesso, a pesquisadora aceitou o jogo de revelar/velar, onde o prazer não poderia encontrar a saída, mas, sim, seguir os rastros deixados. O plano estratégico inicial exigiu paradas, recuos, avanços, devidos as armadilhas que, em dadas ocasiões, foram sendo desarmadas; todavia, em outras, nem tanto...

Desvendar as relações entre essas mulheres não foi tarefa fácil e admito, que ainda esteja em suspenso. Tenho consciência dos limites da amplitude da pesquisa: um complexo

⁶⁹¹ SEMINÁRIO INT. FAZENDO GÊNERO. Disponível em <<http://www.fazendogenero7.ufsc.br>>.

⁶⁹² As Delegacias de Mulheres, surgidas a partir de 1896, foram criadas justamente porque nas delegacias tradicionais, nós, as vítimas de violência sexual e/ou corporal, em vez do tratamento de vítimas, éramos concedido o de vilãs pelos homens que ali nos recebiam. Congressos, simpósios, seminários e grupos de estudos proliferam em todo o mundo, para discutir os meios legais de auxílio e proteção contra a violência masculina a que, em pleno século XXI, somos ainda submetidas. Mas, a violência continua. Prova disso foi a necessidade de se criar uma lei específica para proteger a mulher contra a violência. A Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, tem como objetivo coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. A lei é denominada “Maria da Penha”, em homenagem ao caso nº 12.051/OEA, de Maria da Penha Maia Fernandes, agredida pelo marido durante seis anos. Cf. LEI MARIA DA PENHA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha>. Acesso em 13 ago. 2007.

⁶⁹³ REDOR - Rede Feminista Norte e Nordeste – Mulheres e Relações de Gênero. Disponível em: <<http://www.redor.ufba.br/>>. Acesso em 05 jul. 2007.

⁶⁹⁴ REDEFEM - Rede Brasileira de Estudos Feministas. Disponível em: <<http://www.redefem.ufrgs.br/info.php>>. Acesso em 18 out. 2007.

⁶⁹⁵ AMB - Articulação de Mulheres Brasileiras - <<http://www.articulacaodemulheres.org.br/>> Acesso em 07 abr. 2007.

⁶⁹⁶ FÓRUM DE ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS. Disponível em: <<http://www.mulheresnegras.org/ConBeij.html>> Acesso em: 14 dez. 2007.

emaranhado de textos inéditos, agora, digitalizados, que, talvez, precipitadamente, (como é natural no início) pensei poder desenhar e engendrar uma trama organizada e harmônica. Hoje, quando olho para o mosaico de cópias de jornais impressos e cópias de livros de autoras do século XIX no meu gabinete de leitura e pesquisa, bem como uma infinidade de CDs onde constam o material digitalizado por bibliotecas do Brasil e Portugal, compreendo, perfeitamente, que alcancei, até o presente momento, a ponta do novelo.

Vejo-me com o mesmo olhar inquiridor de meu filho (no ano de 2000, com nove anos de idade, época da conclusão da minha dissertação de mestrado), dirigido àqueles papéis espalhados no nosso pequeno apartamento. Apenas uma questão nos diferencia: ele, agora, mais maduro, tem as respostas para o fato de eu juntar tantos “papéis velhos”, enquanto eu tento, apenas, nesta (in)conclusão, arrematar os fios para que a rede não se desteeça e a teia não se desmanche. São apenas motivações para que, em outro momento, com outras leituras, tudo possa ser começado de novo e outra vez, como o labor de Penélope ou pelo fio de Ariadne, tentar encontrar a saída do labirinto de tantas “janelas abertas” .

O resgate e a leitura dos textos das escritoras revelam que elas foram mulheres que marcaram sua época e conseguiram enxergar para além dos muros protegidos de seu pequeno mundo – o lar –, rompendo o bloqueio e dirigindo-se, inevitavelmente, à rua. As escritoras contestam o estereótipo produzido ideologicamente pela cultura e apresentam um tipo de mulher caracterizada pela não-aceitação do modelo estabelecido como natural. Desnaturadas e insurgentes, portanto, foram todas que infringiram o código de moral da sua época, contribuindo, efetivamente, para que hoje possamos estar aqui recontando suas histórias de vida, ao passo que reescrevemos a nossa própria história, a partir de micro-narrativas, sempre plurais, feitas de olhares.

REFERÊNCIAS

- A MENSAGEIRA. *Almanaque das Senhoras* para 1899. Lisboa, p. 81-86, 1898.
- ABREU, Márcia. A vigilância das idéias no Rio de Janeiro. In: _____. *Os caminhos dos livros*. Campinas: FAPESP, 2003.
- ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista: autobiografia literária em forma de carta*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de Almeida. Maria Amália Vaz de Carvalho. *A Estação*, 15 out. 1889, p.18; 31 out. 1889, p.15-16.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. Guiomar Torrezão. *A Estação*, 31 mar. 1889, p.13-14. Acervo da Biblioteca Nacional.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. Guiomar Torrezão. *A Mensageira*, [s.l.] v. I, n.12, p. 189-190, anno I, 31 mar. 1898.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. Guiomar Torrezão. *A Mensageira*, [s.l.], v. II, n.25, p. 21, anno II, 15 fev. 1899; p. 115, 15 jun. 1899.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de Almeida. Guiomar Torrezão. *A Mensageira*. v. II, n. 28, p. 73-76, anno II, 15 maio 1899.
- ALMEIDA, Prisciliana Duarte de. O azarias, *Escrínio*, Porto Alegre, 16 abr. 1910, p. 3.
- ALMEIDA, Nelson. Almanaque. In: SILVA, Celina (org.). *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1995. 5 v., v.1, p. 143.
- ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- ALVES, José Edil de Lima. *A paródia em novelas-folhetins camilianas*. Portugal: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação e Cultura, 1990.
- ALVES, Ívia. O diálogo entre as escritoras baianas e de outras regiões. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- ALVES, Ívia. Vênus ou Maria: Os paradigmas da mulher disseminados nos romances citadinos de José de Alencar. In: XAVIER, Elódia (org.). VI SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 11 a 13 de set. 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro:

UFRJ/NIELM, 1996, p. 252-259.

ALVES, Lizir Arcajo. *Mulheres escritoras na Bahia: as poetisas – 1822 – 1918*. 2. ed. Salvador: Étera Projetos, 1999.

AMB - Articulação de Mulheres Brasileiras - <<http://www.articulacaodemulheres.org.br/>> Acesso em 07 abr. 2007.

ANGELINA, *O Paiz*. Rio de Janeiro, p. 01, 17 set. 1886.

ANTUNES, Cláudia Rejane Dornelles. *Geografia do mundo simoniano*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Uma imortal baiana: a produção de Edith Mendes da Gama e Abreu e relações de gênero*. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Do penhor à pena: estudos do mito de Don Juan, desdobramentos e equivalências*. Ilhéus: Editus, 2005.

ASSIS, Machado de. Como se inventaram os almanaques. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê, 2001.

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. São Paulo: Ática, 1970.

AUGUSTA, Nísia F. B. *Conselhos à minha filha*. Rio de Janeiro: Tip. Imparcial de F. de Paula Brito, 1845.

AUGUSTO, Sara Manuela R. M. Almanaque de lembranças Luso-Brasileiro. In: SILVA, Celina (org.). *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa- São Paulo: Verbo, 1995, v.5, 1 v. p. 37.

AURÉLIA: romance original de uma senhora brasileira. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, p. 01, 03 nov. 1883.

AZEVEDO, Aluísio. *A Condessa Vésper*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d].

BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lília Maria. Evidências teóricas para a compreensão das redes organizacionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAS, 2, 2002, Recife. *Anais...* Recife: Observatório da Realidade Organizacional: PROPAD/UFPE/ANPAD, 2002. 1 CD.

BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê, 1996.

BHABHA, HOMI K. O Pós-colonial e o pós-moderno: A questão da agência. In: _____. *O Local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.

BARROS, Daniela Pinto. *Na tradição do Künstlerroman de autoria feminina: Lésbia em diálogo com Corina e para além do intertexto*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2 v.

BELLINE, Ana Helena C. Literatura didática e ficção feminina no fim do século XIX. In: REIS, Livia de Freitas; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (orgs.). *Mulher e Literatura: trabalhos apresentados no VII Seminário Nacional*. Niterói: EDUFF, 1999.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?: Rio de Janeiro – Século XIX*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988. (Coleção Coroa Vermelha- Estudos Brasileiros, v. 9).

BESSONI, Tania. As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura. *Gênero - Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (NUTEG)*, Niterói, v. 5, n. 2, p. 91-97, dez. 2005.

BEZERRA, Kátia da Costa (org.). Ignez Sabino Pinho Maia. In: _____. *Tirando do baú: antologia de poetas brasileiras do século XIX*. Pedro Leopoldo (MG): Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1992.

BOTREL, Jean François. Catálogo almanak dos almanaques. In: MEYER, Marlise (org.). *Do Almanak aos Almanagues*. São Paulo: Ateliê, 2001.

BRANCHER, Ana Lice. Uma outra possibilidade de ser/ler mulher: *Délia*. In: MUZART, Zahidé L. (org). *Revista Travessia (Mulheres - séc. XIX)*, Florianópolis, n. 23, p. 91-97, 2. sem. 1991.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros passos).

BRANDÃO, Isabel; MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

BUESCO, Helena Carvalhão (coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, 1997.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia grega: a idade da fábula – história de deuses e heróis*. 13. ed. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CALVINO, Ítalo. Rapidez. In: _____. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1985.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: _____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997. (Ensaio Latino-americanos,1).

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

CAPRA, Fritjof. Vivendo redes. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (orgs.). *O Tempo das redes*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cartas à Luíza: moral, educação e costumes*. 2. ed. Porto: Companhia Portuguesa, [s.d.].

CARVALHO, Maria Amália Vaz de; CRESPO, Gonçalves. *Contos para os nossos filhos*. 7. ed. Porto: Magalhães & Moniz, [s.d.].

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Vida do duque de Palmella – D. Pedro de Souza e Holstein*. Lisboa: Imprensa Nacional, [s.d.].

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Uma primavera de mulher*. Lisboa: Typographia Franco-Portuguesa, 1867.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Serões no campo*. Lisboa: Mattos Moreira, 1877.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Mulheres e crianças: notas sobre educação*. Porto: Joaquim Antunes Leitão, 1880.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cartas à Luíza: moral, educação e costumes*. Porto: Barros e Filha, 1886.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Alguns homens do meu tempo: impressões literárias*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1889.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Chronicas de Valentina*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, MDCCCXC.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cartas a uma noiva*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1891.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A arte de viver na sociedade*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1895.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Figuras de hoje e de ontem*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1902.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cérebros e corações*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1903.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Às nossas filhas: cartas às mães*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1904.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Ao correr do tempo*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1906.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *No meu cantinho...homens – fatos – idéias*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1909.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Impressões da história*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1910.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A marquesa de Alorna - a sociedade e a literatura do seu tempo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Coisas d'agora*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1913.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Depois de trinta anos. In: CRESPO, Gonçalves. *Obras Completas*. Lisboa: Santos & Vieira, Empreza Litteraria Fluminense, MCMXIII.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Gonçalves Crespo: Estudo Crítico*. In: CRESPO, Gonçalves. *Obras Completas*. Lisboa: Santos & Vieira, Empreza Litteraria Fluminense, MCMXIII.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Mulheres e crianças: notas sobre educação*. 3. ed. Porto: Companhia Portuguesa, 1916.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de; CRESPO, Gonçalves. *Contos para os nossos filhos*. 11. ed. Porto: Manuel Barreira, 1956.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cartas a uma noiva*. 4. ed. Porto: Porto Ed., 1973.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Serões no campo*. Porto: Porto Ed., 1974.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F.Briguiet & CIA, 1968.

CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João. *Dicionário no Feminino – séculos XIX e XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Traduzido por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: FAPESP, 1999.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Traduzido por Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

COCO, Pina Maria Arnoldi. *O triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas no século XIX*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil: panorama histórico-literário. In: _____. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues. Novo Almanach de Lembranças para 1872. In: *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1872*. Lisboa: Lallemand Frères, 1871.

CORREIA, J. David Pinto Correia; GUERREIRO, Manuel Viegas. Almanques ou a Sabedoria e as Tarefa do Tempo. In: MARQUES, Maria Lúcia Garcia (coord.). *Revista ICALP*, Lisboa (Instituto de Cultura e Língua Portuguesa), n. 6, p. 43-52, ago-dez 1986.

COSTA, Afonso. Raro sentiu as injunções do amor: Ignez Sabino Pinho Maia. In: _____. *Poetas de outro sexo*. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1930.

COUTINHO, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador: FCJA; Centro de Estudos baianos da UFBA, 2000.

COUTINHO, Afrânio. Literatura e Jornalismo. In: _____. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. 6 v.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989, v.1.

COUTINHO, José Lino. *Cartas sobre a educação de Cora: seguida de um catecismo moral, político e religioso*. Bahia: Typografia de Carlos Poggetti, 1849.

COUTO, Carolina. Editorial. *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, anno I, 18 abr. 1879, p. 01.

CUNHA, Helena Parente. Introduzindo novos, mas antigos desafios. In: _____ (org.). *Desafiando o Cânone II – ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. (Série Coletâneas, v. 2).

D. PRISCILIANA Duarte. *Almanaque das Senhoras para 1908*. p.145-147, 1907.

D'ALMEIDA, Fialho. Guiomar Torrezão. *Almanach das senhoras para 1900*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1899.

DALSASSO, Rozane Maria. *Identidades em confronto: sujeito e subjetividade em Celeste e O Cortiço*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

- DÉLIA. Aurélio. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 05 nov. a 17 dez. 1883, p. 02.
- DÉLIA. *Uma vítima, Duas irmãs, Magdalena*. Rio de Janeiro: Typografia Central de Evaristo R. da Costa, 1884.
- DÉLIA. Angelina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 set. a 30 nov. 1886, p. 01-02.
- DÉLIA. Desvio de imaginação. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 jan. 1886, p. 01.
- DÉLIA. Lésbia. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 04 nov. 1890, p. 01.
- DÉLIA. *Lésbia*. Capital Federal: Evaristo Rodrigues da Costa, 1890.
- DÉLIA. *Celeste*. Rio de Janeiro: Magalhães & C. Editores, 1893.
- DÉLIA. *Celeste* – introdução, atualização e notas de Nanci Egert. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença; Ministério da Cultura; PRÓ-MEMÓRIA; Instituto Nacional do Livro, 1988. (Coleção Resgate, v. 11).
- DÉLIA. *Lésbia* – introdução, atualização do texto e notas de Norma Telles. Florianópolis: Mulheres, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Série Logoteca).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995. (Coleção TRANS).
- DENIS, Ferdinand. Resumo da história literária do Brasil. In: CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do romantismo: a contribuição europeia – crítica e história*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.
- DUARTE, Constância Lima. Nos primórdios do feminismo brasileiro: direitos das mulheres e injustiça dos homens. In: GOTLIB, Nádia Battella (org.). *A Mulher na literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 1990. v. III.
- DUARTE, Constância Lima. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX. In: DUARTE, Constância Lima (co-org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - Faculdade de Letras da UFMG, 2002. (Coleção Mulher e Literatura, v. 1).
- DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (orgs.). *O tempo das redes*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- ESTRADA, Osório Duque. Poetisas e literatas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1893, p. 03.
- FELIX, Regina R. *Sedução e heroísmo: imaginação de mulher (entre a República das Letras e a Belle Époque – 1884-1911)*. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

FERREIRA, Célia. Resgate de escritoras e revisão da história da literatura. In: BRANDÃO, Isabel; MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê, 2001.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.). *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa: Colibri, 2003.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. Ignez Sabino. In: _____ (org.). *Presença Literária*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997. (Antologia anual da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul).

FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Corimbo* x Educação. In: NEUBERGER, Lotário (org.). *RS: Educação e sua história*. Porto Alegre: Ediplat, 1998. (Círculo de Pesquisas Literárias).

FLORES, Hilda Agnes Hubner. Imprensa feminina: *Corimbo*, 1883-1943. In: IX SEMINÁRIO NACIONAL MULHER & LITERATURA. Belo Horizonte: UFMG, 2001. CD-ROM.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. Imprensa Feminina: *Corimbo*, 1883-1943. In: DUARTE, Constância Lima (co-org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - Faculdade de Letras da UFMG, 2002. (Coleção Mulher e Literatura, v. 1).

FLORES, Hilda A. Hubner. A sexagenária caminhada acadêmica. In: _____ (org.) *Presença Literária*. Porto Alegre: Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul/ Ediplat, 2003. (Edição comemorativa ao 60º aniversário da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul).

FLORES, Hilda Agnes Hubner. Considerações sobre o primeiro periódico dirigido por uma mulher. In: _____ (org.). *Presença Literária 2005*. Porto Alegre: Ediplat, 2005. (Antologia anual da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul).

FLORES, Hilda Agnes Hubner. O *Escrínio* de Andradina e Lola. In: _____ (org.). *Presença Literária 2005*. Porto Alegre: Ediplat, 2006. (Antologia anual da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul).

FONTES, Nancy Rita Vieira. *A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1998.

FÓRUM DE ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS. Disponível em: <http://www.mulheresnegras.org/ConBeij.html> Acesso em: 14 dez. 2007.

FOUCAULT, Michel. A mulher. In: _____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. v. 3.

FUKELMAN. Clarisse. Palavra de mulher. In: FUNCK, Susana Bornéo (org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

FURET, François. Da história narrativa à história-problema. In: _____. *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, [s.d.].

GALVÃO, Rosa Maria. Nota prévia. In:_____ (coord.). *Os sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ana Claudia. *O Almanach das Senhoras e um projeto político de acesso à cultura letrada*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

GOMES, Mitizi de Miranda. Romances-folhetim de um escritor provinciano: Bernardo Taveira Júnior no Progresso Literário. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

GUSMÃO, Julia de. Aos leitores. *Almanach das Senhoras para 1900*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1899.

GUTIÉRREZ, Rachel. No romance do séc. XIX, o amor sublime e os “perigos” da paixão. In: JACOBINA, Eloá; KÜHNER, Maria Helena (orgs.). *Feminino/masculino no imaginário de diferentes épocas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HAHNER, June E. O século XIX. In: _____. *A mulher no Brasil*. Tradução de Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Retratos do Brasil, v. 12).

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. Tradução de Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil – 1850-1940*. Tradução de Eliane Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HALLEWELL, Laurence. Hippolyte Garnier. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2005.

HELLER, Bárbara. Recepção da leitura feminina no Brasil - análise das revistas *Feminina* (1915-1926); *Álbum das meninas* (1898-1900) e *A cigarra* (1914-1930). In: VIII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 2000, *Anais...* CD-ROM.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOUAISS, Antonio e Villar, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILDEFONSO, Isabel. As mulheres na imprensa periódica do século XIX: o jornal *A Voz*

Feminina (1868- 1869). In: JOAQUIM, Teresa; GALHARDO, Anabela (orgs.). *Novos olhares: passado e presente nos estudos sobre as mulheres em Portugal*. Oeiras: Celta, 2003.

JORNALISTAS contam a história – 1. Na década de 20: a agonia do regime. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 05 jan. 1979.

JESUS, Maria Saraiva de. Guiomar Torresão. In: SILVA, Celina (org.). *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 1995. 5 v.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. Rio de Janeiro: Ática, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa. Ler e escrever no feminino. In: _____. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. *Mulheres para além de seu tempo*. Portugal: Bertrand, 1995. (Coleção Ensaios e Documentos).

LEAL, Maria Ivone. *Um século de periódicos femininos: arrolamento de periódicos publicados entre 1807 e 1926*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992. (Cadernos da Condição Feminina, n. 35).

LEAL, Maria Ivone. Os papéis tradicionais femininos: continuidade e rupturas de meados do século XIX a meados do século XX. In: ACTAS DO COLÓQUIO A MULHER NA SOCIEDADE PORTUGUESA – Visão Histórica e Perspectivas Actuais. Coimbra: IHES/FLUC, 1986, v.2, p. 355-380.

LEI MARIA DA PENHA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha>. Acesso em 13 ago. 2007.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras femininas na Bahia (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, 2005.

LEITE, Míriam L. Moreira (org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro: século XIX*. São Paulo: HUCITEC; EDUSP; INL, 1984.

LEITE, Míriam L. Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Ensaios n. 112).

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISBOA, João Luís. Almanques. In: GALVÃO, Rosa Maria (coord.). *Os sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca

Nacional, 2002.

LOBO, Luíza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera, 2005.

LUNARDELLI, Fatimarlei. Uma casa onde se tecem letras. In: FLORES, Hilda Agnes H. (org.) *Presença Literária*. Porto Alegre: Ediplat, 2004. (Antologia anual da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul).

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. Romantismo: viagem no tempo e ao redor do tempo – caminhos centrípetos e centrífugos. In: _____. *O tempo das mulheres: a dimensão temporal na escrita feminina contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARNOTO, Isabel. A minha teia, a teia do mundo. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa: Colibri, 2003.

MARTINS, Maria João. *Mulheres portuguesas: divas, santas e demônios*. Portugal: Vega Lda e Multilar Lda, 1994. (Coleção Outras Obras, v. I).

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira: Prosa de Ficção – de 1870 a 1920* – 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1978.

MIGNOLO, Walter D. “Uma outra língua”, mapas da lingüística, geografias literárias, paisagens culturais. In: _____. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MORNA, F. Freitas. O Trovador. In: BUESCU, Helena Carvalhão (coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, 1997.

MOREIRA, Maria Eunice. Uma história (romanceada) da literatura brasileira. *ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística*, n.16, p. 229, jan-jun.2004. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br>>. Acesso em 08 de dezembro de 2006.

MOSER, Geraldo. Prefácio. In: FERREIRA, Manuel (org.). *Almanach de Lembranças – 1854-1932*. Portugal: ALAC, 1993.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. In: *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Santa Catarina: UFSC, 1994.

MUZART, Zahidé Lupinacci. O Romance Feminino no Brasil – Século XIX. In: DUARTE,

Constância Lima (coord.). BOLETIM DO GT A MULHER NA LITERATURA, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), n.6. Natal: CCHLA/UFRN, 1996, p.287-303.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Mulheres de faca na bota: escritoras e políticas no século XIX. In: XAVIER, Elódia (org.). VI SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 11 a 13 de set. 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ/NIELM, 1996, p. 115-124.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Na aprendizagem da palavra: a mulher na ficção brasileira-século XIX. In: _____ (coord.). FAZENDO GÊNERO: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER. *Anais...* Paraná: Centro de Publicações da UEPG, 1996. p.77-83.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). Uma precursora: Ana Luísa de Azevedo e Castro (introdução). In: CASTRO, Ana Luísa de Azevedo e. *D. Narcisa de Villar*. Florianópolis: Mulheres, 1997.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. v. I.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.) *Histórias da literatura*: teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. v. II.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Considerações sobre o primeiro periódico dirigido por uma mulher. In: FLORES, Hilda Agnes Hubner (org.). *Presença Literária 2005*. Porto Alegre: Ediplat, 2005. (Antologia anual da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul).

MUZART, Zahidé Lupinacci. Histórias da editora Mulheres. *Estudos Feministas*, Florianópolis, set.-dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 16 ago. 2007.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas*: o folhetim nos jornais de Mato Grosso – séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

O Paiz, 05 mar. 1885. Bibliographia, p. 02.

ORTIGÃO, Ramalho. *As farpas*, Lisboa: Clássica, 1970. v.8.

OLIVEIRA, Andradina de. *Preludiando*. Rio Grande: Trocadero, 1897.

OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher riograndense* Porto Alegre: Oficinas Gráficas, 1907. (Escritoras Mortas, I série).

OLIVEIRA, Andradina de. *Divórcio?* Porto Alegre: Livraria Universal, 1912.

OLINTO, Heidrun. Interesses e paixões: histórias da literatura. In: _____. *Histórias de literatura*: as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996.

PAIVA, Aparecida. Entre o veneno e o antídoto: a leitora censurada. In: AUAD, Sylvia.

Mulher – cinco séculos de desenvolvimento na América. Belo Horizonte: CREZ-MG/ IA-MG, 1999.

PAIXÃO, Sylvia Perlingueiro. A Imprensa feminina no século XIX: *A Mensageira*. In: CADERNOS DO 3º ENCONTRO NACIONAL MULHER E LITERATURA. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

PAIXÃO, Sylvia Perlingueiro. *A fala-a-menos: poesia e imprensa feminina no final do século XIX e início do XX no Brasil.* Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1989.

PAIXÃO, Sylvia. O Fracasso do ressentimento na literatura “Sorriso da sociedade”: Literatura Feminina na Virada do Século. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (coord.). FAZENDO GÊNERO: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER. *Anais...* Paraná: Centro de Publicações da UEPG, 1996. p. 28-36.

PAZ, Octavio. O mundo heróico. In: _____. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Coleção Logos).

PERKINS, David. História da literatura e narração. Traduzido por Maria Angela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v.3, n.1, mar. 1999. (Série Traduções).

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do século XIX. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (coord.). FAZENDO GÊNERO: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER. *Anais...* Paraná: Centro de Publicações da UEPG, 1996. p.73-76.

PEIXOTO, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

PIMENTEL, Alberto. Prefácio. In: SABINO, Inês. *Lutas do Coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

PINTO, Cristina Ferreira. *O bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros.* São Paulo: Perspectiva, 1990.

PICCHIO, Luciana Stegagno, *História da literatura brasileira.* São Paulo: Lacerda, 1997.

PORTAL DA ANPOLL. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/portal/>>. Acesso em 25 ago. 2008.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX.* Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

PRÁ, Jussara Reis. Democracia e a questão de gênero: desenvolvimento ou subdesenvolvimento. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *Nações/narrações: nossas histórias e estórias.* Porto Alegre: ABEA, 1997.

PRADO, Gilberto. Redes e ambientes virtuais artísticos. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (orgs.). *O Tempo das redes.* São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 189.

- QUEIROZ, Eça de. Almanachs. In: *Notas contemporâneas*. Porto: Livraria Chardron, 1927.
- QUINLAN, Susan Canty. Apresentação. In: SABINO, Inês. *Lutas do Coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- RAMALHO, Christina (org). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.
- RECTOR, Mônica. *Mulher: objeto e sujeito da literatura portuguesa*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1999.
- REDEFEM - Rede Brasileira de Estudos Feministas. Disponível em: <<http://www.redefem.ufrgs.br/info.php>>. Acesso em 18 out. 2007.
- REDOR - Rede Feminista Norte e Nordeste – Mulheres e Relações de Gênero. Disponível em: <<http://www.redor.ufba.br/>>. Acesso em 05 jul. 2007.
- REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Coleção Pierre Menard).
- REYNOLDS, Kevin. *The counte of Monte Cristo*. EUA: Touchstone Pictures, 2002.
- RIBEIRO, Carlos. A mulher... Essa conhecida delícia moral. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, v.6, n. 11/13, p. 175 – 180, 1937/1939.
- RICOEUR, Paul. Arquivos, documento, rastro. In: _____. *Tempo e narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papyrus, 1997. 3 t. t.3.
- RIBEIRO, Luis Felipe. A mulher no romance brasileiro: trajetória de uma ideologia. In: DIAS, Ângela Maria (org.). *Tempo Brasileiro: perfis, problemas na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 80, p. 3-30, jan./mar. 1995.
- RIBEIRO, Luis Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.
- RIBEIRO, Luis Felipe. *Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.
- RIBEIRO, Sônia Cristina Bernardino. *A narrativa de autoria feminina do século XIX em resgate: uma leitura de Lésbia e A rainha do ignoto*. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UFRJ.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. O século XIX e a sentimentalização da família: o homem-pai e a mulher-mãe. In: _____. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RODRIGUES, Ernesto. *Mágico Folhetim*. Lisboa: Notícias, 1998.
- RODRIGUES, Ernesto. *Cultura literária oitocentista*. Porto: Lello, 1999.
- ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- SABINO, Ignez. Conselhos à minha filha. *Novo Almanach de Lembranças para o ano de*

1894, Lisboa, p. 170-1, anno VIII, [s.d.].

SABINO, Ignez. No Ipiranga: impressões de uma excursionista. *Almanach das Senhoras* para 1895, Lisboa, p. 197-198, 1894.

SABINO, Ignez. *Da Serra do Cubatão*: impressões de uma excursionista. *Novo Almanach de Lembranças Luso- Brasileiro para o ano de 1895*, Lisboa, p.267-270, anno VIII, [s.d.].

SABINO, Ignez. A Freira mártir. *Novo Almanach de Lembranças para o ano de 1898*, Lisboa, p. 22-4, [s.d.].

SABINO, Ignez. A Mulher brasileira. *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1901*, Lisboa, p. 10-11, [s.d.].

SABINO, Ignez. Excerpto. *Almanaque Brasileiro Garnier para o ano de 1909*, p. 151-152, anno VIII, [s.d.].

SABINO, Ignez. Do crime do amor. *Almanaque Brasileiro Garnier para o ano de 1910*, p. 377-379, anno VIII, [s.d.].

SABINO, Ignez. *Rosas pálidas*: poesias. Pernambuco: [s.ed.], 1886.

SABINO, Ignez. Sobre Schopenhauer. *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, 22 set. 1887, p. 1.

SABINO, Ignez. O dia de ano bom. *Echo das Damas*, Rio de Janeiro, anno III, 31 jan. - 27 maio 1888, p. 01.

SABINO, Ignez. A mulher e a religião. *Corymbo*, Rio Grande, 24 nov. 1889, p. 1-2.

SABINO, Ignez. O dia de Natal. *Corymbo*, Rio Grande, 19 jan. 1890, p. 1.

SABINO, Ignez. A mulher e as fases da vida. *Corymbo*, Rio Grande, 23 fev. 1890, p. 2; 2, 16 e 23 mar. 1890, p. 1-2.

SABINO, Ignez. Conselhos a uma noiva. *A Família*, Rio de Janeiro, ano II, n. 53, 23 mar.1890, p. 07.

SABINO, Ignez. Madame de Longueville. *A Família*, Rio de Janeiro, 31 maio 1890, p. 02.

SABINO, Ignez. Uma escultora brasileira. *A Família*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1890, p. 1-2.

SABINO, Ignez. Scenas quotidianas, *A Família*, 11 jun. 1891, Rio de Janeiro, p. 03.

SABINO, Ignez. A criança mendicante. *Corymbo*, Rio de Janeiro, 02 out. 1892, p. 1.

SABINO, Ignez. A seduzida. *Corymbo*, Rio Grande, 03 e 17 dez. 1893, p. 1-2.

SABINO, Ignez. Última jóia. *Corymbo*, Rio Grande, 15 mar. 1896, p.1; 05 abr. 1896, p. 2.

SABINO, Ignez. Na arena. *Corymbo*, Rio Grande, 24 e 31 maio 1896, p. 1.

SABINO, Pátria. *Corymbo*, Rio Grande, 10 maio 1896, p. 01.

SABINO, Ignez. Anno Bom. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1897*, Lisboa, p. 237-239, 1896.

SABINO, Ignez. Federalista. *Corymbo*, Rio Grande, 10 jan. 1897, p. 2.

SABINO, Ignez. A mulher brasileira. *Corymbo*, Rio Grande, 29 ago. 1897, p. 1.

SABINO, D. Ignez. *Noites brasileiras*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1897. (Divisão de Obras Raras, Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Brasil).

SABINO, D. Ignez. Prefácio de Alberto Pimentel. In: _____. *Luctas do coração*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro Santos, [s.d.]; Porto: Imprensa Moderna, 1898.

SABINO, Ignez. Payzagem brasileira. *Almanach das Senhoras para 1897*, Lisboa, p. 149-150, 1898.

SABINO, Ignez. Na Thebaida. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, [s.n.], p. 58-60, 30 nov. 1897.

SABINO, Ignez. Flores sem frutos. *A Mensageira*, [s.l.], n. 15, p. 231-234, anno I, 15 maio 1898.

SABINO, Ignez. Vasco da Gama. *A Mensageira*, [s.l.], [s.n.], p. 248-251, anno I, 30 maio 1898.

SABINO, Ignez. Por montes e vales. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, [s.n.], p. 309-313, 31 jul. 1898.

SABINO, Ignez. Flores sem frutos. *A Mensageira*, [s.l.], n. 15, p. 231-234, anno I, 15 maio 1898.

SABINO, Ignez. Vasco da Gama. *A Mensageira*, [s.l.], [s.n.], p. 248-251, anno I, 30 maio 1898.

SABINO, Ignez. Por montes e vales. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, [s.n.], p. 309-313, 31 jul. 1898.

SABINO, Ignez. D. Delphina da Cunha. *Corymbo*, Rio Grande, 01 mar. 1899, p. 1-2; 15 mar. 1899, p. 1-2.

SABINO, D. Ignez. Prefácio de Arthur Orlando. In: _____. *Mulheres illustres do Brazil*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899.

SABINO, Ignez. Alma de artista. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1901*, Lisboa, p.123-126, 1900.

SABINO, Ignez. Délia. *Corymbo*, Rio Grande, 15 fev. 1900, p. 1.

SABINO, Ignez. Patrícias. *Corymbo*, Rio Grande, 01 jun. 1901, p. 1.

SABINO, Ignez. Anita Garibaldi. *Almanach de Lembranças para o ano de 1902*, Lisboa, p.259-261, 1901.

SABINO, Ignez. D. Anna Nery. *Escrínio*, Santa Maria, anno IV, n. v, 15 mar. 1901, p. 04, 05 e 06.

- SABINO, Ignez. Liga promotora dos trabalhos femininos. *Almanach de Lembranças para o ano de 1904*, Lisboa, p.265-267, 1903.
- SABINO, Inês. Impressões de leitura. *Corymbo*, Rio Grande, 01 jan. 1903, p. 01.
- SABINO, Ignez. O veterano. *Corymbo*, Rio Grande, 15 ago. 1903, 01 set. 1903, p. 1-2.
- SABINO, Ignez. Nísia Floresta. *Escrínio*, [s.l.], anno VI, n. 36, 20 dez. 1903, p. 01.
- SABINO, Ignez. Pérolas cor-de-rosa. *Corymbo*, Rio Grande, 01 out. 1903, p. 2.
- SABINO, Ignez. Minhas caras amigas. *Corymbo*, Rio Grande, 15 dez. 1903, p. 2.
- SABINO, Ignez. A mulher bárbara. *Corymbo*, Rio Grande, 15 jan. 1904, p. 1.
- SABINO, Ignez. Choupana de flores. *Corymbo*, Rio Grande, 01 fev. 1904, p. 1.
- SABINO, Ignez. Boas vindas. *Corymbo* Rio Grande,. 15 nov. 1905, p. 2.
- SABINO, Ignez. Direitos femininos. *Novo Almanach de Lembranças para o ano de 1906*, Lisboa, p. 140-141, 1905.
- SABINO, Ignez. D. Amélia de Alencar. *Novo Almanach de Lembranças para o ano de 1906*, Lisboa, p.177-178, 1905.
- SABINO, Ignez. Nuvem branca. *Corymbo*, Rio Grande, 21 out. 1906, p. 2-3.
- SABINO, Ignez. D. Thereza Diniz. *Novo Almanach de Lembranças para o ano de 1908*, Lisboa, p. 257-259, 1907.
- SABINO, Ignez. Lizá Diniz. *Novo Almanach de Lembranças para o ano de 1909*, Lisboa, p. 129-130, 1908.
- SABINO, Ignez. Uma escritora portuguesa. *Novo Almanach de Lembranças para o ano de 1910*, Lisboa, p. 109-111, 1909.
- SABINO, Ignez. D. Roza da Fonseca. *Escrínio*, Porto Alegre, anno X, n. 9, 13 nov. 1909, p. 105-107.
- SABINO, D. Ignez. *Contos e lapidações*. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1891.
- SABINO, D. Ignez. *Mulheres ilustres do Brazil*. (Edição fac-similar). Florianópolis: Mulheres, 1996.
- SABINO, Inês. *Lutas do coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC,1999.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SANTOS, M. P. Alves dos. Júlio César Machado. In: BUESCO, Helena Carvalhão (coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, 1997.

SANTOS, Maria Clara Cunha. Carta ao Rio. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, n. 15, p. 69-70, anno I, 15 dez. 1897.

SANTOS, Maria Clara Cunha. Carta ao Rio. *A Mensageira*, [s.l.], v. I, n. 10, p. 146, anno I, 28 fev. 1898.

SANTOS, Maria Clara Cunha. Carta ao Rio. *A Mensageira*, [s.l.], v. II, [s.n.], p. 105, anno II, 15 jun. 1899.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Da ginolatria à genologia: sobre a função teórica e a prática feminista. In: FUNCK, Suzana (org.) *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Para que crítica feminista? (Anotações para uma resposta possível). In: VI SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 11 a 13 de set. de 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: NIELM, p. 138-149.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? In: CAMPOS, Maria do Carmo; INDURSKY, Freda. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Da exclusão, da imitação e da transgressão: o caso do romance *Celeste*, de Maria Benedita Bormann. In: PETERSON, Michel. *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

SCHMIDT, Rita Teresina. Cultura e dominação: o discurso crítico do século XIX. *Letras de Hoje* – Revista do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras – PUCRS, Porto Alegre, n.109, p. 83-90, set. de 1997.

SCHUMACHER, Schuma. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SEMINÁRIO INT. FAZENDO GÊNERO. Disponível em <<http://www.fazendogenero7.ufsc.br>>. Acesso em 08 fev. 2008.

SERRA, José Pedro. A teia de Penélope. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.) *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa: Colibri, 2003.

SERRANO, Pelayo. Ainda um assunto feminino. *A Mensageira*, [s.l.], n. 09, anno I, 15 fev.1898.

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Tradução de Waldéia Barcellos, Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SILVA, Maria Regina Tavares da. *Mulheres portuguesas: vidas e obras celebradas – vidas e obras ignoradas*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, [s.d.]. (Coleção Ditos & Escritos, n. 1).

SILVA, Maria Regina Tavares da. *A mulher: bibliografia portuguesa anotada (1518-1998)*. Lisboa: Cosmos, 1999.

SILVA, Manuela. As teias da globalização: efeitos de urdidura e trama no trabalho das

mulheres. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa: 2003.

SIMÕES, João Gaspar (org.). *Perspectivas da literatura portuguesa do século XIX*. Lisboa: Ática, 1948, v. II.

SOARES, Francisco. *Quicola: Estudo – para um conhecimento do patrimônio formal da poesia angolana – os poemas líricos em verso oriundos de Angola e publicados no século XIX no Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Évora: Pendor, 1998.

SOARES, Pedro Maia. *Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos (1835-1945)*. In: BRUSCHINI, M. C.; ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX. Florianópolis: Mulheres, 2001, p. 42-46.

TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádia Battella (org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 1990. v. III.

TELLES, Norma. Autor+a. In: JOBIM, José Luis (org.) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Col. Pierre Menard).

TELLES, Norma. *Caelum ou tinctura azul*. In: FUNCK, Susana Bornéo (org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

TELLES, Norma. Introdução. In: BORMANN, Maria Benedita (Délia). *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

TELLES, Norma. Maria Benedita Câmara Bormann (Délia). In: MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 a atualidade*. São Paulo: Duas cidades, 1994.

TORREZÃO, Guiomar. *O fraco da baronesa*. Lisboa: Universidade Fernando Pessoa, [s.d.].

TORREZÃO, Guiomar. *A Comédia do Amor*. Lisboa: Empresa Litterária de Lisboa, [s.d.].

TORREZÃO, Guiomar. *Uma alma de mulher: Romance original*. Lisboa; Typografia de J.G.de Sousa Neves, 1869.

- TORREZÃO, Guiomar. *A família Albergaria*. Lisboa: Lucas & Filho, 1874.
- TORREZÃO, Guiomar. *Meteoros*. Lisboa: Typografia de Cristovão A. Rodrigues, 1875.
- TORREZÃO, Guiomar. *Rosas pálidas*. (Narrativas originais). Porto: Portuense, 1877.
- TORREZÃO, Guiomar. *Rosas pálidas: narrativas originais*. Porto: Imprensa Comercial de Santos Corrêa & Mathias. 2. ed., 1877.
- TORREZÃO, Guiomar. Carta-prefácio de Camillo Castello Branco. In: _____. *No theatro e na sala*. Lisboa: David Corazzi, 1881.
- TORREZÃO, Guiomar. *Idyllio à ingleza – contos modernos*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1886.
- TORREZÃO, Guiomar. *Paris: impressões de viagem*. Porto: Eduardo da Costa Santo, 1888.
- TORREZÃO, Guiomar. Lisboa ao Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 jul.; 11 ago.; 08 set.; 05 out. 1891, p.01.
- TORREZÃO, Guiomar. *As batalhas da vida*. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1892.
- TORREZÃO, Guiomar. Júlia Lopes de Almeida. *Almanach das Senhoras para o ano de 1898*. Lisboa, p. 3-11, 1897.
- TORREZÃO, Guiomar. *Flávia*. Lisboa: Livraria Ferin, 1897.
- TURETA, César; REIS, Alexandre; ÁVILA, Silvio. *Da teoria sistêmica ao conceito de redes interorganizacionais: um estudo exploratório da teoria das organizações*. Disponível em <http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/IIseminario/organizacoes/organiacoes_04.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2007.
- VALENTE, Marcos. Romances de Délia: *Uma vítima, Duas irmãs, Madalena*. *A Semana*, Rio de Janeiro, 21 out. 1885, p. 04.
- VASCO, Heitor. Délia. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1895, p. 02.
- Veríssimo, José. *História da literatura brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.
- VERISSIMO, Érico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.
- VIEIRA, Damasceno. Preludiando: Contos de D. Andradina de Oliveira. *A Mensageira*, [s.l.], n. 22, p. 340-345, anno I, 15 ago. 1898.
- VIEIRA, Damasceno. Ainda um assunto feminino. *A Mensageira*, [s.l.], n. 34, p. 189-192, anno II, 15 nov. 1899.
- VIEIRA, Miriam Steffen. *Atuação literária de escritoras do Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corymbo, 1885-1925*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.
- WITTEGENSTEIN, Ludwig. *Tratado lógico-filosófico: investigações filosóficas*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elódia (org.) *Anais do IV Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

ZILBERMAN, Regina. As escritoras e a história da literatura. In: COORDENAÇÃO da Associação Santa-Mariense de Letras. *Antologia em prosa e verso – VII*. Santa Maria: Pallotti, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *O leitor moderno no Brasil*. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (orgs.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

ANEXOS

Anexo A:

**Catálogo dos textos publicados em periódicos
brasileiros e portugueses**

DIA	MÊS	ANO	OBSERVAÇÕES	LOCAL DE CONSULTA	COLUNA	TEXTO	AUTOR	PERIÓDICO
18	Abr.	1879	Mesmo texto do Almanach das Senhoras de 1880			<i>A Mulher na Família e a Mulher na Sociedade (p. 01)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Echo das Damas
3	Ago.	1880	Mesmo texto do Almanach das Senhoras 1872			<i>As mulheres do século XVIII. França (p. 01 - 02)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Echo das Damas
14	Jan.	1888	Mesmo título do livro publicado em 1891			<i>Carta a uma noiva (p. 01 - 02)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Echo das Damas
26	Ago.	1888	Folhetim			<i>Mulheres (p.02)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Echo das Damas
22	Set.	1887	Artigo biográfico (Texto incompleto)	Biblioteca de Rio Grande	Estudos Ligeiros	<i>Sobre Schopenhauer (p. 01)</i>	Inês Sabino	Echo das Damas
31/04 e 28/27	Jan/mar/maio	1888	Folhetim (Incompleto)	CEDAP/UNESP		<i>O dia de ano Bom (p.01-02)</i>	Inês Sabino	Echo das Damas
28	mar.	1888	Artigo	CEDAP/UNESP		<i>Obreias e cartas (p. 01)</i>	Inês Sabino	Echo das Damas
26	Ago.	1888	(Publicado no livro As Batalhas da Vida - 1892).	acervo da Biblioteca Nacional		<i>As duas Margaridas. (p. 02)</i>	Guimar Torrezão	Echo das Damas
	Set./Out.	1886. Ano 2. Nº 16				<i>O pessimismo. (p.22 - 23)</i>	Maria Amália	O Corymbo
	Ago./Set.	1888. Anno III. Nums 34 e 35	Poema	Biblioteca de Rio Grande		<i>Saudade (A Marianno Gonçalves). (p.10)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
17	Nov.	1889. Anno IV	Poema			<i>“Á Alice”. (p. 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
24	Nov.	1889. Anno IV	Artigo			<i>A mulher e a religião. (p. 01-02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
29	Dez.	1889. Anno IV	Artigo			<i>Quadro vivo. (p. 01-02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
19	Jan.	1890. Anno VI	Crônica (Reminiscências). Publicado posteriormente em “Contos e Lapidações” (1891).			<i>O Dia de Natal. (p. 01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
2	Fev.	1890. Anno VI. Nº 21	Poema			<i>“Povera”. (p.02-03)</i>	Inês Sabino	O Corymbo

23/ 02, 16 e 23	Fev./Mar	1890. Anno VI	Artigo			<i>A Mulher e as fases da vida I.(p.02-03)/(p.01), (p.01) e (p.01-02).</i>	Inês Sabino	O Corymbo
25	Mai.	1890. Anno VI. Nº 38	Poema			<i>No banho. A minha filha. (p.02).</i>	Inês Sabino	O Corymbo
22	Jun.	1890. Anno VI. Nº41	Poema			<i>“O ébrio”. (p.02).</i>	Inês Sabino	O Corymbo
24	Ago.	1890. Anno VI. Nº 50	Poema			<i>“Ao recolher”. (p.01).</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	Fev.	1891. Anno VII. Nº15	Poema			<i>“Fictando ao sol”. (p.01-02).</i>	Inês Sabino	O Corymbo
8	Fev.	1891. Anno VII. Nº16	Poema			<i>“A banhista”. (p.01).</i>	Inês Sabino	O Corymbo
5	Set.	1892. Anno VIII. Nº 96	Poema			<i>“À Beira Mar”. (p.01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
2	Out.	1892. Anno VIII.	Artigo			<i>A Criança Mendicante. (p.02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
16	Out.	1892. Anno VIII. Nº 102	Poema			<i>“Junto a um Quadro”. (p.03)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
23	Out.	1892. Anno VIII. Nº 103	Poema			<i>“A Luz do Ocaso”. (p.02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
13	Nov.	1892. Anno VIII. Nº 106	Poema			<i>“Fios de Neve”. (p.02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
3	Dez.	1893. Anno XI. Nº 146	Prosa Literária - Início. (Mesmo texto de Contos e Lapidações).	Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Sul.		<i>“A Seduzida”. (p. 01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
17	Dez.	1893. Anno XI.	Prosa Literária. (Conclusão).	Digitalizado pela biblioteca de Rio Grande		<i>A Seduzida. (p.01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
15	Mar.	1896. Anno XIII. Nº 2	Prosa Literária (Início). S/Assinatura.	Exemplar da Coleção de Hilda Flores		<i>Última Jóia. (p. 01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
5	Abr.	1896. Anno XIII. Nº 5	Prosa Literária. (Conclusão). Ass. Ignez Sabino.	Exemplar da Coleção de Hilda Flores		<i>Última Jóia. (A Revocata de Mello). Rio de Janeiro. (p.01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
10	Mai.	1896. Anno XIII. Nº 10	Artigo			<i>Pátria. (p. 01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo

24	Mai.	1896. Anno XIII. Nº 12	Artigo. (Início).	Exemplar da Biblioteca de Rio Grande.		<i>Na Arena. (p.01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
31	Mai.	1896. Anno XIII. Nº 13	Artigo. (Conclusão).	Exemplar da Coleção de Hilda Flores		<i>Na Arena. (p.01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
27	Set.	1896. Anno XIII. Nº 30	Poema			<i>Memorandun (Á Thomaz Ribeiro). (p.01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
10	Jan.	1897 Anno XIV. Nº 45.	Prosa Literária. (Das noites tempestuosas. Observação que vem, no final do texto)	Exemplar da Coleção de Hilda Flores.		<i>Federalista. (A Revocata de Mello). (p.02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
29	Ago.	1897 Anno XIV. Nº 74.	Artigo. (Também publicado no Almanach de Lembranças para o ano de 1901.)	Exemplar da Biblioteca de Rio Grande.		<i>A Mulher Brasileira (Do gênese espiritual) Moral. (p.01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
19	Jun.	1898. Anno XV. Nº 96	Artigo.	Exemplar da Coleção de Hilda Flores.		<i>Luiz Guimarães. (p.03)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	Out.	1898. Anno XV. Nº 100	Artigo. (Do Instituto Archeologico e Geografico Pernambucano. Maio 20, de 90.) Informação que consta no final do texto.	Exemplar da Biblioteca de Rio Grande.		<i>Vasco da Gama. (p.01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	mar.	1899. Anno XVI. Nº 110	Artigo. (Início)	Exemplar da Biblioteca de Rio Grande.		<i>D. Delphina da Cunha. (p.01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
15	Abr.	1899. Anno XVI. Nº 113	Artigo. (Continuação). Falta conclusão	Exemplar da Biblioteca de Rio Grande.		<i>D. Delphina da Cunha. (p.01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
15	Fev.	1900. Anno XVII. Nº 133	Artigo. (Conclusão). Falta início do texto.	Exemplar da Biblioteca de Rio Grande.		<i>Délia. (Das Mulheres Ilustres do Brasil). (p. 01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
3	Mai.	1900. Anno XVII. Nº 138	Artigo.	Exemplar da Coleção de Hilda Flores.		<i>Pedro Álvares Cabral. (p.02 e 03)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	Jun.	1901. Anno XVIII. Nº 164	Artigo. (Conclusão). Falta início.	Exemplar da Biblioteca de Rio Grande.		<i>Patrícias. (p.01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
21	Out.	1901. Anno XIX. Nº 173	Artigo. (Conclusão). Falta início.	Exemplar do Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Sul.		<i>Atravez dos mares. (p.01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	Jan.	1903. Anno XX. Nº 202	Artigo. (Início).	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>Impressões de leitura (P.01-02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo

15	Jan.	1903. Anno XX. N° 203	Artigo. (Conclusão).	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>Impressões de leitura. (P.01-02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
15	Ago.	1903. Anno XX. N° 217	Prosa Literária. (Início).	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>O Veterano (p. 01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	Set.	1903. Anno XX. N° 218	Prosa Literária. (Conclusão).	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>O Veterano (p. 01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
15	Set.	1903. Anno XX. N° 219	Artigo.	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>Batalha de Flores (p. 01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	Out.	1903. Anno XX. N° 220	Prosa Literária (Início). Falta conclusão.	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>Pérolas cor-de-rosa. (p.02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	Dez.	1903. Anno XXI. N° 224	Artigo. (Conclusão). Falta início.	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>A expressão do rosto. (p.03)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
15	Dez.	1903. Anno XXI. N° 225	Carta às redatoras do Corymbo felicitando –as pelo aniversário do periódico.	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>Minhas charas amigas. (p.02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
15	Jan.	1904. Anno XXI. N° 227	Prosa Literária. (Das memórias do meu paiz- Informação contida no final do texto).	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>A mulher bárbara (p.01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
1	Fev.	1904. Anno XXI. N° 228	Prosa Literária. Ignez Sabino.	Exemplar da biblioteca Central da Bahia/Salvador.		<i>Choupana de Flores. (p.01)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
		1905 – Anno XXIII. N° 239	Artigo. (Esse exemplar não tem a data impressa. Como o jornal estava numa tiragem quinzenal, provavelmente trata-se do dia 15/nov/1905 já que o número 238 corresponde à data de 01/nov/1905.)	Exemplar da Coleção de Hilda Flores. Da Academia Pernambucana de Letras.		<i>Boas Vindas. (p.02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
21	Out.	1906 - Anno XXIII. N° 257	Artigo. (Início). Falta conclusão.	Exemplar da Coleção de Hilda Flores.		<i>Nuvem Branca. (p. 03)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
26	Mai.	1907 – Anno XXIII. N° 267	Artigo. (Início).	Exemplar da Coleção de Hilda Flores.		<i>Livro Humorístico. (p. 02 e 03)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
23	Jun.	1907 – Anno XXIII. N° 268	Artigo. (Conclusão).	Exemplar da Coleção de Hilda flores.		<i>Livro Humorístico. (p. 01 e 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
31	Mar.	1914 – Anno 0. N° 11	Prosa Literária. (Conclusão). Falta início.	Cópia digitalizada pela biblioteca de Rio Grande		<i>Romeiros. (p. 02-03)</i>	Inês Sabino	O Corymbo

31	Dez.	1914 – Anno 0. Nº 28	Artigo	Cópia digitalizada pela biblioteca de Rio Grande		<i>Em delírio. (p. 02)</i>	Inês Sabino	O Corymbo
30/13 e 27/ 4	Mar./Abr./Mai.	1890	Folhetim	Cópia digitalizada pela biblioteca de Rio Grande		<i>“A suicida”. (p.02/p. 02-03 e p. 01/p. 02)</i>	Bormann	O Corymbo
16	Jan.	1890	Artigo. (Os textos referentes a este ano não foram localizados. Eles são citados em BEZERRA, Kátia da Costa (org.). Ignez Sabino Pinho Maia. In: _____.Tirando do Baú: antologia de poetas brasileiras do século XIX. Pedro Leopoldo (MG): Fundação Cultural Dr.Pedro Leopoldo, 2003, p.156-157. Há ainda um texto que também não foi encontrado, onde discute a importância da literatura, do jornalismo e dos salões literários para a emancipação da mulher. Citado em HOLLANDA, Heloísa Buarque de. ARAÚJO, Lucia Nascimento. Ensaístas Brasileiras. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 22-23.)			<i>“ A Família”. (p.5-6)</i>	Inês Sabino	A Família
23	Mar.	1890				<i>“ Conselhos a uma noiva”. (p.07)</i>	Inês Sabino	A Família
31	Mai.	1890				<i>“ Madame de Longueville. (p.02)</i>	Inês Sabino	A Família
14	Ago.	1890				<i>“ Uma escultora Brasileira”. (p.1-2)</i>	Inês Sabino	A Família
11	Jun.	1891		Digitalizado pela Biblioteca de Rio Grande.		<i>“ Scenas quotidianas”. (P. 03)</i>	Inês Sabino	A Família
11	Jun.	1891. Ano III. Nº 106	Publicado anteriormente no livro <i>No Theatro e na Sala</i> (1881).			<i>O Açor. (p. 5-6)</i>	Guiomar Torrezão	A Família
30	Nov.	1897				<i>“Na Thebaida”. (P. 58)</i>	Inês Sabino	A Mensageira
15	Mai.	1898				<i>“Flores sem fructo”. (P. 231-234)</i>	Inês Sabino	A Mensageira
30	Mai.	1898				<i>“Vasco da Gama”. (P.248-251)</i>	Inês Sabino	A Mensageira
31	Jul.	1898				<i>“Por montes e vales”. (P.309-313)</i>	Inês Sabino	A Mensageira
30	Mai.	1898. Anno I. Nº 16	Excerto do Livro Mulheres e Creanças – publicado em 1880.			<i>Seleção. (p.251-252)</i>	Maria Amália	A Mensageira Vol. 1
30	Jun.	1898. Anno I. Nº 18	Excerto do artigo do Jornal do Comercio			<i>Seleção. (p. 285-286)</i>	Maria Amália	A Mensageira Vol. 1

31	Jul.	1898. Anno I. Nº 20	Excerto do Livro Mulheres e Crianças			<i>Seleção. (p. 316)</i>	Maria Amália	A Mensageira Vol.1
15	Ago.	1898. Anno I. Nº 21	Excerto sem indicação			<i>Seleção. (p.335)</i>	Maria Amália	A Mensageira Vol.1
30	Ago.	1898 AnnoI. Nº22	Excerto sem indicação			<i>Seleção. (p.347-348)</i>	Maria Amália	A Mensageira Vol. 1
31	Ago.	1899. Anno II. Nº 31	Artigo			<i>A mulher do futuro. (p. 133-139)</i>	Maria Amália	A Mensageira Vol.1
15	Fev.	1899. Anno II. Nº 25	Publica um poema com esse titulo no Almanach de Lembranças para o ano de 1874.			<i>Beatriz. (p. 13)</i>	Guimar Torreão	Vol.2
15	Jun.	1899. Anno II.	Mesmo texto do Almanach das Senhoras para 1898			<i>Júlia Lopes de Almeida. (p.98-101)</i>	Guimar Torreão	Vol.2
22/13/11	Dez./Jan./Fev.	1884/ 1885/ 1885.			Cartas a Luiza	<i>(p.02/ p.02 e 03/ p.02)</i>	Maria Amália	O Paiz
30	Dez.	1884			Conversas Lisbonenses	<i>(p.02)</i>	Maria Amália	O Paiz
03,17 e 28/ 01,04 e 28/ 08 e 15/ 12 e 13/ 07/ 09.	Fev./ Abr./ Mai./ Jul./ Ago./ Dez.	1885			Conversas Lisbonenses	<i>(p.02 até 07/Ago - p.02 e 03 em Dez.)</i>	Maria Amália	O Paiz
04/ 21 e 27/ 23/ 11/ 16/ 23/ 26/ 13	Jan./ Jan./ Fev./ Mar./ Abr./ Abr./ Mai./ Jun.	1886			Conversas Lisbonenses	<i>(p.02/ p.03/ p.02 e 03/ p.03/ p.02 e 03/ p.03/ p.02 e 03/ p.03)</i>	Maria Amália	O Paiz
26	Jun.	1885				<i>Victor Hugo I -O Homem. (p.02)</i>	Maria Amália	O Paiz
21/ 07 e 09/ 21 e 24.	Ago./ Set./ Set.	1885			Cartas do Campo	<i>Cartas do Campo. (p.02/ p.02/ p. 02 e 03)</i>	Maria Amália	O Paiz
9	Jul.	1888			Cartas Femininas	<i>A libertação dos escravos (p. 04)</i>	Maria Amália	O Paiz
26/ 22/ 14	Fev./ Mai./ Jun.	1889			Cartas Femininas	<i>(p. 02/ p.03/ p.03)</i>	Maria Amália	O Paiz
18 - 31	Set. - Nov.	1886				<i>"Angelina" (p. 01 ou 02)</i>	Bormann	O Paiz
14 e 15	Dez.	1890	Também teria sido publicado no jornal <i>Quinze de novembro</i> (Bagé- RS) no ano de 1890.			<i>Estátua de Neve. (p.02)</i>	Bormann	O Paiz
4	Jan.	1892	Conto			<i>Sentitiva. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
12	Jan.	1892	Conto			<i>Sempre a Miragem. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
20	Jan.	1892	Conto			<i>A Avó. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
9	Fev.	1892	Conto			<i>A Caprichosa. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz

13	Fev.	1892	Conto			<i>Um Bom Momento. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
20	Fev.	1892	Conto			<i>Um Pouco do Passado. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
27	Fev.	1892	Conto			<i>As Rivaes. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
8	Mar.	1892	Conto			<i>O Encontro. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
17	Mar.	1892	Conto			<i>Nevrose. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
25	Mar.	1892	Conto			<i>Amor e Vilania. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
31	Mar.	1892	Conto			<i>Os Primos. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
9	Abr.	1892	Conto			<i>Não Olvidada. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
16	Abr.	1892	Conto			<i>Therezita. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
23	Abr.	1892	Conto			<i>Metamorphose. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
29	Abr.	1892	Conto			<i>Heroísmo. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
7	Mai.	1892	Conto			<i>Madame de Z. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
14	Mai.	1892	Conto			<i>Triste Reverso. (p.01)</i>	Bormann	O Paiz
25/ 11/ 08/ 05	Jul./ Ago./ Set. Out.	1891			Lisboa ao Rio de Janeiro	(p.01)	Griomar Torrezão	O Paiz
		1866				<i>Verdadeira Realeza. (p.110)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1868	Poema			<i>Perola D'alma. (p. 344)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1869	Poema. (Título do primeiro livro de poema de Maria Amália publicado em 1867.)			<i>Uma Primavera de Mulher. (p. 342)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1870	Poema			<i>Epitaphio. (p.278)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1871	Poema			<i>Improviso. (p. 156)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1872	Poema			<i>A Jesuina Alves. (p.99)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1873	Poema. (Título de um livro de Maria Amália.)			<i>Hontem, Hoje e Amanhã. (p.372)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1874	Poema. (Também publicado na revista A Mensageira em 1899.)			<i>Beatriz. (p.347)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1875	Artigo			<i>O Mar. (p.374 e 375)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1876	Artigo			<i>Carot e o seu cachimbo. (p.375)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1877	Poema			<i>Flor do asfalto. (p. 369)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1878	Artigo			<i>A formosura. (p.387)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1879	Artigo			<i>A religião da hospitalidade. (p. 394 e 395)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço
		1880	Artigo			<i>D.Pedro IV. (p.277)</i>	Griomar Torrezão	Almanach de Lembranço

		1881 - 1895	Não há textos					
		1896	Artigo			<i>Uma visita a Victor Hugo. (p. 293-295)</i>	Griomar Torreção	Almanach de Lembranças
		1867	Poema			<i>A Saudade. (p.370-372)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1868	Poema			<i>A minha aldeia. (p.358-359)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1869	Poema			<i>A resignação. (p.372-373)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1870	Poema			<i>A esfolhada. (p.83-84)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1871	Poema			<i>Fragmento. (p.367)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1872	Poema			<i>O campo. (p.326)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1873	Poema			<i>O amor paternal. (p.355)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1874	Poema			<i>Fragmento. (p.379)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1875	Poema			<i>Um grupo. (p.373)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1876	Poema			<i>Tristeza. (p.389)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1877	Poema			<i>Naly. (p.397)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1878	Poema			<i>A bacchante. (p.397-398)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1879	Poema			<i>Mocidade. (p.399)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1880	Poema			<i>Peccadora. (p.276)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1881	Artigo			<i>Victoria Colonna. (p.229-230)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1882	Texto. (Mesmo texto que tem no livro Arabescos?)			<i>O riso. (p.180)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1883	Poema			<i>Ciúme. (p.278)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1884	Não há textos.					
		1885	Artigo			<i>Á memória de D.Sebastião. (p.458)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1886	Artigo			<i>O que a mulher perdoa e o que não perdoa. (p.462)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças

		1887	Artigo			<i>O poder dum a criança. (p.123-124)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1887	Artigo			<i>Miguel Ângelo no declinar da vida. (p.471)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1888 - 1892	Não há textos					
		1893	Artigo			<i>A eloquência. (p. 219-220.)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1894 - 1896	Não há textos				Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1897	Artigo. (Também publicado no Corymbo e em Cartas a Luísa)			<i>O pessimismo e o amor. (p.140-141)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1897	Artigo			<i>Conversaço. (p. 226-227)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1898	Artigo			<i>A bicicleta. (p.129-130)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1899 - 1902	Não há textos					
		1903	Artigo			<i>Conversaço mundana. (p.313-314)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1904	Artigo			<i>Amores celebres. (p. 140-142)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1905	Artigo			<i>A mulher americana. (p. 251-253)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1906	Texto.			<i>Em sociedade. (p. 299-300)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1907	Não há textos					
		1908	Artigo			<i>Poder de vontade. (p. 347)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1908	Artigo			<i>O novo ideal feminino. (p. 381-382)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1909	Artigo			<i>D. Quixote. (p. 89-91)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1910 - 1931	Não há textos					
		1932	Artigo			<i>Pensamento. (p.101)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach de Lembranças
		1891	Poema			<i>A Vida. (p. 142)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranças
		1892	Poema			<i>O Natal. (p. 407)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranças
		1894	Artigo			<i>Conselhos à minha filha. (p.170-171)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranças
		1894	Poema			<i>No Toucador. (p.447)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranças
		1895	Poema			<i>Junto a um quadro. (p.188)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranças

		1895	Artigo			<i>Da Serra do Cubatão: Impressões de uma excursionista. (p.267-270)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1896	Poema			<i>Sobre uma fita. (p.256)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1896	Artigo			<i>A Vida. (p.430-432)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1897				<i>Anno Bom. (p.237-239)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1898	Mesmo texto de <i>Mulheres Ilustres do Brasil.</i>			<i>A Freira Martir. (p. 22-24)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1898	Artigo			<i>Phantasia Mystica. (p.198-199)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1899	Artigo			<i>Lenda Pernambucana. (p. 91-95)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1899	Artigo			<i>Preito ao Mérito. (p. 144)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1899	Biografia. (Não há indicação de autor mas é o mesmo título de um texto da autora escrito no jornal O ESCRINIO do Rio Grande do Sul).			<i>Dr. Garcia Redondo. (p.145-148)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1900	Artigo			<i>O Hyno Brasileiro. (p.139-140)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1901	Artigo			<i>A Mulher Brasileira. (p. 10-12)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1901	Prosa literária. (Esse é o título de um romance da autora, citado por alguns biógrafos mas ainda não encontrado.)			<i>Alma de Artista. (p.123-126)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1902	Mesmo texto de <i>Mulheres Ilustres do Brasil.</i>			<i>Anita Garibalde. (p. 259-261)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1903	Artigo			<i>Memórias de minha terra. (p.340-341)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1904	Artigo			<i>Liga promotora de trabalhos femininos. (p.265-267)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1905	Artigo			<i>Dolorosa surpresa. (p.292-294)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1906	Biografia			<i>Dr. Adherbal de Carvalho. (p.161-162)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1906	Artigo			<i>Direitos Femininos. (p.140-141)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1906	Biografia. (Mesmo texto de <i>Mulheres Ilustres do Brasil.</i>)			<i>D.Amélia de Alencar. (p.177-178)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç

		1907	Biografia			<i>Dr. João Baptista Figueira Costa. (p.193-194)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1907	Artigo			<i>A vida no Rio. (p.204-206)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1908	Biografia			<i>Barbosa Viana. (p.241-242)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1908	Mesmo texto de <i>Mulheres Ilustres do Brasil</i>			<i>D. Thereza Diniz. (p.257-259)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1909	Mesmo texto de <i>Mulheres Ilustres do Brasil</i>			<i>Lizá Diniz. (p.129-130)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1909	Biografia			<i>Marquez de Paranaguá. (p.161-163)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1910	Biografia			<i>Agenor de Carvoliva. (p.66)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1910	Artigo. (Mesmo texto de <i>Mulheres Ilustres do Brasil?</i>)			<i>Uma escritora portuguesa. (p.109-111)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1910	Biografia			<i>Dr. Francisco Herbozo. (p.305-306)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1911	Biografia			<i>Dr. Barbosa Rodrigues. (p.161-163)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1912	Biografia			<i>Dr. Gonçalo Souto. (p. 65-66)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1913	Poema			<i>Por do sol. (p. 163)</i>	Inês Sabino	Almanach de Lembranç
		1895	Não pude ler esse texto porque o exemplar de 1895 do Almanach das Senhoras não foi encontrtrado em nenhuma instituição portuguesa. Esse texto é citado por Kátia Bezerra. Cf. BEZERRA, Kátia da Costa (org.). Ignez Sabino Pinho Maia. In: _____ Tirand o do Baú: antologia de poetas brasileiras do século XIX. Pedro Leopoldo (MG): Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003, p.156-157.			<i>No Ipiranga: Impressões de uma excursionista. (p. 197-198)</i>	Inês Sabino	Almanach das Senhoras
		1898	Artigo. (Também publicado no livro de contos, Noites Brasileiras - 1897.)			<i>Paisagem Brasileira. (p. 149-150)</i>	Inês Sabino	Almanach das Senhoras
		1871	Artigo			<i>Primavera. (p. 29-30)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1871	Artigo			<i>- Portuguezas celebres. (p. 46-51)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras

		1871	Poema			<i>Voaste. (p. 107-108)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1871	Elogio Fúnebre			<i>- Saudades. (p. 139)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1871	Poema			<i>- Ao som do trovão. (p. 141-142)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1871	Texto de teatro s/autoria. No livro da autora <i>No teatro e na sala</i> (1881), p. 21-99, há um texto completo, de teatro, com esse mesmo título.			<i>- Amor de Filha. (p. 148-151)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1872	Artigo			<i>A noite de S.João. (p.194-195)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1872	Artigo			<i>Fim de ano. (p. 204-206)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1873	Não há texto					
		1874	Biografia			<i>Amélia Janny. (p.1-7)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1875	Biografia			<i>Ana Maria Ribeiro de Sá. (p. 1-7)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1877 - 1878	Não há textos					
		1879	Biografia			<i>Maria Leticia Rattazi. (p. 3-15)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1880	Biografia			<i>Miss Maria Carpenter. (p. 3-8)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1881	Biografia			<i>Concepcion Gimeno de Flaquer. (p. 3-9)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1881	Texto sobre uma nova secção do almanach			<i>- Zigue- Zagues. (p. 97-98)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1881	Biografia			<i>Julieta Lamber. (p. 3-20)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1883	Biografia			<i>Faustina Saez de Melgar. (p. V a XII)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1884	Biografia			<i>Camilo castelo Branco. (p. 3-14)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1884	Biografia			<i>Pedro Américo. (p.226-229)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1885	Biografia			<i>Emilia Pardo Bazan. (p. 3-12)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1886	Biografia			<i>D. Fernando II. (p. 3-8)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1887	Biografia			<i>Eduardo Garrido. (p. 3-10)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras

		1887	Poema			<i>Cesar de Lemos. (p. 191)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1888	Biografia			<i>Ernestina Leite. (p. 3-10)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1889	Biografia			<i>João de Deus. (p. 3-22)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1890	Biografia			<i>Georges de Peyrebrune. (p. 3-14)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1891	Biografia			<i>Severina. (p.3-21)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1892	Biografia			<i>Guerra Junqueiro. (p. 3-8)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1893	Texto			<i>O Nariz. (p. 190-191)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1894	Biografia			<i>Fialho D'Almeida. (p. 3-8)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1895	Não encontrei esse exemplar em nenhuma biblioteca pesquisada.				Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1896	Biografia			<i>Maria Amália Vaz de Carvalho. (p. 3-16)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1896	Artigo			<i>Camões. (p. 315)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1897	Não há texto					
		1898	Biografia			<i>Julia Lopes de Almeida. (p. 3-11)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1899	Biografia			<i>Judith Gautier. (p.03-09)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1899	Biografia			<i>- Eleonora Duse. (p. 159)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1899	Artigo			<i>- S- título. (p. 64-65)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1899	Artigo			<i>- A alma portuguesa. (p. 255-256)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1899	Artigo			<i>- Os terremotos de Andaluzia. (p.263)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1899	Artigo			<i>- S-título. (p. 344)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1900	Artigo			<i>Heitor Malot. (p. 171)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1900	Artigo			<i>- O Dever. (p. 175)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras

		1900	Artigo			- <i>Oscar Leal. (p. 305-307)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1901	Biografia			<i>Luis Osório. (p. 199-201)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1902	Artigo			<i>No Bom Jesus do Monte. (p. 134-135)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1903	Artigo			- <i>Educação feminina. (p. 182-183)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1903	Artigo			- <i>No museu de pintura em Madrid. (p. 362-363)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1904	Artigo			<i>A propósito da educação da mulher. (p. 93-96)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1905	Artigo			- <i>Fragmento. (p.172-173)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1906	Artigo			<i>Em Monserrate. (p. 117-119)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1907	Artigo			<i>A literatura Brasileira. (p. 156-158)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1908	Artigo			<i>Fragmento. (Das Rosas Pálidas). (p. 246)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1909	Artigo			<i>Fragmento. (p. 174-175)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1910	Artigo			<i>Victor Hugo e a mulher. (p. 251)</i>	Guiomar Torrezão	Almanach das Senhoras
		1911-1928	Não há texto					
		1871	Artigo			<i>Outono. (p. 33-34)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1871	Poema			- <i>A Thomaz Ribeiro. (p. 56-58)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1871	Poema			- <i>Mocidade. (p. 167-168)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1871	Artigo			- <i>A guerra. (p. 173-174)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1872	Poesia			<i>21 de março. (p. 33-34)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1872	Poesia			- <i>Remember – à Guiomar Torrezão. (p. 58-60)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1872	Artigo			- <i>A mulher do século XVIII em França. (p. 148-152)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras

		1873	Poema			<i>Ao eminente poeta. (p. 58-60)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1874	Poema			<i>Improviso. (p. 47-48)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1874				<i>Pensamento. (p. 69)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1875	Poema			<i>Dois perfis. (p. 190-191)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1876	Biografia			<i>Madame de Sevigné. (p. 103-109)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1876	Poema			<i>El salice. (p. 227)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1877	Poema			<i>Num album. (p. 182-183)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1878	Poema			<i>O prisioneiro ao seu anjo da guarda. (p. 105-107)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1878	Artigo			<i>- Theoria dos perfumes. (p. 300-303)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1879	Artigo			<i>A verdadeira beleza feminina. (p. 224-229)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1880	Artigo. (Também publicado no Echo das damas).			<i>A mulher na família e a mulher na sociedade. (234-238)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1881	Artigo			<i>Carta à uma noiva. (p. 228-233)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1882	Artigo			<i>Victor Hugo. (p. 159-165)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1883	Artigo			<i>As mães e as filhas. (p. 75-82)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1884	Artigo. (Excerpto)			<i>As creanças. (p.221-224)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1885	Poema			<i>A... (p. 236)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1886	Biografia			<i>Gonçalves Crespo. (p. 80- 83)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1887	Biografia			<i>D. Afonso XII. (p. 188-190)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras

		1888	Artigo			<i>These favorita dos modernos dramas – Hugo – Alexandre Dumas - Sardou – A reabilitação da mulher. (p. 208-212)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1889	Artigo			<i>O Outono. (p. 175-176)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1890	Artigo			<i>As creanças. (p.191-194)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1891	Artigo			<i>Revolvendo as cinzas. (p. 199-200)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1892	Poema			<i>Em um leque. (p. 192)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1893	Artigo			<i>A mulher e a arte moderna. (p.157-159)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1894	Poema			<i>Canto quarto de um poema. (p. 132-133)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1896	Artigo			<i>Um livro de Bouget. (p.308-311)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1897 - 1910	Não há texto					
		1911	Artigo			<i>O feminismo. (p. 108-110)</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	Almanach das Senhoras
		1912 - 1918	Não há texto					
		1920 - 1921	Não há texto					

Anexo B:

Material pesquisado, digitalizado em CD ROOM

Anexo C

Maria da Conceição Pinheiro Araújo

Currículo Lattes

Maria da Conceição Pinheiro Araújo

É professora titular do Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia desde 1996. Nesta instituição desenvolve dois projetos voltados para a área de jornalismo: Literatura feminina baiana e literatura afro-brasileira. Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2001). Foi aprovada para cursar o doutorado na PUC/RS em 2005. Cursou doutorado - sandwich na Universidade de Coimbra no período de dez/2006 a junho/2007. Retornou à instituição onde leciona (CEFET_BA) em março de 2008 e cursa o último ano do doutorado.

Endereço para acessar este CV:
<http://lattes.cnpq.br/6757204857353422>

Dados Pessoais

Nome	Maria da Conceição Pinheiro Araújo
Nome em citações bibliográficas	ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro
Sexo	feminino
Filiação	Urbano Estrela de Araújo e Elizete Alves Pinheiro
Nascimento	24/05/1966 - Salvador/BA - Brasil
Carteira de Identidade	0195084683 ssp - BA - 05/07/2000
CPF	38264536549
Endereço residencial	Rua Outeiro da Faustina, nº 11 Riachinho - Vera Cruz 44470-000, BA - Brasil Telefone: 071 36333673 URL da home page: http://
Endereço profissional	Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia, Departamento de Formacao Geral, Coordenação de Linguagens Rua Emidio Santos S/N Barbalho - Salvador 40300-010, BA - Brasil Telefone: 71 21029401 URL da home page: www.cefetba.br
Endereço eletrônico	e-mail para contato : conciaraujo@uol.com.br e-mail alternativo : conciaraujo@uol.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

- 2006 - 2007
- Doutorado em Teoria da literatura.
 Universidade de Coimbra, U.COIMBRA, Coimbra , Portugal
 com período sanduíche em Universidade de Coimbra (Orientador :
 dez/2006 a jun/2007)
 Título: Itinerário literário: o universo de escritoras/feministas, Ano de
 obtenção: 2007
 Orientador: Maria Aparecida Ribeiro
 Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
 Superior
*Palavras-chave: Almanaque luso brasileiro, Inês Sabino, Almanaque
 das senhoras, Guiomar Torrezão, resgate, Maria Amália Vaz de
 Carvalho*
Áreas do conhecimento : Literatura Feminina
Setores de atividade : Educação
- 2005
- Doutorado em Lingüística e Letras.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS,
 Porto Alegre, Brasil
 Título: Inês Sabino e Délia: duas facetas de uma discussão
 feminino/feminista em periódicos oitocentistas
 Orientador: Maria Luiza Ritzel remédios
 Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
 Superior
*Palavras-chave: Imprensa feminina, Inês Sabino, literatura feminina,
 Maria Benedita Câmara Borman, resgate*
Áreas do conhecimento : Literatura Feminina
Setores de atividade : Educação
- 1998 - 2001
- Mestrado em Letras.
 Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil
 Título: Uma Imortal Baiana: A produção de Edith Mendes da Gama e
 Abreu e Relações de Gênero., Ano de obtenção: 2001
 Orientador: Luzilá Ferreira Gonçalves Licari
Palavras-chave: Gênero
Áreas do conhecimento : Literatura Feminina
Setores de atividade : Educação superior

Formação complementar

- 2002 - 2003
- Extensão universitária em Curso de Extensão Em Língua Francesa.
 Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, Brasil

Atuação profissional

1. Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia - CEFET/BA

Vínculo institucional

1996 - Atual Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor titular , Carga horária: 0, Regime: Parcial

Atividades

- 08/1996 - Atual Ensino médio
*Especificação:
LPLB*
- 10/2004 - Atual Outra atividade técnico-científica, Departamento de Formação Geral, Coordenação de Linguagens
*Especificação:
Seminário de Ciência ,Arte e Cultura*
- 11/2005 - Atual Conselhos, Comissões e Consultoria, Departamento de Formação Geral, Coordenação de Linguagens
*Especificação:
Membro de comissão permanente*
- 04/2008 - Atual Pesquisa e Desenvolvimento, Departamento de Formação Geral
*Linhas de Pesquisa:
linguagem, representação e poder*
- 06/2008 - Atual Projetos de pesquisa, Departamento de Formação Geral
*Participação em projetos:
A Tarde Cultural: O que é que a baiana escreve*
- 06/2008 - Atual Projetos de pesquisa, Departamento de Formação Geral
*Participação em projetos:
Escrituras negras no caderno cultural do jornal A Tarde.*

2. Governo do Estado da Bahia - GOVERNO/BA

Vínculo institucional

1993 - 1996 Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professora ,

Carga horária: 20, Regime: Parcial

3. Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Vínculo institucional

1995 - 1997 Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor Substituto , Carga horária: 40, Regime: Integral

Linhas de pesquisa

1. linguagem, representação e poder

Objetivos:

Projetos

2008 - 2010 Escrituras negras no caderno cultural do jornal A Tarde.

Descrição: A pesquisa pretende dar visibilidade à literatura Afro-Brasileira e Africana encontrada no periódico.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Integrantes: Maria da Conceição Pinheiro Araújo (Responsável);

Financiador(es): Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia-CEFET/BA

2008 - 2009 A Tarde Cultural: O que é que a baiana escreve

Descrição: Resgate dos textos de escritoras baianas publicados no Suplemento cultural do Jornal A Tarde.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1);

Integrantes: Maria da Conceição Pinheiro Araújo (Responsável);

Financiador(es): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB

Membro do corpo editorial

1. Letras de Hoje -

Vínculo

2005 - 2005 Regime: Parcial

Áreas de atuação

1. Teoria Literária
2. Língua Portuguesa
3. Literatura Brasileira
4. Literatura Feminina
5. literatura feminina baiana

Idiomas

Inglês Compreende Bem , Fala Pouco, Escreve Bem, Lê Bem
 Espanhol Compreende Bem , Fala Pouco, Escreve Razoavelmente, Lê Bem
 Francês Compreende Bem , Fala Pouco, Escreve Razoavelmente, Lê Bem

Produção em C, T & A

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro

1. Edith Mendes: Uma mulher na Academia de Letras da Bahia. Presença literária. , v.1, p.127 - 134, 2006.

Capítulos de livros publicados

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro

- A Cigana: Diário de uma escritora/personagem// La Tzigane: Lê journal d'une écrivaine/personnage. In: A (auto) biografia/ L'(auto) biographie.1ª ed.Feira de Santana/Tours : Universidade Estadual de Feira de Santana/Université François Rabelais., 2005, v.01, p. 133-148.
1. *Palavras-chave: Gênero, autobiografia*
Áreas do conhecimento : literatura feminina baiana
Setores de atividade : Educação superior
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
O livro é em edição bilingüe: Português/Francês.

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro
 As Cidades Invisíveis: Geografia de lugares, Cartografia de Teorias In: II Colóquio

Internacional do CILBELC, 2006

As Cidades Invisíveis: Geografia de lugares, Cartografia de Teorias. , 2006.
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro

Leituras Femininas: Armadilhas para a perdição, caminhos para a salvação In:

2. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Porto Alegre.

Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. , 2006.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Hipertexto

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro

O olhar das viajantes estrangeiras sobre o Brasil do século XIX In: X Congresso

3. Internacional ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro.

O olhar das viajantes estrangeiras sobre o Brasil do século XIX. , 2006.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro

O teatro de Shakespeare: a representação do feminino sob o signo da negatividade

In: II Seminário Internacional Mulher e Literatura da ANPOLL, 2005, Rio de

4. Janeiro.

Entre o Estético e o Político: A questão da mulher na literatura. Rio de Janeiro:

UERJ, 2005. p.1500 - 1513

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro

Edith Mendes da Gama e Abreu: Uma escrita feminista In: Seminário Abralic norte-nordeste, 1999, Universidade Federal de Alagoa.

5. **Culturas, Contextos e Contemporaneidades.** Salvador: EDUFBA, 1999. p.97 - 101

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Artigos em jornal de notícias

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro

Edith Gama e a Luta Pela 'Abolição'Feminina. Jornal tribuna cultural. Feira de Santana, v.13, p.04 - 04, 2002.

1. *Palavras-chave: Genero*

Áreas do conhecimento : Literatura Feminina

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, Home page: www.ufbabr/~autoras/edith

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro

Edith Mendes da Gama e Abreu:Uma escrita feminista. Anais do Seminario

ABRALIC norte/nordeste. Salvador, v.1, p.97 - 101, 1999.

2. *Palavras-chave: Genero*

Áreas do conhecimento : Literatura Feminina

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, Home page: www.ufba.br/~autoras/edith

